Terry Pratchett

CARPE JUGULUM



CARPE JUGULUM

Terry Pratchett

Tradução: Severino de Villegaignon

Através de nuvens negras e esgarçadas um fogo se moveu como uma estrela moribunda, caindo de volta à terra...

... a terra, isto é, a terra do mundo-disco...

... mas, diferente do que qualquer estrela já havia feito antes, às vezes conseguia controlar sua queda, às vezes subindo, às vezes girando, mas inevitavelmente descendo.

A neve brilhou levemente nas encostas das montanhas quando aquilo faiscou lá no alto.

Abaixo daquilo, a própria terra começou a cair. O fogo refletiu-se nas paredes de gelo azul quando a luz caiu no início de um desfiladeiro e trovejou agora através de suas voltas e reviravoltas.

A luz se apagou. Alguma coisa continuou a deslizar ao longo da faixa enluarada entre as rochas.

Disparou para fora do cânion no topo de um penhasco, onde a água derretida de uma geleira mergulhou em uma lagoa distante.

Contra toda a lógica, ali havia um vale ou uma rede de vales, agarrando-se à borda das montanhas antes da longa queda nas planícies. Um pequeno lago brilhava no ar mais quente. havia florestas. Havia campos minúsculos, como uma colcha de retalhos jogada sobre as rochas.

O vento tinha amainado. O ar estava mais quente. A sombra começou a circular.

Muito abaixo, desconhecido e despercebido, algo mais estava

entrando neste pequeno punhado de vales. Era difícil ver exatamente o que era; o tojeiro-bravo ondulava, a urze farfalhava, como se um exército muito grande feito de criaturas muito pequenas estivesse se movendo com um propósito.

A sombra atingiu uma rocha plana que oferecia uma vista magnífica dos campos e da mata abaixo e de lá o exército saiu de entre as raízes. Era composto de homens azuis muito pequenos, alguns usando boinas azuis pontudas, mas a maioria com os cabelos ruivos descobertos. Carregavam espadas. Nenhum deles tinha mais que quinze centímetros.

Eles se alinharam e olharam para o novo lugar e então, acenando com as armas, soltaram um grito de guerra. Teria sido mais impressionante se todos tivessem concordado com um antes mas, do jeito que foi, parecia que cada pequeno guerreiro tinha seu próprio grito de guerra e lutaria contra qualquer um que tentasse tirá-lo dele.

— Nac Mac Feegle!

— Ééé, segura seus élfios!

— Dá um chute neles!

— Grandãozis!

— Eles podi sê um milião!

— Nac Mac Feegle, tamu juntu!

— Cês pensa quié o que?, seus fedidu!

O pequeno punhado de vales, brilhando nos últimos fragmentos da luz do sol da tarde, eram o reino de Lancre. De seus pontos mais altos, as pessoas diziam, você podia ver todo o caminho até a borda do mundo.

Dizia-se também, embora não pelas pessoas que viviam em Lancre, que abaixo da orla, onde o mar trovejava continuamente sobre a borda, seu lar atravessava o espaço nas costas de quatro enormes elefantes que

por sua vez ficavam na carapaça de uma tartaruga que era tão grande quanto o mundo.

O povo de Lancre tinha ouvido falar disso. Eles pensavam que fazia sentido. O mundo era obviamente plano, embora em Lancre os únicos lugares verdadeiramente planos fossem as mesas e o topo da cabeça de algumas pessoas e certamente as tartarugas podiam transportar uma carga razoável. E elefantes, afinal de contas, eram também muito fortes. Não parecia haver grandes furos na história, então os Lancrastrianos deixaram por isso mesmo.

Não que eles não se interessassem muito pelo mundo ao seu redor. Ao contrário, eles tinham um envolvimento profundo, pessoal e apaixonado nisso, mas em vez de perguntar "por que estamos aqui?", eles perguntavam "vai chover antes da colheita?"

Um filósofo poderia ter deplorado essa falta de ambição mental, muito embora se apenas estivesse realmente certo de onde viria sua próxima refeição.

Na verdade, a posição e o clima de Lancre criaram um povo teimoso e direto que muitas vezes se destacou no mundo lá embaixo. E havia fornecido às planícies muitos de seus maiores magos e bruxas e, mais uma vez, o filósofo poderia ter se maravilhado que um povo tão conservador pudesse dar ao mundo tantos praticantes mágicos de sucesso, ignorando que apenas aqueles com os pés em pé na terra podem construir castelos no ar.

E assim os filhos e filhas de Lancre partiam para o mundo, construíam carreiras, subiam as várias escadas da realização pessoal, mas sempre se lembravam de enviar dinheiro para casa.

E além de anotar os endereços de retorno no envelope, aqueles que ficavam não pensavam muito sobre o mundo lá fora.

O mundo lá fora, eles pensavam.

A grande rocha plana lá no alto estava deserta agora, mas na charneca abaixo, a urze tremia em forma de V em direção às planícies.

— Cachaça i arenque!

— Nac Mac Feegle!

Existem muitas espécies de vampiros. De fato, diz-se que existem tantos tipos de vampiros quantos de doenças.[1] E eles não são exatamente humanos (se vampiros são humanos). Ao longo das Ramtops existe a crença de que qualquer ferramenta aparentemente inocente, seja martelo ou serra, buscará sangue se não for usada por mais de três anos. Em Ghat eles acreditam em melancias-vampiras, embora o folclore não fale exatamente sobre o que eles acreditam ser as melancias-vampiros. Talvez elas suguem de volta.

Duas coisas tradicionalmente intrigam os pesquisadores de vampiros. Uma é: por que os vampiros têm tanto poder? Vampiros são tão fáceis de matar, dizem. Existem dezenas de maneiras de despachá-los, além da estaca no coração, que também funciona em pessoas normais, então se você tiver alguma estaca sobrando, não precisa desperdiçá-la. Classicamente, eles passam o dia em algum caixão em algum lugar, sem nenhum guarda além de um corcunda idoso que não parece assim tão ágil, sem muita chance frente a uma pequena multidão. No entanto, apenas um deles pode manter uma comunidade inteira em estado de obediência sombria…

O outro enigma é: por que os vampiros são sempre tão estúpidos? Como se usar roupa de gala o dia todo não fosse um anúncio de mortos-vivos, por que eles escolhem viver em castelos antigos que oferecem tantas maneiras de derrotar um vampiro, como cortinas facilmente rasgadas e enfeites de parede que podem ser facilmente torcidos em um símbolo religioso? Será que eles realmente acham que soletrar o nome de trás para frente engana alguém?

Uma carruagem sacudia pelas charnecas, a muitos quilômetros de Lancre. Do jeito que saltava sobre os sulcos, estava viajando leve. Mas a escuridão vinha com ela.

---

[1] O que presumivelmente significa que alguns são virulentos e mortais, e outros apenas fazem você andar de maneira estranha e evitar frutas.

Os cavalos eram pretos, assim como a carruagem, exceto pelo brasão nas portas. Cada cavalo tinha uma pluma negra entre as orelhas; havia uma pluma preta em cada canto da carruagem também. Talvez isso tenha causado o estranho efeito da carruagem como uma sombra em movimento. Parecendo estar arrastando a noite atrás dela. No topo da charneca, onde algumas árvores cresciam dos escombros de um prédio em ruínas, ela parou.

Os cavalos pararam também, ocasionalmente batendo os cascos ou balançando a cabeça. O cocheiro sentou-se curvado sobre as rédeas, esperando.

Quatro figuras voavam logo acima das nuvens, ao luar prateado. Pelo som de sua conversa, alguém estava aborrecido, embora o tom desagradável da voz sugerisse que uma palavra melhor poderia ser "irritada".

— Você a deixou escapar! — Essa voz tinha um gemido característico, a voz de um queixoso crônico.

— Ela estava ferida, Lacci. — Essa voz soava conciliadora, paternal, mas com apenas uma pitada de desejo reprimido de dar uma bofetada na primeira voz.

— Eu realmente odeio aquelas coisas. Elas são tão... sentimentais!

— Sim querida. Um símbolo de um passado crédulo.

— Se eu pudesse queimar daquele jeito, não me esconderia assim apenas para fazer bonito. Por que elas fazem isso?

— Deve ter sido útil para elas em algum momento, suponho.

— Elas são... como você as chamou?

— Um *cul-de-sac*, uma estrada morta, um beco sem saída evolutivo, Lacci. Uma sobrevivente abandonada nos mares do progresso.

— Então estou fazendo um favor a elas, matando-as?

— Sim, você não deixa de ter razão. Agora, podemos...

— Afinal, galinhas não queimam —, disse a voz chamada Lacci.

— Não facilmente de qualquer maneira.

— Nós ouvimos você experimentar. Matá-las primeiro poderia ter sido uma boa ideia. — Esta era uma terceira voz... jovem, masculina e também um pouco desgastada para com a voz feminina. Tinha harmônicos de "irmão mais velho" em cada sílaba.

— O que quer dizer com isso?

— Bem, querida, teria sido mais tranquilo.

— Ouça seu pai, querida. — E esta, a quarta voz, só podia ser a voz de uma mãe. Adoraria as outras vozes o que quer que fizessem.

— Vocês são tão injustos!

— Nós deixamos você jogar pedras nos duendezinhos, querida. A vida não é só diversão.

O cocheiro se mexeu enquanto as vozes desciam pelas nuvens. E então quatro figuras estavam de pé mais à frente. O cocheiro desceu e, com dificuldade, abriu a porta da carruagem enquanto se aproximavam.

— Mas a maioria das coisinhas miseráveis escapou —, disse a mãe.

— Não importa, minha querida —, disse o pai.

— Eu realmente os odeio. Eles também são uma estrada morta? — Perguntou a filha.

— Ainda não mortas o suficiente, apesar de seus valentes esforços. Igor! Para Lancre.

O cocheiro voltou-se para a voz. — Schim, meschtre.

— Oh, pela última vez, homem... isso é jeito de falar?

— É a única maneira que eu schei, meschtre —, disse Igor.

— E eu disse para você tirar as plumas da carruagem, seu idiota.

O cocheiro se mexeu inquieto.

— Tem que ter plumasch pretas, meschtre. É a tradição.

— Remova-os de uma vez —, mamãe ordenou. — O que as pessoas vão

pensar?

— Schim, schinhora.

O assim chamado Igor bateu a porta e voltou-se para o cavalo. Removeu as plumas com reverência e as colocou sob seu assento.

Dentro da carruagem, a voz irritada disse: — Igor também é um beco sem saída evolucionário, pai?

— Podemos dizer que sim, querida.

— Imbeschil —, disse Igor para si mesmo enquanto tomava as rédeas.

O escrito começava:

VOCÊ ESTÁ CORDIALMENTE CONVIDADO…

… e estava naquela escrita elegante e fluida que era difícil de ler, mas tão refinada.

Tia Ogg sorriu e colocou o cartão de volta na laje da lareira. Ela gostou da ideia de... cordialmente. Tinha um som rico, grosso e acima de tudo alcoólico.

Ela estava passando sua melhor anágua. Ou seja, ela estava sentada em sua cadeira perto do fogo enquanto uma de suas noras, cujo nome ela não conseguia lembrar neste momento, estava fazendo o trabalho de verdade. Tia Ogg ajudava, apontando onde ela ainda não havia passado o ferro.

Era um convite danado de bonito, ela pensou. Especialmente a borda de ouro, que era tão grossa quanto xarope. Provavelmente não era ouro de verdade, mas impressionantemente brilhante mesmo assim.

— Tem um trechinho aí que poderia ser feito de novo, fofa —, disse ela,

completando sua cerveja.

— Sim, Tia.

Outra nora, cujo nome ela certamente seria capaz de lembrar depois de alguns segundos de reflexão, estava polindo as botas vermelhas de Tia Ogg. Uma terceira estava tirando com muito cuidado os fiapos de seu chapéu pontudo no suporte.

Tia Ogg se levantou novamente e abriu a porta dos fundos. Havia pouca luz no céu agora e algumas nuvens esparsas corriam sobre as primeiras estrelas. Ela cheirou o ar. O inverno durava até tarde aqui nas montanhas, mas definitivamente havia um sabor de primavera no vento. Um bom tempo, ela pensou. Um bom tempo, realmente. Ah, ela sabia que o ano começava na noite do Reveillon-do-Porco, quando a maré fria virava, mas o ano novo de verdade começava agora, com brotos verdes subindo pela última neve. A mudança estava no ar, ela podia sentir em seus ossos.

Claro, sua amiga Vovó Cera-do-tempo sempre dizia que não se podia confiar em ossos, mas Vovó Cera-do-tempo dizia muitas coisas assim o tempo todo.

Tia Ogg fechou a porta. Nas árvores no final de seu jardim, sem folhas e arranhando o céu, algo farfalhava suas asas e batia enquanto um véu de escuridão cruzava o mundo.

Em sua própria casa a alguns quilômetros de distância, a bruxa Agnes Nitt estava em dúvida sobre seu novo chapéu pontudo. Agnes geralmente tinha duas opiniões sobre qualquer coisa.

Enquanto ela prendia o cabelo e se observava criticamente no espelho, ela cantava uma canção. E cantava, também, em harmonia. Não, claro, com

seu reflexo no vidro, porque esse tipo de heroína mais cedo ou mais tarde acabará cantando em dueto com o Sr. Passarinho-azul e outras criaturas da floresta e então não haveria nada mais para isso além de um lança-chamas.

Ela simplesmente cantava em harmonia consigo mesma. A menos que ela se concentrasse, estava acontecendo cada vez mais ultimamente. Perdita tinha uma voz um tanto esganiçada, mas insistia em participar.

Aqueles que estão inclinados à crueldade casual dizem que dentro de uma garota gorda há uma garota magra e muito chocolate. A menina magra de Agnes era Perdita.

Ela não tinha certeza de como havia adquirido o passageiro invisível. Sua mãe lhe dissera que quando era pequena tinha o hábito de culpar — a outra garotinha por todos os acidentes e mistérios, como o desaparecimento de uma tigela de creme ou a quebra de uma jarra valiosa.

Só agora ela percebia que ceder a esse tipo de coisa não era uma boa ideia quando, a despeito de tudo, você tem um pouco de feitiçaria natural em seu sangue. A amiga imaginária simplesmente cresceu e nunca foi embora e acabou se tornando um incômodo.

Agnes não gostava de Perdita, que era vaidosa, egoísta e cruel e Perdita odiava andar dentro de Agnes, a quem ela considerava uma bolha gorda, patética e de vontade fraca que as pessoas passariam por cima se ela não fosse tão íngreme.

Agnes disse a si mesma que simplesmente inventara o nome Perdita como um rótulo conveniente para todos aqueles pensamentos e desejos que ela sabia que não deveria ter, como um nome para aquele comentarista problemático que vive no ombro de todo mundo e zomba de todo mundo. Entretanto, às vezes ela pensava que Perdita tinha criado Agnes para ter algo para esmurrar.

Agnes tendia a obedecer às regras. Perdita não. Perdita achava que não

obedecer às regras era de alguma forma legal. Agnes pensava que regras como — Não caia neste enorme poço de espinhos estavam lá com um propósito. Perdita achava, para dar um exemplo ao acaso, que coisas como modos à mesa eram uma ideia estúpida e repressiva. Agnes, por outro lado, era contra ser atingida por pedaços voadores de repolho de outras pessoas.

Perdita achava que o chapéu de uma bruxa era um poderoso símbolo de autoridade. Agnes achava que uma garota atarracada não deveria usar um chapéu alto, especialmente preto. Isso a fazia parecer como se alguém tivesse derrubado uma casquinha de sorvete com sabor de alcaçuz.

O problema era que, embora Agnes estivesse certa, Perdita também estava. O chapéu pontudo tinha muito peso nas Ramtops. As pessoas falavam com o chapéu, não com a pessoa que o usava. Quando as pessoas estavam com sérios problemas, elas procuravam uma bruxa.[2]

Você tinha que usar preto também. Perdita gostava de preto. Perdita achava que preto era legal. Agnes achava que preto não era uma boa cor para os deficientes circunferenciais... ah, e que "legal" era uma palavra idiota usada apenas por pessoas cujos cérebros não dariam para encher uma colher.

Magrat Garlick não usava preto e provavelmente nunca em sua vida disse "legal", exceto ao comentar sobre a temperatura.

Agnes parou de examinar sua pontitude no espelho e olhou ao redor da cabana que tinha sido de Magrat e agora era dela, e suspirou. Seu olhar virou-se para o cartão caro com bordas douradas na lareira.

Bem, Magrat certamente estava aposentada agora e foi ser rainha e se havia alguma dúvida antes sobre isso, não poderia haver dúvida hoje. Agnes ficou intrigada com a forma como Tia Ogg e Vovó Cera-do-tempo ainda falavam sobre ela, pensou. Pareciam orgulhosas (mais ou menos) por ela ter se casado com o rei e concordado que era o tipo certo de vida para ela, e

---

[2] Às vezes, é claro, para dizer: “por favor, pare de fazer isso”.

mesmo que elas nunca realmente tivessem articulado o pensamento pairava no ar sobre suas cabeças em cores mentais piscantes: Magrat havia se indicada para o segundo prêmio.

Agnes quase caiu na gargalhada quando percebeu isso pela primeira vez, mas é claro que você não poderia discutir o assunto com elas. Elas nem mesmo perceberiam que havia um assunto a ser discutido.

Vovó Cera do Tempo morava em uma cabana com uma palha tão velha que havia uma árvore jovem e alegre crescendo nela e se levantava e ia dormir sozinha e lavava-se no barril de chuva. E Tia Ogg era a pessoa mais caseira que Agnes já havia conhecido. Ela tinha ido para o estrangeiro, sim, mas sempre carregava Lancre com ela, como uma espécie de chapéu invisível. Mas tinham como certo que estavam no topo de todas as árvores e o resto do mundo estava lá para elas mexerem com ele.

Perdita pensava que ser uma rainha era a melhor coisa que você poderia ser.

Agnes achava a melhor coisa que você poderia ser seria estar longe de Lancre e uma boa segunda melhor seria ficar sozinha em sua própria cabeça.

Ela ajustou o chapéu o melhor que pôde e deixou a cabana.

Bruxas nunca trancavam suas portas. Eles nunca precisaram.

Quando ela saiu para o luar, duas pegas pousaram na palha.

As atividades atuais da bruxa Vovó-Cera-do-Tempo teriam intrigado um observador oculto.

Ela olhou para as lajes do lado de dentro da porta dos fundos e levantou o velho tapete de trapos na frente dela com o dedo do pé.

Então ela caminhou até a porta da frente, que nunca foi usada, e fez a

mesma coisa lá. Ela também examinou as rachaduras nas bordas das portas.

Foi para fora. Tinha havido uma geada forte durante a noite, um pequeno truque maldoso do inverno que agonizava, e os montes de folhas que ainda pendiam nas sombras eram nítidos. No ar áspero, ela vasculhou os vasos de flores e arbustos na porta da frente.

Então voltou para dentro.

Ela tinha um relógio. Lancrastrianos gostavam de relógios, embora não se importassem muito com o tempo real em qualquer comprimento muito menor que uma hora. Se você precisasse cozinhar um ovo, cantava quinze versos de *Para onde foi todo o creme?*, contando sua respiração. Mas o tique-taque era um conforto em longas noites.

Finalmente ela se sentou em sua cadeira de balanço e olhou para a porta.

As corujas estavam piando na floresta quando alguém veio correndo pelo caminho e bateu na porta.

Qualquer um que não tenha ouvido falar do autocontrole de ferro da Vovó, que podia dobrar uma ferradura, poderia ter pensado que a ouviu dar um pequeno suspiro de alívio.

— Bem, já era hora... — Ela começou.

A excitação no castelo era apenas um zumbido distante ali nos estábulos. Os gaviões e falcões sentavam-se curvados em seus poleiros, perdidos em algum mundo interior de mergulhos e termais ascendentes. Houve o tilintar ocasional de uma corrente ou o bater de uma asa.

Hodgesaargh, o falcoeiro, estava se preparando na pequena sala ao lado quando sentiu a mudança no ar. Ele saiu em meio aos estábulos silenciosos. Os pássaros estavam todos acordados, alertas, em expectativa. Até King

Henry, a águia, de quem Hodgesaargh só se aproximava quando estivesse usando uma armadura completa, estava olhando ao redor.

Só acontecia algo assim quando havia um rato no local, mas Hodgesaargh não conseguia ver nenhum. talvez tivesse ido embora.

Para o evento desta noite, ele escolheu William, o milhafre, em quem podia confiar. Todos os pássaros de Hodgesaargh eram confiáveis, embora o que você quase sempre podia confiar era que eles iriam atacá-lo selvagemente à vista. William, no entanto, acreditava ser uma galinha, então geralmente se estava seguro a seu lado.

Mas até William estava prestando muita atenção ao mundo, o que não acontecia com frequência, a menos que ela visse algum milho.

Estranho, pensou Hodgesaargh. E isso foi tudo.

Os pássaros continuaram olhando para cima, como se o telhado simplesmente não existisse.

Vovó Cera-do-Tempo baixou a vista para um rosto vermelho, redondo e preocupado.

— É, você não é... — Ela se recompôs.

— Você é o garoto Wattley de Fatia, não é?

— T' qu... — O menino encostou-se no batente da porta e lutou para respirar.

— Tem qu' v...

— Apenas respire fundo. — Quer um copo de água?

— Tem qu' v...

— Sim, sim, tudo bem. Apenas respire...

O menino tragou ar algumas vezes.

— A senhora tem que vir ver a Senhora Ivy e seu bebê!

As palavras saíram em um fluxo rápido.

Vovó pegou o chapéu no cabide perto da porta e puxou a vassoura para fora de seu abrigo na palha.

— Achei que a velha Senhora Patternoster estava cuidando dela, disse ela, enfiando os alfinetes de chapéu no lugar com a urgência de um guerreiro se preparando para uma batalha repentina.

— Ela diz que está tudo saindo errado, senhora!

Vovó já estava correndo pelo caminho do jardim.

Havia um pequeno barranco do outro lado da clareira, com uma queda de seis metros até uma curva na trilha. A vassoura ainda não havia ainda dado a partida quando ela a alcançou, mas ela continuou correndo, passando uma perna por cima das cerdas enquanto ela mergulhava. A magia a pegou no meio do caminho e suas botas arrastaram as samambaias mortas enquanto a vassoura subia na noite.

A estrada serpenteava sobre as montanhas como uma fita caída. Ali em cima sempre havia o som do vento.

O cavalo do salteador era um grande garanhão preto. Também era possivelmente o único cavalo com uma escada amarrada atrás da sela.

Isso porque o nome do salteador era Casanunda, e ele era um anão. A maioria das pessoas pensava nos anões como reservados, cautelosos, cumpridores da lei e muito reticentes em questões do coração e outros órgãos vagamente conectados, e isso era verdade para quase todos os anões. Mas a genética joga dados estranhos no pano verde da vida e de alguma forma os anões produziram Casanunda, que preferia a diversão ao dinheiro e dedicava

às mulheres toda a paixão que outros anões reservavam ao ouro.

Ele também considerava as leis como coisas úteis e as obedecia quando era conveniente. Também desprezava a profissão de salteador de estrada, mas pelo menos te levava para o ar puro do campo, o que era muito bom para você, especialmente quando as cidades próximas estavam cheias de maridos rancorosos e porretes grandes.

O problema era que ninguém na estrada o levava a sério. Ele conseguia parar as carruagens sem problemas, mas as pessoas tendiam a dizer: — *O quê? Quer dizer, para um salteador você não parece poder saltar muito alto, concorda? Ah, ah, ah*, e ele era forçado a atirar no joelho delas.

Soprou as mãos para aquecê-las e ergueu os olhos ao som de uma carruagem que se aproximava.

Ele estava prestes a cavalgar para fora de seu escasso esconderijo no matagal quando viu o outro salteador sair trotando da floresta em frente.

A carruagem parou. Casanunda não podia ouvir o que estava acontecendo, mas o ladrão subiu até uma das portas e se abaixou para falar com os ocupantes...

… e uma mão se estendeu e o arrancou do cavalo e o colocou na carruagem.

Ela balançou nas molas por um tempo e então a porta se abriu e o salteador caiu para fora e ficou imóvel na estrada.

A carruagem seguiu em frente...

Casanunda esperou um pouco e depois cavalgou até o corpo. Seu cavalo esperou pacientemente enquanto ele desamarrava a escada e desmontava.

Ele poderia dizer com certeza que o salteador estava morto. Espera-se que as pessoas vivas tenham algum sangue nelas.

A carruagem parou no topo de uma elevação alguns quilômetros adiante, antes que a estrada começasse a longa e sinuosa descida em direção a Lancre e às planícies.

Os quatro passageiros saíram e caminharam até o início do barranco.

Atrás deles as nuvens voavam, mas aqui o ar estava cristalino e frio, e a vista chegava até a Orla sob o luar. Lá embaixo, escavado nas montanhas, estava o pequeno reino.

— O portal para o mundo —, disse o Conde de Magpyr.

— E totalmente indefeso —, disse seu filho.

— Ao contrário. Possuidor de algumas defesas extremamente eficazes —, disse o Conde. Ele sorriu na noite.

— Pelo menos... até agora...

— As bruxas deveriam estar do nosso lado —, disse a condessa.

— *Ela* estará em breve, de qualquer forma —, disse o Conde.

— Uma mulher… muito interessante. Uma família muito interessante. Meu tio costumava falar sobre sua avó. As mulheres Cera-do-Tempo sempre tiveram um pé na sombra. Está em seu sangue. E a maior parte de seu poder vem de negá-lo. No entanto —, e seus dentes brilharam enquanto ele sorria no escuro, — ela logo descobrirá em que lado do pão está a manteiga.

— Ou de que lado o biscoito de gengibre é dourado —, disse a condessa.

— Ah, sim. Muito bem colocado. É o ônus de ser uma mulher da família Cera-do-Tempo, claro. Quando ficam mais velhas começam a ouvir o barulho da grande porta do forno.

— Ouvi dizer que ela é muito durona —, disse o filho do conde. — Uma mente muito afiada.

— Vamos matá-la! — Disse a filha do conde.

— Realmente, Lacci querida, você não pode matar tudo.

— Não vejo por que não.

— Não. Eu prefiro a ideia dela ser... útil. E ela vê tudo em preto e branco. Isso é sempre uma armadilha para os poderosos. Oh sim. Uma mente como essa é tão facilmente... guiada. Com uma pequena ajuda.

Houve um bater de asas sob o luar e algo bicolor pousou no ombro do Conde.

— E isto… — disse o Conde, acariciando a pega e depois soltando-a. Ele puxou um cartão branco de um bolso interno de sua jaqueta. A borda soltou um brilho fugaz.

— Acreditam nisto? Esse tipo de coisa já aconteceu antes? Uma nova ordem mundial de fato…

— Você tem um lenço, meu senhor? — Disse a condessa. — Me dê, por favor. Você tem algumas manchas…

Ela limpou o queixo dele e empurrou o lenço manchado de sangue de volta para o bolso dele.

— Pronto —, ela disse.

— Existem outras bruxas —, disse o filho, como quem revira na boca um bocado difícil de mastigar.

— Oh sim. Confio que as encontremos. Podem ser divertidas.

A carruagem seguiu em frente.

De volta às montanhas, o homem que tentou assaltar à carruagem conseguiu se levantar e, por um momento, parecia que seus pés estavam presos em alguma coisa. Ele esfregou o pescoço com irritação e olhou em volta procurando seu cavalo, que encontrou parado atrás de algumas pedras um pouco distantes.

Quando ele tentou colocar a mão na rédea, ela atravessou o couro e o pescoço do cavalo, como fumaça. A criatura empinou-se e galopou loucamente para longe.

Não ia ser uma boa noite, pensou o salteador, confuso. Mas nunca, nem em sonhos ia perder um cavalo, além de seus ganhos. Quem diabos eram aquelas pessoas? Ele não conseguia se lembrar do que tinha acontecido na carruagem, mas não tinha sido agradável.

O salteador era daquela classe simples de homens que ao serem atropelados por alguém maior que eles, encontram outro menor para fins de retaliação. Alguém mais iria sofrer esta noite, ele jurou. Ele arranjaria outro cavalo, pelo menos.

E, na hora, ele ouviu o som de cascos no vento. Sacou sua espada e saiu para a estrada.

— Pare e se renda!

O cavalo que se aproximava obedientemente parou a alguns metros de distância. Afinal, aquela não seria uma noite tão ruim assim, ele pensou. Realmente era um animal magnífico, mais um cavalo de guerra do que o pangaré de sempre. Era tão pálido que brilhava à luz de uma estrela ocasional e, pelo que parecia, havia prata em seu arreio.

O cavaleiro estava bem agasalhado para se proteger do frio.

— A bolsa ou a vida! — Disse o salteador.

PERDÃO?

— Seu dinheiro —, disse o salteador, — ou sua vida. Que parte disto você não entendeu?

AH, ENTENDO. BEM, EU TENHO UMA PEQUENA QUANTIA DE DINHEIRO.

Algumas moedas caíram na estrada gelada. O salteador procurou por elas, mas não conseguiu pegá-las, fato que só aumentou seu aborrecimento.

— Sua vida, então!

A figura montada balançou a cabeça. CREIO QUE NÃO. SÉRIO.

Ele puxou um bastão longo e curvo de um coldre. O salteador havia presumido que fosse uma lança, mas agora uma lâmina curva surgiu e brilhou em azul ao longo de suas bordas.

DEVO DIZER QUE VOCÊ MOSTRA UMA VITALIDADE SURPREENDENTEMENTE PERSISTENTE, disse o cavaleiro. Não era tanto uma voz, mais um eco dentro da cabeça. MAS SEM MUITA CLAREZA MENTAL.

— Quem é você?

EU SOU MORTE, disse Morte. E GARANTO QUE NÃO ESTOU AQUI PARA LEVAR SEU DINHEIRO. QUE PARTE VOCÊ NÃO ENTENDEU?

Algo tremulou fracamente na janela dos estábulos do castelo. Não havia vidro na moldura, apenas ripas finas de madeira para permitir a passagem do ar.

E houve um arranhar e então um leve bicar, e então silêncio. Os falcões olhavam.

Do lado de fora da janela algo fez "vuuuch".

Feixes de luz brilhante atravessaram a parede oposta e, lentamente, as barras começaram a queimar.

Tia Ogg sabia que, embora a festa fosse no Salão Principal, toda a

diversão seria do lado de fora, no pátio ao redor da grande fogueira. Lá dentro, tudo seriam ovos de codorna, geleia de fígado de ganso e sanduíches minúsculos daqueles que cabem quatro na boca. Do lado de fora haveria batatas assadas boiando em barris de manteiga e um veado inteiro no espeto. Mais tarde haveria uma apresentação feita pelo homem que enfiava fuinhas nas calças, uma forma de entretenimento que Tia Ogg considerava superior à ópera.

Como bruxa, é claro, ela seria bem-vinda em qualquer lugar e era sempre uma boa ideia lembrar os nobres disso, caso eles esquecessem. Fora uma escolha difícil, mas ela decidiu ficar do lado de fora e jantar um bom veado porque, como muitas velhinhas, Tia Ogg era um poço sem fundo para comida de graça. Depois, entraria e preencheria as lacunas com os pratos mais finos. Além disso, eles provavelmente tinham aquele vinho espumante caro lá dentro e a Tia gostava bastante dele, desde que fosse servido em uma caneca grande o suficiente.. Mas você precisava de uma boa quantidade de cerveja antes de se empanturrar com as coisas chiques.

Ela pegou uma caneca, caminhou até a frente da fila no barril de cerveja, gentilmente empurrou para o lado a cabeça de um homem que decidiu passar a noite deitado debaixo da torneira e pegou uma cerveja para si mesma.

Ao se virar, viu a figura de pés abertos de Agnes se aproximando, ainda um pouco incomodada com a ideia de usar o novo chapéu pontudo em público.

— E aí, garota? — Disse Tia Ogg. — Experimente um pouco de carne de veado, tá muito bom.

Agnes olhou em dúvida para a carne assada. O pessoal de Lancre cuidava das calorias e deixava que as vitaminas tomassem conta delas mesmas.

— Você acha que eu poderia comer uma salada? — Ela arriscou.

— Espero que não —, disse a Tia alegremente

— Tem um monte de gente aqui —, disse Agnes.

— Todo mundo recebeu um convite —, disse Tia Ogg. — Bem típico de Magrat.

Agnes levantou a cabeça. — Mas não consigo ver Vovó em lugar nenhum.

— Ela estará lá dentro, dizendo às pessoas o que fazer.

— Eu não a tenho visto muito ultimamente —, disse Agnes. — Ela está preocupada com alguma coisa, eu acho.

Tia Ogg estreitou os olhos.

— Você acha? — Ela disse —, acrescentando para si mesma: você está ficando esperta, menina.

— É só que, desde que soubemos do nascimento — Agnes acenou com a mão rechonchuda para a celebração de alto colesterol em torno delas. — Eu a vi muito... tensa, para dizer o mínimo. Sobrecarregada.

Tia Ogg colocou um pouco de tabaco no cachimbo e riscou um fósforo na bota.

— Você certamente percebe as coisas, não é? — Disse ela, fumando. — Perspicaz, Perspicaz, Perspicaz. Teremos que chamá-la de Senhorita Perspicaz.

— Eu certamente percebi que você sempre mexe no seu cachimbo quando está pensando em coisas que não gosta muito —, disse Agnes. — É uma atitude evasiva.

Através de uma nuvem de fumaça adocicada, a Tia se deu conta de que Agnes lia livros. Todas as bruxas que viveram em sua casa eram do tipo estudioso. Acreditavam que podia ver a vida através dos livros, mas não era verdade. E a razão era que as palavras se entrincheiravam no meio.

— Ela tem estado um pouco quieta, é verdade —, disse ela. — Melhor deixar que ela mesma resolva isto.

— Pensei que talvez estaria de mau humor por conta do sacerdote que vai oficiar a Cerimônia do Nome... — disse Agnes.

— Oh, o velho irmão Perdore; ele é um bom sujeito—, disse Tia Ogg. — Fala sem parar uma algaravia antiga, mas não dura muito e então você apenas dá a ele seus seis tostões pelo trabalho, enche-o de conhaque, coloca-o em seu burro e lá se vai ele.

— Como é? Não está sabendo? — Disse Agnes. — Está de cama em Skund. Quebrou o pulso e as duas pernas caindo do burro.

Tia Ogg tirou o cachimbo da boca.

— Por que não fui informada?

— Não sei, Tia. A Senhora Weaver me disse ontem.

— Ooh, aquela mulher! Passei por ela na rua esta manhã! Ela poderia ter me dito!

A Tia enfiou o cachimbo de volta na boca como se apunhalasse todas as fofocas pouco comunicativas. — Como você pode quebrar as duas pernas caindo de um burro?

— Estava subindo por aquela trilha do lado do desfiladeiro de Skund. Ele caiu uns vinte metros.

— Hum? Bem…Era um burro muito alto, é verdade.

— Portanto, o rei enviou um pedido à missão omniana em Ohulan para nos trazer outro padre, ao que parece... — disse Agnes.

— Ele fez o quê?? — Disse a Tia.

Havia uma pequena tenda cinza mal montada em uma campina nos arredores da cidade. O vento forte a fez balançar e rasgou o pôster que havia sido pregado em um cavalete do lado de fora.

Dizia: BOAS NOVAS! OM TE DÁ BOAS -VINDAS!!!

Na verdade, ninguém apareceu para o pequeno serviço de apresentação que Fortemente-Aveia organizou naquela tarde, mas como ele já havia anunciado, oficiou de qualquer maneira, cantando alguns hinos alegres aos quais se acompanhou no pequeno harmônio portátil, pregando depois um muito curto sermão para o vento e o céu.

Agora o Mui Reverendo Aveia se olhava no espelho. Ele estava um pouco desconfortável com o espelho, para ser honesto. Os espelhos levaram a um dos inúmeros cismas da Igreja, um lado dizendo que, por encorajar a vaidade, eles eram maus, e o outro dizendo que, por refletirem a bondade de Om, eram sagrados. Aveia, no entanto, não tinha ainda uma opinião a respeito, já que por natureza tentava ver algo de positivo nos dois lados de cada questão, senão pelo fato de que os espelhos o ajudavam a ajustar seu complexo colarinho clerical.

Ainda era muito novo. O Reverendo Mekkle, que havia lecionado Prática Pastoral, havia informado que as regras sobre goma eram apenas uma diretriz, mas Aveia não queria errar e seu colarinho poderia ter sido usado como uma navalha.

Ela cuidadosamente colocou seu pingente sagrado de tartaruga, notando com satisfação seu brilho e pegou seu exemplar de graduação finamente impresso do *Livro de Om*. Alguns de seus colegas passavam horas manuseando meticulosamente, folheando as páginas para dar-lhes aquele toque de credibilidade pelo uso contínuo, mas Aveia também evitava isso. Além disso, ele o sabia quase inteiramente de cor.

Sentindo-se bastante culpado, porque havia algumas advertências no seminário contra o uso de escrituras sagradas apenas para adivinhação, ele fechou os olhos e deixou o livro abrir-se ao acaso.

Então ele abriu os olhos rapidamente e leu a primeira passagem que encontrou.

Foi em algum lugar no meio da *Segunda Carta de Brutha aos Omianos*, repreendendo-os gentilmente por não responderem à *Primeira Carta aos Omianos*.

— … o silêncio é uma resposta que pede mais três perguntas. Procure e você encontrará, mas primeiro você deve saber o que procura…

Muito bem. Fechou o livro.

Que lugar aquele! Uma esterqueira. Deu uma curta caminhada após o culto e cada caminho parecia terminar em um penhasco ou uma queda abrupta. Nunca tinha visto um país tão vertical. As coisas sussurravam dos arbustos e ele tinha os sapatos enlameados. Quanto às pessoas que ele conheceu... bem, apenas camponeses ignorantes, o sal da terra, claro, mas eles apenas o olharam com desconfiança de longe, como se estivessem esperando que algo acontecesse com ele e não quisessem estar muito perto dele quando aconteceu com ele.

Mas ainda assim, refletiu, a *Carta de Brutha* dizia aos *Simonitas* que se você desejasse que a luz fosse vista, deveria levá-la a lugares escuros. E este era certamente um lugar escuro.

Ele fez uma pequena oração e saiu para a escuridão lamacenta e ventosa.

Vovó voou alto acima das copas das árvores rugindo, sob uma meia-lua.

Ela desconfiava de uma lua assim. Uma lua cheia só pode minguar, uma lua nova só pode crescer, mas uma meia-lua, equilibrando-se tão precariamente entre a luz e a escuridão... bem, ela podia fazer qualquer coisa.

As bruxas sempre viviam à margem das coisas. Ela sentiu o formigamento em suas mãos. Não era apenas por conta do ar gelado. Em algum lugar havia uma fronteira. Algo estava começando.

No céu, as luzes do Eixo brilhavam ao redor das montanhas no centro do mundo, brilhantes o suficiente até mesmo para combater a pálida luz da lua. Chamas verdes e douradas dançavam no ar sobre as montanhas centrais. Era raro vê-las nessa época do ano e Vovó se perguntou o que isto poderia significar...

Fatia estava empoleirada nas laterais de uma fenda nas montanhas que não poderia ser dignifcada pelo nome de vale. Ao luar, ela viu sua face pálida se erguendo esperando nas sombras do jardim enquanto ela chegava à terra.

— Boa noite, senhor Ivy, disse ela, saltando. — Ela tá lá em cima, é isso?

— No celeiro—, disse Ivy, categoricamente.

— A vaca a chutou... forte. — A expressão da Vovó permaneceu impassível.

— Vamos ver—, disse ela, — o que pode ser feito.

No celeiro, uma olhada no rosto da Senhora Patternoster disse a ela o quão pouco isso poderia ser agora. A mulher não era uma bruxa, mas sabia todas as práticas de obstetrícia que podem ser aprendidas em uma aldeia isolada, seja de vacas, cabras, cavalos ou humanos.

— É ruim— ela sussurrou, enquanto a Vovó olhava para a figura que gemia na palha.

— Acho que vamos perder os dois... ou talvez apenas um...

Havia, se a pessoa estivesse prestando atenção, a sugestão de uma pergunta naquela frase. Vovó pôs sua mente em foco.

— É um menino —, disse ela.

A Senhora Paternoster não se preocupou em se perguntar como Vovó sabia, mas sua expressão indicava que um pouco mais de peso havia sido adicionado a um fardo.

— É melhor eu ir e contar para John Ivy, então — disse ela.

Ela mal se moveu antes que a mão de Vovó Cera-do-Tempo se fechasse

em seu braço.

— Ele não faz parte disso —, disse ela.

— Mas, afinal, ele é o...

— Ele não faz parte disso.

A Senhora Patternoster encarou aqueles olhos azuis e percebeu duas coisas. Uma era que o Senhor Ivy não tinha nada a ver com aquilo, e a outra era que qualquer coisa que acontecesse neste celeiro nunca, jamais, seria mencionada novamente.

— Acho que me recordo deles — disse Vovó, soltando-a e arregaçando as mangas. — Um belo casal, pelo que me lembro. Ele é um bom marido, dizem. — E despejou água morna de um jarro na tigela que a parteira havia colocado em uma manjedoura.

A Senhora Patternoster assentiu.

— Claro, é difícil para um homem trabalhar sozinho nestas terras íngremes —, continuou Vovó, lavando as mãos. A Senhora Patternoster assentiu novamente, tristemente.

— Bem, acho que você deveria levá-lo para dentro da cabana, Senhora Patternoster e fazer uma xícara de chá para ele —, ordenou Vovó. — Você pode dizer a ele que estou fazendo tudo o que posso.

Desta vez, a parteira assentiu com gratidão.

Quando ela saiu, Vovó colocou a mão na testa úmida da Senhora Ivy.

— Bem, Florence Ivy —, ela disse, — vamos ver o que pode ser feito. Mas antes de tudo... sem dor...

Enquanto movia a cabeça, avistou a lua através da janela sem vidro. Entre a luz e a escuridão... bem, às vezes é onde você tinha que estar.

CERTAMENTE.

Vovó não se preocupou em se virar.

— Eu pensei que você estaria aqui —, disse ela, enquanto se ajoelhava na

palha.

ONDE MAIS? Disse Morte.

— Você sabe por quem você está aqui?

ESTA ESCOLHA NÃO É MINHA. NO LIMITE VOCÊ SEMPRE ENCONTRARÁ ALGUMA INCERTEZA.

Vovó sentiu as palavras em sua cabeça por vários segundos, como pequenos cubos de gelo derretendo. Bem, bem no limite, então, tinha que haver... julgamento.

— Há muito dano aqui —, disse ela, finalmente. — Muito mesmo.

Alguns minutos depois, ela sentiu o fluxo de vida passar por ela. Morte teve a decência de partir sem dizer uma palavra.

Quando a Senhora Patternoster bateu trêmula na porta e a abriu, Vovó estava no estábulo das vacas. A parteira a viu se levantar segurando um pedaço de espinho.

— Esteve na perna do animal o dia todo —, disse ela. — Não é de admirar que estivesse inquieta. Tente fazer com que ele não mate a vaca, entendeu? Eles vão precisar dela.

A Senhora Patternoster olhou para o cobertor enrolado na palha. Vovó, com muito tato, colocou-o fora da vista da Senhora Ivy, que agora estava dormindo.

— Vou contar a ele —, disse Vovó, limpando o vestido. — Quanto a ela, bem, ela é forte e jovem e você sabe o que fazer. Você fica de olho nela e eu ou Tia Ogg vamos aparecer quando pudermos. Se ela estiver disposta, eles podem precisar de uma ama de leite no castelo e isso pode ser bom para todos.

Era duvidoso que alguém em Fatia desafiasse Vovó Cera-do-Tempo —, mas ela notou a leve sombra cinzenta de desaprovação na expressão da parteira.

— Você ainda acha que eu deveria ter perguntado ao Senhor Ivy? ela

disse.

— Isso é o que eu teria feito... — a mulher murmurou.

— Você não gosta dele? Você acha que ele é um homem mau? — Disse Vovó ajustando os grampos do chapéu.

— Não!

— Então, o que teria ele feito comigo para que eu o machucasse tanto?

Agnes teve que correr para acompanhar. Tia Ogg, quando despertada, podia se mover como se impulsionada por pistões.

— Mas tem muitos padres aqui —, Tia!

— Não como os Omnianos! — Cortou Tia Ogg. — Tivemos muitos deles aqui, ano passado. Dois deles bateram em minha porta!

— Bem, as portas são feitas para iss...

— E eles me passaram um panfleto embaixo que dizia: — Arrependa-se! — Continuou Tia Ogg. — Arrepender-se? Eu? Desaforo! Não vou começar a me arrepender nesta altura da vida. Nem saberia como fazer. De qualquer forma —, ela acrescentou, — não sinto muito arrependimento pela maior parte do que fiz.

— Você está ficando um pouco excitada, eu acho...

— Eles queimam pessoas!.

— Acho que li em algum lugar que eles costumam fazer isso, sim —, disse Agnes, ofegando com o esforço de acompanhá-la. — Mas isso foi há muito tempo, Tia! Os que vi em Ankh-Morpork apenas distribuíam panfletos e pregavam em uma grande tenda e cantavam canções bastante tristes...

— Rá! O leopardo não troca suas pintas, garota!

Elas correram por um corredor e saíram por detrás de um biombo para o burburinho do Salão Principal.

— Metidos a superiores até o fundo da alma —, disse Tia Ogg, esticando o pescoço. — Ah, ali está nosso Shawn…

O exército permanente de Lancre estava à espreita atrás de um pilar, provavelmente na esperança de que ninguém o visse com sua peruca empoada de lacaio que havia sido feita para um lacaio muito maior.

O reino não tinha um braço executivo do governo que se sobressaísse e assim a maioria de suas mãos pertencia ao filho mais novo de Tia Ogg. Apesar dos melhores esforços do rei Verence, que à sua maneira nervosa era

um governante perspicaz, o povo de Lancre não pôde ser persuadido a aceitar uma democracia de forma alguma e infelizmente, em termos de lugar, não havia muita coisa para governar de qualquer maneira. Muitas das partes do exercício do governo que não puderam ser ignoradas foram assumidas por Shawn. Ele esvaziava as latrinas do palácio, entregava a escassa correspondência, vigiava os muros, dirigia a Real Casa da Moeda, equilibrava o orçamento, ajudava o jardineiro nas horas vagas e nos últimos tempos em que se julgava necessário controlar as fronteiras (e Verence achava que cancelas listradas de amarelo e preto davam um aspecto muito profissional a um país), cuidava para que os passaportes ou qualquer outro papel que o visitante pudesse trazer, como o verso de um envelope, fossem carimbados com um selo muito bonito gravado em metade de uma batata. Ele levava tudo muito a sério. Em ocasiões como a presente, ele servia de mordomo quando Spriggins, o mordomo oficial, não estava de serviço ou, se fosse necessária uma ajuda, ele também era um lacaio.

— 'Noite, nosso Shawn —, disse Tia Ogg. — Vejo que está com aquele cordeiro morto na cabeça de novo.

— Ahh, mãe —, disse Shawn, — tentando ajustar a peruca.

— Onde está esse padre que tá fazendo a cerimônia do Nome? — Perguntou Tia Ogg.

— Cumé, mãe? Eu não sei, mãe. Parei de anunciar os nomes uma hora atrás e passei a servir os queijos no palito... ai, mãe, não devia comer tantos assim![3]

---

[3] Era estranho para as pessoas que, embora o pessoal de Lancre se recusasse categoricamente a ter qualquer compromisso com a democracia, com base no fato de que governar era o que o rei deveria fazer e eles certamente diriam a ele se ele desse errado, eles não fizeram servos muito bons. Oh, eles podiam cozinhar e cavar e lavar e mexer e mordomar e faziam isso muito bem, mas nunca conseguiam pegar o jeito da mentalidade de servir. O rei Verence foi bastante compreensivo sobre isso e aguentou Shawn conduzindo os convidados para a sala de jantar com um grito de "Comida

Tia Ogg chupou as guloseimas do coquetel de quatro palitos em um movimento ágil e olhou especulativamente para a multidão.

— Vou dar uma palavrinha com o jovem Verence, disse a Tia.

— Ele é o rei, Tia —, disse Agnes.

— Isso não é motivo para ele agir como se fosse da realeza.

— Na verdade —, creio que ele é.

— Pare de reclamar. Vá e encontre esse Omniano e fique de olho nele.

— O que devo procurar? — Disse Agnes amargamente. — Uma coluna de fumaça?

— Todos vestem preto —, disse a Tia Ogg com firmeza. — Rá! Típico!

— Bem? Preto... como nós.

— Certo! Mas o nosso é... o nosso é... — Tia Ogg bateu no peito, causando ondulações consideráveis, — o nosso é o preto certo, certo? Agora, vá embora e passe despercebida —, acrescentou Tia Ogg, — uma senhora que usava um chapéu preto pontudo de sessenta centímetros de altura. Ela olhou para a multidão novamente e cutucou o filho.

— Shawn, você entregou um convite para Esmê Cera-do-Tempo, não foi?

Ele olhou horrorizado. — Claro, mãe.

— Enfiou debaixo da porta dela?

— Não, mãe. Você sabe que ela me deu uma bronca quando os caracóis pegaram aquele cartão postal no ano passado. Enfiei-o nas dobradiças, bem colocado.

— Aí está um bom menino —, disse a Tia.

---

boa, pegue enquanto está quente!"

O pessoal de Lancre não se importava muito com caixas de correio. O correio era pouco frequente, mas os vendavais cortantes não eram. Por que ter uma fenda na porta para deixar entrar ventos não solicitados? Assim, as cartas eram deixadas sob grandes pedras, presas firmemente em vasos de flores ou enfiadas por baixo da porta.

Nunca havia muitas.[4] Lancre operava sob um sistema feudal, o que quer dizer que todo o mundo tinha feudos contínuos e então legava a disputa aos seus descendentes. Alguns rancores eram herdados por gerações inteiras. Alguns podiam até ser avaliados como antiguidades. Um bom rancor, na opinião de Lancre, era como um bom vinho velho. Você tinha que cuidar daquilo com cuidado e deixar para as crianças.

Você nunca escrevia para ninguém. Se você tinha algo a dizer, você dizia na cara deles. Isto mantinha as coisas deliciosamente sob pressão.

Agnes avançou para a multidão, sentindo-se estúpida. Acontecia muito com ela. Agora ela sabia por que Magrat Garlick sempre usava aqueles vestidos esvoaçantes e nunca usava o chapéu pontudo. Se você colocasse o chapéu e se vestisse de preto, e era preciso muito preto para envolver Agnes, então todo mundo via você de uma certa maneira. Você era uma bruxa. Tinha seus pontos positivos. Entre os ruins estava o fato de as pessoas recorrerem a você quando estavam com problemas e nunca lhes ocorria que você poderia não saber como lidar com aquilo.

Mas ela ganhou um pouco de respeito, mesmo de pessoas que podiam se lembrar dela antes de poder usar o chapéu. Elas tendiam a abrir caminho para ela, embora as pessoas tendessem a abrir caminho de qualquer maneira para Agnes quando ela estava a todo vapor.

---

[4] Exceto aquelas contendo pequenos vales postais anexados a cartas que, em geral, diziam praticamente a mesma coisa: Queridos mamãe e papai, estou indo muito bem em Ankh-Morpork e esta semana ganhei sete dólares inteiros...

— ‘tarde, senhorita…

Ela se virou e viu Hodgesaargh em trajes oficiais completos.

Era importante não sorrir em momentos como este, então Agnes manteve uma cara séria e tentou ignorar a risada histérica de Perdita no fundo de sua mente.

Ela via Hodgesaargh ocasionalmente, nas bordas da floresta ou nas charnecas. Normalmente, o falcoeiro real estava ocupado tentando, sem sucesso, se livrar de seus falcões, que o atacavam para passar o tempo, e King Henry, em particular, continuava levantando-o no ar e soltando-o novamente, convencido de que era um uma tartaruga gigante.

Não que ele fosse um falcoeiro ruim. Algumas outras pessoas em Lancre que criavam falcões achavam que ele era um dos melhores treinadores das montanhas, possivelmente porque ele era tão obstinado quanto a isso. Só que ele treinou cada pequena máquina de matar tão bem que as tornou incapazes de resistir a prová-lo para saber qual era o sabor dele.

Ele não merecia isto. E também não merecia ter que usar seu traje cerimonial. Normalmente, quando não estava na companhia de King Henry, ele usava apenas as roupas de trabalho de couro e cerca de três esparadrapos, mas o que ele vestia agora havia sido desenhado centenas de anos antes por alguém com uma visão lírica do campo e que nunca teve que através de um arbusto de amora com um falcão pendurado na orelha. Tinha muito vermelho e dourado e ficaria muito melhor em alguém meio metro mais alto e que tivesse pernas para meias vermelhas. Era melhor não se falar sobre o chapéu mas, se fosse preciso, se diria sobre ele em termos de algo grande, vermelho e mole. Com uma pena nele.

— Senhorita Nitt? — Disse Hodgesaargh.

— Desculpe... eu estava olhando para o seu chapéu.

— Bonito, não é —, disse Hodgesaargh amigavelmente. — Esta aqui é William. É um milhafre. Mas pensa que é uma galinha. Ela não sabe voar. Estou tentando ensiná-la a caçar.

Agnes estava esticando o pescoço em busca de qualquer sinal de atividade abertamente religiosa, mas a incongruência da criatura ligeiramente suja no pulso de Hodgesaargh trouxe seu olhar de volta para baixo novamente.

— Como? — Disse ela.

— Ela entra nas tocas e chuta os coelhos até a morte. E quase a curei de carcarejar. Não foi, William?

— William? — Disse Agnes. Então ela lembrou; para um falcoeiro, todos os falcões eram... ela.

— Você viu algum Omniano por aqui? — Ela sussurrou, inclinando-se para ele.

— Que tipo de pássaro eles são, senhorita? — Perguntou o falcoeiro, inquieto. Ele sempre parecia ter um ar preocupado quando não estava discutindo falcões, como um homem com um grande dicionário no qual não conseguia encontrar o índice.

— Oh, é... não se preocupe com isso, então. — Ela olhou para William novamente e disse: — Como? Quero dizer, como um pássaro desses pode pensar que ele é... digo, ela, é uma galinha?

— Pode acontecer muito facilmente, senhorita —, disse Hodgesaargh. — Thomas Peerless, lá de Cu-do-Jerico-Doido, roubou um ovo e o colocou sob uma galinha choca, senhorita. Ele não o tirou da galinha a tempo. Então William pensou que se a mãe dela era uma galinha, então ela também era.

— Bem, isso é...

— E é assim que acontece, senhorita. Quando eu os crio desde o ovo, eu não faço isso. Eu tenho uma luva especial, senhorita...

— Isso é absolutamente fascinante, mas é melhor eu ir —, disse Agnes, rapidamente.

— sim, senhorita.

Ela acabara de avistar seu alvo, que atravessava a salão.

Havia algo de inconfundível nele. Era como se ele fosse uma bruxa. Não era o fato de que sua túnica preta terminasse nos joelhos e se tornasse um par de pernas envoltas em meias e sandálias cinzas, ou que seu chapéu tivesse uma pequena coroa, grande o suficiente para servir seu jantar. Era porque onde quer que ele andasse, ele estava em um pequeno espaço vazio que parecia se mover ao seu redor, assim como você fica quando está perto de bruxas.. Ninguém quer chegar muito perto das bruxas.

Ela não podia ver o rosto dele. E ele estava indo direto para a mesa do bufê.

— Me desculpe, senhorita Nitt?

Shawn apareceu ao lado dela. Ele estava muito rígido, porque se ele fizesse qualquer giro brusco, a peruca enorme tendia a girar em sua cabeça.

— Sim, Shawn? — Disse Agnes.

— A rainha quer trocar uma palavrinha com a senhorita, disse Shawn.

— Comigo?

— Sim, senhorita. Ela está na Sala de Estar Verde Horrível, senhorita. — Shawn voltou-se com cuidado, lentamente. Sua peruca seguiu orientada na mesma direção.

Agnes hesitou. Era uma ordem real, ela supôs, mesmo que viesse de Magrat Garlick como vinha, e como tal substituía qualquer coisa que Tia Ogg lhe pedisse para fazer. De qualquer forma, ela tinha acompanhado com a vista ao padre e não era como se ele fosse colocar fogo em todo mundo por causa dos canapés. Achou melhor atender ao chamado.

Uma portinhola se abriu atrás do pesaroso Igor. — Por que paramos desta vez?

— Tem um Troll no caminho, meschtre.

— Um o quê?

Igor revirou os olhos. — Tem um Troll no caminho —, disse.

A portinhola fechou. Houve uma conversa sussurrada dentro da carruagem. A portinhola abriu.

— Você quis dizer um troll?

— Schim, meschtre.

— Passe por cima!

O troll avançava, segurando uma tocha bruxuleante acima de sua cabeça. No passado recente, alguém havia dito "este troll precisa de um uniforme" e descobrira que a única coisa no arsenal que caberia nele era o capacete, e somente se você o prendesse com um barbante.

— O velho conde não teria me dito pra paschar por Schima —, Igor murmurou, não muito baixinho. — Bem, era um cavalheiro.

— O que disse? — Uma voz feminina sibilou.

O troll se aproximou da carruagem e bateu com os nós dos dedos no capacete respeitosamente.

— ‘tarde —, disse.

— Iss’é um pouco embaraçoso. Sabe o que é uma cancela?

— Canschela? — Disse Igor desconfiado.

— são umas coisas compridas de madeira que levantam e abaixam...

— Schim? Então? O Que que tem?

— Eu gostaria que você imaginasse, certo, que há uma preta e amarela listrada nessa estrada, certo? E é só porque nós só temos uma cancela, mas

que está sendo usada na estrada Cabeça-de-Cobre hoje à noite.

A portinhola se abriu.

— Movimente-se, homem! Passe por cima!

— Eu poderia ir buscá-la se você quiser —, disse o troll, movendo-se nervosamente de um pé enorme para o outro. — Só que não estaria aqui antes de amanhã, certo? Ou você poderia fingir que ela está bem aqui agora; então eu fingiria levantá-lo e estaria tudo bem, certo?

— Facha isso, então, disse Igor. — Ele ignorou os resmungos abaixo de si. O velho conde sempre foi educado com os trolls, mesmo que não pudesse mordê-los e isso era um sinal de muita classe para um vampiro.

— Primeiro eu tenho que carimbar alguma coisa —, disse o troll. Ele trazia meia batata e um pano encharcado de tinta.

— Por que?

— Mostra que você passou por mim —, disse o troll.

— Cherto, mas aí já teremos passado por voschê —, replicou Igor. — Quer dizer, todosch saberão que nos cheparamos de você porque não estamosch mais aqui.

— Mas vai mostrar que você fez isso oficialmente —, disse o troll.

— O que vai acontescher se continuarmos em frente? — Disse Igor.

— É...então eu não vou levantar a cancela —, disse o troll.

Presos em um enigma metafísico, os dois olharam para o trecho da estrada onde a cancela virtual bloqueava o caminho.

Normalmente, Igor não teria perdido tempo. Mas a família o estava irritando e ele reagiu da maneira tradicional do servo humilhado, tornando-se repentinamente muito estúpido. Ele se inclinou e se dirigiu aos ocupantes da carruagem pela portinhola.

— É um poschto de fronteira, meschtre —, disse. — Temos que ter qualquer coisa carimbada.

Houve mais sussurros dentro da carruagem e então um grande retângulo branco, com bordas douradas, foi empurrado desajeitadamente pela portinhola. Igor o passou para o troll.

— É quase vergonhoso —, disse o troll, carimbando-o desajeitadamente e devolvendo-o.

— O que é isscho? — Igor perguntou.

— Perdão?

— Eschta…marca beschta!

— Bem, a Tia Ogg não era grande o suficiente para o selo oficial e eu não sei como é um selo, mas acho que é uma boa gravação de pato essa que eu fiz, disse o troll alegremente.

— Agora…você está pronto? Porque agora eu estou levantando a cancela. Aqui vai agora. Olhe para ela lá em cima. Isto quer dizer que você podem ir.

A carruagem avançou um pouco e parou pouco antes da ponte.

O troll, ciente de que havia cumprido seu dever, caminhou até lá e ouviu o que considerou uma conversa desconcertante, embora para Big Jim Beef a maioria das conversas envolvendo palavras polissilábicas estivessem envoltas em mistério.

— Agora, quero que todos prestem atenção...

— Pai, nós já fizemos isso antes.

— Nestes casos não se pode insistir muito. É o rio Lancre lá embaixo. Água corrente. E vamos atravessá-lo. É bom considerar que nossos ancestrais, embora bastante capazes de realizar jornadas de centenas de milhares de milhas, acreditavam firmemente que não podiam cruzar um

riacho. Preciso apontar a contradição?

— Não, pai.

— Bom. O condicionamento cultural pode ser a nossa morte, se não formos cuidadosos. Siga em frente, Igor.

O troll os observou partir. Frialdade parecia segui-los através da ponte.

Vovó Cera-do-Tempo estava no ar novamente, feliz com o ar limpo e fresco. Ela estava bem acima das árvores e, para benefício de todos os envolvidos, ninguém podia ver seu rosto.

Casas isoladas passavam abaixo, algumas com janelas iluminadas, mas a maioria escura, porque as pessoas tinham se dirigido para o palácio há muito tempo.

Havia uma história sob cada teto, ela sabia. Ela sabia tudo sobre histórias. Mas aquelas lá embaixo eram as histórias que nunca deveriam ser contadas, as pequenas histórias secretas, representadas em quartinhos...

Eram aqueles tempos em que os remédios não curavam e a cabeçologia não sabia o que fazer porque havia uma mente furiosa de dor dentro de um corpo que se tornara seu próprio inimigo, quando as pessoas simplesmente ficavam presas em uma prisão feita de carne e em momentos como estes ela era capaz de deixá-los ir. Não havia necessidade de coisas desesperadas com um travesseiro ou erros deliberados com o remédio. Você não os empurrava para fora do mundo, apenas impedia que o mundo os puxasse de volta. Você apenas estendia a mão e... mostrava a eles o caminho.

Nada nunca era dito. Às vezes você via na cara dos parentes o pedido que eles nunca, jamais colocariam em palavras, ou talvez diriam "tem algo que você possa fazer por ele?" e este era, talvez, o código. Se você ousasse

perguntar, eles ficariam chocados por você ter pensado que eles queriam dizer outra coisa senão, talvez, um travesseiro mais confortável.

E qualquer parteira, em cabanas isoladas em noites sangrentas, saberia todos os outros pequenos segredos... que nunca deveriam ser contados…

Ela tinha sido uma bruxa aqui toda a sua vida. E uma das coisas que uma bruxa fazia ficava bem no limite, onde as decisões tinham que ser tomadas. Você as tomava para que outros não precisassem, para que outros pudessem até fingir para si mesmos que não havia decisões a serem tomadas, nenhum segredinho, que as coisas simplesmente aconteciam. Você nunca dizia o que sabia. E não pedia nada em troca.

O castelo estava bem iluminado, ela viu. Ela podia até distinguir figuras ao redor da fogueira.

Outra coisa chamou sua atenção, porque agora ela iria procurar em todos os lugares, menos no castelo e isso a tirou do sério. A névoa se derramava sobre as montanhas e deslizava pelos vales distantes sob o luar. Um fio fluía em direção ao castelo e se despejava, muito lentamente, na garganta do rio Lancre.

Claro que havia neblina na primavera, quando o tempo mudava, mas essa neblina vinha de Uberwald.

A porta do quarto de Magrat foi aberta por Millie Chillum, a empregada, que fez uma reverência para Agnes ou pelo menos para seu chapéu e então a deixou sozinha com a Rainha, que estava em sua penteadeira.

Agnes não tinha certeza do protocolo, mas tentou uma espécie de reverência republicana. Isso causou um movimento considerável em regiões

periféricas.

A rainha Margrat de Lancre assoou o nariz e enfiou o lenço na manga do roupão.

— Oh, olá, Agnes —, disse ela. — Sente-se. Você não tem que se balançar para cima e para baixo assim. Millie faz isso o tempo todo e eu fico enjoada. De qualquer forma, estritamente falando, as bruxas não se curvam.

— É… — Agnes começou. Ela olhou para o berço no canto. Tinha mais presilhas e rendas do que qualquer móvel deveria ter...

— Ela está dormindo —, disse Magrat. — Ah, o berço? Verence encomendou tudo de Ankh-Morpork. Eu disse que o antigo que eles sempre usaram estava bom, mas ele é muito, sabe... moderno. Por favor, sente-se.

— Você me procurou, maj... — Agnes começou, ainda incerta. Estava se tornando uma noite muito complicada e ela não tinha certeza até agora de como se sentia em relação a Magrat. A mulher havia deixado ecos de si mesma no chalé... uma velha pulseira perdida debaixo da cama, notas um tanto sentimentais em alguns dos cadernos antigos, vasos cheios de flores secas... você podia construir uma visão muito estranha de alguém através das coisas que ela deixava atrás da cômoda.

— — Eu só queria conversar um pouco —, disse Magrat. — É um pouco... olha, eu estou realmente muito feliz, mas... bem, Millie é legal, mas ela concorda comigo o tempo todo e a Tia e Vovó ainda me tratam como se eu não fosse, bem, você sabe, rainha e tudo mais… não que eu queira ser tratada como rainha o tempo todo, mas, bem, você sabe, eu quero que eles saibam que sou rainha, mas não me tratem como uma, se você entende o que quero dizer…

— Acho que sim —, disse Agnes cuidadosamente.

Magrat acenou com as mãos em um esforço para descrever o indescritível. Lenços usados caíram em cascata de suas mangas.

— Quer dizer... fico tonta com as pessoas balançando para cima e para baixo o tempo todo, então, quando me veem, gosto que pensem "Oh, lá está Magrat, ela é a rainha agora, mas devo tratá-la de uma maneira perfeitamente normal..."

— Mas talvez com um pouco mais de polidez porque ela é a rainha, afinal —, sugeriu Agnes.

— Bem, sim…exatamente. Na verdade, a Tia não é tão ruim. Pelo menos ela trata todo mundo igual o tempo todo, mas quando Vovó olha para mim, você pode vê-la pensando "Ah, lá está o Magrat. Faça o chá, Magrat." Um dia, juro que farei um comentário muito cortante. É como se eles pensassem que estou fazendo isso como um hobby!

— Eu sei o que você quer dizer.

— Elas parecem pensar que um dia vou superar minha estupidez e serei uma bruxa novamente. Não diriam isso, claro, mas é o que pensam. Elas realmente não acreditam que exista outro tipo de vida.

— Isso é verdade.

— Como está o velho chalé?

— Tem muitos ratos —, disse Agnes.

— Eu sei. Eu costumava alimentá-los. Não conte a Vovó. Ela não está aqui, está?

— Não a vi ainda —, disse Agnes.

— Ah, ela esperará por um momento dramático —, disse Magrat. — E sabe de uma coisa? Eu nunca a peguei realmente esperando por um momento dramático, não em todas as, bem, coisas em que estivemos envolvidas. Quero dizer, se fosse você ou eu, estaríamos no corredor ou algo assim, mas ela simplesmente entra e é a hora certa.

— Ela diz que você faz o seu próprio tempo certo —, disse Agnes.

— Sim.

— Sim.

— E você diz que ela ainda não chegou? Foi o primeiro convite que mandamos! — Magrat se aproximou. — Verence fez com que colocassem folha de ouro extra nele. Não me admiraria se tivesse feito "clang" quando ela o jogou em algum lugar. Como é que está com o chá?

— Elas sempre reclamam —, disse Agnes.

— Eles sempre o fazem, não é? Três torrões de açúcar para a Tia Ogg, certo?

— Não é como se elas me dessem dinheiro para chá —, disse Agnes. ela fungou. Havia um leve mofo no ar.

— Não vale a pena assar biscoitos, posso garantir, disse Magrat. — Eu costumava passar horas fazendo fantasias com luas crescentes e assim por diante. Você também pode comprá-los na loja.

Ela fungou, também. — Não é o bebê —, disse. — Tenho certeza de que Shawn Ogg tem estado tão ocupado organizando as coisas que não teve tempo de limpar a privada nas últimas duas semanas. O cheiro vem direto das privadas na Torre Gong quando sopram rajadas de vento. Tentei pendurar ervas aromáticas, mas elas meio que se dissolvem.

Ela parecia incerta, como se uma perspectiva pior do que a falta de higiene do castelo tivesse passado por sua cabeça. — É... ela deve ter recebido o convite, não é?

— Shawn diz que entregou —, disse Agnes. — E ela provavelmente disse, e aqui sua voz mudou, tornando-se cortante e áspera, — "Eu não aprovo isso de forma alguma...e na minha idade! Nunca finjo ser importante, ninguém pode dizer que ando por aí fingindo que sou importante."

A boca de Magrat era um O de espanto.

— Isso é tão parecido com ela que é assustador! — Ela disse.

— É uma das poucas coisas em que sou boa —, disse Agnes, em sua voz normal. — Cabelo grande, uma personalidade maravilhosa e um ouvido para sons. — *E duas mentes,* Perdita acrescentou. — Ela virá de qualquer maneira —, Agnes continuou, ignorando a voz interior.

— Já passa das onze e meia... que pena, é melhor eu me vestir! Pode me ajudar?

Ela correu para o toucador com Agnes logo atrás.

— Até escrevi um pouco embaixo pedindo para ela ser madrinha —, disse ela, sentando-se em frente ao espelho e remexendo entre os restos de maquiagem.. — Ela secretamente sempre quis ser uma.

— Que coisa para se desejar a uma criança —, disse Agnes, sem pensar.

A mão de Magrat parou a meio caminho de seu rosto, em uma pequena nuvem de pó e Agnes viu seu olhar horrorizado no espelho. Então seu maxilar cerrou e por um momento a rainha teve exatamente a mesma expressão que a Vovó às vezes usava.

— Bem, se fosse uma escolha de desejar a uma criança saúde, riqueza e felicidade ou Vovó Cera-do-Tempo estar do lado dela, eu sei o que escolheria —, disse Magrat. — Você já deve tê-la visto em ação.

— Uma ou duas vezes, sim —, admitiu Agnes.

— Ela nunca será derrotada —, disse Magrat. — Você tem de esperar até vê-la no canto do ringue. Ela tem esse jeito de... colocar parte de si mesma em algum lugar seguro. É como se... como se ela se entregasse a outra pessoa para mantê-la escondida por um tempo. É tudo parte daquela coisa de Empréstimo que ela faz.

Agnes assentiu. Tia Ogg a avisara sobre isso mas, mesmo assim, era enervante aparecer na casinha da Vovó e encontrá-la estendida no chão, dura como um pau, segurando com dedos quase azuis um cartão com as

palavras: NÃO TÔ MORTA.[5] Significava apenas que ela estava em algum lugar do mundo, vendo a vida através dos olhos de um texugo ou de um pombo, viajando como um passageiro despercebido em sua mente.

— E sabe de uma coisa? — Magrat continuou. — É como aqueles mágicos em Howondaland que mantêm seu coração escondido em uma jarra em algum lugar, por segurança, para que não possam ser mortos. Há algo sobre isso em um livro na cabana.

— Não precisaria ser uma jarra grande —, disse Agnes.

— Isso não foi justo —, disse Magrat. E fez uma pausa. — Bem... não é justo na maior parte do tempo. Muitas vezes, de qualquer maneira. Às vezes, pelo menos. Você pode me ajudar com essa maldita gola?

Houve um som borbulhante vindo do berço.

— Que nome dará a ela? — Agnes perguntou.

— Você vai ter que esperar —, disse Magrat.

Isso fazia sentido, admitiu Agnes, enquanto seguia Magrat e as criadas até o salão. Em Lancre, você dava nomes às crianças à meia-noite, para que começassem o dia com um novo nome. Ela não sabia por que fazia sentido. Parecia que alguém descobriu, alguma vez, que funcionava. Lancrastrianos nunca jogavam fora nada que funcionasse. O problema era que eles raramente mudavam qualquer coisa que funcionasse.

---

[5] Quando não havia mais nada para ocupar seu tempo, vovó-cera-do-tempo enviava sua mente emprestada, deixando-a pegar carona nas cabeças de outras criaturas. Ela era amplamente aceita como a expoente mais habilidosa da arte que os Ramtops viam há séculos, sendo praticamente capaz de entrar na mente de coisas que nem sequer tinham mente. A prática significava, entre outras coisas, que o povo de Lancre estava menos inclinado à crueldade casual com os animais que é uma característica geral do idílio rural, com base no fato de que o rato em quem você joga um tijolo hoje pode se tornar a bruxa que você preciso de um remédio para dor de dente a partir de amanhã. Também significava que as pessoas que a visitassem inesperadamente a encontrariam estirada, aparentemente fria e sem vida, com o coração e o pulso mal batendo. A placa havia poupado muito embaraço.

Ela tinha ouvido falar que isso deprimia o rei Verence, que estava aprendendo a reinar sozinho nos livros. Seus planos para uma melhor irrigação e agricultura foram calorosamente aplaudidos pelo povo de Lancre, que nada fez a respeito. Eles também não deram atenção ao seu esquema de saneamento, ou seja, por que deveria haver algum, já que a ideia lancrastriana de saneamento elegante era um caminho não escorregadio para o banheiro e um catálogo de pedidos pelo correio com páginas realmente macias. Eles concordaram com a ideia de uma Sociedade Real para o Melhoramento da Humanidade, mas como isso consistia em tanto tempo quanto Shawn Ogg tinha de sobra nas tardes de quinta-feira, a Humanidade estava a salvo de muito Melhoramento por um tempo, embora Shawn tivesse inventado anteprojetos de tapetes para algumas das partes mais ventosas do castelo, pelas quais o Rei lhe havia premiado com uma pequena medalha.

O povo de Lancre jamais sonharia em viver em outra coisa que uma monarquia. Fizeram isso por milhares de anos e sabiam que funcionava. Mas eles também descobriram que não adiantava prestar muita atenção ao que o rei queria, porque provavelmente haveria outro rei em quarenta anos ou mais e ele com certeza iria querer algo diferente e então eles teriam tido todo aquele trabalho por nada. Enquanto isso. seu trabalho, como eles viam, era principalmente ficar no palácio, praticar em como acenar, ter bom senso para tratar de modo correto com as moedas e deixá-los continuar arando, semeando, cultivando e colhendo. Era como eles viam um contrato social. Eles fariam o que sempre fizeram e ele os deixaria fazer.

De vez em quando, ele reinaria…

No Castelo de Lancre, o Rei Verence se olhou no espelho e suspirou.

— Senhora Ogg —, ele disse, ajustando sua coroa, — eu tenho, como você sabe, um grande respeito pelas bruxas de Lancre, mas isso é, com todo o respeito, principalmente uma questão de política geral que, eu respeitosamente afirmo, é um assunto para o Rei. — Ele ajustou a coroa novamente, enquanto Spriggins, o mordomo, escovava seu manto. — Devemos ser tolerantes. Sério, Senhora. Ogg, nunca a vi nesse estado antes...

— Eles queimam pessoas vivas! — Exclamou Tia Ogg, irritada com tanto respeito.

— Eles costumavam fazê-lo, creio —, disse Verence.

— E foram bruxas o que eles queimaram!

Verence removeu sua coroa e a poliu com a manga de uma maneira irritantemente razoável.

— Sempre soube que eles queimavam praticamente todo mundo —, disse ele, — mas isso foi há algum tempo, não foi?

— Nosso Jason os ouviu pregando uma vez em Ohulan e eles estavam dizendo algumas coisas muito desagradáveis sobre bruxas —, disse a Tia.

— Infelizmente, nem todo mundo conhece as bruxas como nós —, disse Verence, o que Tia Ogg, em seu estado superaquecido, considerou uma diplomacia desnecessária.

— E nosso Wayne disse que eles tentam colocar as pessoas contra as outras religiões —, continuou ela. — Desde que abriram a missão deles, até os oflerianos fizeram as malas e foram embora. Quero dizer, uma coisa é dizer que você tem o melhor deus, mas dizer que é o único verdadeiro é um pouco descarado, na minha opinião. Eu sei onde posso encontrar pelo menos dois em qualquer dia da semana. E eles dizem que todo mundo começa mal e só fica bom acreditando em Om, o que é francamente um

absurdo. Quer dizer, olhe para a sua garotinha... Qual vai ser o nome dela agora...?

— Todo mundo vai saber em vinte minutos, Tia Ogg —, disse Verence suavemente.

— Ah! — O tom de Tia deixou claro que a Rádio Ogg desaprovava essa gestão de notícias. — Bem, olha... a pior coisa que ela pode fazer com sua cabecinha nessa idade são algumas fraldas sujas e não deixar você dormir à noite. Isso não pode contar como pecado, eu acho. Isso dificilmente é pecaminoso, na minha opinião.

— Você nunca se opôs à Irmandade Sombria, Tia. Ou aos Milagreiros. E os Monges Equilibristas passam por aqui o tempo todo.

— Nenhum deles tem objeções a mim —, respondeu Tia Ogg.

Verence se virou. Ele estava achando tudo desconcertante. Ele conhecia Tia Ogg muito bem, mas principalmente como a pessoa que estava logo atrás de Vovó-Cera-do-Tempo e sorria muito. Estava sendo difícil lidar com uma Tia Ogg zangada.

— Eu realmente acho que você está levando tudo isso muito a sério, Senhora. Ogg —, disse ele.

— Vovó-Cera-do-Tempo não vai gostar! — Tia jogou seu trunfo. Para seu horror, não pareceu ter o efeito desejado.

— Vovó-Cera-do-Tempo não é o rei, Senhora Ogg —, disse Verence. — E o mundo está mudando. Há uma nova ordem. Antigamente, os trolls eram monstros que comiam pessoas mas agora, graças ao esforço dos homens e, claro, dos trolls, de boa vontade e intenções pacíficas, nos damos muito bem e espero que continuemos assim. Este não é mais um tempo em que pequenos reinos precisam se preocupar apenas com pequenas preocupações. Somos parte de um mundo maior. E Temos que fazer nosso papel como parte dele. Por exemplo, e a questão do Muntab?

Tia Ogg perguntou sobre a questão Muntab. — Onde diabos está o tal de Muntab? — Disse.

— A vários milhares de quilômetros de distância, Senhora Ogg. Mas Hubward tem ambições e se houver guerra com Borogravia, certamente teremos que tomar uma posição.

— Esta nossa posição, a vários milhares de quilômetros de lá, já me parece uma coisa boa —, disse Tia Ogg. — E eu não vejo...

— Receio que não veja —, disse Verence. — E também não teria porque ver. Mas assuntos em países distantes podem de repente acabar perto de casa. Se Klatch espirra, Ankh-Morpork pega um resfriado. Temos que prestar atenção. Deveremos sempre fazer parte da hegemonia Ankh-Morpork? Estamos ou não estamos em uma posição única neste final do século do Morcego-de-Fruta? Os países mais distantes das Ramtops estão começando a se fazer sentir. As "economias-lobisomens", como o Patrício em Ankh-Morpork as chama. Novos poderes estão emergindo. Velhos países estão brilhando à luz do sol na aurora do milênio. E claro, temos que manter amizades com todos os blocos. E assim por diante. Apesar de um passado turbulento, Omnia é um país amigável... ou, pelo menos —, ele admitiu, — tenho certeza de que eles seriam amigáveis se soubessem mais sobre Lancre. Ser desagradável com os sacerdotes de sua religião oficial não nos trará nada de bom. Tenho certeza de que não vamos nos arrepender.

— Espero que não —, disse a Tia. Ela deu a Verence um olhar fulminante. — E eu me lembro de você quando era apenas um homem com um chapéu engraçado.

Mesmo isso não funcionou. Verence apenas suspirou novamente e se virou para a porta.

— Eu ainda sou, Tia —, disse. — É só que este é muito mais pesado. E agora devo ir, caso contrário, deixaremos nossos convidados esperando. Ah,

Shawn…

Shawn Ogg apareceu na porta. Fez uma saudação.

— Como está indo o exército, Shawn?

— Estou quase terminando o canivete, senhor.[6] Só tenho que fazer a pinça para pelos do nariz e a serra dobrável, senhor. Mas, na verdade, estou aqui como arauto no momento, senhor.

— Ah, deve estar na hora.

— Sim senhor.

— Uma fanfarra mais curta desta vez, Shawn, eu acho —, disse o Rei. — Embora eu pessoalmente aprecie sua habilidade, uma ocasião como esta exige algo um pouco mais simples do que vários compassos do ragtime do "porco-espinho rosado".

— Sim, senhor.

— Vamos, então.

Eles saíram para a passagem principal quando o grupo de Magrat estava passando e o rei pegou a mão dela.

Tia Ogg os seguiu. O rei estava certo, de um certo modo. Ela se sentiu... estranha, mal-humorada e tensa, como se tivesse colocado um vestido pequeno demais para ela. Bem, a Vovó estaria aqui em breve e ela sabia como falar com os reis.

---

[6] Era óbvio para o rei Verence que, mesmo que todos os adultos fossem colocados em armas, o reino de Lancre ainda teria um exército muito pequeno e insignificante e, portanto, ele procurou outras maneiras de colocá-lo no mapa militar. Shawn teve a ideia do canivete Lancrastriano, contendo algumas ferramentas e utensílios essenciais para o soldado em campo, e o trabalho de pesquisa e desenvolvimento já vinha acontecendo há alguns meses. Uma razão para o progresso lento era que o próprio rei estava tendo um interesse ativo no único projeto de defesa do país e Shawn recebia pequenas notas até três vezes por dia com mais sugestões para melhorias. Em geral, eles eram do tipo: “Um dispositivo, possivelmente bem pequeno, para encontrar coisas perdidas” ou “Uma coisa curiosamente em forma de gancho de muitos usos”. Shawn acrescentou diplomaticamente algumas delas, mas perdeu tantas notas quanto ousou, para não projetar o único canivete sobre rodas.

Você precisava de uma técnica especial para isso, raciocinou Tia Ogg; por exemplo, você não poderia dizer coisas como "quem morreu e te fez rei?" porque eles sabiam. "Você e o exército de quem mais?" era outra, embora neste caso o exército de Verence consistisse em Shawn e um troll e fosse improvável que fosse uma ameaça séria para a própria mãe de Shawn se ela quisesse ter permissão para continuar a tomar seu chá dentro de casa.

Ela puxou Agnes para o lado quando a procissão alcançou o topo da grande escadaria e Shawn seguiu na frente.

— Teremos uma visão melhor da galeria dos músicos —, sussurrou ela, arrastando Agnes até a armação de carvalho onde ficaria o rei quando a trombeta desse início à fanfarra real.

— Esse é o meu garoto —, ela acrescentou com orgulho, quando o floreio final causou um rebuliço.

— Sim, não são muitas as fanfarras reais que terminam com "barbear e corte de cabelo, mas deixa as pernas" — [7], disse Agnes.

— Deixa as pessoas à vontade —, disse a leal mãe de Shawn.

Agnes olhou para a multidão e avistou o padre novamente. Ele avançava o melhor que podia, imprensado entre os convidados.

— Encontrei ele, Tia —, disse ela. — Ele não dificultou muito, tenho que dizer. Ele não vai tentar nada no meio da multidão, vai?

— Onde está?

Agnes apontou. Tia Ogg olhou fixamente e depois se virou para ela. — Às vezes penso que o peso dessa maldita coroa está virando a cabeça de Verence —, disse. — Acho que ele realmente não sabe o que está deixando entrar no reino. Quando Esmê chegar aqui ela vai passar por esse padre como se fosse uma sopa de repolho.

A essa altura, os convidados já haviam se acomodado de cada lado do

---

[7] O leitmotiv da Guilda dos Cirurgiões-Barbeiros.

tapete vermelho que começava na base da escada. Agnes olhou para o casal real, esperando desajeitadamente, se pondo fora de vista, pelo momento apropriado para descer e pensou: Vovó Cera-do-Tempo diz que você é que faz o seu momento certo. Eles são a família real. Tudo o que eles precisam fazer é descer as escadas e seria o momento certo. E eles estavam fazendo isso errado.

Vários dos convidados de Lancre ocasionalmente olhavam para as grandes portas duplas, fechadas para esta cerimônia oficial. Elas seriam abertas mais tarde, para a parte mais pública e agradável, mas agora elas pareciam...

…como portas que logo rangeriam e emoldurariam uma figura contra a luz do fogo.

Ela podia ver a imagem tão claramente.

Os exercícios que a Vovó lhe deu, com relutância, estavam funcionando, pensou Perdita.

Houve uma conversa apressada entre o grupo real e em seguida Millie voltou correndo para as escadas e em direção às bruxas.

— Mag... a Rainha perguntou, Vovó Cera-do-Tempo vem ou não? — Ela ofegou.

— Mas é claro que ela virá —, disse Tia Ogg.

— Só que, bem, o Rei está ficando um pouco... chateado. Ele disse que estava escrito RSVP no convite —, disse Millie, tentando não olhar nos olhos de Tia Ogg.

— Ah, as bruxas nunca ReSeViPam —, disse a Tia. — Elas apenas vem e pronto.

Millie colocou a mão na frente da boca e deu uma tossidinha nervosa. Ela olhou miseravelmente para Magrat, que estava fazendo sinais de mão frenéticos.

— Só que, bem, a Rainha diz que é melhor não atrasarmos as coisas, então, é, você seria a madrinha, Senhora Ogg?

As rugas aumentaram no rosto de Tia Ogg enquanto ela sorria.

— Vamos fazer uma coisa —, ela disse alegremente, — Eu vou entrar e meio que ficar esperando até Vovó chegar aqui, posso?

Mais uma vez, Vovó-Cera-do-Tempo andava de um lado para o outro no cinza espartano de sua cozinha. Vez por outra ela olhava para o chão. Havia um grande espaço embaixo da porta e às vezes as coisas podia ser levadas para longe pelo vento. Mas ela já havia procurado uma dúzia de vezes. Ela devia ter o chão mais limpo do país agora. De qualquer forma, era tarde demais.

Mesmo assim... Uberwald...[8]

Ela caminhou para cima e para baixo mais algumas vezes.

— De jeito nenhum vou dar a eles a satisfação —, ela murmurou.

Sentou-se na cadeira de balanço, levantou-se tão depressa que a cadeira quase caiu e voltou a andar.

— Quero dizer, eu nunca fui o tipo de pessoa que se apresenta —, ela disse para o ar. — E eu não sou do tipo que vai aonde não é bem-vinda, tenho certeza.

Ela foi fazer uma xícara de chá, mexendo na chaleira com as mãos trêmulas e deixou cair a tampa do açucareiro, quebrando-a.

Uma luz chamou sua atenção. A meia-lua era visível sobre o gramado.

— De qualquer forma, não é como se eu não tivesse outras coisas para fazer

---

[8] Nos raros mapas das Ramtops que existiam, grafava-se Überwald. Mas o pessoal de Lancre nunca pegou o jeito dos sotaques e certamente não concordava em tentar equilibrar dois pontos em outra letra, onde eles apenas rolariam e causariam pontuação desnecessária.

—, disse ela. — Não posso ficar correndo para festas o tempo todo... não teria ido de qualquer maneira.

Ela se viu revirando os cantos do chão novamente e pensou: se eu tivesse encontrado o convite o menino Wattley teria batido em uma cabana vazia. Eu teria ido e me divertido. E John Ivy estaria sentado sozinho, agora...

— Droga!

Essa era a pior parte de ser bom... pegava você indo e vindo.

Ela aterrissou na cadeira de balanço novamente e enrolou o xale em volta do corpo, protegendo-se do frio. Não tinha deixado o fogo aceso. Não esperava estar em casa esta noite.

As sombras enchiam os cantos da sala, mas ela não se deu ao trabalho de acender o lampião. A vela teria que bastar.

Enquanto ela balançava, olhando para a parede, as sombras se alongavam.

Agnes seguiu Tia Ogg até o corredor. Ela provavelmente não deveria, mas muito poucas pessoas vão discutir com um chapéu de autoridade.

Pequenos países eram normais ao longo desta parte das Ramtops. Cada vale glacial, separado de seus vizinhos por uma rota que exigia uma corrida ou, na pior das hipóteses, uma escada, mais ou menos governava a si mesmo. Parecia a Agnes haver muitos reis, mesmo que alguns deles governassem à noite, depois de ordenharem as vacas. Muitos deles estavam ali, porque uma refeição grátis não é para ser desprezada. Havia também alguns anões seniores de Cabeça-de-Cobre e, bem longe deles, um grupo de trolls. Eles não carregavam armas, então Agnes presumiu que fossem políticos. Os trolls não eram estritamente súditos do rei Verence, mas estavam lá para dizer, em linguagem corporal oficial, que jogar futebol com cabeças

humanas era algo que ninguém mais fazia, muito. Dificilmente, realmente. Não por aqui, certamente. Há praticamente uma lei contra isso.

As bruxas foram conduzidas para a área em frente aos tronos e então Millie saiu correndo.

O padre Omniano acenou para elas.

— Boa, hum, noite —, disse ele e falhou completamente em incendiar alguém. Ele não era muito velho e tinha um furúnculo bastante maduro ao lado do nariz. Dentro de Agnes, Perdita fez uma careta para ele.

Tia Ogg rosnou. Agnes arriscou um breve sorriso. O padre assoou o nariz ruidosamente.

— Vocês devem ser uma dessas, hum, bruxas de quem tanto ouvi falar, disse ele. — Ele tinha um sorriso incrível. Aparecia em seu rosto como se alguém tivesse operado com um obturador. Num momento não estava lá, no momento seguinte estava. E então ele se foi.

— Hum, sim —, disse Agnes.

— Rá —, disse a Tia Ogg, que podia virar as costas para as pessoas com altivez enquanto as olhava nos olhos.

— E eu sou, eu sou, aaaa… — disse o padre. Ele parou e beliscou a ponta do nariz. — Oh, me desculpe. O ar da montanha não combina comigo. Eu sou o Reverendo Fortemente Aveia.

— Você é? — Disse Agnes. Para sua surpresa, o homem começou a ficar vermelho. Quanto mais ela olhava para ele, mais ela percebia que ele não era muito mais velho do que ela.

— Isto é, Fortemente-Louvável-Sois-Vós-Que-Exaltais-A-Aveia de OM —, ele disse. — É muito mais curto em Omniano, é claro. Por acaso vocês já ouviram a Palavra de Om?

— Qual delas? "Fogo"? — Disse Tia Ogg. — Rá!

A nascente guerra religiosa foi abruptamente interrompida pela

primeira fanfarra real oficial, terminando com alguns compassos da "Passarela do Porco-Espinho". O casal real começou a descer as escadas.

— E não aceitaremos seus modos pagãos, muito obrigado —, murmurou Tia Ogg atrás do pastor. — Não jogue água, óleo ou areia ao redor ou corte qualquer do corpo e se eu ouvir uma única palavra que eu entenda, bem, estou atrás de você com uma vara pontiaguda.[9]

Do outro lado, ele ouviu: — Ele não é algum tipo de inquisidor horrível, Tia!

— Mas meu bastão pontudo ainda é um bastão pontudo, minha garota!

O que deu nela? Agnes pensou, vendo as orelhas do pastor ficarem vermelhas. É assim que a Vovó agiria, não a Tia. Perdita acrescentou: *Talvez ela pense que deva agir assim porque a velha morcega ainda não chegou.*

Agnes ficou bastante chocada ao ouvir a si mesma pensar aquilo.

— Você faz as coisas do nosso jeito aqui, tudo bem? — Disse Tia Ogg.

— O, hum, rei explicou tudo para mim, hum —, disse o pastor. — Hum, tem alguma coisa para dor de cabeça? Eu receio que...

— Você coloca a chave em uma mão e deixa que ela segure a coroa com a outra —, continuou a Tia Ogg.

— Sim, hum, ele fez....

— Então você diz a ela qual é o nome dela, o nome da mãe e o nome do pai, resmungando um pouco sobre o último, caso a mãe não tenha certeza...

— Tia! Isso é a realeza!

— Rá, eu poderia te contar uma história ou outra, menina... bem, vejamos, você me dá a menina e eu digo a ela também e aí eu devolvo ela pra você e você fala o nome dela pras pessoas e então você dá para mim e eu dou para o pai dela e ele carrega para fora de casa e mostra para todos e todos

---

[9] As pessoas de Lancre consideravam que qualquer coisa religiosa que não fosse dita em algum discurso antigo e incompreensível provavelmente não era o artigo genuíno.

jogam o chapéu para o alto e gritam 'viva!' e então só resta as bebidas e aperitivos e cada um que se vire para encontrar seu chapéu. Agora, comece improvisando sobre o assunto do pecado e vai ficar difícil para você!

— Qual é, hum, o seu papel, madame?

— Eu sou a madrinha! Sua mãe espiritual.

— De qual, hum, espírito? De Deus? De qual deus? O jovem estava tremendo ligeiramente.

— É tradição da antiga Lancre —, disse Agnes apressadamente. — Significa algo como "mãe dada pelo divino". Está tudo bem... como bruxas, acreditamos na tolerância religiosa...

— Isso mesmo —, disse a Tia Ogg. — Mas apenas para as religiões certas, então preste atenção no que vai fazer!

O casal real chegou a seus tronos. Magrat sentou-se e, para espanto de Agnes, deu-lhe uma piscadela maliciosa. Verence não piscou. Ele permaneceu de pé e limpou a garganta para chamar atenção. — Arram!

— Tenho uma pastilha em algum lugar —, disse Tia Ogg, estendendo a mão para a perna da calcinha.

— Arram! — Os olhos de Verence dispararam em direção ao seu trono.

O que parecia ser uma almofada cinza rolou, bocejou, deu uma olhada rápida no Rei e começou a se limpar.

— Oh, Greebo! — Disse Tia Ogg. — Estava me perguntando onde você estava...

— Poderia, por favor, removê-lo, Senhora Ogg? — Disse o rei.

Agnes olhou para Magrat. A Rainha estava meio virada, com o cotovelo no braço do trono e a mão cobrindo a boca. Seus ombros tremiam.

Tia Ogg retirou seu gato do trono.

— Dizem que somente um gato pode olhar nos olhos de um rei —, disse ela.

— Não com esta expressão, eu creio —, disse Verence. Ele acenou graciosamente para as pessoas ali reunidas, justo quando o relógio do castelo começou a bater meia-noite.

— Por favor comece, Reverendo.

— Eu, hum, tinha uma pequena homilia adequada sobre o assunto de, hum, esperança para o... começou o Reverendo Aveia, mas houve um grunhido de Tia Ogg e ele de repente pareceu se inclinar ligeiramente para a frente. Piscou uma ou duas vezes e seu pomo de Adão subiu e desceu. — Mas, infelizmente, temo que não tenhamos tempo, concluiu ele rapidamente.

Magrat se inclinou e sussurrou algo no ouvido de seu marido. Agnes o ouviu dizer: — Bem, querida, acho que temos que fazer isso, esteja ela aqui ou não...

Shawn correu, ligeiramente sem fôlego e com a peruca de lado. Carregava uma almofada. No veludo desbotado estava a grande chave de ferro do castelo.

Millie Chillum entregou cuidadosamente o bebê ao padre, que o segurou com cuidado.

Pareceu ao casal real que de repente ele começou a falar com muita hesitação. Atrás dele, Tia Ogg ostentava uma expressão de extremo interesse, mas composta de aditivos cem por cento artificiais. Ficou a impressão em todos de que o pobre homem sofria de ataques frequentes de cãibras.

— ...estamos reunidos aqui juntos à vista de...um...um do outro...

— Você está bem, reverendo? — Perguntou o rei, inclinando-se para a frente.

— Nunca estive melhor, senhor, hum, garanto-lhe —, disse Aveia miseravelmente, — …Eu, portanto, te nomeio... isto é, você...

Houve uma profunda, horrível pausa.

Com o rosto vítreo, o padre entregou o bebê a Millie. Então ele tirou o chapéu, pegou um pequeno pedaço de papel do forro, leu, moveu os lábios algumas vezes enquanto dizia as palavras para si mesmo e em seguida, recolocou o chapéu na testa suada e pegou o bebê novamente.

— Eu nomeio você... Esmerelda Margaret Atenção Ortografia de Lancre!

O silêncio chocado foi subitamente preenchido.

— Atenção Ortografia de Lancre? — Disseram Magrat e Agnes juntas.

— Esmerelda? — Disse a Tia.

A bebê abriu os olhos. E as portas se abriram.

Escolhas. Sempre havia escolhas a se tomar...

Havia aquele homem em Spackle, aquele que matou aquelas criancinhas. As pessoas mandaram chamá-la e ela olhou para ele e viu a culpa se contorcendo em sua cabeça como um verme vermelho e então ela os levou para fazenda dele e mostrou onde cavar e ele se jogou diante dela e pediu-lhe misericórdia, porque ele disse que tinha bebido e tudo foi feito sob o efeito do álcool.

Suas próprias palavras lhe vieram à mente. Sobriamente ela disse: vamos logo com a corda.

Eles então o arrastaram e o dependuraram em uma corda de cânhamo e ela foi assistir porque ela devia muito a ele e ele xingou, o que foi injusto porque o enforcamento é uma morte limpa ou pelo menos mais limpa do que a morte que ele teria conseguido se os aldeões tivessem ousado desafiá-la, e ela tivesse visto a sombra de Morte vir atrás dele e atrás de Morte vieram

as figuras menores e mais brilhantes, e então...

Na escuridão, a cadeira de balanço rangeu enquanto trovejava para frente e para trás.

Os aldeões disseram que a justiça havia sido feita e ela perdeu a paciência e disse a eles para irem para casa, e rezar para quaisquer deuses em que acreditassem para que isso nunca acontecesse eles. A máscara presunçosa da virtude triunfante podia ser quase tão horrível quanto a face da maldade revelada.

Ela estremeceu com outra lembrança. Quase tão horrível, mas não tanto.

Estranhamente, muitos aldeões compareceram ao seu funeral e houve murmúrios de uma ou duas pessoas nas linhas de, sim, bem, mas no geral ele não era um sujeito tão ruim... e de qualquer maneira talvez ela o tenha feito dizer aquilo. E no final foi ela que recebeu os olhares sombrios.

Bem, supunha-se que havia justiça para todos, não havia? Para cada mendigo ignorado, cada palavra áspera, cada dever negligenciado, cada desdém... cada escolha... Porque essa era a questão, não era? Você tinha que escolher. Você pode estar certo, você pode estar errado, mas você tem que escolher, sabendo que o certo ou errado pode nunca ser claro ou mesmo que você pode estar decidindo entre dois tipos de errado, que não há certo em nenhum lugar. E sempre, sempre, você faz isso sozinha. Era você quem estava ali, sempre no limite, observando e ouvindo. Nunca havia lágrimas, nunca havia desculpas, nem arrependimentos... Você guardava tudo isso de uma forma que pudessem ser usadas quando necessário.

Ela nunca discutira aquilo com Tia Ogg ou qualquer uma das outras bruxas. Isso seria quebrar o segredo. Às vezes, tarde da noite, quando a conversa ia direto para aquela área, Tia Ogg podia simplesmente cair em alguma linha como "o velho Scrivens foi tranquilo o suficiente no final" e podia ou não querer dizer algo com aquilo. Tia Ogg, até onde ela podia ver,

não gastava muita energia com o assunto. Para ela, algumas coisas obviamente tinham que ser feitas e era tudo. Quaisquer outros pensamentos que guardasse ela os mantinha bem trancados, até mesmo de si mesma. Vovó a invejava.

Quem iria ao seu funeral quando ela morresse?

Eles não a convidaram!

Lembranças lutaram entre si. Outras figuras marcharam para as sombras ao redor da luz das velas.

Fizera coisas e estivera em lugares e descobrira maneiras de botar sua raiva para fora que haviam surpreendido até a ela. Ela enfrentou outros muito mais poderosos do que ela, nunca lhes permitindo que acreditassem nisso. Ela renunciara a tanta coisa, mas ganhara muita coisa também...

Era um sinal. Ela sabia que viria, mais cedo ou mais tarde... eles perceberam e agora ela não servia mais...

O que ela já havia ganho? A recompensa pelo trabalho fora mais trabalho. Se você cava as melhores valas, eles te dão uma pá maior.

E você tem essas paredes nuas, esse chão nu, essa cabana fria.

A escuridão nos cantos cresceu na sala e começou a se emaranhar em seu cabelo.

Eles não a convidaram!

Ela nunca, nunca pedira nada em troca. E o problema de não pedir nada em troca é que às vezes você não consegue.

Ela sempre tentou olhar para a luz. Ela sempre tentou olhar para a luz. Entretanto, quanto mais você olhava para o brilho, mais duro ele queimava em você até que finalmente a tentação a pegara e a fizera se virar para ver o quão longa, rica, forte e escura, fluindo atrás de você, sua sombra se tornara...

Alguém mencionou o nome dela.

Houve um momento de luz, sons e perplexidade.

E então ela acordou, olhou para a escuridão fluindo e viu as coisas em preto e branco.

— Sinto muito… atrasos na estrada, você sabe como é…

Os recém-chegados entraram apressados e se juntaram à multidão, que prestava pouca atenção porque estava assistindo ao entretenimento não planejado ao redor dos tronos.

— Atenção Ortografia de Lancre!

— Definitivamente um pouco complicado —, disse Tia Ogg. — Esmerelda, agora, essa foi boa. Gytha teria sido bom também, mas Esmerelda, sim, você não pode argumentar contra isso. Mas você conhece as crianças. Vão acabar chamando-a de "Feiticinha".

— Se ela tiver sorte —, disse Agnes melancolicamente.

— Eu não esperava que alguém dissesse isso! — Magrat sibilou. — Eu só queria ter certeza de que ela não acabaria como uma "Magrat"!

Fortemente-Aveia estava de pé com os olhos voltados para cima e as mãos entrelaçadas. Ocasionalmente, ele fazia um som choraminguento.

— Podemos mudar isso, não podemos? — Disse o rei Verence. — Onde está o historiador real?

Shawn tossiu. — Não é quarta-feira à noite e terei que ir buscar o chapéu adequado, senhor...

— Homem! Podemos mudar isso ou não?

— Bem... o nome já foi dado, meu senhor. Na hora e momento tradicionais. Penso que agora é seu nome oficial, mas vou ter que confirmar. Bem, todos ouviram, senhor.

— Não, você não pode mudar isso —, disse Tia Ogg, que, como mãe do historiador real, assumiu que sabia mais do que o historiador real. — Olhe para o velho Muzinha-Vaca Menininha em Fatia, por exemplo.

— O que aconteceu com ele, então? — Disse o rei bruscamente.

— Seu nome completo é James Que diabos aquela vaca está fazendo aqui, pobrezinha, disse Magrat.

— Aquele foi um dia muito estranho, eu me lembro disso —, disse a Tia.

— E se minha mãe tivesse tido bom senso o suficiente para comunicar ao irmão Perdore meu nome por escrito ao invés de complicar tudo minha vida teria sido bem diferente —, disse Magrat. Ela olhou nervosamente para Verence. — Provavelmente pior, é claro.

— Então, eu tenho que levar Esmerelda a seu povo e dizer a eles que um de seus nomes do meio é Atenção Ortografia de Lancre?

— Bem, nós tivemos um rei chamado Minha Nossa Como Ele É Pesado I —, disse Tia Ogg. — E tem muita cerveja sendo servida nas últimas horas; então, basicamente, vão se animar com qualquer coisa que você disser.

Além disso, pensou Agnes, sei que existem pessoas por aí chamadas Siphilítico Wilson, Cantozinho Tirolês e Todos os Biscoitos.[10]

Verence riu. — Oh, bem... me dê ela aqui...

— Whifm... — disse Fortemente Aveia.

— ... e talvez alguém devesse dar uma bebida a este homem.

— Sinto muito, muito mesmo —, sussurrou o padre, enquanto o rei caminhava entre as filas de convidados.

---

[10] Isso porque o pessoal de Lancre tinha uma abordagem nova, embora um tanto indireta, dos nomes, geralmente apenas escolhendo um som de que gostavam. Às vezes havia uma lógica nisso, mas apenas por acidente. Haveria uma Chlamydia Weaver andando por aí hoje se sua mãe não tivesse decidido de repente que Sally era mais fácil de soletrar.

— Me parece que ele já bebeu o bastante —, disse Tia Ogg.

— Eu nunca toco em álcool! — Gemeu o padre. Ele enxugou os olhos lacrimejantes com um lenço.

— Eu sabia que havia algo errado com ele assim que olhei para ele —, disse a Tia. — Onde está Esmê, então?

— Não sei, Tia! — Disse Agnes.

— Ela já sabe de tudo isto, guarde minhas palavras. Mais uma pena no seu chapéu, com certeza, uma princesa com o nome dela. Vai se pavonear disto por meses. Vou ver o que está acontecendo.

E saiu pisando duro.

Agnes agarrou o braço do padre.

— Vem você também —, ela suspirou.

— Eu realmente não posso, hum, expressar o quanto sinto...

— Foi uma noite muito estranha para todos.

— Eu, eu, eu nunca, hum, ouvi falar desse costume antes...

— As pessoas dão muita importância às palavras por aqui.

— Tenho muito medo de que o rei dê um mau, hum, relatório sobre mim ao irmão Melchio...

— Realmente.

Existem algumas pessoas que podem transformar até o personagem mais amável em um valentão e ele parecia ser um deles. Havia algo... meio úmido nele, o tipo de desesperança impotente que deixava as pessoas com raiva em vez de caridosas, a certeza de que se o mundo inteiro fosse uma festa, ele ainda se encontraria na cozinha.

Ela parecia que sobrara para ela cuidar dele. Os VIPs estavam todos aglomerados em torno das portas abertas, onde os gritos entusiasmados indicavam que o povo de Lancre achava que Atenção Ortografia de Lancre era um bom nome para uma futura rainha.

— Talvez você devesse apenas sentar e tentar se controlar —, disse ela. — Haverá dança mais tarde.

— Oh, eu não danço —, disse Fortemente Aveia. — A dança é uma armadilha para prender os fracos de vontade.

— Oh. Bem, suponho que haja um churrasco lá fora…

Fortemente Aveia enxugou os olhos novamente.

— Hum, algum peixe quem sabe?

— Eu duvido.

— Nós comemos apenas peixe este mês. — Mas a voz inexpressiva não parecia funcionar. Ele ainda queria falar com ela.

— Porque o profeta Brutha evitou carne, hum, quando ele estava vagando no deserto, veja você.

— Mastigando quarenta vezes?

— Perdão?

— Desculpe, eu estava pensando em outra coisa. — Contra seu melhor julgamento, Agnes deixou a curiosidade entrar em sua vida. — Quanta carne há para comer em um deserto?

— Hum, nenhuma, eu acho.

— Então ele não se recusou exatamente a comê-la, não é? — Agnes examinou a multidão reunida, mas ninguém parecia ansioso para participar dessa pequena discussão.

— Hum... você teria que, hum, perguntar ao Irmão Melchio. Sinto muito. Acho que estou com uma enxaqueca chegando...

Você não acredita em nada do que está dizendo, acredita? Agnes pensou. Nervosismo e uma espécie de terror de baixo grau irradiavam dele. Perdita acrescentou: *vermezinho chorão!*

— Eu tenho que ir e... é... ir e... eu tenho que ir e... ajudar —, disse Agnes, recuando. Ele assentiu. Quando ela saiu, ele assoou o nariz de novo,

tirou um caderninho preto do bolso, suspirou e abriu-o apressadamente em um marcador.

Ela pegou uma bandeja para adicionar um pouco de peso ao álibi, deu um passo em direção à mesa de comida, virou-se para olhar para trás, para a figura curvada, tão deslocada quanto uma ovelha perdida e esbarrou em alguém sólido como uma árvore.

— Quem é a pessoa estranha? — Disse uma voz em seu ouvido. Agnes ouviu Perdita xingá-la por pular para o lado, mas ela se recuperou e conseguiu sorrir sem jeito para a pessoa que havia falado.

Ele era um homem jovem e, ela percebeu, muito atraente. Homens atraentes não eram abundantes em Lancre, onde lamber a mão e alisar o cabelo antes de sair com uma garota era considerado chique.

Ele tem um rabo de cavalo! guinchou Perdita. *Muito legal!*

Agnes sentiu o rubor começar em algum lugar na região dos joelhos e começar sua inevitável aceleração para cima.

— É…perdão? — Disse.

— Você pode praticamente sentir o cheiro dele —, disse o homem. Ele meneou ligeiramente a cabeça para o padre triste. — Parece um corvo desalinhado, não acha?

— É…sim, — Agnes conseguiu murmurar. O rubor contornou a curva de seu seio, vermelho quente e subindo. Um rabo de cavalo em um homem era inédito em Lancre, e o corte de suas roupas também sugeria que ele havia passado algum tempo em algum lugar onde a moda mudava mais de uma vez na vida. Ninguém em Lancre jamais usara um colete bordado com pavões.

Diga algo para ele! Perdita gritou por dentro.

— Wstfgl? — Disse Agnes. Atrás dela, Poderosamente Aveia havia se levantado e estava inspecionando a comida com desconfiança.

— Com o seu perdão, o que disse?

Agnes engoliu em seco, em parte porque Perdita estava tentando sacudi-la pelo pescoço.

— Ele parece que está prestes a voar, não é? — Disse ela. *Oh, por favor, não me faça rir...*

O homem estalou os dedos. Um garçom que passava apressado com uma bandeja de bebidas girou noventa graus.

— Posso pegar uma bebida para você, senhorita Nitt?

— Hum... vinho branco? — Agnes sussurrou.

— Não, você não quer vinho branco, o tinto é muito mais... colorido, disse ele, pegando uma taça e entregando a ela. — O que nosso alvo está fazendo agora... ah, dedicando-se a um biscoito com uma quantidade bem pequena de patê, pelo que vejo...

Pergunte seu nome! Perdita gritou. Não, isso seria ir muito adiante, pensou Agnes. Perdita gritou, *você foi feita muito adiante, sua estúpida idi...*

— Por favor, permita-me apresentar-me. Eu sou Vlad, ele disse gentilmente. — Oh, agora ele está... sim, ele está prestes a atacar... sim, um *vol-au-vent* de camarão. Camarões aqui em cima? O rei Verence não poupou despesas, não é?

— Ele os mandou trazer no gelo desde Genua, — Agnes murmurou...

— Eles fazem frutos do mar muito bons lá —, eu acredito.

— Nunca estive lá —, Agnes murmurou. Dentro de sua cabeça Perdita deitou e chorou.

— Talvez possamos visitá-la um dia, Agnes —, disse Vlad.

O rubor já alcançava o pescoço de Agnes.

— Está muito quente aqui, não acha? — Disse Vlad.

— Acho que é o fogo —, disse Agnes agradecida. — Está ali, — acrescentou ela, apontando para onde uma grande quantidade de árvore

estava queimando na enorme lareira do salão e só poderia ter passado despercebida por um homem com um balde na cabeça.

— Minha irmã e eu temos... — Vlad começou.

— Me desculpe, senhorita Nitt?

— O que foi, Shawn? — *Caia morto, Shawn Ogg*, disse Perdita.

— Mamãe disse que você deve vir imediatamente, senhorita. Ela está no pátio. Disse que é importante.

— Sempre é —, disse Agnes. Ela deu a Vlad um sorriso ligeiro. — Com licença, tenho que ir ajudar uma senhora idosa.

— Tenho certeza de que nos encontraremos novamente , Agnes —, disse Vlad.

— Ah, é…obrigado.

Ela saiu apressada e estava no meio da escada quando se lembrou de que não havia dito seu nome a ele.

Dois passos adiante ela pensou: bem, ele poderia ter perguntado a alguém. Dois passos depois disso, Perdita disse: *Por que ele perguntaria a alguém o seu nome?*

Agnes amaldiçoou o fato de ter crescido com um inimigo invisível.

— Venha e olhe isso! — Sibilou Tia Ogg, agarrando-a pelo braço quando ela chegou ao pátio. Ela foi arrastada para as carruagens estacionadas perto dos estábulos. Tia Ogg acenou com o dedo para a porta do mais próximo.

— Vê isso? — Ela disse.

— Parece muito impressionante —, disse Agnes.

— Vê o brasão?

— Parece... um casal de pássaros preto e branco. Pegas, não são?

— Sim, mas olhe para a escrita —, disse Tia Ogg, com aquele prazer sombrio que as velhinhas reservam para coisas sórdidas e grandiosas.

— "Carpe Jugulum" —, leu Agnes em voz alta. — Isso é... bem, Carpe Diem é "Aproveite o dia", então isso significa...

— "Direto na jugular" —, disse Tia Ogg. — Você sabe o que nosso rei fez, para que possamos fazer nossa parte nessa nova ordem mundial em mudança e conseguir dinheiro para cercas porque Klatch teve uma hemorragia nasal quando Ankh-Morpork deu uma topada no dedo do pé? Ele foi e convidou alguns figurões de Uberwald, foi o que ele fez. Oh, alguém me belisque. Vampiros e lobisomens, lobisomens e vampiros. Seremos todos assassinados uns nas camas dos outros. Ela caminhou até a frente da carruagem e bateu na madeira perto do motorista, que estava sentado encolhido em uma enorme capa. — De onde você é, Igor?

A figura sombria se virou.

— O que fasch você penschar que meu nome é... Igor?

— Palpite de sorte? — Disse Tia Ogg.

— Você acha que todo mundo de Uberwald se chama Igor, né? Eu poderia ter qualquer outroschs milhares de nomes diferentes, mulher.

— Olha, eu sou Tia Ogg e estcha, desculpe-me, esta é Agnes Nitt. E você é…?

— Meu nome é... bem, é Igor, por asschim dizer, disse Igor.

Ele levantou um dedo apressado. — Mas podia não scher!

— Está uma noite fria. Podemos pegar alguma coisa para você? disse a Tia alegremente.

— Talvez uma toalha? — Disse Agnes.

Tia Ogg cutucou-a nas costelas para que ela ficasse em silêncio. — Uma taça de vinho, talvez? — Ela disse.

— Eu não bebo... vinho, — Disse Igor com altivez.

— Tenho um pouco de conhaque —, disse Tia Ogg, levantando a saia.

— Tá cherto, conhaque eu bebo feito um gambá.

Uma liga de calcinha vibrou na escuridão.

— Então —, disse Tia Ogg, passando o frasco, — o que você está fazendo tão longe de casa, Igor?

— Porque tem um troll eschtúpido lá embaixo na... ponte? — Disse Igor, pegando o frasco em uma mão grande que, Agnes notou, era uma massa de cicatrizes e pontos cirúrgicos.

— Ah, esse é o Big Jim Beef. O rei permite que ele viva lá embaixo, desde que pareça oficial quando chega alguém.

— Beef é um nome eschquisito para um troll.

— Ele gosta de como soa —, disse Tia Ogg. — É como um homem chamando a si mesmo de Rocky, suponho. Tipo... eu conheci um Igor de Uberwald. Era manco. Um olho um pouco mais alto que o outro. Tinha a mesma maneira de... falar. Muito bom em fazer malabarismos cerebrais também.

— Isscho parece meu tschio Igor —, disse Igor. — Ele trabalhava para o médico louco em Blinz. Ah, e ele era um médico louco de verdade, não como osch médicosch loucos que você vê hoje em dia. E os servoschs? Pior ainda. Já não se tem maisch orgulho do que se fasch hoje em dia. — Ele bateu no frasco de conhaque para enfatizar. — Quando ele mandava o tio Igor buschcar o cérebro de um gênio, era isscho que ele trazia. Nenhum daqueles rolosch de oh, eu deixei cair e depois pego um cérebro da garrafa de "louco de pedra" e torcer para que ninguém notasse. Eles schempre percebem, na verdade.

Tia Ogg deu um passo para trás. A única maneira sensata de manter uma conversa com Igor era quando você tinha um guarda-chuva.

— Acho que já ouvi falar desse cara —, disse ela. — Ele não fazia gente costurando com partes mortas de outras pessoas?

— Não! Verdade? — Disse Agnes, chocada.

— Isscho! Esse meschmo. Tem problema?

— Não, eu chamo isso de ser prudente —, disse a Tia, tirando o pé do dedão de Agnes. — Minha mãe era habilidosa em costurar um novo lençol com pedaços de velhos, e as pessoas valem mais que tecido. Então ele é seu mestre agora, não é?

— Não, meu tschio Igor inda trabalha para ele. Foi atingido por um raio trezentas vezes e ainda trabalhou uma noite inteira.

— Tome mais um gole desse conhaque, está muito frio aqui fora —, disse Tia Ogg. — Então, quem é seu mestre, Igor?

— Chama eles de meschtres? — Disse Igor, com veneno repentino e uma pequena chuveirada de saliva. — Rá! Agora o velho conde sSchim, era um cavalheiro da velha eschcola. Esse sim, sabia como trabalhar. Traje de gala todo o tempo, como manda a regra!

— Traje de gala, heim? — Disse a Tia.

— Isscho! Esses outros só usam à noite, pode imaginar isscho? No reschto do tempo, desfilam com coletes eschtravagantes e saia de renda! Rá! Sabe o que esses outros fazem?

— Nos conte…

— Eles lubrificam as dobradiças! — Igor tomou um grande gole do conhaque especial de Tia Ogg. — Alguns daqueles rangidos levam uns fudidosch de uns anosch para soarem direito. Mas agora, ah não, agora tudo é "Igor, limpe as teias de aranha da maschmorra" ou "Igor, coloque óleo direito nas lamparinas, essas tochass estão muito fora de moda!" Como é que o lugar vai parescher velho? Ser um vampiro é uma queschtão de manter a tradição, não é? Se você sche perder nas montanhas e ver uma luz acesa em um caschtelo, você tem o direito de eschperar uma porta rangente adequada e alguma cortesia do velho mundo, certo?

— É claro. E uma cama no quarto com varanda externa —, disse Tia

Ogg.

— Como eu falei, exatamente!

— Cortinas ondulantes adequadas também?

— Cherto!

— Velas de verdade?

— Passo um tempão pra que tenha cera pra todo lado. Mas ninguém se importa.

— Você tem que atentar para os detalhes, eu sempre digo —, disse Tia Ogg. — Bem, bem, bem... então nosso rei convidou vampiros, hein? Houve um baque quando Igor caiu para trás e outro som metálico quando o frasco pousou nas pedras. A Tia o recolheu e escondeu em suas roupas de baixo.

— Boa cabeça para a bebida dele —, ela comentou. Muitas pessoas nunca provaram o conhaque caseiro de Tia Ogg; era tecnicamente impossível. Assim que encontrava o calor da boca humana, imediatamente se transformava em fumaça. Você tinha que bebê-lo através de seus seios nasais.

— O que vamos fazer? — Disse Agnes.

— Fazer? Ele os convidou. Eles são convidados—, disse Tia Ogg. — Aposto que se eu perguntasse a ele, Verence me diria para cuidar da minha vida. Claro, ele não colocaria as coisas exatamente assim, acrescentou ela — , pois sabia que o rei não tinha tendências suicidas. — Ele provavelmente usaria a palavra 'respeito' duas ou três vezes pelo menos. Mas significaria a mesma coisa no final.

— Mas vampiros... o que a Vovó vai dizer?

— Ouça, minha garota, eles irão embora amanhã... bem, hoje, realmente. Vamos apenas ficar de olho neles e acenar para eles quando partirem.

— Nós nem sabemos como eles são! — Tia Ogg olhou para o reclinado Igor,

— Pensando bem, talvez eu devesse ter perguntado a ele, disse ela. Ela se animou de repente. — Ainda assim, há uma maneira de encontrá-los. Isso é algo que todo mundo sabe sobre vampiros…

Na verdade, há muitas coisas que todo mundo sabe sobre vampiros, sem realmente levar em conta que talvez os vampiros já as conheçam também. O castelo estava uma balbúrdia. Havia uma multidão em volta da mesa do bufê. Tia Ogg e Agnes estavam ajudando.

— Canapés, alguém? — Perguntou a Tia, empurrando uma bandeja dirigindo-se a um grupo de potenciais candidatos.

— Com sua licença? — Alguém disse. — Oh…canapés…

Ele pegou um *vol-au-vent* e o mordeu enquanto se voltava para o grupo.

— ... então eu disse a Sua Senhoria, que diabos é isso?

Ele se virou para se deparar sob o exame minucioso de uma velha senhora enrugada com um chapéu pontudo.

— Perdão? — Ela disse.

— Isto... isto... isto é só...pasta de alho!

— Não gosta de sabor de alho, hein? — Disse Tia Ogg, severamente.

— Eu amo alho, mas ele não gosta de mim! E isso não é só uma coisa com sabor de alho, mulher, é tudo de alho!

Tia Ogg olhou para a bandeja com uma miopia teatral.

— Não, há alguns... há um pouco de... você está certo, talvez tenhamos exagerado um pouquinho... eu vou e... só pego um pouco... eu vou...

Ela colidiu com Agnes na entrada da cozinha. Duas bandejas deslizaram para o chão, derramando *vol-au-vents* de alho, molho de alho, alho recheado com alho e pequenos cubos de alho em uma vara, enfiados em um alho.

— Ou há muitos vampiros por aqui ou estamos fazendo algo errado —

, disse Agnes categoricamente.

— Eu sempre digo que alho não é demais —, disse a Tia.

— Ninguém está gostando, Tia.

— Tudo bem, então. O que mais... ah! Todos os vampiros usam trajes de gala de noite à noite.

— Todo mundo aqui está usando algum tipo de traje de gala de noite, Tia. Exceto nós.

Tia Ogg olhou para baixo. — Este é o vestido que sempre uso à noite.

— Vampiros não deveriam aparecer em um espelho, deveriam? — Disse Agnes.

Tia Ogg estalou seus dedos. — Boa ideia! disse. — Há um nos banheiros. Eu meio que vou dar uma chegada lá. Todo mundo tem que ir mais cedo ou mais tarde.

— Mas e se um homem entrar?

— Ah, não vou me importar —, disse a Tia com desdém. — Não vou ficar embaraçada.

— Acho que poderia haver objeções —, disse Agnes, tentando ignorar a imagem mental que acabara de evocar. Tia Ogg ostentava um sorriso encantador, mas tinha que haver momentos em que você não queria que ele fosse dirigido a você.

— Temos que fazer alguma coisa. Suponha que a Vovó aparecesse agora, o que ela pensaria? — Disse Tia Ogg.

— Poderíamos apenas perguntar —, disse Agnes.

— Como é? Mãos ao alto todos os vampiros'?

— Senhoras?

Elas se voltaram.

O jovem que se apresentou como Vlad estava se aproximando. Agnes começou a enrubescer.

— Acho que vocês estavam falando sobre vampiros —, disse ele, — pegando um pastel de alho da bandeja de Agnes e mordiscando-o com todos os sinais de prazer. — Posso ajudar?

Tia Ogg o olhou de cima a baixo.

— Você sabe muito sobre eles? — Ela disse.

— Bem, eu sou um deles —, disse. — Então, suponho que a resposta seja sim. Encantado em conhecê-la, Senhora Ogg. Ele se curvou e pegou a mão dela.

— Oh, não, você não! — Disse a Tia, afastando-o. — Não me dou com sanguessugas!

— Eu sei. Bem, estou seguro de que com o tempo isto mudará. Gostaria de vir comigo e conhecer minha família?

— Por mim podem ir à merda! O que o rei estava pensando?

— Tia! — Baliu Agnes.

— Que foi?

— Você não precisa gritar assim. Não é muito... educado. Eu não acho...

— Vlad de Magpyr —, disse Vlad, curvando-se.

— ...vai morder meu pescoço!.

— Mas é claro que não, disse Vlad. — Já nos alimentamos com um tipo assim... de bandido, há pouco. A Senhora Ogg é, eu suspeito, uma refeição para ser saboreada. Tem mais destas coisinhas de alhos? São tão picantes.

— Você o que? — Disse Tia Ogg.

— Você acabou de... matar alguém? — Disse Agnes.

— Certamente. Nós somos vampiros —, disse Vlad. — Ou, como preferimos, vampyros. Com "y", soa mais moderno. Agora, venha conhecer meu pai.

— Você realmente matou alguém? — Disse Agnes.

— Certo! É isso! — Rosnou a Tia, marchando para longe. — Vou

procurar o Shawn para vir com uma estaca bem g...

Vlad tossiu discretamente e Tia Ogg parou.

— Existem várias outras coisas que as pessoas sabem sobre vampiros —, ele disse. — E uma delas é que eles têm um controle considerável sobre as mentes de criaturas inferiores.. Então, esqueçam tudo sobre vampiros, queridas senhoras. Isto é uma ordem. E venham conhecer minha família.

Agnes piscou. Ela estava ciente de que havia... algo. Algo escorregando, como uma cauda por entre seus dedos.

— Parece um jovem legal —, disse Tia Ogg, com uma voz levemente atordoada.

— Eu…ele…sim —, disse Agnes.

Algo surgiu em sua mente, como uma mensagem em uma garrafa escrita indistintamente em alguma língua estrangeira. Ela tentou, mas não conseguia entender.

— Eu gostaria que a Vovó estivesse aqui —, ela disse finalmente. — Ela saberia o que fazer.

— A respeito? — Disse Tia Ogg. — Ela não é boa em festas.

— Eu me sinto um pouco... estranha —, disse Agnes.

— Ah, pode ser a bebida —, disse a Tia.

— Não bebi nada!

— Não? Bem, aí está o problema. Vamos.

Eles se apressaram para o corredor. Embora já fosse bem depois da meia-noite, o nível de ruído estava se aproximando do limiar da dor. Quando a meia-noite está em um copo como uma grande cebola de coquetel, sempre há uma vantagem extra para o riso.

Vlad deu-lhes um aceno encorajador e acenou para um grupo ao redor do Rei Verence.

— Ah, Agnes e Tia Ogg —, disse o Rei, — Conde, posso apresentar...

— Gytha Ogg e Agnes Nitt, eu acredito —, disse o homem com quem o rei estava falando. E fez uma reverência. Por alguma razão, uma pequena parte de Agnes estava esperando um homem de aparência sombria com um penteado de viúva excitante e uma capa de ópera. Ela não conseguia atinar por quê.

Este homem parecia... bem, um cavalheiro de meios independentes e uma mente inquisitiva, talvez, o tipo de homem que sai para longas caminhadas pela manhã e passa as tardes aprimorando sua mente em sua própria biblioteca particular ou fazendo pequenos experimentos interessantes com raízes de cherívia, sem nunca, nunca, se preocupando com dinheiro. Havia algo brilhante nele e uma espécie de entusiasmo urgente e faminto, do tipo que se sente quando alguém acaba de ler um livro realmente interessante e está determinado a contar tudo a alguém.

— Permita-me apresentar a Condessa de Magpyr —, disse ele. — Essas são as bruxas das quais falei, querida. Acredito que vocês já conheçam meu filho? E esta é minha filha, Lacrimosa.

Agnes encontrou o olhar de uma garota magra em um vestido branco, com cabelos pretos muito longos e muita maquiagem nos olhos.

Definitivamente existia uma coisa como o ódio à primeira vista.

— O conde estava me contando como planeja se mudar para o castelo e governar o país —, disse Verence. — E eu estava dizendo que acredito que seria grande honra para nós.

— Muito bem —, disse Tia Ogg. — Mas se você não se importa, eu não queria perder o cara das fuinhas...

— O problema é que as pessoas sempre pensam nos vampiros em termos de dieta —, disse o Conde, enquanto Tia Ogg se afastava apressada. — É realmente muito insultuoso. Você come carne animal e vegetais, mas isso dificilmente o define, não é?

O rosto de Verence estava contorcido em um sorriso, mas parecia vítreo e irreal.

— Mas, você não bebe sangue humano? — Disse.

— Certamente. E às vezes matamos pessoas, embora quase nunca nos dias de hoje. De qualquer forma, onde exatamente está o mal nisso? Presa e caçador, caçador e presa. A ovelha foi concebida como jantar para o lobo, o lobo como um meio de prevenir o sobrepastoreio das ovelhas. Se você examinar seus dentes, senhor, verá que eles são projetados para um determinado tipo de dieta e, de fato, todo o seu corpo é construído para aproveitá-la. E assim é conosco. Tenho certeza de que as nozes e os repolhos não o incomodam com reclamações. Caçador e presa são apenas parte do grande ciclo da vida.

— Fascinante —, disse Verence. Pequenas gotas de suor rolavam por seu rosto.

— Claro, em Uberwald todos entendem isso instintivamente —, disse a Condessa. — Entretanto, trata-se de um lugar um tanto antiquado para o gosto das crianças. Daí que estamos ansiosíssimos para vir até Lancre.

— Fico muito feliz em ouvir isso —, disse Verence.

— E que gentileza sua nos convidar —, ela continuou. — Caso contrário, não poderíamos ter vindo, é claro.

— Não exatamente —, disse o conde, sorrindo para sua esposa. — Mas tenho que admitir que a proibição de entrar em lugares não convidados provou ser curiosamente... durável. Deve ter algo a ver com antigos instintos territoriais. Mas —, ele acrescentou brilhantemente, — eu tenho trabalhado em uma técnica de ensino que tenho certeza que, dentro de alguns anos...

— Oh, não vamos passar por todas essas coisas chatas de novo —, disse Lacrimosa.

— Sim, suponho que possa soar um pouco tedioso —, disse o conde,

sorrindo com benevolência para a filha. — Alguém tem mais desse maravilhoso molho de alho?

O rei ainda parecia inquieto, notou Agnes. O que era estranho, porque o conde e sua família pareciam absolutamente encantadores e o que eles diziam fazia todo o sentido. Tudo estava perfeitamente bem.

— Exatamente —, disse Vlad, ao lado dela. — Você dança, senhorita Nitt? — Do outro lado da sala, a Orquestra Sinfônica Ligeira de Lancre (conduzida por S. Ogg) estava tocando e batendo, para cima e para baixo, aleatoriamente.

— É... hum —, Agnes se conteve antes que sua voz se transformasse em uma risadinha. — Não realmente. Não muito bem…

Você não ouviu o que eles estavam dizendo? São vampiros!

— Cale a boca —, Ela disse baixinho.

— Perdão? — Disse Vlad, parecendo confuso.

— E eles são... bem, eles não são uma orquestra muito boa...

Você não prestou atenção no que eles estavam dizendo, sua inútil?

— Eles são uma orquestra muito ruim —, disse Vlad.

— Bem, o Rei só comprou os instrumentos no mês passado e basicamente eles estão tentando aprender junto...

Corte a cabeça dele! Dê-lhe um lavagem intestinal de alho!

— Está tudo bem? Você sabe que não, absolutamente, não há vampiros aqui, não é…?

Ele está controlando você!! Perdita gritou. *Eles estão... controlando as pessoas!*

— Estou um pouco... fraca de tanta excitação —, Agnes murmurou. — Acho que vou para casa. — Algum instinto no nível da medula óssea a fez acrescentar: — Vou pedir a Tia Ogg para ir comigo.

Vlad deu a ela um olhar estranho, como se ela não estivesse reagindo

da maneira certa. Então ele sorriu. Agnes notou que ele tinha dentes muito brancos.

— Acho que nunca conheci ninguém como você, senhorita Nitt —, disse ele. — Há algo tão... interior em você.

Essa sou eu! Essa sou eu! Não pode me perceber! Agora vamos as duas sair daqui! Gritou Perdita.

— Mas nos encontraremos novamente.

Agnes deu-lhe um aceno de cabeça e cambaleou para longe, segurando a cabeça. Parecia um novelo de algodão no qual havia, inexplicavelmente, uma agulha.

Ela passou por Fortemente-Aveia, que havia deixado cair o livro no chão e estava sentado gemendo com a cabeça entre as mãos. Ele levantou-se para olhar para ela. — Hum... senhorita, você tem alguma coisa que possa ajudar com minha cabeça? — Ele disse. — É realmente... bastante doloroso...

— A rainha faz algum tipo de remédio para dor de cabeça com casca de salgueiro —, Agnes ofegou, e se apressou.

Tia Ogg estava de pé, taciturna, com uma cerveja na mão, uma combinação até então inédita.

— O malabarista com as fuinhas não apareceu —, disse ela. — Bem, vou espalhar pra todo mundo. Acabou o show business pra ele por estes lados.

— Você poderia... me ajudar a chegar em casa, Tia?

— E daí se ele foi mordido no essencial, isso faz parte de... Você está bem?

— Eu me sinto muito mal, Tia.

— Vamos então. Toda a boa cerveja acabou e eu não vou parar de qualquer maneira se não houver nada para rir.

O vento assobiava no céu quando voltavam para a cabana de Agnes. Na verdade, parecia mais apito do que vento. As árvores sem folhas rangiam ao passar, o fraco luar enchendo os beirais da floresta com sombras perigosas. Nuvens estavam se acumulando e havia mais chuva no caminho.

Agnes notou que Tia Ogg pegou algo quando elas deixaram a cidade para trás.

Era um bastão. Ela nunca tinha conhecido antes uma bruxa carregando uma vara à noite antes.

— Por que você tá carregando isso, Tia?

— Como é? Oh? Não sei, realmente. Está uma noite meio inquietante, não é...?

— Mas você nunca tem medo de nada em Lan...

Várias coisas passaram pelos arbustos e caíram na estrada à frente. Por um momento Agnes pensou que fossem cavalos, até que o luar os iluminou. Então eles desapareceram, nas sombras do outro lado da estrada. Ela ouviu um barulho de galope por entre as árvores.

— Faz muito tempo que não vejo nenhum desses —, disse Tia Ogg.

— Nunca vi centauros, exceto em pinturas —, disse Agnes.

— Devem ter vindo de Uberwald, disse a Tia. — É bom vê-los novamente.

Agnes acendeu as velas apressadamente quando entrou na cabana e desejou que houvesse ferrolhos na porta.

— Apenas sente-se —, disse Tia Ogg, — vou pegar um copo d'água, eu sei me virar por aqui.

— Está tudo bem, eu...

O braço esquerdo de Agnes estremeceu. Para seu horror, ele balançou o cotovelo e acenou com a mão para cima e para baixo na frente de seu rosto, como se guiado por uma mente própria.

— Sentindo um pouco de calor, não é? — Disse Tia Ogg.

— Eu vou pegar a água! — Ofegou Agnes.

Ela correu para a cozinha, segurando o pulso esquerdo com a mão direita. Ele se desvencilhou, pegou uma faca do escorredor e cravou-a na parede, arrastando-a de modo que formasse letras toscas no reboco esfarelado: VMPIR.

Deixou cair a faca, agarrou o próprio cabelo da nuca e enfiou seu rosto a centímetros das letras.

— Tudo bem, aí? — Tia Ogg falou do cômodo vizinho.

— É..., sim, mas acho que estou tentando me dizer algo...

Um movimento a fez virar. Um homenzinho azul usando um gorro azul estava olhando para ela das prateleiras sobre o lavatório. Ele mostrou a língua, fez um pequeno gesto obsceno e desapareceu atrás de um saco de sabão em pó.

— Tia?

— Sim, querida?

— Existem coisas como ratos azuis?

— Não enquanto você estiver sóbria, querida.

— Eu acho... que estou me devendo uma bebida, então. Será que sobrou algum conhaque?

Tia Ogg entrou, abrindo o frasco.

— Eu completei na festa. Claro, são coisas compradas em lojas, você não poderia...

A mão esquerda de Agnes pegou e derramou em sua garganta. Então ela tossiu tanto que um pouco subiu pelo nariz.

— Espere, espere, não é tão fraco assim —, disse Tia Ogg. Agnes largou o frasco na mesa da cozinha.

— Certo —, ela disse, e sua voz soou bem diferente para Tia Ogg, — Meu nome é Perdita e estou assumindo este corpo agora mesmo.

Hodgesaargh sentiu o cheiro de madeira queimada enquanto levava o falcoeiro de volta, mas o atribuiu ao fato de estar perto da fogueira no pátio. Ele saíra cedo da festa. Ninguém queria falar sobre falcões.

O cheiro era muito forte quando ele olhou para os pássaros e viu a pequena chama no meio do chão. Ele olhou para ela por um segundo, então pegou um balde de água e jogou.

A chama continuou a piscar suavemente em uma pedra nua que estava inundada com água.

Hodgesaargh olhou para os pássaros. Eles estavam observando com interesse; normalmente eles ficariam frenéticos na presença de fogo.

Hodgesaargh nunca foi de entrar em pânico. Ele observou por um tempo e então pegou um pedaço de madeira e gentilmente o tocou na chama. O fogo saltou para a madeira e continuou queimando.

A madeira nem sequer ficou chamuscada.

Ele encontrou outro galho e o esfregou contra a chama, que deslizou facilmente de um para o outro. Havia uma chama. Estava claro que não haveria duas.

Metade das grades da janela havia sido queimada e havia alguma madeira queimada no final dos estábulos, onde os velhos ninhos haviam sido colocados. Acima dela, algumas estrelas brilhavam através de farrapos de névoa sobre um buraco carbonizado no telhado.

Algo havia queimado ali, Hodgesaargh viu. Ferozmente, pelo que parecia. Mas também de uma forma curiosamente local, como se todo o calor tivesse sido de alguma forma contido…

Ele estendeu a mão para a chama dançando na ponta do bastão. Estava quente, mas... não tão quente quanto deveria.

Agora estava no dedo. Ele formigava. Enquanto ele o balançava, a cabeça de cada pássaro se virava para observá-lo.

À sua luz, ele vasculhou os restos carbonizados das caixas de ninho. Nas cinzas havia pedaços de casca de ovo quebrada.

Hodgesaargh pegou-os e carregou-os para a pequena sala lotada no final dos estábulos que servia como oficina e quarto. Ele equilibrou a chama em um pires. Aqui dentro, onde estava mais silencioso, ele podia ouvi-lo fazendo um leve chiado.

Na penumbra, ele olhou para a única estante lotada sobre sua cama e puxou um enorme volume esfarrapado em cuja capa alguém havia escrito, séculos atrás, a palavra — Péssarus.

O livro era um enorme livro-caixa. A lombada havia sido cortada e ampliada inabilmente várias vezes para que mais páginas pudessem ser coladas.

Os falcoeiros de Lancre sabiam muito sobre pássaros. O reino estava em uma das principais rotas de migração entre o Eixo e a Borda. Os falcões abateram muitas espécies estranhas ao longo dos séculos e os falcoeiros, com muito cuidado, fizeram anotações. As páginas estavam repletas de desenhos e escrita espaçada, as entradas copiadas e recopiadas e atualizadas ao longo dos anos. A pena ocasional cuidadosamente colada a uma página aumentou a espessura da coisa.

Ninguém jamais se preocupou com um índice, mas algum falcoeiro do passado organizou consideravelmente muitas das entradas em ordem

alfabética.

Hodgesaargh olhou novamente para a chama queimando firmemente em seu pires e então, manejando as páginas quebradiças com cuidado, foi até 'F.'

Depois de folhear mais um pouco, finalmente encontrou o que procurava em 'P'.

No fundo da falcoaria, na sombra mais profunda, algo se encolheu.

Havia três prateleiras de livros na casa de Agnes. Pelos padrões das bruxas, era uma biblioteca gigante.

Duas pequeninas figuras azuis jaziam em cima dos livros, observando a cena com interesse.

Tia Ogg recuou, acenando com o atiçador.

— Tudo bem —, disse Agnes. — Sou eu de novo, Agnes Nitt, mas... ela está aqui, mas... estou meio que me segurando. Sim! Sim! Tudo bem! Tudo, apenas cale a boca, que...Olha, é o meu corpo, você é apenas um produto de minha imagin...Ok! Ok! Talvez não esteja tão claro c...deixe-me falar com Tia Ogg, pode ser?

— Qual delas é você agora? — Disse Tia Ogg.

— Eu ainda sou Agnes, é claro. — Ela revirou os olhos. — Tudo bem! Eu sou Agnes, atualmente sendo assessorada por Perdita, que também sou eu. De certo modo. E eu não sou muito gorda, muito obrigada!

— Quantas de vocês estão aí? — Disse Tia Ogg.

— O que você quer dizer com "espaço para dez"? — Gritou Agnes.

— Cala a boca! Ouça, Perdita disse que havia vampiros na festa. A família Magpyr, diz ela. Ela não consegue entender o modo como agimos.

— Eles estavam colocando uma espécie de... influência sobre todo mundo. Inclusive eu, e é por isso que ela conseguiu quebrar o... Sim, tudo bem, estou contando, obrigada!

— Por que não ela, então? — Disse Tia Ogg.

— Porque ela tem vontade própria! Tia, você consegue se lembrar de alguma coisa que eles realmente disseram?

— Agora que você mencionou isso, não. Mas eles pareciam pessoas bem legais.

— E você se lembra de falar com Igor?

— Quem é Igor?

As minúsculas figuras azuis assistiram, fascinadas, pela próxima meia hora. Terminadas as explicações, Tia Ogg sentou-se um pouco e olhou para o teto.

— Por que deveríamos acreditar nela? — Disse por fim.

— Porque ela sou eu.

— Eles dizem que dentro de toda garota gorda há uma garota magra e... — Começou Tia Ogg.

— Sim —, disse Agnes amargamente. — Já ouvi isto. Sim. — Ela é a garota magra. Eu sou o montão de chocolate.

Tia Ogg se inclinou na direção do ouvido de Agnes e ergueu a voz. — Como você está indo aí? Tudo bem, não é? Ela está te tratando bem, não é?

— Ah, Tia. Muito engraçado.

— Eles estavam dizendo todas essas coisas sobre beber sangue e matar pessoas e todo mundo estava apenas balançando a cabeça e dizendo: "Bem, bem, que fascinante" ?

— Sim!

— E comendo alho?

— E isso é...!

— Isso não pode estar certo, pode?

— Não sei, talvez tenhamos usado o tipo errado de alho! — Tia Ogg coçou o queixo, dividida entre a revelação vampírica e a curiosidade brincalhona sobre Perdita.

— Como Perdita funciona, então? — Ela perguntou.

Agnes suspirou. — Olha, você conhece a parte de você que quer fazer todas as coisas que você não ousa fazer e tem pensamentos que você não ousa pensar?

O rosto de Tia Ogg permaneceu impassível. Agnes embatucou. — Tipo... talvez... arrancar todas as suas roupas e correr nua na chuva? — Ela arriscou.

— Oh sim. Certo —, Tia Ogg disse.

— Bem... suponho que Perdita seja essa parte de mim.

— Mesmo? Bem, eu sempre fui essa parte de mim —, disse a Tia. — O importante é sempre lembrar onde deixou a roupa.

Agnes lembrou tarde demais que Tia Ogg era, em muitos aspectos, uma personalidade muito descomplicada.

— Veja bem, acho que sei o que você quer dizer —, Tia Ogg continuou com uma voz mais pensativa. — Há momentos em que eu queria fazer coisas e me contive… — Ela balançou a cabeça. — Mas... vampiros... Verence não seria tão estúpido a ponto de enviar um convite para vampiros, não é? — Ela parou para pensar. — Sim, ele faria. Provavelmente pensou nisso como oferecer a mão da amizade.

Ela levantou-se. — Certo, eles não devem ter saído ainda. Vamos direto ao ponto. Você arruma algum alho extra e algumas estacas e vou reunir Shawn, Jason e os rapazes.

— Não vai funcionar, Tia. Perdita viu o que eles podem fazer. No momento em que você chegar perto deles, você vai esquecer tudo sobre isso. Eles fazem algo com sua mente, Tia.

Tia Ogg hesitou.

— Não posso dizer que sei muito sobre vampiros —, disse ela.

— Perdita acha que eles podem dizer o que você está pensando também.

— Então, tipo aquela coisa da Esmê —, disse Tia Ogg. — Mexer com mentes e assim por diante. É o café com leite dela.

— Tia, eles estavam falando sobre ficar por aqui! Temos que fazer alguma coisa!

— Bem, onde será que ela está? — Tia Ogg quase chorou. — Esmê deveria estar cuidando disso!

— Talvez eles tenham chegado a ela primeiro?

— Acha que foi isto? — Disse Tia Ogg, agora parecendo bastante em pânico. — Eu não consigo pensar em um vampiro enfiando os dentes em Esmê.

— Não se preocupe, cachorro não come cachorro. — Foi Perdita quem deixou escapar, mas foi Agnes quem levou o golpe. Não foi um tapa feminino de desaprovação. Tia Ogg criara alguns filhos robustos; o antebraço Ogg era um poder por direito próprio.

Quando Agnes ergueu os olhos do tapete, Tia Ogg estava esfregando um pouco de vida de volta em sua mão. Ela deu a Agnes um olhar solene.

— Não vamos falar mais sobre isso, certo? — Ela comandou. — Geralmente não sou dada a fisicalidades dessa natureza, mas isso evita muitas discussões. Agora, vamos voltar para o castelo. Vamos resolver isso agora mesmo.

Hodgesaargh fechou o livro e olhou para a chama. Era verdade, então. Havia até uma pintura de uma igual no livro, meticulosamente desenhada

por outro falcoeiro real duzentos anos antes. Ele escreveu que havia encontrado a coisa nos altos prados, em uma primavera. Ele queimou por três anos e então ele o perdeu em algum lugar.

Se você olhasse de perto, poderia até ver os detalhes. Não era exatamente uma chama. Era mais como uma pena brilhante…

Bem, Lancre estava em uma das principais rotas de migração, para pássaros de todos os tipos. Era apenas uma questão de tempo.

Então... o filhote estava por perto. Eles precisavam de tempo para crescer, dizia o livro. Estranho que tenha botado um ovo aqui, porque dizia no livro que eles sempre eram chocado nos desertos ardentes de Klatch.

Ele olhou para os pássaros na falcoaria. Eles ainda estavam muito alertas.

Sim, tudo fazia sentido. Ele voou para cá, entre o conforto de outros pássaros e pôs seu ovo, exatamente como diz no livro e então se queimou para chocar o novo pássaro.

Se Hodgesaargh tinha um defeito, ele residia em sua visão bastante utilitária do mundo dos pássaros. Havia pássaros que você caçava, e havia pássaros com quem você caçava. Oh, havia outros tipos, pipilando nos arbustos, mas eles realmente não contavam. Ocorreu a ele que, se houvesse um pássaro com o qual você pudesse caçar, seria a fênix.

Oh sim. Seria fraco e jovem e não teria ido longe.

Hmm... os pássaros tendem a pensar da mesma maneira, afinal.

Teria ajudado se houvesse uma pintura no livro. Na verdade, havia várias, todos cuidadosamente desenhados por antigos falcoeiros que afirmavam ser um pássaro de fogo o que tinham visto. Além do fato de que todos tinham asas e bico, não havia dois remotamente iguais. Uma parecia muito com uma garça. Outro parecia um ganso. Um outro, e ele coçou a cabeça sobre isso, parecia ser um pardal. Era meio que um quebra-cabeça,

ele decidiu, e deixou por isso mesmo e selecionou um desenho que parecia pelo menos só um pouco estranho.

Ele olhou para as luvas de pássaro penduradas em seus ganchos. Ele era bom em criar pássaros jovens. Ele poderia fazê-los comer em sua mão. Mais tarde, é claro, eles apenas comeriam sua mão.

Sim. Pegue-o jovem e treine-o para ir ao seu pulso. Seria um pássaro campeão de caça.

Hodgesaargh não conseguia imaginar uma fênix como presa. Até porque, como você poderia cozinhá-lo?

…e no canto mais escuro da falcoaria, algo pulou em um poleiro…

Mais uma vez, Agnes teve que correr para acompanhá-la enquanto Tia Ogg entrava no pátio, batendo os cotovelos furiosamente. A velha marchou até um grupo de homens em volta de um dos barris e agarrou dois deles, derramando suas bebidas. Se não fosse Tia Ogg, isso teria sido um desafio igual a jogar uma luva ou, em círculos um pouco menos exaltados, quebrar uma garrafa no balcão de um bar.

Mas os homens pareciam envergonhados e um ou dois dos outros no círculo até arrastaram os pés e tentaram esconder suas cervejas nas costas.

— Jason? Darren? Vocês vêm comigo —, Tia Ogg ordenou. — Vamos atrás de vampiros, certo? Alguma estaca afiada por aqui?

— Não, mãe, disse Jason, o único ferreiro de Lancre. — Então ele levantou a mão. — Mas, dez minutos atrás, a cozinheira saiu e perguntou se alguém queria todas essas coisas gostosas que alguém havia estragado com alho e eu comi, mãe.

Tia Ogg fungou e deu um passo para trás, abanando a mão na frente do

rosto. — Sim, isso vai ter que bastar, disse ela. — Se eu der o sinal, você vai arrotar muito, entendeu?

— Acho que não vai funcionar, Tia —, disse Agnes, com tanta ousadia quanto ousava.

— Não vejo porque não, está quase me derrubando.

— Eu te disse, você não vai chegar perto o suficiente, mesmo que funcione. Perdita percebeu isso. É como estar bêbado.

— Estarei pronta para eles desta vez, disse Tia Ogg. — Eu aprendi uma ou duas coisas com Esmê.

— Sim, mas ela... — Agnes ia dizer "é melhor nestas coisas que você", mas mudou para — não está aqui…

— Pode ser, mas prefiro enfrentá-los agora do que explicar a Esmê que não o fiz. Vamos.

Agnes seguiu os Oggs, porém como muitas reservas. Ela não tinha certeza do quanto confiava em Perdita.

Alguns convidados haviam partido, mas o castelo havia servido um banquete muito bom e as pessoas de Ramtop, em qualquer nível social, nunca eram do tipo que deixava passar uma mesa farta.

Tia Ogg olhou para a multidão e agarrou Shawn, que estava passando com uma bandeja.

— Onde estão os vampiros?

— Quem, mãe?

— Aquele Conde... Magpie...

— Magpyr —, disse Agnes.

— Ele mesmo, disse a Tia.

— Ele não está... ele foi para... para o solar, mãe. Todos eles têm... Que cheiro de alho é esse, mãe?

— É do seu irmão. Tudo bem, vamos continuar.

O solar ficava bem no topo da torre de menagem. Era velho, frio e ventoso. Verence havia colocado vidro nas enormes janelas por insistência de sua rainha, o que apenas significava que agora a enorme sala atraía o tipo mais astuto e insidioso de corrente de ar. Mas era a sala real, não tão pública quanto o grande salão, mas o lugar onde o rei recebia visitantes quando estava sendo formalmente informal.

A força expedicionária de Tia Ogg subiu a escada em espiral. Ela avançou pelo carpete bom, mas puído, até o grupo sentado ao redor do fogo.

Ela respirou fundo.

— Ah, Senhora Ogg —, disse Verence, desesperado. — Junte-se a nós.

Agnes olhou de soslaio para Tia Ogg e viu seu rosto se contorcer em um estranho sorriso.

O conde estava sentado na grande cadeira perto do fogo, com Vlad de pé atrás dele. Ambos pareciam muito bonitos, ela pensou. Comparado a eles, Verence, em suas roupas que nunca pareciam se encaixar direito e expressão permanentemente agoniada, parecia deslocado.

— O conde estava apenas explicando como Lancre se tornará um ducado de suas terras em Uberwald —, disse Verence. — Mas ainda seremos referidos como um reino, o que eu acho muito razoável da parte dele, você não concorda?

— Sugestão muito boa —, disse Tia Ogg.

— Haverá impostos, é claro —, disse o conde. — Nada muito pesado. Nós não queremos seu sangue, figurativamente falando! — Ele sorriu com a piada.

— Parece razoável para mim —, disse Tia Ogg.

— É, não é? — Disse o Conde, sorrindo. — Eu sabia que daria muito certo. E estou tão satisfeito, Verence, em ver sua atitude essencialmente moderna. As pessoas têm uma ideia completamente errada sobre vampiros,

você vê. Somos assassinos diabólicos? — Ele sorriu para eles. — Bem, sim, claro que somos. Mas somente quando necessário. Francamente, dificilmente poderíamos esperar governar um país se saíssemos matando todo mundo o tempo todo, não é? Não sobraria ninguém para governar, para começar! — Houve risadas educadas, a mais alta de todas do Conde.

Fazia todo o sentido para Agnes. O conde era claramente um homem justo. Qualquer um que não pensasse assim merecia morrer.

— Somos apenas seres humanos —, disse a condessa. — Bem…de fato, não apenas humanos. Mas se você nos picar, não sangramos? O que sempre me pareceu um desperdício.

Eles pegaram você de novo, disse uma voz em sua mente.

Vlad ergueu a cabeça. Agnes sentiu que ele a encarava.

— Estamos, acima de tudo, atualizados —, disse o conde. — E nós gostamos do que você fez com este castelo, devo dizer.

— Oh, aquelas tochas lá em casa! — Disse a condessa, revirando os olhos. — E algumas das coisas nas masmorras, bem, quando as vi quase morri de vergonha. São de quase... quinze séculos atrás.

— Se você é um vampiro, então você é. — Ele riu com desdém, — e é isso. Caixões, sim, claro, mas não adianta ficar se escondendo como se tivesse vergonha do que você é, não é? Todos nós temos... necessidades.

Vocês estão todos parados como coelhos na frente de uma raposa! Perdita enfureceu-se nas cavernas do cérebro de Agnes.

— Oh! disse a Condessa —, batendo palmas. — Vejo que você tem um pianoforte!

O instrumento estava coberto com um lençol num canto da sala, onde já estava há quatro meses. Verence tinha encomendado porque tinha ouvido falar que eles eram muito modernos, mas a única pessoa no reino que chegou perto de dominá-lo foi Tia Ogg que, como ela dizia, aparecia

ocasionalmente para tocar os marfins.[11] Então foi encoberto por ordem de Magrat e o boato do palácio era que Verence havia levado uma surra por comprar o que era efetivamente um elefante assassinado.

— Lacrimosa ficaria encantada de tocar para vocês —, ordenou a condessa.

— Oh, mãe —, disse Lacrimosa.

— Tenho certeza de que vamos adorar —, disse Verence. Agnes não teria notado o suor escorrendo por seu rosto se Perdita não o tivesse apontado.

Ele está tentando lutar contra isso, disse ela. *Você não está feliz por me ter com você?*

Houve alguma agitação enquanto um maço de partituras foi puxado para fora do banquinho do piano e a jovem sentou-se para tocar. Ela olhou para Agnes antes de começar. Havia algum tipo de química ali, embora fosse do tipo que resulta na evacuação de todo o prédio.

Não é música, é um saco de gatos, disse Perdita dentro dela, após os primeiros compassos. *Todo mundo está ouvindo como se fosse maravilhoso, mas é horrível!*

Agnes se concentrou. A música era linda, mas se ela realmente prestasse atenção, com Perdita cutucando-a, não estava realmente ali. Parecia alguém tocando escalas, mal e com raiva.

Posso dizer isso a qualquer momento, ela pensou. A hora que eu quiser, posso simplesmente acordar.

---

[11] O rei Verence estava muito interessado em que alguém compusesse um hino nacional para Lancre, possivelmente referindo-se às suas belas árvores e ofereceu uma pequena recompensa. Tia Ogg raciocinou que seria dinheiro fácil porque os hinos nacionais sempre têm apenas um verso ou, melhor, todos têm o mesmo segundo verso, que vai "nur…hnur… mur…nur nur, hnur…nur…nur, hnur" em alguns comprimento até que todos se lembrem da última linha do primeiro verso e cantem o mais alto que puderem.

Todos aplaudiram educadamente. Agnes tentou, mas descobriu que sua mão esquerda estava repentinamente em greve. Perdita estava ficando mais forte no braço esquerdo.

Vlad estava ao lado dela tão rapidamente que ela nem percebeu que ele havia se movido.

— Você é uma... mulher fascinante, senhorita Nitt —, disse ele. — Que cabelo lindo, posso me atrever a dizer? Mas quem é Perdita?

— Ninguém, realmente, — Agnes murmurou. Ela lutou contra a vontade de fechar a mão esquerda em punho. Perdita estava gritando com ela novamente.

Vlad acariciou uma mecha de seu cabelo. Era, ela sabia, um cabelo bonito. Não era simplesmente um cabelo grande, era um cabelo enorme, como se ela estivesse tentando contrabalançar seu corpo. Era brilhante, nunca rachava e era extremamente bem-comportado, exceto por uma tendência a destruir pentes.

— Destruir pentes? — Disse Vlad, enrolando o cabelo em seu dedo.

— Sim, é...

Ele pode ver o que você está pensando.

Vlad parecia confuso novamente, como alguém tentando distinguir algum ruído fraco.

— Você... pode resistir, não pode? — Disse ele. — Eu estava observando você quando Lacci tocava piano e desafinava. Tem algum sangue de vampiro em você?

— Como é? Não!

— Pode ser arranjado, rá, rá. — Ele sorriu. Era o tipo de sorriso que Agnes supôs ser chamado de contagioso, mas o sarampo também era. Preenchia seu futuro imediato. Algo se derramava sobre ela como uma nuvem fofa rosa dizendo: está tudo bem, está tudo bem, está tudo certo...

— Olhe para a Senhora Ogg lá —, disse Vlad. — Sorrindo como uma abóbora, não está? E ela é aparentemente uma das bruxas mais poderosas das montanhas. É quase angustiante, você não acha?

Diga a ele que você sabe que ele pode ler mentes, ordenou Perdita.

E, novamente, o olhar intrigado e questionador.

— Você pode... — Agnes começou.

— Não, não exatamente. Apenas pessoas —, disse Vlad. — Sempre estamos aprendendo. E às vezes temos uma iluminação. Ele se jogou em um sofá, uma perna sobre o braço e olhou pensativo para ela.

— As coisas vão mudar, Agnes Nitt —, disse ele. — Meu pai tem razão. Por que se esconder em castelos escuros? Por que devemos nos envergonhar? Nós somos vampiros. Ou melhor, vampyros. Papai está um pouco entusiasmado com a nova ortografia. Ele diz que indica uma ruptura total com um passado estúpido e supersticioso. De qualquer forma, não é nossa culpa. Nós nascemos vampiros.

— Eu pensei que vocês se tornassem...

— ...vampiros, sendo mordidos? Por favor, não. Ah, podemos transformar pessoas em vampiros, é uma técnica fácil, mas qual seria o objetivo? Quando você come... aliás, o que é que você come? Oh sim, chocolate… você não quer transformá-lo em outra Agnes Nitt, quer? Menos chocolate para repartir. — Ele suspirou. — Oh querida, superstição, superstição para todo que viramos. Não é verdade que estamos aqui há pelo menos dez minutos e seu pescoço não tem nada além de uma pequena quantidade de sabão que você não lavou?

A mão de Agnes voou para sua garganta.

— Nós observamos estas coisas —, Vlad disse. — E agora estamos aqui para observá-los. Oh, papai é poderoso à sua maneira e um pensador bastante avançado, mas acho que nem ele está ciente das possibilidades. Eu

não posso te dizer como é bom estar fora do lugar comum, senhorita Nitt. Os lobisomens... oh querida, os lobisomens... Pessoas maravilhosas, nem é preciso dizer e é claro que o Barão tem um certo estilo rude, mas realmente... dê a eles uma boa caçada ao veado, um lugar quente em frente ao fogo e um bom grande osso e o resto do mundo pode se danar. Temos feito o nosso melhor, realmente o fizemos. Ninguém fez mais do que papai para trazer nossa parte do país para o século do morcego-de-fruta...

— Está quase acabando... — Agnes começou.

— Talvez seja por isso que ele está tão interessado —, disse Vlad. — O lugar está cheio de... bem, restos. Por exemplo…centauros? De fato! Eles não têm como sobreviver. Eles estão fora do lugar. E, francamente, todas as outras raças inferiores são tão ruins quanto. Os trolls são estúpidos, os anões são desonestos, os duendes são maus e os gnomos grudam nos dentes. Já é tempo de que se vão. Expulsos mesmo. Temos grandes esperanças em Lancre. — Ele olhou em volta com desdém. — Depois de alguma redecoração.

Agnes olhou para Tia Ogg e seus filhos. Eles estavam ouvindo com bastante satisfação a pior música desde que a gaita de foles de Shawn Ogg havia caído escada abaixo. — E... você está tomando nosso país? — Ela disse. — Bem desse jeito?

Vlad deu a ela outro sorriso, levantou-se e caminhou em direção a ela. — Oh sim. Sem derramamento de sangue. Bem…metaforicamente. Você é realmente notável, senhorita Nitt. As garotas de Uberwald são tão parecidas com ovelhas. Mas você... você está escondendo algo de mim. Tudo o que sinto me diz que você está totalmente sob meu poder, mas não está. Ele riu. — Isso é delicioso…

Agnes sentiu sua mente se desenrolar. A névoa rosa estava soprando em sua cabeça…

… e saindo dela, mortal e profundamente escondido, estava o iceberg de Perdita.

Quando Agnes voltava para o rosa, ela sentia o formigamento se espalhar por seus braços e pernas. Não era agradável. Era como sentir alguém parado bem atrás de você e, em seguida, senti-lo dar um passo à frente.

Agnes o teria afastado com um empurrão. Ou seja, Agnes teria hesitado e tentado se livrar das coisas, mas se o empurrão tivesse chegado, ela teria pressionado com força. Mas Perdita atacou, e quando sua mão estava no meio do caminho, ela virou a palma para fora e enrolou os dedos para colocar as unhas em ação...

Ele pegou seu pulso, sua mão se movendo em um borrão.

— Muito bem —, disse ele, rindo.

A outra mão dele disparou e pegou o outro braço dela enquanto balançava.

— Gosto de uma mulher com espírito!

No entanto, ele estava sem mãos e Perdita ainda tinha uma joelhada reserva. Os olhos de Vlad se cruzaram e ele fez aquele pequeno som melhor registrado como "ghni"… enquanto se dobrava.

Perdita se afastou e correu até Tia Ogg, agarrando o braço da mulher.

— Tia, estamos saindo!

— Estamos, querida? — Disse Tia Ogg calmamente, sem fazer nenhum movimento.

— E Jason e Darren também!

Perdita não lia tanto quanto Agnes. Achava que os livros eram chatos. Mas agora ela realmente precisava saber: *o que você usa contra vampiros?*

Símbolos sagrados! Agnes alertou de dentro de si.

Perdita olhou em volta desesperadamente. Nada na sala parecia

particularmente sagrado. A religião, além de seu uso como uma espécie de registrador cósmico, nunca se popularizou em Lancre.

— A luz do dia é sempre boa, minha querida —, disse a Condessa, que devia ter captado o fio de seu pensamento. — Seu tio sempre teve grandes janelas e cortinas que se abriam num segundo, não é, conde?

— Sim, de fato —, disse o conde.

— E quando se tratava de água corrente, ele sempre mantinha o fosso fluindo perfeitamente, não é?

— Alimentado de um riacho da montanha, eu acho —, disse o conde.

— E, para um vampiro, ele sempre parecia ter tantos itens ornamentais ao redor do castelo que poderiam ser dobrados ou quebrados na forma de algum símbolo religioso, pelo que me lembro.

— Ele certamente o fazia. Um vampiro da velha escola. — A Condessa sorriu para o marido.

— A escola estúpida. — Ela se virou para Perdita e a olhou de cima a baixo.

— Então eu acho que você descobrirá que estamos aqui para ficar, minha querida. Embora você pareça ter causado uma boa impressão em meu filho. Venha aqui, garota. Deixe-me dar uma olhada em você

Mesmo acolchoada dentro de sua própria cabeça, Agnes sentiu o peso da vontade do vampiro atingir Perdita como uma barra de ferro, empurrando-a para baixo. Como a outra ponta de uma gangorra, Agnes se levantou.

— Onde está Magrat? O que você fez com ela? — Disse.

— Foi colocar o bebê na cama, creio —, disse a condessa, erguendo as sobrancelhas... — Uma criança adorável.

— Vovó Cera-do-Tempo vai ouvir sobre isso, e você vai desejar nunca ter nascido... ou não ter nascido ou renascido ou o que quer que você seja!

— Estamos ansiosos para conhecê-la —, disse o conde calmamente. — Mas aqui estamos e parece que não vejo essa famosa senhora conosco. Talvez você devesse ir buscá-la? Você poderia levar seus amigos. E quando você a vir, senhorita Nitt, você pode dizer a ela que não há razão para que bruxas e vampiros devam lutar.

Tia Ogg estremeceu. Jason se mexeu em seu assento. Agnes puxou-os para cima e para as escadas.

— Nós voltaremos! — Gritou. O conde acenou.

— Bom —, disse. — Somos famosos por nossa hospitalidade.

Ainda estava escuro quando Hodgesaargh partiu. Se você estivesse caçando uma fênix, raciocinou ele, o escuro era provavelmente o melhor momento. A luz aparecia melhor na escuridão.

Ele arrumou uma gaiola de arame portátil depois de considerar as barras carbonizadas da janela e também passou algum tempo trabalhando na luva.

Era basicamente uma marionete, feita de pano amarelo com alguns trapos roxos e azuis pregados. Não era, ele admitiu, muito parecido com o desenho da fênix, mas em sua experiência os pássaros não eram observadores exigentes.

Aves recém-nascidas estavam preparadas para aceitar praticamente qualquer coisa como pais. Qualquer um que tivesse chocado ovos sob uma galinha choca sabia que os patinhos podiam ser levados a pensar que eram pintinhos, e o pobre William, o milhafre, era um exemplo disso.

O fato de uma jovem fênix nunca ter visto sua mãe e, portanto, não saber como deveria ser, pode ser uma desvantagem para obter sua confiança,

mas este era um território desconhecido e Hodgesaargh estava preparado para tentar qualquer coisa. Usar uma isca, por exemplo. Ele embalou carne e grãos, embora o desenho certamente sugerisse um pássaro parecido com um falcão, mas no caso de precisar comer materiais inflamáveis, ele também colocou um saco de naftalina e meio litro de óleo de peixe.

Redes estavam fora de questão e cola de pássaros não era para ser pensado. Hodgesaargh tinha seu orgulho. De qualquer, provavelmente não funcionariam.

Como valeria a pena tentar qualquer coisa, ele também adaptou um apito de pato, tentando obter um som descrito por um falcoeiro morto há muito tempo como — como o grito de um milhafre, mas em tom mais baixo. Ele não ficou muito feliz com o resultado, mas, por outro lado, talvez uma jovem fênix também não soubesse como uma fênix deveria soar. Podia funcionar e se ele não tentasse, sempre se perguntaria sobre o que poderia ter acontecido. Ele partiu. Logo um grito como o de um pato em queda livre foi ouvido entre as colinas úmidas e escuras.

A luz do amanhecer estava cinza no horizonte e uma chuva de granizo fez com que as folhas brilhassem quando Vovó-Cera-do-Tempo deixou sua cabana. Havia tanto o que fazer.

O que ela escolheu levar com ela estava pendurado em um saco amarrado nas costas com barbante. Havia deixado a vassoura no canto, perto da lareira.

Escorou a porta com uma pedra e então, sem olhar para trás, saiu andando pela floresta.

Nas aldeias, os galos cantaram em resposta a um nascer do sol

escondido em algum lugar além das nuvens.

Uma hora depois, um cabo de vassoura pousou suavemente no gramado. Tia Ogg desceu e correu para a porta dos fundos.

Seu pé chutou algo que a mantinha aberta. Ela olhou para a pedra como se fosse algo perigoso e então contornou-a e entrou na penumbra do chalé.

Ela saiu alguns minutos depois, parecendo preocupada.

Seu próximo movimento foi em direção à barrica de água. Ela quebrou a película de gelo com a mão e tirou um pedaço, olhou para ele por um momento e depois jogou fora.

Muitas vezes as pessoas tinham uma ideia errada sobre Tia Ogg e ela cuidava para que isso continuasse acontecendo. Uma coisa que eles sempre erraram foi a ideia de que ela nunca pensava fora do comum e habitual.

Em uma árvore próxima, uma pega tagarelava para ela. Jogou uma pedra nela.

Agnes chegou meia hora depois. Ela preferia andar a pé sempre que possível. Tinha a suspeita de que era uma carga muito pesada para a vassoura.

Tia Ogg estava sentada em uma cadeira perto da porta, fumando seu cachimbo. Ela o tirou da boca e assentiu.

— Ela se foi —, disse.

— Se foi? Justamente quando precisamos dela? — Disse Agnes. — O que você quer dizer?

— Ela não está aqui —, Tia Ogg precisou.

— Talvez ela tenha apenas saído? — Disse Agnes

— Se foi —, disse a Tia. — Nestas últimas duas horas, se posso julgar.

— Como você sabe disso?

Uma vez — provavelmente até ontem — Tia Ogg teria aludido vagamente a poderes mágicos. Que hoje ela fosse direto ao ponto era uma

medida de sua preocupação.

— A primeira coisa que ela faz de manhã, faça chuva ou faça sol, é lavar o rosto com água —, disse ela. — Alguém quebrou o gelo há duas horas. Você pode ver onde está congelado novamente.

— Ah, isso é tudo? — Disse Agnes. — Bem... talvez ela tenha negócios...

— Venha você e veja —, disse a Tia, levantando-se.

A cozinha estava impecável. Todas as superfícies planas foram esfregadas. A lareira foi varrida e havia provisão para um novo fogo.

A maior parte do conteúdo menor do chalé estava sobre a mesa. Havia três xícaras, três pratos, três facas, um cutelo, três garfos, três colheres, duas conchas, uma tesoura e três castiçais. Uma caixa de madeira estava cheia de agulhas, linhas e alfinetes...Se era possível alguma coisa ser polida, tinha sido. Alguém até conseguiu lustrar os velhos castiçais de estanho.

Agnes sentiu o pequeno nó de tensão crescer dentro dela. As bruxas não possuíam quase nada de seu. A cabana sim, possuía coisas. Eles não eram suas para levar embora. Parecia um inventário.

Atrás dela, Tia Ogg abria e fechava as gavetas da cômoda antiga.

— Ela deixou tudo arrumado —, disse Tia Ogg. — Ela até raspou toda a ferrugem da chaleira. A despensa está vazia, exceto por um pouco de queijo e biscoitos suicidas. É o mesmo no quarto. Seu cartão "NAO TÔ MORTA" está pendurado atrás da porta. E a privada está tão limpa que você pode fazer um lanche ali, se por acaso estiver lá. E ela tirou a caixa da cômoda.

— Que caixa?

— Ah, ela guarda coisas lá dentro —, disse a Tia. — *Memororabililia.*

— Mem...?

— Você sabe... lembranças e outros enfeites. Coisas que são dela...

— O que é isso? — Disse Agnes, segurando uma bola de vidro verde.

— Ah, Magrat passou isso para ela —, disse a Tia, levantando uma

ponta do tapete e espiando embaixo. — É uma boia que nosso Wayne trouxe uma vez do litoral. Uma boia para as redes de pesca.

— Eu não sabia que as boias tinham bolas —, disse Agnes.

Ela gemeu interiormente e sentiu o rubor se desdobrar. Mas Tia Ogg nem percebeu. Foi então que ela percebeu o quão sério isso era. Tia Ogg normalmente pularia em tal presente como um gato em uma pena. Tia Ogg poderia encontrar uma insinuação em um simples 'Bom dia'. Ela certamente poderia encontrar uma em "insinuação" em outra "insinuação". E sobre "boias com bolas de vidro" ela falaria a semana toda. Ela abordaria completos estranhos, dizendo: "Você nunca vai adivinhar o que Agnes Nitt disse…"

Ela arriscou — eu disse...

— Não sei muito sobre pesca, na verdade —, disse a Tia. Ela se endireitou, mordendo a unha do polegar pensativamente. — Algo está errado em tudo isso, — disse ela. — A caixa... ela não ia deixar nada para trás...

— A Vovó não iria, iria? — Disse Agnes nervosamente. — Quero dizer, não realmente ir embora. Ela sempre esteve aqui.

— Como eu disse ontem à noite, ela tem sido ela mesma ultimamente —, disse a Tia, vagamente. Ela se sentou na cadeira de balanço.

— Você quer dizer que ela não tem sido ela mesma, não é? — Disse Agnes.

— Eu sei exatamente o que eu quis dizer, garota. Quando ela é ela mesma, ela ataca as pessoas, fica de mau humor e fica deprimida. Você nunca ouviu falar em tirar as pessoas de si mesmas? Agora cale a boca, que eu tô pensando.

Agnes olhou para a bola verde em suas mãos. Uma boia de vidro para pesca, a quinhentas milhas do mar. Um ornamento, como uma concha. Não uma bola de cristal. Você poderia usá-lo como uma bola de cristal, mas não

era uma bola de cristal... e ela sabia por que isso era importante.

Vovó era uma bruxa muito tradicional. As bruxas nem sempre foram populares. Poderia até haver épocas — e as houve, muito tempo atrás — quando era uma boa ideia não anunciar o que você era e era por isso que todas essas coisas na mesa não traíam seu dono. Não havia mais necessidade disso, não acontecia em Lancre há centenas de anos, mas alguns hábitos eram transmitidos pelo sangue. De fato, as coisas agora funcionavam de outra maneira. Ser bruxa era um ofício honroso nas montanhas, mas só as jovens investiam em bolas de cristal de verdade, facas coloridas e velas pingentes. As antigas... se limitavam a talheres simples de cozinha, boias de pesca, pedaços de madeira, cuja própria banalidade sutilmente anunciava seu status. Qualquer tola poderia ser uma bruxa com uma faca rúnica, mas era preciso habilidade para ser uma com um descaroçador de maçã.

Um som que ela não ouvia parou abruptamente e o silêncio ecoou. Tia Ogg ergueu os olhos.

— O relógio parou —, disse ela.

— Não está nem dando a hora certa —, disse Agnes, virando-se para olhar. — Ah, ela só o mantinha pelo barulhinho —, disse a Tia. Agnes largou a bola de vidro. — Vou dar uma olhada em volta um pouco mais —, disse ela.

Ela aprendera a olhar em volta quando visitava a casa de alguém, porque de certa forma casas eram como uma peça de roupa e cresciam para se ajustar à forma da pessoa. Podiam mostrar não apenas o que elas estavam fazendo, mas o que pensavam. Você podia estar visitando alguém que esperava que você soubesse tudo sobre tudo e, nessas circunstâncias, você tirava todas as vantagens que podia.

Alguém disse a ela que a cabana de uma bruxa era sua segunda face. E agora que pensava sobre o assunto, via que esta havia sido a face de Vovó.

Deveria ser fácil ler este lugar. Os pensamentos da Vovó tinham a força

de golpes de martelo e cravaram sua personalidade nas paredes. Se seu chalé fosse mais orgânico, teria pulsação.

Agnes caminhou até a pequena e úmida copa. A panela de cobre havia sido limpa. Um garfo e um par de colheres brilhantes estavam ao lado dele, junto com a tábua de lavar e a escova de esfregar. O balde de lixo brilhava, embora os fragmentos de um copo quebrado no fundo indicassem que o trabalho doméstico intensivo recente não havia ocorrido sem baixas.

Ela empurrou a porta do velho galpão das cabras. A Vovó não estava criando cabras no momento, mas seu equipamento caseiro de apicultura estava bem arrumado em um banco. Ela nunca precisou de muito. Se você precisava de fumaça e um véu para lidar com suas abelhas, qual era o sentido de ser uma bruxa?

Abelhas…

Um momento depois ela estava no jardim, sua orelha pressionada contra uma colmeia.

Não havia abelhas voando tão cedo do dia, mas o som lá dentro era um rugido.

— Eles saberiam —, disse uma voz atrás dela. Agnes levantou-se tão rapidamente que bateu com a cabeça no telhado da colmeia.

— Mas não diriam nada —, acrescentou Tia Ogg. — Embora seja certo que ela teria contado a elas. Que bom que tenha pensado nas abelhas.

Algo tagarelava para elas de um galho próximo. Era uma pega.

— Bom dia, senhora Pega —, disse Agnes automaticamente.

— Cai fora, sua desgraçada —, disse Tia Ogg e estendeu a mão para pegar uma vara para jogar nela. O pássaro voou para o outro lado da clareira.

— Isso dá azar —, disse Agnes.

— Será se eu tiver a chance de acertar —, disse a Tia. — Não suporto essas tortas de larvas.

— "Uma para tristeza" — , disse Agnes, observando o pássaro pular ao longo de um galho.

— Eu sempre acho que provavelmente vai aparecer outra daqui a pouco —, disse Tia Ogg, deixando cair um pedaço de pau..

— Duas para a alegria?[12] — Perguntou Agnes

— É "duas para felicidade".

— Mesma coisa, eu acho.

— Não tenho a mínima ideia —, disse Tia Ogg. — Fiquei feliz quando nosso Jason nasceu, mas não posso dizer que estava rindo na hora. Vamos, vamos dar outra olhada.

Mais duas outras pegas pousaram na telhado de palha antigo da casa.

— Isso é "três para uma garota..." —, disse Agnes nervosamente.

— "Três para um funeral" foi o que aprendi —, disse a Tia. — Mas há um monte de rimas para pegas. Olha, você pega a vassoura dela e dá uma olhada na direção das montanhas e eu vou...

---

[12] One for Sorrow" é uma canção infantil tradicional inglesa sobre pegas. De acordo com uma velha superstição, o número de pegas visto diz se alguém terá boa ou má sorte.

One for sorrow,
Two for joy,
Three for a girl,
Four for a boy,
Five for silver,
Six for gold,
Seven for a secret never to be told.

Um para tristeza,
Dois de alegria,
Três para uma menina,
Quatro para um menino,
Cinco para a prata,
Seis por ouro,
Sete para um segredo que nunca será contado. N.T.

— Espere —, disse Agnes.

Perdita gritava para chamar sua atenção. Ela escutou. Três…três colheres. Três facas. Três copos.

O copo quebrado jogado fora. Ela ficou parada, com medo de que, se ela se movesse ou respirasse, algo terrível pudesse acontecer. O relógio parou...

— Tia?

Tia Ogg era sábia o suficiente para reconhecer que algo estava acontecendo e não perder tempo com perguntas idiotas.

— Sim? — Disse.

— Entre e me diga a que horas o relógio parou, sim? — Tia Ogg assentiu e saiu trotando.

A tensão na cabeça de Agnes aumentou e fez um barulho como uma corda dedilhada. Ela ficou surpresa que o gemido não pudesse ser ouvido em todo o jardim. Se ela se mexesse, se ela tentasse forçar as coisas, iria quebrar. Tia Ogg retornou.

— Três horas? — Disse Agnes, antes que ela abrisse a boca.

— Exatamente.

— Quanto depois?

— Dois ou três minutos…

— Dois ou três?

— Três, então.

As três pegas pousaram juntas em outra árvore e se perseguiram entre os galhos, tagarelando alto.

— Três minutos depois das três —, disse Agnes, e sentiu a tensão diminuir e as palavras se formarem. — Três, Tia. Ela estava pensando em três. Havia outro castiçal no abrigo das cabras e alguns talheres também. Mas ela só deixou três de cada.

— Algumas coisas estavam em um e dois, disse a Tia, — mas sua voz

estava cheia de dúvidas.

— Então ela só tinha uma ou duas delas —, disse Agnes. — Havia mais colheres e coisas na copa que ela havia esquecido. Quero dizer que, por algum motivo, ela não estava colocando mais do que três.

— Sei com certeza que ela tem quatro xícaras —, disse Tia Ogg.

— Três —, disse Agnes. — Ela deve ter quebrado uma. Os pedaços estão no balde de lixo.

Tia Ogg a encarou. — Ela não é desajeitada, de hábito —, ela murmurou. Ela olhou para Agnes como se estivesse tentando evitar algum pensamento enorme e horrível.

Uma rajada sacudiu as árvores. Algumas gotas de chuva se espalharam pelo jardim.

— Vamos entrar —, sugeriu Agnes.

Tia Ogg balançou a cabeça. — Está mais frio lá dentro do que aqui fora —, disse ela. Algo deslizou pelas folhas e pousou no gramado. Era uma quarta pega. — "Quatro para um nascimento" —, acrescentou ela, aparentemente para si mesma. — Seria isso, com certeza. Eu esperava que ela não percebesse, mas nada passa despercebido para Esmê. Vou curtir a pele do jovem Shawn com ele dentro quando chegar em casa! Ele jurou que entregou aquele convite!

— Talvez ela o tenha levado com ela?

— Não! Não! Se tivesse, teria vindo ontem à noite, pode ter certeza! — Tia Ogg alteou a voz.

— O que ela não perceberia? — Disse Agnes.

— A filha de Magrat!

— Como é? Bem, acho que ela perceberia! Não se pode esconder um bebê! Todos no reino sabiam disso.

— Quero dizer, Magrat tem uma filha! Ela é mãe! — Disse a Tia —

Bem, sim! É como a coisa funciona!

— Como? — Estavam, ela e Perdita, gritando uma com a outra e ambas perceberam isso ao mesmo tempo.

Estava chovendo mais forte agora. Gotas voavam do chapéu de Agnes toda vez que ela movia a cabeça.

Tia Ogg tomou mais acordo de si, um pouco. — Tudo bem, eu suponho que nós temos bom senso o suficiente para sair da chuva.

— E pelo menos podemos acender o fogo —, disse Agnes, enquanto elas entravam no frio da cozinha. — Ela deixou tudo pronto...

— Não!

— Não há necessidade de gritar de novo!

— Olhe, não acenda o fogo, certo? — Disse Tia Ogg.

— Não toque em mais nada se não for absolutamente necessário

— Eu poderia facilmente colocar mais gravetos e...

— Vê se entende! Aquele fogo não foi preparado para você acender! E deixe essa porta em paz!

Agnes parou no ato de afastar a pedra.

— Seja sensata, Tia, está entrando chuva e folhas!

— Deixe que entrem!

Tia Ogg se deixou cair na cadeira de balanço, puxou a saia para cima e remexeu nas profundezas de uma longa perna de calcinha até encontrar o frasco de conhaque. Tomou um longo gole. Suas mãos tremiam.

— Não posso começar a ser uma harpia velha na minha idade —, ela murmurou. — Nenhum dos meus sutiãs vai caber.

— Tia?

— Hum?

— De que diabos você está falando? Filha? Não acender lareiras? Harpias?

Tia Ogg recolocou o frasco no lugar e tateou a outra perna, chegando eventualmente a seu cachimbo e bolsa de tabaco.

— Não tenho muita certeza se devo contar a você —, disse ela.

Agora Vovó Cera-do-Tempo estava bem além das matas locais e no alto das florestas, seguindo uma trilha usada pelos carvoeiros e um ou outro anão ocasional.

Lancre já estava sumindo na distância. E ela podia senti-la se esvaindo de sua mente. Lá embaixo, quando as coisas estavam quietas, ela sempre estava ciente do zumbido das mentes ao seu redor. Humanos e animais, todos eles se agitavam juntos em algum grande ensopado mental. Mas aqui havia principalmente os pensamentos lentos das árvores, que eram francamente enfadonhos após as primeiras horas e podiam ser ignorados com segurança. A neve, ainda bastante espessa nas cavidades e nas laterais sombreadas das árvores, se dissolvia em uma garoa.

Ela entrou em uma clareira e um pequeno rebanho de cervos na outra extremidade ergueu a cabeça para observá-la. Por hábito, ela parou e gentilmente se deixou desvanecer, até que do ponto de vista do cervo quase não havia ninguém ali.

Quando ela começou a andar novamente, um cervo saiu de alguns arbustos, parou e se virou, fitando-a.

Ela já tinha visto isso acontecer antes. Caçadores falavam sobre isso às vezes. Você poderia rastrear um rebanho o dia todo, rastejando silenciosamente entre as árvores em busca de um tiro certeiro e assim que você estivesse mirando, um cervo apareceria bem na sua frente e se viraria e observaria...e esperaria. Aquelas eram as ocasiões em que um caçador

descobria o quão bom ele era…Vovó estalou os dedos. O cervo se sacudiu e saiu galopando.

Ela subiu mais alto, seguindo o leito pedregoso de um riacho. Apesar da rapidez de seu curso, havia uma borda de gelo ao longo de suas margens. Lá onde ele caía sobre uma série de pequenas cachoeiras, ela se virou e olhou para trás, para a bacia de Lancre.

Estava repleta de nuvens.

Algumas centenas de metros abaixo, ela viu uma pega preta e branca deslizando pelo teto da floresta. Vovó virou-se e escalou rapidamente as rochas geladas e gotejantes até as margens da charneca mais além.

Aqui em cima havia mais céu. Desceu um silêncio pesado. Muito acima, uma águia girava.

Parecia ser a única forma de vida ali. Ninguém nunca subia aqui. O tojo e a urze estendiam-se por um quilômetro e meio entre as montanhas, sem ser interrompidos por qualquer trilha. Era uma coisa emaranhada e espinhosa que rasgaria a carne desprotegida em tiras.

Ela se sentou em uma pedra e olhou para a extensão ininterrupta por um tempo. A seguir enfiou a mão no saco e tirou um par de meias grossas.

E partiu, para a frente e para cima.

Tia Ogg coçou o nariz. Ela raramente parecia constrangida, mas havia apenas uma pitada de vergonha sobre ela agora. Era pior do vê-la preocupada.

— Não tenho certeza se este é o momento certo —, disse ela.

— Veja, Tia —, disse Agnes, — precisamos dela. Se houver algo que eu deva saber, então me diga.

— É esse negócio com... você sabe... três bruxas —, disse ela. — A donzela, a mãe e…

— ...a outra, disse Agnes. — Oh sim, ouvi falar. Mas isso é apenas um pouco de superstição, não é? As bruxas não precisam vir em grupos de três.

— Oh não. Claro que não —, disse a Tia. — Você pode ter qualquer número até cerca de, oh, quatro ou cinco.

— O que acontece se houver mais, então? Algo horrível?

— Geralmente uma grande briga sangrenta —, disse a Tia. — Por nada demais. E então todas vão embora e ficam de mau humor. Bruxas não gostam muito de serem pressionadas. Mas três... mais ou menos... funciona bem. Não preciso fazer um desenho para você, preciso?

— E agora Magrat é mãe... — Disse Agnes.

— Ah, bem, é aí que tudo fica um pouco complicado —, disse Tia Ogg. — Essa coisa de donzela e mãe... não é tão simples quanto você pensa, viu? Agora você —, ela cutucou Agnes com seu cachimbo, — é uma donzela. Você é, não é?

— Tia! Esse não é o tipo de coisa que as pessoas possam discutir!

— Bem, eu sei que você é, porque logo saberia se não fosse —, disse Tia Ogg, o tipo de pessoa que discutia esse tipo de coisa o tempo todo. — Mas isso não é muito importante, porque se trata apenas de detalhes técnicos, entende? Agora eu, acho que nunca fui uma donzela, mentalmente. Oh, você não precisa ficar toda vermelha assim. E sua tia May em Creel Springs? Quatro filhos e ela ainda é tímida com os homens. Você herdou seu rubor dela. Conte a ela uma piada picante e, se você for rápido, pode preparar o jantar para seis na cabeça dela. Quando você estiver por aqui por um tempo, senhorita, verá que o corpo e a cabeça de algumas pessoas nem sempre funcionam juntos.

— E o que é Vovó Cera-do-Tempo, então? — Disse Agnes, e

acrescentou, um tanto maldosa porque a referência ao rubor tinha acertado em cheio, — mentalmente.

— Que eu me dane se eu já pensei nisso —, disse a Tia. — Mas acho que ela viu que há um novo três aqui. Aquele maldito convite deve ter sido a gota d'água. Então ela se foi. — Ela cutucou o cachimbo. — Não posso dizer que gostaria de ser a "velha". Não tenho a forma certa e, de qualquer maneira, não sei que som elas fazem.

Agnes teve uma imagem mental repentina, muito clara e horrível da xícara quebrada.

— Mas a Vovó não é uma... não era uma... quero dizer, ela não parecia uma... — Ela começou.

— Não adianta olhar para um cachorro e dizer que não é um cachorro porque um cachorro parece com isso —, disse Tia Ogg simplesmente.

Agnes ficou em silêncio. Tia Ogg estava certa, é claro. Tia Ogg era a mãe de alguém. Estava escrito nela. Se você a cortar ao meio, a palavra "mãe" continuaria inteira. Algumas garotas eram naturalmente... mães. *E algumas*, acrescentou Perdita, *foram feitas para serem donzelas profissionais.* Quanto à terceira categoria, continuou Agnes, ignorando a própria interrupção, talvez não fosse tão estranho que as pessoas habitualmente chamassem a Tia para nascimentos e Vovó para mortes.

— Ela acha que não precisamos mais dela?

— Acho que sim.

— O que ela vai fazer, então?

— Não sei. Entretanto, se tinha três, e agora tem quatro…bem, algo tem que acontecer, não é?

— E os vampiros? Nós duas não conseguimos lidar com eles!

— Ela está nos dizendo que somos três —, disse Tia Ogg.

— Como é? Magrat? Mas ela é... Agnes se interrompeu. — Ela não é

nenhuma Tia Ogg —, disse ela.

— Bem, com certeza não sou uma Esmê Cera-do-Tempo, se é este o caso —, disse a Tia. — A coisa mental é o pão de cada dia para ela. Entrar em outras cabeças, colocar sua mente em outro lugar... isso é a cara dela, tenha a certeza. Ela tiraria o sorriso do rosto daquele Conde. E pelo lado de dentro, se conheço Esmê.

Sentaram-se e olharam melancolicamente para a lareira vazia e fria.

— Talvez nem sempre tenhamos sido muito gentis com ela —, disse Agnes. Ela continuou pensando na xícara quebrada. Tinha certeza de que Vovó-Cera-do-Tempo não tinha feito aquilo acidentalmente. Ela pode ter pensado que tinha feito isso acidentalmente, mas talvez todo mundo tivesse uma Perdita dentro de si. Ela havia andado por este chalé sombrio, que agora estava tão em sintonia com seus pensamentos quanto um cachorro está com seu dono e ela tinha três em mente. três, três, três…

— Esmê não gosta de bonzinhos —, disse Tia Ogg. — Leve uma torta de maçã para ela e ela vai reclamar da massa.

— Mas as pessoas não costumam lhe agradecer. E ela faz muito.

— Também não está preparada para agradecimentos. Mentalmente. Para dizer a verdade, sempre houve um pouco de escuridão nas Ceras-do-Tempo, e é onde está o problema. Veja a velha Alison Cera-do-Tempo.

— Quem era ela?

— A avó dela. Foi para o mal, dizem, apenas fez as malas um dia e foi para Uberwald. E quanto à irmã de Esmê... — Tia Ogg parou e recomeçou. — De qualquer forma, é por isso que ela está sempre atrás de si mesma e criticando o que está fazendo. Às vezes eu acho que ela fica aterrorizada de que possa fazer o mal sem perceber.

— Vovó? Mas ela tem um senso moral como...

— Oh sim, ela tem. Mas isso é porque ela tem Vovó Cera-do-Tempo

olhando por cima do ombro o tempo todo.

Agnes deu outra olhada ao redor da sala espartana. Agora a chuva escorria continuamente pelo teto. Ela imaginou que podia ouvir as paredes assentando no barro. Ela imaginou que podia ouvi-las pensando.

— Ela sabia que Magrat ia chamar o bebê de Esmê? — Ela disse.

— Provavelmente. É incrível como ela capta as coisas.

— Talvez aí tenha faltado algum tato, quando você pensa sobre isso, disse Agnes.

— Que quer dizer? Ficaria honrada se fosse eu.

— Talvez Vovó tenha pensado o nome fora passado adiante como herança.

— Oh. Sim —, disse a Tia. — Sim, eu posso imaginar Esmê fazendo isso, quando ela está em um de seus humores sombrios.

— Minha avó costumava dizer que se você for muito afiado você vai acabar se cortando —, disse Agnes.

As duas ficaram sentadas por um tempo em um silêncio cinzento e, finalmente, a Tia Ogg disse: — Bem, minha avó tinha um antigo ditado do interior que ela sempre nos contava em momentos como este...

— Que era…?

— "Dá o fora, seu diabinho, ou vou cortar seu nariz e dar para o gato." Claro, isso não é muito útil em um momento como este, admito.

Houve um tilintar atrás delas. Tia Ogg virou a cabeça e olhou para a mesa. — Uma colher sumiu…

Houve outro barulho, desta vez perto da porta.

Uma pega fez uma pausa em sua tentativa de pegar a colher roubada na soleira da porta, inclinou a cabeça e olhou para elas com olhos pequenos e brilhantes. Quase não conseguiu sair voando antes que o chapéu da Tia, girando como um prato, quicasse no batente da porta.

— Os demônios vão beliscar qualquer coisa que brilhe... — Ela começou.

O conde de Magpyr olhou pela janela para o brilho que marcava o sol nascente.

— Aí estão vocês, vêm? — Ele disse, voltando-se para sua família. — Amanhecendo e aqui estamos nós.

— Você deixou tudo nublado —, Lacrimosa reclamou mal-humorada. — Quase nem tem sol.

— Um passo de cada vez, querida, um passo de cada vez —, disse o conde alegremente. — Eu só queria deixar clara a questão. Hoje, sim, está nublado. Iremos começar a partir daí. Iremos nos aclimatar. E um dia…a praia…

— Você é realmente muito inteligente, querido —, disse a condessa.

— Obrigado, meu amor —, disse o conde, concordando com a cabeça. — Como você está indo com essa rolha, Vlad?

— É uma boa ideia, pai? — Disse Vlad, lutando com uma garrafa e um saca-rolhas. — Pensei que não bebíamos... vinho.

— Acredito que é hora de começarmos.

— Iiirc, disse Lacrimosa. — Eu não vou tocar nisto, é feito de vegetais espremidos!

— Frutas, acho que é a palavra que está procurando—, disse o conde calmamente. Ele pegou a garrafa do filho e tirou a rolha. — Um excelente clarete, eu diria. Você vai experimentar um pouco, minha querida?

Sua esposa sorriu nervosamente, apoiando seu marido, mas ligeiramente contra seu melhor julgamento.

— Nós, é, nós, hum, devemos aquecê-lo? — perguntou.

— A temperatura ambiente é sugerida.

— Isso é repugnante, disse Lacrimosa. — Não sei como você consegue!

— Tente, pelo seu pai, querida —, disse a condessa. — Rápido, antes que congele.

— Não, minha querida. O vinho continua escorrendo. — Disse o conde, servindo um copo. O filho olhou nervosamente.

— Sério? Que prático

— Talvez ajude se você pensar nisso como sangue de uva—, disse seu pai, enquanto Vlad pegava o vinho. — E você, Lacci?

Ela cruzou os braços resolutamente. — Hum!

— Achei que você gostaria desse tipo de coisa, querida—, disse a condessa. — É o tipo de coisa que sua turma faz, não é?

— Eu não sei do que você está falando! — Disse a garota.

— Oh, ficar acordada até o meio-dia, vestindo roupas de cores vivas e dando nomes engraçados a si mesmas —, disse a condessa.

— Como Gertrude —, zombou Vlad. — E Pam. Eles acham que é legal. Lacrimosa virou-se para ele furiosamente, com as unhas para fora. Ele pegou o pulso dela, Sorrindo.

— Isso não é da sua conta!

— Lady Strigoiul disse que sua filha começou a se chamar Wendy —, disse a Condessa. — Não consigo imaginar por que ela o fez, quando Hieroglyphica é um nome tão bonito para uma menina. E se eu fosse a mãe dela, cuidaria para que ela usasse pelo menos um pouco de delineador...

— Sim, mas ninguém bebe vinho —, disse Lacrimosa. — Apenas esquisitos de verdade que lixam os dentes bebem vinho...

— Maladora Krvoijac bebe —, disse Vlad. — Ou "Freda", devo dizer...

— Não, ela não faz!

— Como é? Ela usa um saca-rolhas de prata em uma corrente em volta do pescoço e às vezes tem até uma rolha!

— Isso é apenas um item de moda! Oh, eu sei que ela diz que gosta de uma gota de vinho do Porto, mas na verdade é só sangue no copo. De fato, Henry trouxe uma garrafa para uma festa e ela desmaiou com o cheiro!

— Henry? — Disse a condessa.

Lacrimosa olhou para baixo emburrada. — Graven Gierachi —, disse ela.

— Aquele que deixa o cabelo curto e finge que é contador —, disse Vlad.

— Só espero que alguém tenha contado ao pai dele, então —, disse a condessa.

— Fiquem quietos —, disse o conde. — Isso tudo é apenas condicionamento cultural, compreendem? Por favor! Eu trabalhei duro para isso! Tudo o que queremos é um pedaço do dia. É pedir muito? E vinho é apenas vinho. Não há nada de místico nisso. Agora, peguem suas taças. Você também, Lacci. Por favor? Pelo papai?

— E quando você contar a "Cyril" e "Tim", eles ficarão tão impressionados —, disse Vlad a Lacrimosa.

— Cala a boca! — Ela sibilou. — Pai, isso vai me deixar doente!

— Não, seu corpo vai se adaptar —, disse o conde. — Eu mesmo tentei. Um pouco aguado, talvez um pouco azedo, mas bastante saboroso. Por favor?

— Oh bem…

— Bom —, disse o conde. — Agora, levantem as taças...

— *Le sang nouveau est arrivé* —, disse Vlad.

— *Carpe diem* —, disse o conde.

— Pela garganta —, disse a condessa.

— As pessoas não vão acreditar em mim quando eu contar —,

disse Lacrimosa.

Eles beberam.

— Aí está —, disse o conde Magpyr. — Isso não foi tão ruim, foi?

— Um pouco frio —, disse Vlad.

— Vou mandar instalar um aquecedor de vinho —, disse o conde. — Não sou um vampiro irrazoável. Mas dentro de um ano, crianças, acho que posso nos curar completamente da fenofobia e até mesmo sermos capazes de comer uma salada leve...

Lacrimosa virou as costas teatralmente e fez barulhos de vômito em um vaso.

— ...e então, Lacci, você estará livre. Não mais dias solitários. Nunca mais...

Vlad estava meio que esperando por isso e manteve uma expressão totalmente vazia enquanto seu pai tirava um cartão do bolso e o mostrava.

— Esse é o símbolo da cobra dupla do culto da água djelibeybiano —, disse ele calmamente.

— Veem? — Disse o conde, excitado. — Vocês quase não se encolheram! A sacrofobia pode ser vencida! Eu sempre disse isso! O caminho pode ter sido difícil às vezes...

— Eu odiava o jeito que você costumava pular nos corredores e jogar água benta na gente —, disse Lacrimosa.

— Não era de todo benta, disse o pai. — era fortemente diluída. Na pior das hipóteses, levemente devota. Mas te fez forte, não é?

— Peguei muito resfriado —, disso eu sei.

A mão do Conde saiu do bolso.

Lacrimosa deu um suspiro de cansaço teatral. — A "face que tudo vê dos ionianos," — Disse cansadamente.

O conde quase dançou uma jiga.

— Viu? Funcionou! Você nem fez cara feia! E, aparentemente, como símbolo sagrado, é muito forte. Será que não valeu a pena?

— Tem que ser algo realmente bom para compensar aqueles travesseiros de alho que você nos fazia usar para dormir.

Seu pai a pegou pelo ombro e a virou em direção à janela.

— Não será suficiente saber que o mundo será sua ostra, para que a abra e desfrute de seus tesouros?

Sua testa se enrugou em perplexidade. — Por que eu deveria querer que o mundo fosse uma criaturinha marinha nojenta? — Ela disse.

— Porque elas são comidas vivas —, disse o conde. — Infelizmente, duvido que consigamos encontrar uma fatia de limão com quinhentas milhas de comprimento, mas a metáfora foi eficiente o bastante.

Ela se animou, de má vontade. — Bem… disse.

— Bom. Gosto de ver minha menininha sorrir —, disse o conde. — Agora... quem vamos comer no café da manhã?

— O bebê.

— Não acho que não. — O conde puxou uma campainha ao lado da lareira. — Isso seria pouco diplomático. Ainda não estamos prontos.

— Bem, aquela imitação de rainha não parece ter muito sangue. Vlad deveria ter se agarrado a sua garota gorda —, disse Lacrimosa.

— Não comece —, Vlad avisou. — Agnes é uma... garota muito interessante. Eu sinto que há muito nela.

— Há muito dela —, disse Lacrimosa. — Você está guardando ela para mais tarde?

— Vamos, vamos —, disse o conde. — Sua querida mãe não era uma vampira quando a conheci...

— Sim, sim, você já nos disse um milhão de vezes —, disse Lacrimosa,

revirando os olhos com a impaciência de quem é adolescente há oitenta anos. — A sacada, a camisola, você de capa, ela gritando...

— As coisas eram mais simples naquela época —, disse o conde. — E também muito, muito estúpidas. Ele suspirou — Onde diabos está Igor?

— Arram. Queria falar com você sobre ele, querido —, disse a condessa. — Acho que ele vai ter que ir.

— Concordo! — Vociferou Lacrimosa. — Sinceramente, até meus amigos riem dele!

— Acho sua atitude sou-mais-gótico-do-que-vocês extremamente irritante —, disse a condessa. — Esse sotaque estúpido... e você sabe o que eu o encontrei fazendo nas velhas masmorras na semana passada?

— Tenho certeza de que não consigo adivinhar —, disse o conde.

— Ele tinha uma caixa de aranhas e um chicote! Ele as estava forçando a fazer teias por toda parte.

— Eu me perguntei por que sempre havia tantas delas, devo admitir — , disse o conde.

— Eu concordo, pai —, disse Vlad. — Ele está bem para Uberwald, mas você dificilmente gostaria de algo como ele abrindo a porta na alta sociedade, gostaria?

— E ele fede —, disse a condessa.

— Claro, partes dele estão na família há séculos —, disse o conde. — Mas devo admitir que ele está indo para além de uma piada. — Ele puxou a campainha novamente.

— Schim, meschtre? — Disse Igor, atrás dele.

O conde se virou. — Eu já disse para você não fazer isso!

— Não fazer o quê, meschtre?

— Aparecer atrás de mim assim!

— É a única maneira que conhescho de aparescher, meschtre.

— Vá buscar o rei Verence, está bem? Ele se juntará a nós para uma refeição leve.

— Schim, meschtre.

Eles observaram o servo sair mancando. O conde balançou a cabeça.

— Ele nunca vai se aposentar —, disse Vlad. — Ele nunca vai pegar as indiretas.

— E é tão antiquado ter um criado chamado Igor —, disse a Condessa. — E realmente não o suporto.

— Olha, é simples —, disse Lacrimosa. — Apenas leve-o para o porão, coloque-o na donzela-de-ferro, estique-o em uma grelha sobre o fogo por um dia ou dois e depois corte-o em fatias finas dos pés para cima, para que ele possa assistir. Você estará fazendo uma gentileza para ele, de fato.

— Acho que é a melhor maneira, suponho —, disse o conde com tristeza.

— Lembro-me de quando você me disse para acabar com o sofrimento do meu gato —, disse Lacrimosa.

— O que eu realmente queria era que você parasse com o que estava fazendo com ele —, disse o conde. — Mas... sim, vocês estão certos, ele terá que ir...

Igor introduziu o rei Verence, que ficou ali com a expressão levemente confusa que todos tinham na presença do conde.

— Ah, Vossa Majestade —, disse a condessa, avançando. — Junte-se a nós em uma refeição leve.

O cabelo de Agnes ficou preso nos galhos. Ela conseguiu colocar uma bota em um galho enquanto se agarrava com força ao galho acima, mas isso deixou seu outro pé sobre a vassoura, que estava começando a desviar para

o lado e fazendo com que ela fizesse o que nem as bailarinas podiam fazer sem algum treinamento.

— Você já consegue ver? — Tia Ogg gritou, de muito longe abaixo.

— Eu acho que este é um ninho antigo também... ah não…

— O que aconteceu?

— Acho que minhas roupas de baixo rasgaram…

— Por mim, sempre gostei delas mais folgadas —, disse a Tia.

Agnes colocou a outra perna no galho, que rangeu. *Bola de sebo*, disse Perdita. *Eu poderia ter escalado isso como uma gazela!* — Gazelas não escalam! disse Agnes.

— O que está acontecendo? — Disse a voz de baixo. — Oh, nada…

Agnes avançou lentamente e, de repente, sua visão estava cheia de asas pretas e brancas. Uma pega pousou em um galho a trinta centímetros de seu rosto e grasnou para ela. Cinco outras desceram das outras árvores e se juntaram ao coro.

Ela nunca gostara de pássaros. Eles estavam bem quando estavam voando e suas canções eram legais, mas de perto eram pequenas bolas de agulhas loucas com a inteligência de uma mosca doméstica.

Ela tentou afastar a mais próxima, que voou para um galho mais alto enquanto ela lutava para recuperar o equilíbrio. Quando o ramo parou de balançar ela se moveu mais adiante, cautelosamente, tentando ignorar os pássaros enraivecidos e olhou para o ninho.

Era difícil dizer se eram os restos de um antigo ou o início de um novo, mas continha um pedaço de ouropel, um caco de vidro quebrado e, brilhando mesmo sob aquele céu taciturno, algo branco... borda brilhante.

— "Cinco para prata... seis para ouro..." —, ela disse, meio para si mesma. — "É cinco para o céu, seis para o inferno" — , Tia Ogg gritou.

— De qualquer modo, não estou conseguindo…

O galho quebrou. Havia muitos outros lá em cima, abaixo dele, mas serviam apenas como pontos de interesse na descida. O último jogou Agnes em um arbusto de azevinho.

Tia Ogg pegou o convite de sua mão estendida. A chuva fizera a tinta escorrer, mas a palavra "Cera-do-Tempo" ainda era muito legível. Ela arranhou a borda dourada com o polegar.

— Muito ouro —, disse ela. — Bem, isso explica o convite. Eu disse a você, pássaros roubarão qualquer coisa que brilhe.

— Não estou nem um pouco machucada —, disse Agnes incisivamente. — O azevinho amorteceu minha queda.

— Vou torcer o pescoço deles —, disse Tia Ogg. As pegas nas árvores ao redor da cabana gritaram para ela.

— Acho que posso ter deslocado meu chapéu, no entanto, disse Agnes —, levantando-se. Mas era mais fácil buscar simpatia com uma parede, então ela desistiu. — Tudo bem, encontramos o convite. Foi tudo um terrível engano. Ninguém tem culpa. Agora vamos encontrar a Vovó.

— Não se ela não quiser ser encontrada —, disse Tia Ogg, esfregando a borda do cartão pensativamente.

— Você pode fazer empréstimos. Mesmo que ela tenha saído mais cedo, algumas criaturas a terão visto...

— Eu não tomo emprestado, geralmente. — Disse a Tia com firmeza. — Eu não tenho a autodisciplina de Esmê. Eu termino... envolvida. Eu fui um coelho por três dias inteiros até que nosso Jason foi buscar Esmê e ela me trouxe de volta. Mais um pouco e não haveria um eu para voltar.

— Coelhos são uns chatos.

— Eles têm seus altos e baixos.

— Tudo bem, então, dê uma olhada na bola de vidro da boia —, disse Agnes. — Você é boa nisso, Magrat me disse. — Do outro lado da clareira,

um tijolo em ruínas caiu da chaminé do chalé.

— Mas não aqui —, disse Tia Ogg com certa relutância. — Isso está me dando arrepios...ah não, como se não tivéssemos o suficiente... O que ele está fazendo aqui?

Fortemente-Aveia avançava pela floresta. Caminhava desajeitado, como faz a gente da cidade quando caminham por terra nua, sulcada, coberta de folhas e galhos, e tinha o ar preocupado de quem espera ser atacado a qualquer momento por corujas ou besouros.

Em sua estranha roupa preta e branca, ele próprio parecia uma pega humana. As pegas grasnaram das árvores.

— "Sete por um segredo que nunca será contado" —, disse Agnes.

— "Sete é o demônio ele mesmo" —, disse Tia Ogg, sombriamente. — Você tem suas rimas, eu tenho as minhas.

Quando Aveia viu as bruxa se animou ligeiramente e assoou o nariz para elas.

— Que desperdício de pele —, murmurou a Tia.

— Ah, Senhora Ogg... e Senhorita Nitt —, disse Aveia, avançando ao redor de um pouco de lama. — Hum...posso esperar que estejam bem?

— Até agora —, disse Tia Ogg.

— Eu esperava, hum, ver a Senhora Cera-do-Tempo.

— "Cinco para prata... seis para ouro..." —, Agnes disse, meio para si mesma.

— É "cinco para o céu, seis para o inferno" —, Tia Ogg gritou. Por um momento, o único som foi a tagarelice dos corvos.

— Esperava? — Disse Agnes.

— Senhorita Cera-do-Tempo, você quis dizer? — Disse a Tia.

— É, sim. Faz parte do meu... quer dizer, devo fazer... uma das coisas que nós... Bem, ouvi dizer que ela podia estar doente e visitar os idosos e

enfermos faz parte, hum, dos nossos deveres pastorais... Claro, percebo que tecnicamente não tenho deveres pastorais, mas ainda assim, enquanto estou aqui…

O rosto de Tia Ogg era um quadro, possivelmente pintado por um artista com um senso de humor muito estranho.

— Sinto muito que ela não esteja aqui —, disse ela e Agnes percebeu que ela estava sendo totalmente honesta e absolutamente desagradável.

— Oh céus. Eu ia, é, dar a ela um pouco... eu ia... é... ela está bem, então?

— Tenho certeza de que ela ficaria muito melhor com uma visita sua —, disse Tia Ogg e mais uma vez havia uma espécie de verdade estranha e sinuosa nisso. — Seria o tipo de coisa sobre a qual ela falaria por dias. Você pode voltar quando quiser.

Aveia parecia desamparado. — Então acho que é melhor eu, hum, voltar para a minha, é, tenda —, disse ele. — Posso acompanhar as senhoras até a cidade? Há, é, algumas coisas perigosas na floresta…

— Temos vassouras —, disse Tia Ogg com firmeza. O padre parecia cabisbaixo e Agnes tomou uma decisão.

— Uma vassoura —, ela disse. — Vou acompanhá-lo... quero dizer, você pode me acompanhar de volta. Se quiser.

O padre pareceu aliviado. Tia Ogg fungou. Havia uma certa qualidade de Cera-do-Tempo no fungado.

— Nos vemos em casa, então. E sem enrolação —, disse ela.

— Eu não enrolo, disse Agnes.

— Apenas cuide para não começar —, disse Tia Ogg e foi procurar sua vassoura. Agnes e o padre caminharam em silêncio constrangido por um tempo. Por fim, Agnes disse: — Como está a dor de cabeça?

— Oh, muito melhor, obrigado. Foi embora. Mas sua majestade teve a gentileza de me dar algumas pílulas de qualquer maneira.

— Que simpático, disse Agnes. *Ela deveria ter lhe dado era uma agulha! Olha o tamanho deste furúnculo!* disse Perdita, uma das espremedoras natas da natureza. *Por que ele não faz algo a respeito?*

— Hum... você não gosta muito de mim, não é? — Disse Aveia.

— Eu mal o conheço. — Ela estava percebendo uma constrangedora corrente de ar nas regiões inferiores.

— Muitas pessoas não gostam de mim assim que me conhecem —, disse Aveia.

— Acho que isso economiza tempo —, disse Agnes e praguejou. Perdita havia colocado isso mas Aveia não parecia ter notado. Ele suspirou.

— Receio ter um pouco de dificuldade com as pessoas —, continuou ele. — Receio não ter sido feito para o trabalho pastoral.

Não se meta com esse imbecil, disse Perdita. Mas Agnes disse: — Você quer dizer ovelhas, essas coisas?

— Tudo parecia muito mais claro no seminário —, disse Aveia, que, como muitas pessoas, raramente prestava muita atenção ao que os outros diziam quando estava desenrolando suas misérias, — mas aqui, quando conto às pessoas algumas das histórias mais acessíveis do Livro de Om eles dizem coisas como, "Isso não está certo, cogumelos não cresceriam no deserto," ou "Essa é uma maneira estúpida de administrar um vinhedo." Todo mundo aqui é tão... literal.

Aveia tossiu. Parecia haver algo atormentando sua mente. — Infelizmente, o Antigo Livro de Om é bastante inflexível sobre o assunto das bruxas —, disse ele.

— Realmente.

— Apesar de ter estudado a passagem em questão no texto original do *Segundo Omniano IV*, apresentei a teoria bastante ousada de que a palavra real em questão é traduzida com mais precisão como 'baratas.'

— Mesmo?

— Especialmente porque continua dizendo que podem ser mortas pelo fogo ou em "armadilhas de melaço". Também diz mais tarde que elas trazem sonhos lascivos.

— Não olhe para mim —, disse Agnes. — Tudo o que você vai conseguir é uma caminhada até em casa.

Para seu espanto e deleite exultante de Perdita, ele ficou tão vermelho quanto ela.

— Hum, é, a palavra em questão nessa passagem pode ser facilmente lida no contexto como "lagostas cozidas" —, disse ele apressadamente.

— Tia Ogg diz que Omnianos costumavam queimar bruxas —, disse Agnes.

— Costumávamos queimar praticamente todo mundo —, disse Aveia com tristeza. — Embora algumas bruxas tenham sido empurradas para grandes barris de melaço, eu acredito.

Ele também tinha uma voz chata. Ele parecia, ela tinha que admitir, uma pessoa chata. Era uma apresentação quase perfeita demais, como se ele estivesse tentando parecer chato. Mas uma coisa despertou a curiosidade de Agnes.

— Por que você veio visitar Vovó-Cera-do-Tempo?

— Bem, todo mundo fala muito... bem dela —, disse Aveia, de repente escolhendo suas palavras como um homem tirando ameixas de uma panela fervendo. — E disseram que ela não apareceu ontem à noite, o que foi muito estranho. E pensei que devia ser difícil para uma senhora de idade viver sozinha. E…

— Mesmo?

— Bem, eu entendo que ela é bastante velha e nunca é tarde demais para considerar o estado de sua alma imortal —, disse Aveia. — O que ela

deve ter, é claro.

Agnes deu-lhe um olhar de soslaio. — Ela nunca mencionou isso, disse ela.

— Você provavelmente acha que eu sou tolo.

— Eu só acho que você é um homem incrivelmente sortudo, Sr. Aveia.

Por outro lado... aqui estava alguém que tinha ouvido falar sobre Vovó-Cera-do-Tempo e ainda assim tinha andado por esses bosques que o assustavam muito para vê-la, mesmo que ela fosse possivelmente uma barata ou uma lagosta cozida. Ninguém em Lancre vinha ver a Vovó a menos que quisesse alguma coisa.

Ah, às vezes vinham com presentinhos (porque algum dia iam querer alguma coisa dela), mas eles geralmente se certificavam de que ela saísse primeiro. Havia mais no Sr. Aveia do que parecia à primeira vista. Tinha que haver.

Dois centauros irromperam dos arbustos à frente deles e saíram galopando pelo caminho. Aveia se agarrou uma árvore.

— Eles estavam correndo quando eu subi! — Ele disse. — Eles são comuns por aqui?

— Nunca os vi antes —, disse Agnes. — Acho que são de Uberwald.

— E os horríveis duendes azuis? Um deles fez um gesto muito desagradável para mim!

— Não sei nada sobre eles.

— E os vampiros? Quero dizer, eu sabia que as coisas eram diferentes por aqui, mas realmente...

— Vampiros?! — Disparou Agnes. — Você viu aos vampiros? Na noite passada?

— Bem, quero dizer, sim, eu os estudei longamente no seminário, mas nunca pensei que os veria por aí falando sobre beber sangue e coisas assim,

realmente, estou surpreso que o rei permita...

— E eles não... afetaram sua mente?

— Eu tive aquela enxaqueca terrível. Isso conta? Achei que fossem os camarões.

Um grito ecoou pela floresta. Parecia ter muitos componentes, mas a maioria soava como se um peru estivesse sendo estrangulado na outra extremidade de um tubo de estanho.

— E o que diabos foi isso? — Gritou Aveia. Agnes olhou em volta, confusa. Ela cresceu na floresta de Lancre. Oh, você tem coisas estranhas às vezes, passando, mas geralmente elas não continham nada mais perigoso do que outras pessoas. Agora, naquela luz embaçada, até as árvores começavam a parecer suspeitas.

— Vamos pelo menos descer para Cu-do-Jerico-Doido —, disse ela, puxando a mão de Aveia.

— Você vai o que?

Agnes suspirou. — É a aldeia mais próxima.

— Cu-do-Jerico-Doido?

— Olha, tinha um jumento que parou no meio do rio e não andava nem para trás nem para a frente —, disse Agnes, com toda a paciência possível. O pessoal de Lancre estava acostumado a explicar isso. — Cu do jerico doido. Viu? Sim, eu sei que "jumento Desobediente" poderia ter sido mais... aceitável, mas...

O grito horrível ecoou pela floresta novamente. Agnes pensou em todas as coisas que se dizia estarem nas montanhas e arrastou Aveia atrás de si como uma carroça mal amarrada.

Então o som estava bem na frente deles e em uma curva na vereda, uma cabeça emergiu de um arbusto.

Agnes tinha visto pinturas de uma avestruz.

Então… comece com um delas, mas faça a cabeça e o pescoço em um amarelo violento e dê à cabeça um enorme tufo de penas vermelhas e roxas e dois grandes olhos redondos, cujas pupilas balançavam bêbadas enquanto a cabeça se movia para frente e para trás…

— Isso é algum tipo de frango local? — Gorgeou Aveia.

— Duvido muito —, disse Agnes. — Uma das longas penas tinha um padrão xadrez.

O grito recomeçou, mas foi estrangulado no meio do caminho quando Agnes deu um passo à frente, agarrou o pescoço da coisa e puxou. Uma figura se levantou da vegetação rasteira, arrastada por seu braço.

— Hodgesaargh? — Ele grasnou para ela.

— Tire essa coisa da boca —, disse Agnes. — ...Você parece fantoche de feira.

Ele tirou o apito da boca. — Me desculpe, senhorita Nitt.

— Hodgesaargh, por que — e eu percebo que posso não gostar da resposta — por que você está se escondendo na floresta com o braço vestido como Hetty, a galinha, e fazendo barulhos horríveis através de um tubo?

— Tentando atrair a fênix, senhorita.

— A fênix? Esse é um pássaro mítico, Hodgesaargh.

— Isso mesmo, senhorita. Há uma em Lancre, senhorita. É muito jovem, senhorita. Então pensei que poderia ser capaz de atraí-la.

Ela olhou para a luva de cores vivas. Ah, sim...se você criasse pintinhos, tinha que deixá-los saber que tipo de pássaro eles eram, então você usava uma espécie de fantoche de luva. Mas…

— Hodgesaargh?

— Sim, senhorita?

— Não sou um especialista, é claro, mas me lembro que, de acordo com a lenda comumente aceita da fênix, o filhote nunca vê a sua mãe. Você só

pode ter uma fênix por vez. É automaticamente um órfão. Percebe?

— Hum, posso dizer uma coisa? — Disse Aveia. — A senhorita Nitt está certa, devo dizer. A fênix constrói um ninho e explode em chamas e o novo pássaro surge das cinzas. Já li sobre isto. De qualquer forma, é uma alegoria.

Hodgesaargh olhou para a marionete fênix em seu braço e então olhou timidamente para seus pés.

— Desculpe por isso, senhorita.

— Então, você vê, uma fênix nunca pode ver outra fênix, disse Agnes.

— Não sabia disso, senhorita, disse Hodgesaargh, ainda olhando para suas botas.

Uma ideia ocorreu a Agnes. Hodgesaargh estava sempre ao ar livre. — Hodgesaargh?

— Sim, senhorita?

— Você esteve na floresta a manhã toda?

— Ah, sim, senhorita.

— Você viu Vovó-Cera-do-Tempo? — Sim senhorita.

— Você viu?

— Sim, senhorita.

— Onde?

— No bosque perto da fronteira, senhorita. À primeira luz, senhorita.

— Por que você não me contou?

— Hum... você queria saber, senhorita?

— Oh. Sim, desculpe... o que você estava fazendo lá em cima?

Hodgesaargh soltou alguns grasnados em seu chamariz de fênix como explicação. Agnes agarrou o padre novamente.

— Venha, vamos pegar a estrada e encontrar Tia Ogg...

Hodgesaargh ficou para trás com seu fantoche de luva, seu chamariz,

sua mochila e uma sensação profundamente estranha. Ele fora criado para respeitar as bruxas e a Senhorita Nitt era uma bruxa. O homem com ela não era um bruxo, mas suas maneiras o encaixavam naquela classe de pessoas que Hodgesaargh mentalmente classificava como "meus superiores", embora na verdade essa fosse uma categoria bastante ampla. Ele não estava disposto a discordar de seus superiores. Hodgesaargh era um sistema feudal de um homem só.

Por outro lado, ele pensou, enquanto fazia as malas e se preparava para seguir em frente, os livros que tratavam do mundo tendiam a ser escritos por pessoas que sabiam tudo sobre livros e não tudo sobre o mundo. Toda aquela história de passarinho nascendo das cinzas deve ter sido escrita por alguém que não entendia nada de passarinho. Quanto ao fato de haver apenas uma fênix, bem, isso obviamente foi escrito por um homem que deveria sair mais ao ar livre e conhecer algumas mulheres. Os pássaros vinham dos ovos. Oh, a fênix era uma daquelas criaturas que aprenderam a usar a magia, a construíram em sua própria existência, mas a magia era uma coisa complicada que não deveria ser usada mais do que o necessário. Então haveria um ovo, definitivamente. E os ovos precisavam de calor, certo? Hodgesaargh tinha pensado muito sobre isso durante a manhã, enquanto caminhava por entre os arbustos úmidos travando conhecimento com vários patos decepcionantes. Ele nunca se preocupou muito com história, exceto a história da falcoaria, mas sabia que já houve lugares - e em alguns casos ainda havia - com um nível muito alto de magia de fundo, o que os tornava bastante emocionantes e não um bom lugar para criar seus filhotes.

Talvez a fênix, qualquer que fosse sua aparência, fosse simplesmente um pássaro que descobrira uma maneira de fazer a incubação funcionar muito, muito rápido.

Na verdade, Hodgesaargh já havia percorrido um longo caminho e se

tivesse um pouco mais de tempo, também teria calculado o próximo passo.

Passava bem do meio-dia quando Vovó-Cera-do-Tempo saiu da charneca e um observador poderia se perguntar por que demorou tanto para cruzar um pequeno trecho de lamaçal.

Eles teriam se perguntado ainda mais sobre o pequeno riacho. Ele abrira um sulco cravejado de pedras na turfa que uma mulher saudável poderia ter saltado, mas alguém colocou uma pedra larga sobre ele para fazer uma ponte.

Ela olhou para ele por um tempo e então enfiou a mão em seu saco. Ela pegou um longo pedaço de material preto e vendou a si mesma. Então ela caminhou pela pedra, dando passos minúsculos com os braços abertos para se equilibrar. No meio do caminho, ela caiu de joelhos e ficou ali, ofegante, por vários minutos. Então ela se arrastou para a frente novamente, centímetro por centímetro.

Alguns metros abaixo, o riacho turfoso chocalhava alegremente sobre as pedras.

O céu brilhava. Era um céu com manchas azuis e pedaços de nuvens, mas tinha uma aparência estranha, como se um quadro pintado em vidro tivesse se quebrado e depois os cacos fossem remontados de maneira errada. Uma nuvem flutuante desapareceu contra alguma linha invisível e começou a emergir em outra parte do céu.

As coisas não eram o que pareciam. Mas então, como Vovó sempre dizia, elas nunca foram.

Agnes praticamente teve que puxar Aveia para dentro da casa da Tia Ogg, que na verdade estava tão longe do conceito de cabana de bruxa que, por assim dizer, o abordava pelo outro lado. Tendia para cores alegres e conflitantes, em vez de preto, e cheirava a polidor. Não havia caveiras ou velas estranhas, exceto a novidade cor-de-rosa que Tia Ogg comprara uma vez em Ankh-Morpork e só trouxe para mostrar aos convidados com o senso de humor certo. Eram muitas mesas, principalmente para expor o vasto número de desenhos e iconografias do imenso clã Ogg. À primeira vista, eles pareciam colocados aleatoriamente, até você descobrir o código. Na realidade, as fotos eram avançadas ou retardadas pela sala, à medida que vários membros da família caíam ou desapareciam temporariamente no conceito da Tia e qualquer um que acabasse na mesinha vacilante perto da tigela do gato tinha um trabalho sério a fazer. O que tornava tudo pior era que você poderia cair na hierarquia não porque tivesse feito algo ruim, mas porque todo mundo havia feito algo melhor. Era por isso que o espaço que não era ocupado por fotos de família era ocupado por enfeites, porque nenhum Ogg que viajasse mais de dezesseis quilômetros de casa sonharia em voltar sem um presente. Os Oggs adoravam a Tia Ogg e, bem, havia lugares ainda piores do que a mesa bamba. Um primo distante uma vez acabou no corredor.

A maioria dos enfeites eram coisas baratas compradas em feiras, mas Tia Ogg nunca se importava, desde que fossem coloridas e brilhantes. Portanto, havia muitos cachorros vesgos, pastoras cor-de-rosa e canecas com slogans mal escritos como "Para a melhor mãe do mundo" e "Nós amamos nossa Tia". Uma enorme caneca de cerveja de porcelana dourada

que tocava Ich Bin Ein Rattarsedschwein[13] dos Cavalos Estudantes estava trancada em um armário com fachada de vidro como um tesouro grande demais para exibição comum e que deu à foto de Shirl Ogg um lugar permanente na cômoda.

Tia Ogg já havia aberto espaço na mesa para a bola verde. Ela ergueu os olhos bruscamente quando Agnes entrou.

— Você demorou muito. Estava namorando? — Perguntou, com voz perfurante.

— Tia, Vovó teria dito isso —, disse Agnes em tom de reprovação.

Tia Ogg estremeceu. — Você está certa, menina —, disse ela. — Vamos encontrá-la rapidamente então, certo? Sou alegre demais para ser uma velha.

— Há criaturas estranhas em todos os lugares! — Disse Agnes. — Há montes de centauros! Tivemos que mergulhar na vala!

— Ah, eu notei que você tem grama e folhas no seu vestido —, disse a Tia. — Mas eu fui polida demais para mencionar isso.

— De onde eles estão vindo?

— Descendo as montanhas, suponho. Por que trouxe o João Seboso de volta com você?

— Porque ele está coberto de lama, Tia —, disse Agnes bruscamente, — e eu disse que ele poderia se lavar aqui.

— Hum... isso é realmente a cabana de uma bruxa? — Disse Aveia, olhando para as fileiras reunidas de Oggs.

---

[13] *Ich Bin Ein Rattarsedschwein*. Uma tradução do alemão para o inglês seria: I am a rat-arsed swine. “Eu sou um porco com bunda de rato”. "Rat-arsed" é o inglês coloquial para "malandro bêbado".
Os *Cavalos Estudantes*, The Student Horse no original, faz referência a uma opereta com música de Sigmund Romberg, *The Student Prince*. A opereta narra as aventuras de um príncipe alemão que se matricula, incógnito, em uma universidade e sua vida estudantil, repleta de noites de bebedeira e cantoria. N.T.

— Ai, meu saco —, disse a Tia.

— O pastor Melchio disse que elas são cloacas de depravação e excesso sexual. — O jovem deu um passo nervoso para trás, batendo contra uma mesinha e fazendo com que uma bailarina mecânica azul começasse uma pirueta espasmódica ao som de "Os três ratos cegos" .

— Bem, nós temos uma cloaca, verdade, disse Tia Ogg. — Qual é a sua melhor oferta por ela?

— Acho que devemos agradecer por ter sido um comentário de Tia Ogg —, disse Agnes. — Não provoque, Tia. Foi uma manhã movimentada.

— Hum... para que lado fica a bomba d´água? — Perguntou Aveia. Agnes apontou. Ele se apressou, agradecido.

— Mais úmido que um sanduíche de tempestade —, disse Tia Ogg, balançando a cabeça.

— Vovó foi vista acima do grande lago —, disse Agnes, sentando-se à mesa. Penetrante, Tia Ogg ergueu os olhos. — Naquele pedaço de brejo? — Ela disse. — Sim.

— Isso é ruim. É uma região complicada lá em cima.

— Complicada?

— Toda amassada.

— Como é? Eu estive lá em cima. É apenas urze e tojo e há algumas cavernas antigas no final do vale.

— Realmente? Não olhou para as nuvens, certo? Bem, vamos tentar...

Quando Aveia voltou, esfregado e brilhando, elas estavam discutindo e pareceram bastante embaraçadas quando o viram.

— Eu disse que precisaríamos de três de nós —, disse Tia Ogg, empurrando a bola de vidro para o lado. — Especialmente se ela estiver lá em cima. O solo retorcido é um inferno para a vidência. Nós simplesmente não temos o poder.

— Eu não quero voltar para o castelo!

— Magrat é boa nesse tipo de coisa.

— Ela tem um bebezinho para cuidar, Tia!

— É, em um castelo cheio de vampiros. Pense sobre isso. Sem saber quando eles vão ficar com fome de novo. Melhor ambas estarem fora disso.

— Mas...

— Você tem que a tirar de lá, agora. Eu mesmo iria, mas você mesma disse que eu só fico lá sentada sorrindo.

Agnes de repente apontou o dedo para Aveia. — Você!

— Eu? — Ele estremeceu.

— Você disse que podia ver que eles eram vampiros, não disse?

— Eu disse?

— Disse.

— Isso mesmo, eu disse. Hum…e?

— Você se pegou com sua mente ficando toda rosa e feliz?

— Acho que minha mente nunca esteve rosa e feliz —, disse Aveia.

— Então, como é que eles não o afetaram? — Aveia sorriu inquieto e pegou algo em sua jaqueta. — Estou protegido pela mão de Om, disse ele.

Tia Ogg inspecionou o pingente. Mostrava uma figura amarrada nas costas de uma tartaruga.

— Mesmo? — Ela disse. — Bem, bom truque, este.

— Assim como Om estende a mão para salvar o profeta Brutha da tortura. Ele também abrirá suas asas sobre mim em meu tempo de provação — , disse Aveia, mas parecia estar tentando tranquilizar a si mesmo e não à Tia. Ele continuou: — Eu tenho um panfleto se você se quiser saber mais, — e desta vez o tom era muito mais positivo, como se a existência de Om fosse um pouco incerta, enquanto a existência de panfletos fosse óbvia para qualquer pessoa de mente aberta e pensamento racional.

— Passo —, disse Tia Ogg. Ela soltou o medalhão. — Bem, o irmão Perdore nunca precisou de nenhuma joia mágica para lutar contra as pessoas, é tudo o que posso dizer.

— Não, ele só costumava soprar álcool em cima delas—, disse Agnes. — Bem, você vem comigo, senhor Aveia. Não vou enfrentar o príncipe Viscoso novamente sozinha! E pode calar a boca!

— Eu, hum, não disse nada...

— Eu não quis dizer você, eu quis dizer...olha, você disse que estudou vampiros, não é? O que é bom para vampiros?

Aveia pensou por um momento. — É... um belo caixão seco, hum, bastante sangue fresco, é, céu nublado... — A voz dele sumiu quando ele viu a expressão dela. — Ah... bem, depende exatamente de onde eles são, eu me lembro. Uberwald é um lugar muito grande. Hum... cortar a cabeça e enfiar uma estaca no coração geralmente é eficaz.

— Isso funciona com todo mundo —, disse Tia Ogg.

— Hum... em Splintz eles morrem se você colocar uma moeda na boca deles e cortar a cabeça deles...

— Diferentemente de gente normal, então —, disse a Tia, tomando um caderno de notas.

— É... em Klotz eles morrem se você enfiar um limão na boca deles...

— Soa melhor.

— ...depois de cortar a cabeça deles. Eu acredito que em Glitz você tem que encher a boca com sal, martelar uma cenoura em ambas as orelhas e depois cortar fora a cabeça.

— Eu posso ver que deve ter sido divertido descobrir tudo isso.

— E no vale do Ah eles acreditam que é melhor cortar a cabeça e fervê-la em vinagre.

— Você vai precisar de alguém para carregar tudo isso, Agnes —, disse a

Tia Ogg.

— Mas em Kashncari eles dizem que você deve cortar os dedos dos pés e enfiar um prego no pescoço.

— E cortar a cabeça deles?

— Aparentemente, você não precisa.

— Dedos do pé são fáceis —, disse a Tia. — O velho Windrow em Cú-do-Jerico-Doido cortou dois dos dele com uma pá e ele nem estava tentando.

— E então, é claro, você pode derrotá-los roubando a meia esquerda —, disse Aveia.

Perdão? — Disse Agnes. — Acho que não ouvi direito.

— Hum... eles são patologicamente meticulosos, sabe. Algumas das tribos ciganas de Borogravia dizem que se você roubar a meia deles e escondê-la em algum lugar, eles passarão o resto da eternidade procurando por ela. Eles não suportam que as coisas estejam fora do lugar ou faltando.

— Eu não consideraria isso uma crença muito difundida —, disse Tia Ogg.

— Oh, eles dizem em algumas aldeias que você pode até atrasá-los jogando sementes de papoula neles —, disse Aveia. — Então eles terão uma vontade terrível de contar cada semente. Vampiros são muito anal-retentivos, entende?

— Eu não gostaria de conhecer um que fosse o oposto —, disse Tia Ogg.

— Sim, bem, acho que não teremos tempo de pedir ao conde seu endereço preciso —, disse Agnes rapidamente. — Vamos entrar, buscar Magrat e voltar aqui, certo? Como é que você se tornou um especialista em vampiros, Aveia?

— Eu disse a você, estudei esse tipo de coisa no seminário. Temos que conhecer o inimigo se quisermos combater as forças do mal... vampiros,

demônios, br... — Ele parou.

— Continue —, disse Tia Ogg, doce como arsênico.

— Mas com as bruxas, devo apenas mostrar a elas o erro de seus caminhos. — Aveia tossiu nervosamente.

— Isso é algo pelo qual vale a pena esperar, então —, disse a Tia. — Até porque não coloquei meu corselete a prova de fogo. Vão embora, então... vocês três.

— Somos três? — Perguntou Aveia.

Agnes sentiu o braço esquerdo tremer. Contra todos os esforços de sua vontade, seu pulso dobrou, sua palma se curvou e ela sentiu um dedo se esforçando para se abrir. Apenas Tia Ogg percebeu. — É como ter seu próprio "segura-vela" o tempo todo, não é? — Disse ela. — Do que ela estava falando? — Disse Aveia, enquanto se dirigiam para o castelo.

— A cabeça dela viaja —, disse Agnes, baixinho.

Carros de bois cobertos avançavam ruidosamente pela rua até o castelo. Agnes e Aveia ficaram de lado e os observaram. Os carreteiros não pareciam interessados nos espectadores. Eles usavam roupas pardas e mal ajustadas, mas um toque incomum era o lenço que cada um enrolava no pescoço com tanta força que parecia uma bandagem.

— Ou há uma praga de dores de garganta em Uberwald ou haverá pequenas perfurações feias sob elas, aposto —, disse Agnes.

— É… eu sei um pouco sobre a maneira como eles supostamente controlam as pessoas —, disse Aveia.

— Mesmo?

— Parece bobo, mas estava em um livro antigo.

— Bem?

— Eles acham as pessoas obstinadas mais fáceis de controlar.

— Obstinadas? — Disse Agnes desconfiada. Mais carroças passaram.

— Não parece certo, eu sei. Você pensaria que pessoas de mente forte seriam mais difíceis de afetar. Suponho que um alvo grande seja mais fácil de atingir. Em algumas das aldeias, aparentemente, os caçadores de vampiros ficam completamente bêbados primeiro. Proteção, percebe? Você não pode socar a névoa.

Nós somos névoa? disse Perdita*. Ele também, pelo jeito dele...*

Agnes deu de ombros. Havia um certo ar bucólico nos rostos dos carroceiros. Claro, você poderia encontrar o mesmo em Lancre; mas em Lancre tudo isso era coberto por uma mistura de astúcia, bom senso e obstinação teimosa. Aqui os olhos por trás dos rostos tinham uma aparência desligada.

Como gado, disse Perdita.

Sim —, disse Agnes.

— Perdão? — Disse Aveia.

— Apenas pensando em voz alta…

E ela pensou em como um homem podia controlar tão facilmente um rebanho de vacas, qualquer uma das quais poderia tê-lo deixado como uma pequena depressão úmida no solo, se quisesse. De alguma forma, elas nunca chegaram a pensar nisso.

Podemos supor que elas sejam melhores do que nós, ela pensou. E Supondo isto, comparados a elas, nós somos apenas...

Você já está bem perto do castelo, retrucou Perdita*. E está pensando pensamentos de vaca.*

Então Agnes percebeu que havia um pelotão de homens marchando atrás das carroças. Eles não se pareciam em nada com os carreteiros.

E estes, disse Perdita*, são os aguilhões do gado.*

Eles usavam uniformes ou alguma coisa como, com o brasão preto e branco dos Magpyrs, mas não formavam um pelotão que parecesse elegante

em um uniforme. Eles se pareciam muito com homens que matavam outras pessoas por dinheiro, e nem mesmo por muito dinheiro. Pareciam, em resumo, homens que comeriam alegremente um sanduíche de cachorrinho. Vários deles olharam de soslaio para Agnes quando passaram, mas foi apenas um olhar malicioso genérico; simplesmente maldoso com base no fato de ela estar usando um vestido. Mais carroças surgiram atrás deles.

— Tia Ogg diz que certas ocasiões devem ser agarradas pelos culhões —, disse Agnes e disparou para a frente quando a última carroça passou roncando.

— Ela disse?

— Temo que sim. Você se acostuma com isso.

Ela agarrou a parte de trás da carroça e se aboletou ali, acenando para que ele a seguisse. — Você está tentando me impressionar? — Ele disse, enquanto ela o puxava para bordo.

— Não você —, disse ela. E percebeu, neste momento, que o assento onde estava sentada era um caixão.

Havia dois deles na parte de trás da carroça, cheios de palha.

— Estão trazendo a mobília? — Disse Aveia.

— Eu, é... eu acho... que pode... estar ocupado —, disse Agnes.

Ela quase gritou quando ele removeu a tampa. O caixão estava vazio.

— Seu idiota! E se houvesse alguém aí dentro!

— Vampiros são fracos durante o dia. Todo mundo sabe disso —, disse Aveia em tom de censura.

— Eu posso… senti-los aqui… em algum lugar —, disse Agnes. O chacoalhar da carroça mudou quando ela começou a rolar sobre os paralelepípedos do pátio.

— Abra a tampa do outro e eu vou dar uma olhada.

— Mas suponha...

Ele a empurrou e levantou a tampa antes que ela pudesse protestar mais. — Não, nenhum vampiro aqui também —, ele disse.

— Suponha que alguém apenas estendesse a mão e agarrasse você pelo pescoço!

— Om é meu escudo —, disse Aveia.

— Mesmo? Que bom.

— Você pode rir...

— Eu não ri.

— Você pode se quiser. Mas tenho certeza de que estamos fazendo a coisa certa. Sonaton não derrotou a Besta de Batrigore em sua própria caverna?

— Não sei.

— Ele fez. E o profeta Urdure não venceu o Dragão de Sluth na Planície de Gidral após três dias de luta?

— Não sei se temos tanto tempo...

— E não é verdade que os Filhos de Exequial venceram as hostes de Myrilom?

— Mesmo?

— Você já ouviu falar disso?

— Não. Ouça, nós paramos aqui. Eu particularmente não quero que sejamos encontrados, você quer? Não agora. E não por aqueles guardas. Eles não parecem ser caras legais.

Eles trocaram um olhar significativo sobre os caixões, concernente a uma certa inevitabilidade quanto ao futuro imediato.

— Eles vão perceber que estão mais pesados, vão? — Disse Aveia.

— Aquelas pessoas que dirigiam os carrinhos não pareciam notar muita coisa.

Agnes olhou para o caixão ao lado dela. Havia um pouco de sujeira no fundo, mas fora isso estava bem limpo e tinha um travesseiro na cabeceira.

Havia também alguns bolsos laterais no forro.

— É a maneira mais fácil de entrar —, disse ela. — Você entra nesse, eu entro naquele. E, olhe... aquelas pessoas de quem você acabou de me falar... eram personagens históricos reais?

— Certamente. Eles...

— Bem, não tente imitá-los ainda, certo? Caso contrário, você também será um personagem histórico.

Ela fechou a tampa e ainda sentiu que havia um vampiro por perto.

Sua mão tocou o bolso lateral. Havia algo macio, mas espetado ali. Seus dedos o exploraram com horror e fascinação e descobriram que era um novelo de lã com um par de longas agulhas de tricô enfiadas nele, sugerindo uma forma muito domesticada de vodu ou que alguém estava tricotando uma meia.

Quem tricotava meias em um caixão? Por outro lado, talvez até mesmo os vampiros às vezes não conseguissem dormir e se revirassem o dia todo.

Ela se preparou quando o caixão foi recolhido e tentou ocupar sua mente pensando para onde ele estava sendo levado. Ela ouviu o som de passos nas pedras, e então o som nas lajes nos degraus principais, ecoando no grande salão e um súbito mergulho...

Isso significava os porões. Lógico, realmente, mas não muito bom.

Você está fazendo isso para me impressionar, disse Perdita. *Você está fazendo isso para tentar parecer ser extrovertida e dinâmica.*

Cale a boca, pensou Agnes.

Uma voz do lado de fora disse: — Coloque-os aí embaixo.

Esse era aquele que se chamava Igor. Agnes desejou ter pensado em uma arma.

— Então, querem si livrar de mim, né não? — A voz continuou, contra um fundo de passos que desapareciam. — Tudo isscho vai se acabar em

lágrimas. Eschtá tudo muito bem para eles, mas quem tem que limpar o pó depois, hein? Isso é o que eu goschtaria de saber. Quem tem que tschirar a cabeça deles do pote de picles? Quem tem que encontrar eles debaixo do gelo? Eu devo ter tirado mais eschtacas que as coisinhas retorcidas que eu como no jantar...

Houve uma inundação de luz quando a tampa do caixão foi removida. Igor olhou para Agnes. Agnes olhou para Igor.

Igor descongelou primeiro. Ele sorriu... tinha um sorriso geometricamente interessante, por causa da linha de pontos que o atravessava... — Meu pai, alguém anda eschcutando muita hischtória. Tem algum alho?

— Um monte —, mentiu Agnes.

— Não funciona. Alguma água benta?

— Galões.

— Isscho...

A tampa de um caixão bateu na cabeça de Igor, produzindo um estranho som metálico. Ele estendeu a mão lentamente para esfregar o local e então se virou. Desta vez, a tampa acertou seu rosto.

— Ah... isscho —, ele disse, e desabou. Aveia apareceu, com o rosto brilhando de adrenalina e retidão.

— Eu o feri fortemente!

— Bom, bom, vamos sair daqui! Me ajude a levantar!

— Minha ira desceu sobre ele como...

— Era uma tampa pesada e ele não é tão jovem —, disse Agnes. — Olha, eu costumava brincar aqui embaixo, sei como chegar na escada dos fundos...

— Ele não é um vampiro? Ele parece um. Primeira vez que vejo um homem de retalhos…

— Ele é um servo. Agora, por favor, venha... — Agnes fez uma pausa.

— Você pode fazer alguma água benta?

— O que, aqui?

— Quero dizer, abençoe-a, ou dedique-a a Om, ou... ferva-a ao máximo, talvez —, disse Agnes.

— Há uma pequena cerimônia que eu posso... — Ele parou. — Ótimo! Vampiros podem ser detidos com água benta!

— Bom. Vamos passar pela cozinha, então.

As enormes cozinhas estavam quase vazias. Elas nunca tinham muito movimento ultimamente, já que o casal real não era do tipo que exigia três pratos de carne em cada refeição e no momento havia apenas a Senhora Scorbic, a cozinheira, abrindo calmamente a massa.

— ‘tarde, Senhora Scorbic —, disse Agnes, decidindo que o melhor caminho era passar por ela e confiar na autoridade do chapéu pontudo. — Acabamos de passar para pegar um pouco de água, não se preocupe, eu sei onde fica a bomba, mas se você tiver algumas garrafas vazias, isso seria útil.

— Tudo bem, querida —, disse a Senhora Scorbic. Agnes parou e se virou.

A senhora Scorbic era notoriamente amarga, especialmente quando se tratava de soja, costeletas de nozes, refeições vegetarianas e qualquer vegetal que não pudesse ser fervido até ficar amarelo. Até o rei hesitava em colocar os pés em sua cozinha, mas enquanto ele só conseguia um silêncio raivoso, os mortais inferiores obtinham toda a força de sua ira generalizada. A Senhora Scorbic sempre estava permanentemente zangada, da mesma forma que as montanhas são permanentemente grandes.

Hoje ela estava usando um vestido branco, um avental branco, um grande gorro branco e uma bandagem branca em volta do pescoço. Ela também parecia, por falta de palavra melhor, feliz.

Agnes acenou urgentemente para Aveia em direção à bomba. —

Encontre algo para encher —, ela sibilou e então disse animadamente, — Como você está se sentindo, Senhora Scorbic?

— Melhor agora que você perguntou, senhorita.

— Imagino que você esteja ocupada com todos esses visitantes?

— Sim senhorita.

Agnes tossiu. — E, hum, o que você deu para eles no café da manhã?

A enorme sobrancelha rosada da cozinheira se enrugou. — Não me lembro, senhorita.

— Bom trabalho. — Aveia a cutucou.

— Eu enchi algumas garrafas vazias e rezei o Rito de Purificação de Om sobre elas.

— E isso vai funcionar?

— Você deve ter fé.

A cozinheira observava-os amigavelmente.

— Obrigado, Senhora Scorbic —, disse Agnes. — Por favor, continue com... o que você estava fazendo.

— Sim senhorita. — A cozinheira voltou para seu rolo.

Ela sozinha pode fornecer muitas refeições, disse Perdita. *Cozinha e despensa tudo em um.*

— Isso foi de mau gosto! — Disse Agnes.

— O que disse? — O padre perguntou.

— Oh... apenas um pensamento que eu tive. Vamos subir pelas escadas dos fundos.

Eram de pedra nua, comunicando-se com as partes públicas da torre de menagem por meio de uma porta em cada nível. Do outro lado daquelas portas ainda havia pedra nua, mas com uma classe melhor de alvenaria, com tapeçarias e tapetes. Agnes abriu uma porta.

Algumas pessoas de Uberwald caminhavam pelo corredor adiante,

carregando algo coberto por um pano. Eles não dispensaram um olhar sequer aos recém-chegados enquanto Agnes liderava o caminho para os aposentos reais.

Magrat estava de pé sobre uma cadeira quando eles entraram. Ela olhou para eles enquanto pequenas estrelas de madeira pintadas e animais se enredavam em torno de seu braço erguido.

— Coisas miseráveis —, disse ela. — Você pensaria que seria fácil colocá-las, não é? Ah, olá, Agnes. Você poderia segurar a cadeira?

— O que você está fazendo? — Perguntou. Ela olhou com cuidado. Não havia bandagem no pescoço de Magrat.

— Tentando prender este móbile no lustre —, disse Magrat. — Uh... pronto. Mas emaranha o tempo todo! Verence diz que é muito bom para as crianças verem muitas cores e formas brilhantes. Acelera o desenvolvimento, diz ele. Mas não consigo encontrar Millie em lugar nenhum.

Há um castelo cheio de vampiros e ela está decorando a sala de jogos, disse Perdita*. O que há de errado com essa xilogravura?*

De alguma forma, Agnes não conseguiu adverti-la. Além do mais, a cadeira parecia vacilante.

— A pequena Esmê tem apenas duas semanas —, disse Agnes. —Não está um pouco cedo para começar sua educação?

— Nunca é cedo demais para começar —, diz ele. O que posso fazer por você?

— Precisamos que você venha conosco. Agora.

— Por que? — Disse Magrat, e para alívio de Agnes ela desceu da cadeira.

— Por que? Magrat, há vampiros no castelo! A família Magpyr, todos eles são vampiros!

— Não seja tola, eles são pessoas muito agradáveis. Eu estava

conversando com a Condessa ainda esta manhã...

— A respeito? — Perguntou Agnes. — Aposto que você não consegue se lembrar!

— Eu sou a rainha, Agnes —, disse Magrat em tom de censura.

— Desculpe, mas eles afetam a mente das pessoas...

— A sua?

— Hum, não, não a minha. Eu tenho...eu...parece que sou imune —, Agnes mentiu. — E ele? — Disse Margrat cortante. — Sou protegido por minha fé em Om —, disse Aveia. Magrat ergueu as sobrancelhas para Agnes.

— Ele está? — Agnes deu de ombros.

— Aparentemente.

Magrat se aproximou. — Ele não está bêbado, não é? Está com duas garrafas de cerveja.

— Elas estão cheias de água benta —, Agnes sussurrou.

— Verence disse que o omnianismo parece ser uma religião muito sensata e estável —, sibilou Magrat.

Ambas olharam para Avena e mentalmente colocaram aquelas palavras sobre ele para ver se elas se encaixavam.

— Vamos embora? — Ele disse.

— Claro que não —, Magrat levantou a voz, endireitando-se. — Isso é bobagem, Agnes. Sou uma mulher casada, sou a Rainha, tenho um bebezinho. E você vem aqui me dizendo que temos vampiros! Tenho convidados aqui e...

— Os convidados são vampiros, majestade —, disse Agnes. — O rei os convidou!

— Verence diz que temos que aprender a lidar com todo tipo de pessoa...

— Achamos que a Vovó-Cera-do-Tempo está com sérios problemas,

disse Agnes.

Magrat parou. — Quão sérios? ela disse.

— Tia Ogg está muito preocupada. Bastante mal-humorada. Ela diz que é necessário de três de nós para encontrar Vovó.

— Bem, eu...

— E Vovó pegou a caixa, seja lá o que isso signifique —, disse Agnes.

— Aquela que ela guarda na cômoda?

— Sim. Tia Ogg não quis me contar muito sobre o que havia nela.

Magrat abriu as mãos como um pescador medindo um peixe de tamanho médio.

— A caixa de madeira polida? Mais ou menos deste tamanho?

— Não sei, nunca vi. Tia Ogg parece pensar que era importante. Ela não disse o que continha... — repetiu Agnes, caso Magrat não tivesse entendido.

Magrat juntou as mãos e olhou para baixo, mordendo os nós dos dedos. Quando ela olhou para cima, seu rosto estava decidido. Ela apontou para Aveia.

— Você encontra uma sacola ou algo assim e esvazia nela todas as coisas da gaveta de cima ali, e pega o penico, e o caminhãozinho, ah, e os bichinhos de pelúcia, e a sacola de fraldas, e a sacola para fraldas usadas , e o banho, e a bolsa com as toalhas, e a caixa de brinquedos, e as coisas de corda, e a caixa de música, e a bolsa com os terninhos, ah, e o gorro de lã, e você, Agnes, encontre algo com que possamos fazer um tipo de tipoia, um canguru. Você subiu pelas escadas dos fundos? Desceremos pelo mesmo caminho.

— Para que precisamos de uma tipoia?

Magrat se inclinou sobre o berço e pegou o bebê, enrolado em um cobertor.

— Eu não vou deixá-la aqui, vou? — Ela disse.

Houve um barulho vindo da direção de Fortemente Aveia. Ele já tinha os dois braços cheios e um grande coelho de pelúcia entre os dentes.

— Precisamos de tudo isso? — Disse Agnes.

— Nunca se sabe —, disse Magrat.

— Até mesmo a caixa de brinquedos?

— Verence acha que ela pode ser uma criança precocemente desenvolvida, disse Magrat..

— Ela tem algumas semanas!

— Sim, mas o estímulo em uma idade precoce é vital para o desenvolvimento do cérebro em crescimento —, disse Magrat, colocando a bebê Esmê sobre a mesa e vestindo-a em um macacão. — Além disso, temos que controlar sua coordenação olho-mão o mais rápido possível. Não é bom deixar as coisas perderem seu fio. Ah sim... Se puder traga o escorregador também. E o pato de borracha amarelo. E a esponja em forma de ursinho. E o ursinho em forma de esponja.

Houve outro estrondo da montanha de coisas que cercava Aveia.

— Por que a caixa é tão importante? disse Agnes.

— Não é importante em si mesma —, disse Magrat. Ela olhou por cima do ombro. — Ah, e coloque aquela boneca de pano, ok? Tenho certeza de que a bebê está focada nela. Que droga... a sacola vermelha contém os remédios, obrigada... O que você me perguntou?

— A caixa de Vovó —, sugeriu Agnes.

— Oh, é... apenas importante para ela.

— É mágico?

— Como é? Ah não. Não até onde eu sei. Mas tudo nela pertence a ela, veja você. Não pertence à cabana —, disse Magrat, pegando sua filha. — Quem é uma boa menina, então? É você! Ela olhou em volta. — Esquecemos de alguma coisa?

Aveia cuspiu o coelho. — Possivelmente o teto —, disse ele.
— Então vamos.

Pegas se reuniram ao redor da torre do castelo. A maioria das rimas de pega termina por volta de dez ou doze, mas aqui havia centenas de pássaros, o suficiente para satisfazer qualquer previsão possível. Existem muitas rimas sobre pegas, mas nenhuma delas é muito confiável porque não são as que as pegas conhecem.

O conde sentou-se na escuridão abaixo, ouvindo suas mentes. Imagens brilhavam atrás de seus olhos. Era assim que se governava um país, refletiu. As mentes humanas eram tão difíceis de ler, a menos que estivessem tão próximas que você pudesse ver as palavras pairando logo abaixo da vocalização. Mas os pássaros podiam chegar a todos os lugares, ver todos os trabalhadores nos campos e caçadores na floresta. Também eram bons ouvintes. Muito melhor do que morcegos ou ratos. Mais uma vez, a tradição foi derrubada.

Nenhum sinal da Vovó, no entanto. Algum truque, talvez. Não importava. Eventualmente ela o encontraria. Ela não iria se esconder por muito tempo. Não era da natureza dela. Ceras-do-Tempo sempre resistiam e lutavam, mesmo quando sabiam que seriam derrotadas. Tão previsíveis.

Vários dos pássaros viram uma pequena figura ocupada caminhando pelo reino, conduzindo um burro carregado com equipamento de falcoaria. O conde deu uma olhada em Hodgesaargh, encontrou uma mente abarrotada de falcões e o dispensou. Ele e seus pássaros idiotas teriam que se ir eventualmente, é claro, porque ele deixava as pegas nervosas. Ele fez uma nota para mencionar isso aos guardas.

— Ooaauooow!

…mas provavelmente não havia combinação de vogais que pudesse fazer justiça ao grito que Tia Ogg deu ao ver um bebê. E incluía sons conhecidos apenas pelos gatos.

— Ela não é uma gracinha? — A Tia cantava. — Eu provavelmente tenho um docinho em algum lugar...

— Ela não come alimentos sólidos —, disse Magrat.

— Ainda mantendo você acordada toda as noites?

— E dias. Mas ela dormiu bem hoje, graças sejam dadas. Tia, entregue-a ao Senhor Aveia e vamos resolver isso imediatamente.

O jovem padre pegou o bebê nervosamente, segurando-o, como alguns homens fazem, como se fosse quebrar ou pelo menos explodir.

— Pronto, pronto, pronto —, disse ele vagamente.

— Agora... o que é tudo isso com a Vovó? — disse Magrat.

Elas contaram a ela, interrompendo uma à outra em pontos importantes.

— O terreno retorcido em direção ao topo da floresta? — Perguntou Magrat, quando elas estavam quase terminando.

— Isso mesmo —, disse Tia Ogg.

— O que é solo retorcido? — Disse Agnes.

— Há muita magia nessas montanhas, certo? — Disse Tia Ogg. — E todo mundo sabe que montanhas são feitas quando pedaços de terra se chocam, certo? Bem, quando a magia fica presa, você... meio que... consegue um pedaço de terra onde o espaço é... meio que... amassado, certo? Seria bastante grande se pudesse, mas é como um pedaço de madeira retorcida em uma velha árvore. Ou um lenço usado... todo dobrado pequeno, mas

ainda grande de uma maneira diferente.

— Mas eu estive lá em cima e é apenas um pedaço de charneca!

— Você precisa saber a direção certa —, disse Tia Ogg. — É muito difícil espiar em um lugar como aquele. Fica tudo vacilante. É como tentar ver algo de perto e de longe ao mesmo tempo. Isso faz com que sua bola de cristal pareça água.

Ela puxou a bola verde em sua direção.

— Agora, vocês duas empurram e eu dirijo...

— Hum, vocês vão fazer alguma mágica? disse Aveia, atrás delas.

— Qual o problema? — Disse Tia Ogg.

— Quero dizer, envolve, é... — ele corou, — hum… remover suas roupas e dançar e convocar criaturas lascivas e lascivas? Só temo que não poderia fazer parte disso. O Livro de Om proíbe a associação com falsos encantadores e adivinhos enganosos, entende?

— Eu também não me daria com falsos encantadores —, disse Tia Ogg. — Suas barbas caem.

— Nós somos verdadeiras —, disse Magrat.

— E nós certamente não convocamos criaturas lascivas e luxuriosas —, disse Agnes.

— A menos que queiramos —, disse Tia Ogg, quase baixinho.

— Bem... tudo bem, então —, disse Aveia.

Enquanto eles desenrolavam o poder, Agnes ouviu Perdita pensar *eu não gosto de Magrat. Ela não é mais como costumava ser.* Bem, claro que ela não é.

Ela está assumindo o controle, não está se encolhendo um pouco como costumava fazer e ela não está MOLHADA. É porque ela é mãe, pensou Agnes. *As mães são apenas ligeiramente úmidas.*

Ela própria não era muito a favor da maternidade em geral.

Obviamente era necessário, mas não era exatamente difícil. Até os gatos conseguiam. Mas as mulheres agiam como se tivessem recebido uma medalha que as autorizasse a mandar nas pessoas. Era como se, só porque eles tinham o rótulo que dizia "mãe", todo mundo ganhava uma pequenina parte do rótulo que dizia "filho"...

Ela deu de ombros mentalmente e se concentrou na tarefas que tinham em mãos.

A luz cresceu e desapareceu dentro do globo verde. Agnes só tinha visto algumas vezes antes, mas ela não se lembrava da luz pulsando assim. Toda vez que se dissolvia em uma imagem, a luz piscava e saltava para algum outro lugar... um pedaço de urze... uma árvore... massa rodopiante de nuvens...

E então Vovó-Cera-do-Tempo veio e se foi. A imagem veio e se foi em um instante e o brilho intenso que inundou tudo disse a Agnes que era só aquilo, pessoal.

— Ela estava deitada —, disse Magrat. — Estava tudo confuso.

— Então ela está em uma das cavernas. Ela disse uma vez que subia lá para ficar sozinha com seus pensamentos —, disse Tia Ogg. — E você pegou aquela pequena contração? Ela está tentando nos manter fora.

— As cavernas lá em cima são apenas escavações na rocha —, disse Agnes.

— Sim... e não, disse a Tia. — Eu a vi segurando um cartão em suas mãos?

— O cartão "eu não tô morta"? — disse Margrat.

— Não, esse ela deixou na cabana.

— Quando realmente precisamos dela, ela vai embora para uma caverna? Será que ela não sabe que precisamos dela? Será que ela não sabe sobre os vampiros? — Disse Agnes.

— Não podemos ir e perguntar a ela? — Magrat perguntou.

— Não podemos voar todo o caminho—, disse Tia Ogg, coçando o queixo. — Não dá para voar normalmente sobre um terreno retorcido. As vassouras agem de forma engraçada.

— Então vamos a pé o resto do caminho —, disse Magrat. — Faltam horas para o pôr do sol.

— Você não vem, não é? — Disse Agnes, horrorizada.

— É claro que eu vou.

— Mas e o bebê?

— Ela parece gostar do canguru e isso a mantém aquecida e não é como se houvesse monstros lá em cima —, disse Magrat. — De qualquer forma, acho que é possível combinar maternidade e carreira.

— Pensei que você tivesse desistido da bruxaria —, disse Agnes.

— Sim…bem…sim. Vamos ter certeza de que a Vovó está bem e deixar isso tudo resolvido e então, obviamente, terei outras coisas para fazer...

— Mas pode ser perigoso! — Disse Agnes. — Não acha, Tia?

Tia Ogg virou a cadeira e olhou para a bebê. — cuti, cuti, cuti? — Disse. A cabecinha olhou em volta e Esmê abriu os olhos azuis. Tia Ogg olhou pensativa.

— Leve-a conosco —, ela disse finalmente. — Eu costumava levar nosso Jason para todos os lugares quando ele era pequeno. Eles gostam de estar com a mãe. Ela deu ao bebê outro longo olhar duro.

— Sim —, ela continuou, — Acho que seria uma ótima ideia.

— Hum… acho que talvez haja pouco que eu possa fazer —, disse Aveia.

— Ah, seria muito perigoso levar você —, disse Tia Ogg, com desdém.

— Mas é claro que minhas orações irão com vocês.

— Que fofo. — Tia Ogg fungou.

Uma garoa encharcou Hodgesaargh enquanto ele caminhava de volta para o castelo. A umidade havia entrado na isca e o barulho que ela fazia agora só podia atrair alguma criatura estranha e perdida, escondida em estuários antigos. Ou possivelmente uma ovelha com muita dor de garganta.

E então ele ouviu a tagarelice de pegas.

Ele amarrou o burro a um arbusto e saiu para uma clareira. Os pássaros estavam gritando nas árvores ao redor dele, mas saíram voando ao ver King Henry empoleirado no burro.

Agachada contra uma rocha musgosa estava... uma pequena pega. Estava tudo desalinhada e bagunçada, como se tivesse sido feita por alguém que já tinha visto uma pega, mas não sabia como ela deveria funcionar. Ao vê-lo, a pega começou a se contorcer, houve uma agitação de penas e de repente, uma versão menor do rei Henrique tentou abrir suas asas esfarrapadas.

Ele recuou. Em seu poleiro, a águia encapuzada tinha a cabeça voltada para o estranho pássaro…que agora era um pombo. Um tordo. Uma carriça…

Uma súbita insinuação de destruição fez Hodgesaargh cobrir os olhos, mas ele viu o clarão através da pele de seus dedos, sentiu o baque da chama e cheirou os pelos queimados nas costas de sua mão.

Alguns tufos de grama ardiam na borda de um círculo de terra arrasada. Dentro dele, alguns ossos patéticos brilharam em brasa e depois se desfizeram em cinzas finas.

Na floresta, as pegas gritavam. O conde Magpyr se mexeu na escuridão de seu quarto e abriu os olhos. As pupilas se dilataram para receber mais luz.

— Eu acho que ela está se escondendo —, disse ele.

— Aconteceu incrivelmente rápido —, disse a condessa. — Eu pensava ter ouvido você dizer que ela era muito poderosa.

— Ah, é verdade. Mas é humana. E ela está envelhecendo. Com a idade vem a dúvida. É tão simples. Completamente sozinha naquela cabana estéril, sem companhia além da luz de velas...é tão simples abrir todas as pequenas rachaduras e deixar sua mente girar sobre si mesma. É como assistir a um incêndio florestal quando o vento muda e, de repente, está caindo sobre todas as casas que você pensou terem sido construídas com tanta força.

— Você pôs tudo tão graficamente.

— Obrigado.

— Você teve tanto sucesso em Refúgio, eu sei…

— Um modelo para o futuro. Vampiros e humanos finalmente em harmonia. Não há necessidade dessa animosidade, como eu sempre disse.

A Condessa caminhou até a janela e cuidadosamente abriu a cortina. Apesar do céu nublado, a luz cinza se filtrava.

— Também não há necessidade de ser tão cautelosa quanto a isso —, disse o marido, — chegando por trás dela e puxando a cortina para o lado. A condessa estremeceu e virou o rosto.

— Viu? Ainda inofensivo. Todos os dias, em todos os sentidos, ficamos cada vez melhores —, disse o Conde Magpyr alegremente. — Autoajuda. Pensamento positivo. Treinamento. Familiaridade. Alho? Um tempero agradável. Limões? Simplesmente um gosto adquirido. Ora, ontem perdi uma meia e simplesmente não me importo. Eu tenho um monte de meias. Meias extras podem ser arranjadas! Seu sorriso desapareceu quando ele viu

a expressão de sua esposa.

— A palavra "mas" está na ponta da sua língua —, disse ele categoricamente.

— Eu só ia dizer que não havia bruxas em Refúgio.

— E o lugar fica ainda melhor por isso!

— Claro, mas...

— Lá vai você de novo, minha querida. Não há espaço para "mas" em nosso vocabulário. Verence estava certo, curiosamente. Há um novo mundo chegando e não haverá espaço nele para aqueles horríveis gnomos, bruxas ou centauros e muito menos para os pássaros de fogo! Fora com eles! Vamos progredir! Eles são inadequados para a sobrevivência!

— Você só feriu aquela fênix.

— Meu ponto, exatamente. Ela se permitiu ser ferida e, portanto, a extinção se aproxima. Não, minha querida, se não queremos desaparecer com o velho mundo, devemos mudar no novo. Bruxas? Receio que as bruxas sejam parte do passado agora.

As vassouras do presente pousaram logo acima da linha das árvores, na beira da charneca. Como Agnes havia dito, mal era grande o suficiente para merecer o termo. Ela podia até ouvir o pequeno riacho na outra extremidade.

— Não consigo ver nada com aparência retorcida —, disse Agnes. Ela sabia que era uma coisa estúpida de se dizer, mas a presença de Magrat a estava deixando nervosa.

Tia Ogg olhou para o céu. As outras duas seguiram seu olhar.

— Você tem que acostumar seu olho, mas se você observar poderá ver

—, ela disse. — Você só pode ver se ficar na charneca.

Agnes semicerrou os olhos para o céu nublado.

— Ah... acho que consigo —, disse Magrat.

Aposto que não, disse Perdita*, eu não consigo.*

E então Agnes conseguiu. Era difícil de detectar, como uma junção entre duas placas de vidro, e parecia se afastar sempre que ela tinha certeza de que podia vê-lo, mas havia uma... inconsistência, aparecendo e desaparecendo no limite da visão.

Tia Ogg lambeu um dedo e ergueu-o contra o vento. Então ela apontou.

— Por aqui. E fechem os olhos.

— Não há caminho —, disse Magrat.

— Tá certo. Você segura minha mão, Agnes segura a sua. Já andei por aqui algumas vezes. Não é difícil.

— É como uma história infantil —, disse Agnes.

— Sim, estamos até os ossos agora, tudo bem —, disse a Tia. — E... lá vamos nós...

Agnes sentiu a urze roçar seus pés quando ela deu um passo à frente. Ela abriu os olhos. A charneca se estendia por todos os lados, mesmo atrás delas. O ar estava mais escuro, as nuvens mais pesadas, o vento mais cortante. As montanhas pareciam muito distantes. Houve um troar distante de água.

— Onde estamos agora? — Disse Magrat.

— Ainda aqui —, disse Tia Ogg. — Lembro-me de meu pai dizendo que às vezes um cervo ou algo assim corria para um terreno retorcido se estivesse sendo caçado.

— Tinha que estar muito desesperado —, disse Agnes. A urze era mais escura aqui e arranhava tanto que era quase espinhosa. — Tudo é tão... desagradável.

— A atitude tem sua parte nisso —, disse Tia Ogg. Ela bateu em algo

com o pé.

Era... bem, havia sido uma pedra erguida, pensou Agnes, mas agora era uma pedra caída. Líquen crescia densamente por toda ela.

— O marco. Difícil sair de novo se você não souber onde ele está —, disse Tia Ogg. — Vamos para as montanhas. Esmê está bem agasalhada, Magrat? A pequena Esmê quero dizer.

— Está dormindo.

— É —, disse Tia Ogg, no que Agnes achou ser um tom de voz estranho. — Muito bom, realmente. Vamos. Oh... pensei que poderíamos precisar disso...

Ela remexeu no depósito sem fundo de sua perna de calcinha e tirou um par de meias tão grossas que poderiam ficar de pé sozinhas.

— Lã de Lancre —, disse ela. — Nosso Jason os tricota à noite e você sabe como ele tem dedos fortes. Você poderia chutar uma parede para abrir caminho.

A urze tentou inutilmente rasgar aquela lã que mais parecia arame enquanto as mulheres corriam pela charneca. Ainda havia um sol aqui, ou pelo menos um ponto brilhante no meio do céu nublado, mas a escuridão parecia surgir de baixo do solo.

Agnes... disse a voz de Perdita, na privacidade de seu cérebro compartilhado. Que foi? Agnes pensou.

Tia Ogg está preocupada com algo que tem a ver com o bebê e a Vovó*. Você percebeu?*

Agnes pensou: Eu sei que a Tia fica olhando para a pequena Esmê como se ela estivesse tentando se decidir sobre alguma coisa, se é isso que você quer dizer.

Bem, acho que tem a ver com Empréstimos... ela acha que a Vovó está usando o bebê para ficar de olho em nós? *Eu não sei. Mas algo está*

acontecendo…

O troar à frente ficou mais alto.

— Há um pequeno riacho, não é? — Disse Agnes.

— Isso mesmo —, disse Tia Ogg. — Bem aqui.

A charneca ficou para trás. Eles olharam para o abismo, que não olhou de volta. Era enorme. A água branca era visível bem abaixo. O ar frio e úmido passou por seus rostos.

— Isso não pode estar certo —, disse Magrat. — Isso é mais largo e profundo do que a garganta do Lancre!

Agnes olhou para a névoa. *Tem pelo menos um metro de fundo,* Perdita disse a ela. Posso ver cada seixo.

— Perdita acha que é uma... bem, uma ilusão de ótica —, Agnes disse em voz alta.

— Ela pode estar certa —, disse a Tia Ogg. — Terreno retorcido, veem? Maior no lado de dentro.

Magrat pegou uma pedra e jogou. Ele ricocheteou na parede algumas vezes, caindo de ponta a ponta, e então nada restou além de um eco de pedra. O rio estava muito mais fundo do que parecia, inclusive para se ver ao respingo.

— É muito realista, não é —, ela disse fracamente.

— Poderíamos usar a ponte —, disse Tia Ogg, apontando.

Eles olharam para a ponte. Tinha uma certa qualidade negativa. Ou seja, ainda que fosse possível, dentro dos limites da probabilidade, que se elas tentassem cruzar o abismo caminhando sobre o ar rarefeito, isso poderia funcionar — por causa de correntes ascendentes repentinas ou moléculas de ar repentinamente tendo uma ideia maluca ao mesmo tempo — tentar fazer a mesma coisa pela ponte seria claramente ridículo.

Não havia argamassa nela. Os pilares simples eram pedras empilhadas

como uma parede de alvenaria sem argamassa, com uma série de grandes lajes colocadas no topo. O resultado teria sido chamado de primitivo mesmo por pessoas que eram primitivas demais para ter uma palavra para — primitivo. Ela rangia ameaçadoramente ao vento. Elas podiam ouvir pedra rangendo contra pedra.

— Isso não pode estar certo —, disse Magrat. — Não resistiria a um vendaval.

— Não resistiria a uma calmaria mortal —, disse Agnes. — Eu não acho que seja real de verdade.

— Ah, posso ver onde isso tornaria a travessia um pouco mais complicada, então —, disse Tia Ogg.

É apenas uma laje colocada sobre uma vala, insistiu Perdita. *Eu poderia dar cambalhotas sobre ela*. Agnes piscou.

— Ah, compreendo —, disse. — Isso é algum tipo de teste, não é? É, não é? Estamos preocupadas, então o medo torna isso um desfiladeiro profundo. Perdita nunca perde a autoconfiança, então ela nem vê isso...

— Eu gosto de perceber que está lá —, disse Magrat. — É uma ponte.

— Estamos perdendo tempo —, disse Agnes. Ela caminhou sobre as lajes de pedra e parou no meio do caminho.

— Balança um pouco, mas não é tão ruim —, ela gritou de volta. — Você só tem de...

A laje se moveu sob ela e a fez cair.

Ela estendeu as mãos e pegou a borda da pedra por pura sorte. Mas, por mais fortes que fossem seus dedos, havia muito de Agnes balançando como um pêndulo por baixo.

Ela olhou para baixo. Ela não queria, mas era uma direção que ocupava boa parte do mundo.

A água está cerca de trinta centímetros abaixo de você, está mesmo,

disse Perdita. *Tudo o que você precisa fazer é cair, e você é boa nisso...*

Agnes olhou para baixo novamente. A queda seria tão longa que provavelmente ninguém ouviria o barulho. Não parecia apenas profundo, parecia muito profundo. O ar úmido subiu ao seu redor. Ela podia sentir o vazio sugando sob seus pés.

— Magrat jogou uma pedra lá embaixo! — Ela sibilou em queda.

Sim, e eu a vi cair só alguns centímetros.

— Agora, estou deitada e Magrat está segurando minhas pernas —, disse Tia Ogg em tom de conversa, logo acima dela. — Vou segurar os seus pulsos e, você sabe, acho que se você balançar um pouco para o lado, deve colocar o pé em um dos pilares de pedra e estará tudo certo como um relógio.

— Você não precisa falar comigo como se eu fosse algum tipo de idiota assustada! — Disparou Agnes.

— Só estou tentando ser agradável.

— Não consigo mexer as mãos!

— Sim, você consegue. Veja, peguei seu braço agora.

— Não consigo mexer as mãos!

— Não se apresse, temos o dia todo —, disse a Tia. — Quando você estiver pronta.

Agnes se balançou por um momento. Ela não podia nem sentir suas mãos agora. Isso presumivelmente significava que ela não sentiria quando escorregasse.

As pedras gemeram.

— Hum... Tia?

— Sim?

— Você pode falar comigo um pouco mais de tato, e não como se eu fosse algum tipo de idiota assustada?

— Ok.

— É…por que dizem "certo como um relógio'?" O contrário, seria, um relógio atrasado?

— Interessante. Talvez seja...

— E poderia falar mais alto? Perdita fica gritando comigo que se eu cair trinta centímetros vou estar de pé no leito do riacho!

— Você acha que ela está certa?

— Não sobre os trinta centímetros!

A ponte rangeu.

— As pessoas raramente estão —, disse a Tia. — Você está chegando a algum lugar, querida? Por que eu não conseguirei levantá-la, entenda. E meus braços estão ficando dormentes também.

— Não consigo alcançar o pilar da ponte!

— Então solte —, disse Magrat, — de algum lugar atrás de Tia Ogg.

— Magrat! — Estridulou a Tia.

— Bem, talvez seja apenas um pequeno riacho para Perdita. O solo retorcido pode ser duas coisas ao mesmo tempo, não é? Então, se é assim que ela vê... bem, você não pode deixá-la tentar do seu jeito? Deixar que ela resolva. Deixar ela assumir o controle?

— *Ela só faz isso quando estou muito estressada*! Cale-se!

— Eu apenas...

— Não você, ela! Oh não...

Sua mão esquerda, branca e quase dormente, soltou-se da pedra e da mão de Tia Ogg.

— Não deixe que ela faça isso conosco! — Agnes gritou. — Vou cair através de centenas de metros em rochas afiadas!

— Sim, mas já que você vai fazer isso de qualquer maneira, vale a pena

tentar qualquer coisa, não é? — Disse a Tia. — Eu fecharia meus olhos se fosse você...

A mão direita se soltou. Agnes fechou os olhos. Ela caiu.

Perdita abriu os olhos. Ela estava parada no riacho.

— Porra! E Agnes nunca diria "porra" e era por isso que Perdita fazia isso em todas as ocasiões adequadas.

Ela estendeu a mão para a laje logo acima dela, agarrou-se e içou-se para cima. Então, vendo a expressão no rosto de Tia Ogg, sacudiu as mãos para uma nova posição e chutou as pernas para cima.

Aquela idiota da Agnes nunca percebe o quanto ela é forte, pensou Perdita. *Tem todos esses músculos que ela tem tanto medo de usar...*

Ela se empurrou suavemente até que os dedos dos pés apontassem para o céu e se lançou balançando com uma mão segurando a beirada. O efeito, ela sentiu, foi estragado por sua saia caindo sobre os olhos. — Você ainda está com aquele rasgo na calcinha —, disse a Tia bruscamente.

Perdita se pôs de pé.

Magrat tinha os olhos bem fechados. — Não me diga que ela se balançou com os pés pra cima da beirada, certo?

— Fez isso mesmo —, disse a tia. — Agora então, Ag... Perdita, pare com essa exibição, perdemos muito tempo. Deixe Agnes ter o corpo de volta, você sabe que é dela realmente...

Perdita deu uma cambalhota. — *Este corpo é desperdiçado com ela*, disse ela. — *Deveria ver o tanto que ela come! Você sabia que ela ainda tem duas prateleiras cheias de bichinhos de pelúcia? E bonecas? E ela se pergunta por que não consegue se dar bem com os rapazes*!

— Nada como ser encarado por um ursinho de pelúcia para acabar com o ímpeto de qualquer garoto —, disse Tia Ogg. — Lembra-se da velha Senhora Sleeves, Magrat? Costumava precisar de duas de nós quando tinha

um de suas viradas desagradáveis.

— *O que isso tem a ver com brinquedos*? — Disse Perdita desconfiada.

— E o que é... Ah, sim —, disse Magrat.

— Agora, eu me lembro daquele velho sineiro em Ohulan —, disse Tia Ogg, assumindo a liderança. — Ele tinha nada menos que sete personalidades em sua cabeça. Três deles eram mulheres e quatro eram homens. Pobre velho. Ele dizia que sempre foi o tipo do cara estranho. E que as outras personalidades deixavam para ele todo o trabalho de comer e respirar, enquanto elas ficavam com a diversão. Lembra Ele disse que era infernal quando bebia e todas ou as outras começavam a brigar por uma papila gustativa. Às vezes ele não conseguia se ouvir pensando em sua própria cabeça e dizia... "Agora! Agora! Agora!"

Agnes abriu seus olhos. Seu maxilar doía.

Tia Ogg estava olhando para ela de perto enquanto esfregava seu pulso para restabelecer a circulação. Há alguns centímetros de distância seu rosto parecia uma pilha amigável de roupas velhas.

— Sim, é a Agnes —, disse ela, afastando-se. — O rosto dela fica mais nítido quando é o outra. Viu? Eu disse que seria ela quem voltaria. Ela tem mais prática.

Magrat soltou seus braços. Agnes esfregou o queixo.

— Isso doeu —, ela disse em tom de reprovação.

— Só um pouco de amor duro —, disse Tia Ogg. — Não posso ter aquela Perdita andando por aí em um momento como este.

— Você meio que agarrou a ponte e voltou para cima —, disse Magrat.

— Eu a senti pôr os pés no chão! — Disse Agnes.

— Isso também, claro —, disse a Tia. — Vamos. Não falta muito agora. E vamos com calma, certo? Algumas de nós podem ter que cair mais do que

outras.

Elas avançaram, apesar de uma voz cada vez mais insistente na cabeça de Agnes dizer que ela estava sendo uma covarde estúpida e é claro que não se machucaria. Ela tentava ignorá-la.

As cavernas de que Agnes se lembrava não eram muito mais do que saliências rochosas. Estas eram cavernas. A diferença era basicamente de áspera e poética grandeza. Estas cavernas tinham muito de ambas.

— O solo retorcido é um pouco como icebergs —, disse Tia Ogg, conduzindo-as por uma pequena ravina até uma das maiores.

— Nove décimos dele estão debaixo d'água? — Disse Agnes. Seu queixo ainda doía.

— Há mais do que aparenta haver, quero dizer.

— Tem alguém aí! — Disse Magrat.

— Ah, essa é a bruxa —, disse a Tia. — Ela não é um problema.

A luz da entrada caiu sobre uma figura curvada, sentada entre poças de água. Mais perto, parecia uma estátua, e talvez não tão humana quanto o olho percebia à primeira vista. A água brilhava nela; gotas se formavam na ponta do longo nariz adunco e caíam em uma poça com o ocasional — plinc.

— Eu vim aqui com um jovem mago uma vez, quando era menina —, disse a Tia. — Ele gostava de bater nas pedras com seu martelinho... bem, quase nada, acrescentou ela, com um sorriso para o passado e depois um suspiro feliz. — Ele disse que a bruxa era apenas um monte de coisas velhas das rochas, deixadas lá pela água pingando. Mas minha avó disse que foi uma bruxa que se sentou aqui para pensar em algum grande feitiço, e ela se transformou em pedra. Pessoalmente, mantenho a mente aberta.

— É um longo caminho para trazer alguém —, disse Agnes.

— Ah, éramos muitas crianças em casa e estava chovendo muito e você precisa de muita privacidade para uma geologia realmente boa —, disse Tia Ogg vagamente. — Acho que o martelo dele ainda está por aqui em algum lugar. Ele se esqueceu completamente depois de um tempo. Preste atenção em como você pisa, as pedras são muito escorregadias. Como está a jovem Esmê, Magrat?

— Oh, gorgolejando. Vou ter que alimentá-la em breve.

— Temos que cuidar dela —, disse Tia Ogg.

—Bem, sim. É claro.

Tia Ogg bateu as mãos e separou-as delicadamente. O brilho entre elas não era a luz vistosa que os magos faziam, mas um brilho granulado de cemitério. Foi apenas o suficiente para garantir que ninguém caísse em um buraco.

— Provavelmente há alguns anões em um lugar como este —, disse Magrat, — enquanto avançavam por um túnel.

— Acho que não. Eles não gostam de lugares que não permanecem os mesmos. Ninguém sobe aqui agora a não ser animais e a Vovó, quando quer ficar sozinha com seus pensamentos.

— E você quando estava batendo nas pedras —, disse Magrat.

— Rá! Mas era diferente então. Havia flores na charneca e a ponte era apenas uma fileira de pedras. Porque eu estava apaixonada.

— Você quer dizer que realmente a coisa muda por conta da maneira como você se sente? — Disse Agnes.

— Acertou em cheio. É incrível como a ponte pode ser alta e rochosa se você estiver de mau humor; eu sei disso.

— Eu me pergunto então, o quão alto era para a Vovó?

— Provavelmente as nuvens podiam passar por baixo, garota.

Tia Ogg parou na bifurcação do caminho e apontou.

— Acho que ela foi por aqui. Espere... — Ela estendeu um braço. A pedra gemeu e uma laje do teto caiu com estrondo, lançando água e seixos.

— Então vamos ter que escalar por cima dessa coisa aqui —, Tia Ogg continuou, no mesmo tom de voz prático.

— Algo está tentando nos chutar daqui —, disse Agnes.

— Mas não vai conseguir —, disse Tia Ogg. — E eu não acho que vai nos machucar.

— Aquela era uma laje grande! — Disse Agnes.

— É. Mas não nos pegou, pegou?

Havia um rio subterrâneo mais adiante, água pura e branca borrada pela velocidade. Ele fluía pelas laterais, quase sobre uma barragem de toras carregadas pela água e atravessada por um tronco longo e convidativo.

— Olha, isso não é seguro para a bebê! — Disse Agnes. —Vocês duas não veem? Você é a mãe dela, Margrat!

— Sim, eu sei, eu estava lá quando ela nasceu —, disse Magrat, com uma calma irritante. — Mas não me parece que seja perigoso. Vovó está aqui em algum lugar.

— Isso mesmo —, disse Tia Ogg. — Bem perto agora, eu acho.

— Sim, mas ela não pode controlar rios e rochas... começou a dizer Agnes.

— Aqui? Não sei. É um lugar muito... responsivo, este.

Elas avançaram lentamente pelo tronco, passando o bebê de uma para a outra.

Agnes encostou-se à parede de pedra. — Quanto falta?

— Bem, tecnicamente alguns centímetros, disse a Tia. — Ajuda muito saber disso, não é?

— Sou só eu —, disse Magrat, — ou está ficando mais quente?

— Agora isso —, disse Agnes, apontando para a frente, — eu não acredito.

No final de uma encosta, uma fenda se abriu na rocha. Luz vermelha se derramou dela. Enquanto eles olhavam para ela, uma bola de fogo rolou para cima e explodiu no teto.

— Oh, coitadinha —, disse Tia Ogg, que havia se revezado para carregar a bebê. — Nem sequer tem vulcões em qualquer lugar perto daqui. O que ela pensa que está fazendo? E se dirigiu propositadamente para o fogo.

— Cuidado! — Agnes gritou. — Perdita diz que é real!

— O que isso tem a ver com o preço do peixe? — Disse Tia Ogg e entrou no fogo. As chamas se apagaram.

As outras duas permaneceram na escuridão fria e úmida. Magrat estremeceu. — Tia, você está carregando a bebê.

— O mal que você faz aqui é o que você traz com você —, disse a Tia. E são os pensamentos da Vovó que moldam este lugar. Mas ela não levantaria a mão para uma criança. Não poderia fazê-lo. Não está nela fazer isso.

— Este lugar está reagindo ao que ela está pensando? — Perguntou Agnes.

— Acho que sim —, disse Tia Ogg, partindo novamente.

— Eu odiaria estar dentro da cabeça dela!

— Você quase que está —, disse a Tia. — Vamos. Nós passamos o fogo. Acho que não haverá mais nada.

Eles a encontraram em uma caverna. Tinha areia no chão, liso e sem marcas, exceto por um par de pegadas. Seu chapéu havia sido

cuidadosamente colocado ao lado dela. Sua cabeça repousava sobre um saco enrolado. Ela segurava um cartão nas mãos rígidas.

Ele dizia: VÃO SIMBORA

— Isso não ajuda muito —, disse Magrat e sentou-se com o bebê no colo. — Depois de tudo isso.

— Não podemos acordá-la? — Disse Agnes.

— Isso é perigoso —, disse a Tia Ogg. — tentar trazer ela de volta quando ela não está pronta para vir! Complicado.

— Bem, podemos pelo menos tirá-la daqui?

— Ela não vai se dobrar para fazer as curvas, mas, ráá, talvez possamos usá-la como uma ponte —, disse a Tia.

— Não, ela veio aqui por um motivo…

Ela puxou o saco de debaixo da cabeça da Vovó, que não se mexeu, e o abriu.

— Maçã enrugada, garrafa de água e um sanduíche de queijo que você pode usar para dobrar ferraduras —, disse ela. — E a velha caixa dela. Ela o colocou no chão entre elas. O que há lá dentro? — Disse Agnes.

— Ah, lembrancinhas. *Memororabililia*, como eu disse. Esse tipo de coisa —, disse a Tia. — Ela sempre diz que está cheio de coisas para as quais não tem mais uso. — Ela tamborilou com os dedos na caixa como se acompanhasse um pensamento no piano e então a pegou.

— Será que você deveria fazer isso? — Disse Agnes.

— Não —, disse a Tia. Ela pegou um maço de papéis amarrados com fita e os colocou de lado.

Todos elas viram a luz brilhando por baixo. A Tia enfiou a mão e tirou um pequeno frasco de remédio de vidro, bem fechado e o ergueu. O pouco de brilho lá dentro era bastante brilhante na escuridão da caverna.

— Já vi essa garrafa antes —, disse a Tia. — Tem todos os tipos de coisas

esquisitas, aqui. Entretanto, nunca a vi brilhando.

Agnes pegou a garrafa. Dentro havia o que parecia ser um pedaço de samambaia, ou... não, era uma pena, bem preta exceto pela ponta que era amarela e brilhante como a chama de uma vela.

— Você sabe o que é isso?

— Não. Ela está sempre pegando coisas. Ela está com a garrafa há muito tempo, porque eu a vi lá...

— Eu j'o vi el' pig... — Magrat removeu um alfinete de segurança de sua boca. — Eu vi ela pegar essa coisa anos atrás —, ela tentou novamente. — Foi nessa época do ano também. Estávamos voltando da floresta e havia uma estrela cadente e um tipo de luz caiu dela e fomos olhar e lá estava ela. Parecia uma chama, mas ela conseguiu pegá-la.

— Parece a pena de um pássaro de fogo —, Tia Ogg disse. — Costumava haver velhas histórias sobre eles. Eles passam por aqui. Mas se você tocar suas penas é melhor ter certeza de si mesmo, porque as velhas histórias dizem que elas queimam na presença do mal...

— Pássaro de fogo? Você quer dizer uma fênix? — Disse Agnes. — Hodgesaargh estava atrás de uma.

— Há anos que não vejo uma cair —, disse Tia Ogg. — Às vezes você podia ver duas ou três de uma vez quando eu era menina, apenas luzes voando alto no céu.

— Não, não, a fênix... só existe uma, essa é a questão —, disse Agnes.

— Um de qualquer coisa não serve para nada —, disse Tia Ogg.

Vovó-Cera-do-Tempo estalou os lábios, como alguém saindo de um sono muito profundo. Suas pálpebras piscaram.

— Ah, eu sabia que abrir a caixa dela funcionaria —, disse Tia Ogg alegremente.

Os olhos de Vovó-Cera-do-Tempo se abriram. Ela olhou fixamente

para cima por um momento e então os girou em direção a Tia Ogg.

— Q’t’aq —, murmurou. Agnes rapidamente passou a ela a garrafa de água. Ela tocou os dedos da Vovó e eles estavam frios como pedra.

A velha bruxa a pegou e tomou um gole.

— Oh. São vocês três —, ela sussurrou. — Por que vocês estão aqui?

— Você nos disse para fazer isso —, disse Agnes.

— Não, eu não disse! — Vovó cortou. — Escrevi um bilhete para você, ou o que?

— Não, mas as coisas... — Agnes Estacou. — Bem, nós pensamos que você queria que nós viéssemos.

— Três bruxas? — Disse Vovó. — Bem, não há razão para não. A donzela, a mãe e a...

— Vá com cuidado —, alertou Tia Ogg.

— ...a outra, disse Vovó. Isso é com você, tenho certeza. Não é algo sobre o qual eu arriscaria qualquer tipo de opinião. Então, imagino que você tenha que dançar ainda um pouco e bom dia para você. Me deem meu travesseiro de volta, muito obrigado.

— Você sabe que há vampiros em Lancre? — Exigiu saber Tia Ogg.

— Sim. Foram convidados.

— Você sabe que eles estão assumindo o poder?

— Sim!

— Então, por que você veio para cá? — Perguntou Agnes.

A temperatura de uma caverna profunda deveria permanecer constante, mas de repente ela ficou muito mais fria.

— Posso ir aonde quiser —, disse Vovó.

— Sim, mas você deveria... — Agnes começou. Ela desejou poder engolir a palavra, mas era tarde demais.

— Oh, deveria, não é? Onde está escrito que eu deveria? Não me lembro

de alguém dizer que deveria estar em lugar algum. Alguém vai me dizer onde diz que deveria? Há muitas coisas que deveriam, ouso dizer. Mas não acontecem.

— Você sabia que uma pega roubou seu convite? — Disse Tia Ogg. — Shawn entregou bem, mas as ladras do demônio o levaram para um ninho.

Ela exibiu o convite amassado, manchado, mas carregado de ouro.

No momento de silêncio que se seguiu Agnes imaginou ter ouvido as estalactites crescerem.

— Sim, claro que sim —, disse a Vovó. — Resolvi isso logo de primeira. Mas o momento tinha sido um pouco longo demais e um pouco longo demais e silencioso.

— E você sabe que Verence contratou um padre Omniano para batizar a jovem Esmê?

Mais uma vez... um pouco longo demais, um silêncio infinitamente longo demais.

— Você sabe como eu me concentro nos negócios —, disse a Vovó. Ela olhou para o bebê sentado no colo de Magrat.

— Por que ela tem uma cabeça pontuda? — Ela perguntou.

— É o gorro que a Tia tricotou para ela —, disse Magrat. — É para parecer assim. Você gostaria de segurá-la?

— Ela parece confortável onde está —, Vovó disse timidamente.

Ela não sabia o nome do bebê! Perdita sussurrou. *Eu te disse! A Tia acha que* Vovó *está na cabeça do bebê, posso dizer pelo jeito que ela olha para ela. Mas se soubesse saberia o nome e não sabe, juro. Ela não faria nada que pudesse machucar uma criança...*

Vovó se sacudiu. — De qualquer forma, se houver um problema, bem, você tem suas três bruxas. Não diz em lugar nenhum que uma delas — , ela acenou com a cabeça para Agnes, — deveria ser Vovó-Cera-do-Tempo.

Você resolvem isso. Eu tenho feito bruxarias por aqui por muito tempo e é hora de... seguir em frente... fazer outra coisa...

— Você vai se esconder aqui? — Disse Magrat.

— Não vou ficar me repetindo, minha menina. As pessoas não vão mais me dizer o que devo fazer. Eu sei o que é devido e o que não é. Seu marido convidou vampiros para o país, não é? Muito moderno da parte dele. Bem, todo mundo sabe que um vampiro não tem poder sobre você, a menos que você o convide para entrar e se for um rei que convidar, então eles têm seus dentes em todo o país. E eu sou uma velha morando na floresta e tenho que consertar tudo? Quando há três de vocês? Eu tive uma vida inteira de deveres, desde poder até não poder e agora acabou e eu vou te agradecer por sair da minha caverna. E ponto final.

Tia Ogg olhou para as outras duas e deu de ombros.

— Vamos, então —, disse ela. — Se nos mexermos, podemos estar de volta às vassouras antes de escurecer.

— Isso é tudo? — Disse Magrat.

— As coisas acabam —, disse a Vovó. — Vou descansar aqui e depois vou embora. Muitos lugares para ir.

Agora faça com que ela lhe diga a verdade, disse Perdita. Agnes mordeu os lábios. Ela tinha estragado as coisas o suficiente com a parte do "deveria".

— Pois então, vamos —, disse a Tia. — Vamos.

— Mas...

— Não tem "mas", disse a Tia. — Como a Vovó teria dito.

— Está certo! — Disse Vovó, deitando-se.

Enquanto voltavam para as cavernas, Agnes ouviu Perdita começar a contar. Magrat apalpou seus bolsos. Tia Ogg apalpou suas calcinhas. Magrat disse:

— Oh, devo ter deix...

— Putz, deixei meu cachimbo lá atrás —, disse a Tia, tão rapidamente que sua frase ultrapassou a anterior.

Cinco segundos, disse Perdita.

— Não vi você tirando ele —, disse Agnes.

Tia Ogg lançou-lhe um olhar penetrante. — Mesmo? Então é melhor eu ir e deixá-lo lá, não é? Você também deixou alguma coisa, Magrat? Não importa, com certeza vou encontrá-las, seja lá onde estiverem.

— Vamos lá! — Disse Magrat, quando Tia Ogg voltou correndo.

— A Vovó certamente não estava dizendo a verdade —, disse Agnes.

— Claro que ela não fez isso, ela nunca o faz —, disse Magrat. — Ela espera que você resolva isso sozinha.

— Mas ela está certa sobre nós sermos três bruxas.

— Sim, mas nunca pretendi voltar a isso, tenho outras coisas para fazer. Oh, talvez quando Esmê fosse mais velha eu pensei, talvez, um pouco de aromaterapia em tempo parcial ou algo assim, mas não bruxaria séria em tempo integral. Esse negócio de poder-das-três é... bem, é muito fora de moda...

E o que temos agora? Perdita entrou na conversa*. A jovem educada, mas tecnicamente inexperiente, a jovem mãe atormentada e a mulher madura de cabelos grisalhos... isso não soa exatamente mítico, não é? Mas Magrat embrulhou seu bebezinho assim que soube que a* Vovó *estava com problemas e nem parou para se preocupar com o marido...*

— Espere um momento... ouçam —, disse Agnes.

— Para que?

— Apenas ouçam… o som ecoa nestas cavernas…

Tia Ogg sentou-se na areia e se contorceu ligeiramente para se acomodar com firmeza. Ela pegou seu cachimbo.

— E então —, ela disse para a figura reclinada, — além de tudo isso, como você está se sentindo?

Não houve resposta.

— Vi a Senhora Patternoster hoje de manhã —, a Tia continuou tagarelando. — Aquela lá, de Fatia. Passamos o dia conversando. A Senhora Ivy está se saindo bem, ela diz.

Ela soltou uma baforada.

— Eu a corrigi sobre algumas coisas —, disse ela.

Ainda havia silêncio por parte da figura sombria.

— A nomeação correu bem. Embora o padre fosse mais sem graça do que uma omelete de neve.

— Não consigo vencê-los, Gytha —, disse Vovó. — Eu não posso vencê-los e isso é um fato.

Um dos talentos ocultos de Tia Ogg era saber quando não dizer nada. Deixou um buraco na conversa que a outra pessoa se sentiu obrigada a preencher.

— Eles têm mentes como aço. Eu não posso tocá-las. Eu tenho tentado de tudo. Cada truque que eu tenho! Eles estão procurando por mim, mas não conseguem se concentrar direito quando estou aqui. Em sua melhor tentativa quase me pegaram na cabana. Minha cabana!

Tia Ogg compreendia o horror. A cabana de uma bruxa era sua fortaleza.

— Nunca senti nada parecido, Gytha. Ele teve centenas de anos para ficar bom. Você notou as pegas? Ele as está usando como olhos. E ele é esperto também. Aquele ali não vai cair por conta de um sanduíche de alho. Isso se eu conseguir chegar a tanto. Esses vampiros têm aprendido. Isso nunca aconteceu antes. Não consigo encontrar uma maneira de entrar neles em lugar nenhum. Eles são mais poderosos, mais fortes, eles pensam rápido... Eu te

digo; se colocar mente a mente com ele é como cuspir em uma tempestade.

— Então, o que você vai fazer?

— Nada! Não há nada que eu possa fazer! Consegue entender o que eu estou dizendo? Você sabe que eu fiquei deitada aqui o dia todo tentando pensar em alguma coisa? Eles sabem tudo sobre magia, Empréstimo é como a segunda natureza para eles, eles são rápidos e acham que somos como gado que pode falar... Eu nunca esperei nada assim, Gytha. Eu pensei sobre isso várias vezes e não há nada que eu possa fazer.

— Sempre há um jeito —, disse Tia Ogg.

— Não consigo ver onde —, disse a Vovó. — É isso, Gytha. Eu poderia muito bem ficar aqui até que a água pingue em mim e eu me transforme em pedra como a velha bruxa na entrada.

— Você vai dar um jeito —, disse a Tia. — As Ceras-do-Tempo não se deixam apanhar. É algo que está no sangue, como eu sempre disse.

— Fui derrotada, Gytha. Mesmo antes de começar. Talvez alguém tenha um jeito, mas eu não. Estou lutando contra uma mente que é melhor que a minha. Eu quase o mantenho longe de mim, mas não consigo entrar. Eu não posso revidar.

Uma sensação fria tomou conta de Tia Ogg; a de que Vovó Cera-do-Tempo estava falando sério.

— Eu nunca pensei que ouviria você dizer isso —, ela murmurou.

— Vão embora. Não faz sentido manter o bebê no frio.

— E o que você vai fazer?

— Talvez eu deva seguir em frente. Talvez eu fique por aqui.

— Não pode ficar aqui para sempre, Esmê.

— Pergunte a ela que está na entrada.

Isso parecia ser tudo o que conseguiria ali. Tia Ogg saiu, encontrou as outros parecendo inocentes demais na caverna seguinte e abriu caminho

para o ar livre.

— Encontrei seu cachimbo —, disse Magrat.

— Sim, obrigado.

— O que ela vai fazer? — Disse Agnes.

— Me diga você —, disse a Tia. — Sei que vocês estavam ouvindo. Vocês não seriam bruxas se não estivessem ouvindo de alguma forma.

— Bem, o que podemos fazer que ela não pode? Se ela foi derrotada, nós também fomos, não é?

— O que Vovó quis dizer com, desde "poder" até "não poder"? — Disse Magrat.

— Oh, desde o primeiro momento da manhã, quando você pode ver, até o último momento da noite, quando você não pode —, disse Tia Ogg.

— Ela está realmente se sentindo para baixo, não é?

Tia Ogg parou perto da bruxa de pedra. Seu cachimbo havia se apagado. Ela riscou um fósforo no nariz adunco.

— Há três de nós —, disse ela. — O número certo. Então vamos começar tendo uma reunião adequada do coven…

— Você não está preocupada? — Disse Agnes. — Ela está... desistindo...

— Então cabe a nós continuarmos, não é? — Disse a Tia.

Tia Ogg havia colocado o caldeirão no meio do chão para dar a aparência da coisa, embora uma reunião do coven sob um teto não parecesse certa e uma sem Vovó-Cera-do-Tempo parecia pior.

Perdita disse que fazia com que parecessem garotas melosas brincando de bruxas. O único fogo na sala era o enorme fogão de ferro preto, do último

modelo, recentemente instalado para Tia Ogg por seus filhos amorosos. Nele, uma chaleira começava a ferver.

— Eu vou fazer o chá, posso? — Disse Magrat, levantando-se.

— Não, você se senta. É trabalho de Agnes fazer o chá —, disse a Tia. — Você é a mãe, então é seu trabalho servir.

— Qual o seu trabalho, Tia? — Perguntou Agnes.

— Eu bebo —, disse Tia Ogg prontamente. — Certo. Temos que descobrir mais enquanto eles ainda estão agindo de forma amigável. Agnes, volte para o castelo com Magrat e o bebê. Ela precisa de ajuda extra de qualquer maneira.

— De que adianta isso?

— Você mesmo me contou —, disse Tia Ogg. — Vampiros não afetam você. Assim que tentam ver a mente de Agnes, ela afunda e sobe Perdita como uma gangorra. E bem quando eles estão olhando para Perdita, lá vem Agnes novamente. O jovem Vlad definitivamente está de olho em você, não está?

— Certamente que não!

— Tá, certo —, disse a Tia. — Os homens sempre gostam de mulheres que têm um pouco de mistério. Eles gostam de um desafio, entende? E enquanto ele está de olho em você mantendo seu olho em Magrat, você está de olho nele, entendeu? Todo mundo tem uma fraqueza. Talvez não nos livremos desses vampiros com eles indo até as cortinas e dizendo "nossa, está abafado aqui", mas deve haver alguma outra maneira.

— E se não houver?

— Case-se com ele —, disse Tia Ogg com firmeza. Magrat engasgou. O bule chacoalhou em sua mão.

— Isso é horrível! — Ela disse.

— Prefiro me matar —, disse Agnes. *Pela manhã*, disse Perdita.

— Não precisa ser um casamento longo —, disse Tia Ogg. — Coloque uma estaca pontiaguda em sua liga e nosso rapaz ficará com frio antes mesmo de terminar de cortar o bolo de casamento.

— Tia!

— Ou talvez você pudesse meio que... fazê-lo mudar um pouco seus modos —, Tia Ogg continuou. — É incrível o que uma esposa pode fazer se souber trabalhar com sua mente, ou mentes no seu caso, é claro. Veja o Rei Verence I, por exemplo. Ele costumava jogar todos os seus ossos de carne por cima do ombro até que se casou e a Rainha obrigou-o a deixá-los ao lado do prato. Eu só estava casada há um mês com o primeiro Senhor Ogg, para que ele saísse do banho se precisasse fazer xixi. Você pode refinar um marido. Talvez você possa conduzi-lo na direção do chouriço, morcela e bife malpassado.

— Você realmente não tem nenhum escrúpulo, tem, Tia? — Disse Agnes.

— Não —, Respondeu Tia Ogg, do modo mais direto e simples. — Estamos falando de Lancre, aqui. Se fôssemos homens, estaríamos falando em dar a vida pelo país. Como mulheres, podemos falar sobre dar.

— Eu simplesmente não quero ouvir isso —, disse Magrat.

— Não estou pedindo para ela fazer o que eu mesma não faria —, disse Tia Ogg.

— Mesmo? Então por que...

— Porque ninguém quer que eu faça isso —, disse Tia Ogg. — Mas se eu fosse cinquenta anos mais jovem, acho que poderia ter o Mauricinho roendo nabos lá pelo meio do verão.

— Você quer dizer que só porque ela é uma mulher ela deveria usar artimanhas sexuais com ele? — Disse Magrat. — Isso é tão... tão... bem, é tão Tia Ogg, isso é tudo que posso dizer.

— Ela deve usar todos os artifícios que puder —, disse a Tia. — Eu não me importo com o que Vovó disse, sempre há um jeito. Como o herói em Tsort ou onde quer que fosse; que era completamente invencível exceto por seu calcanhar e alguém enfiou uma lança nele e o matou…

— O que você espera que ela faça, que o pinique por todos os lados?

— De qualquer forma, nunca entendi essa história direito —, disse a Tia.

— Quero dizer, se eu soubesse que tenho um calcanhar que me mataria se alguém cravasse uma lança nele iria para a batalha usando botas muito pesadas...

— Você não sabe como ele é —, disse Agnes, ignorando a digressão. — Ele olha para mim como se estivesse me despindo com os olhos.

— Com os olhos tudo bem —, disse a Tia.

— E ele fica rindo para mim o tempo todo! Como se ele soubesse que eu não gosto dele e isso aumentasse a diversão!

— Bem, vá para aquele castelo, agora! — Tia Ogg rosnou — Por Lancre! Pelo rei! Por todo mundo no país! E se ele ficar muito saidinho, deixe Perdita assumir, porque eu acho que há algumas coisas em que ela é melhor!

No silêncio chocado, ouviu-se um leve tilintar vindo do aparador de Tia Ogg.

Magrat tossiu. — C...como nos velhos tempos —, disse ela. — Discutindo o tempo todo.

Tia Ogg levantou-se e desenganchou uma panela de ferro fundido da viga sobre o fogão da cozinha.

— Você não pode tratar as pessoas assim —, disse Agnes, mal-humorada.

— Posso —, disse Tia Ogg, caminhando na ponta dos pés na direção do aparador. — Eu sou a outra agora, percebeu?

Enfeites voaram e se despedaçaram quando ela baixou a panela com força, com o fundo para cima.

— Peguei você, seu diabinho azul! — Ela gritou. — Não pense que não te vi!

A panela começou a se mover. Tia Ogg apoiou o peso no cabo, mas ainda assim ela se movia lentamente ao longo da cômoda, balançando levemente de um lado para o outro, até atingir a borda.

Algo vermelho e azul caiu no chão e começou a se mover em direção à porta fechada.

Ao mesmo tempo, Greebo ultrapassou Agnes, acelerando. E então, quando estava prestes a pular, mudou de ideia. Todos os quatro pés estenderam suas garras ao mesmo tempo e se cravaram nas tábuas do assoalho. Ele rolou, ficou de pé, parou e começou a se lavar.

O borrão vermelho e azul atingiu a porta e se levantou, tornando-se um homem azul, de quinze centímetros de altura, com cabelos ruivos. Ele carregava uma espada do mesmo tamanho que ele.

— Eitcha, sigura so gatu sarnentu, sua bruaca véia! — Gritou.

— Oh, são vocês —, disse Tia Ogg, relaxando. — Quer uma bebida?

A espada foi abaixada ligeiramente, mas com uma indicação definitiva de que poderia ser erguida novamente a qualquer momento.

— Diquitipu?

Tia Ogg estendeu a mão para o caixote ao lado da cadeira e vasculhou as garrafas.

— Tira-manchas? O melhor que tenho. Safra antiga, disse ela.

Os olhinhos do homenzinho se iluminaram. — Quarta-feir' passada?

— Certo. Agnes, abra aquela caixa de costura e me passe um dedal, sim? Chega pra cá, homem, disse Tia Ogg, abrindo a garrafa bem longe do fogo e enchendo o dedal. — Senhoras, isso aqui é... vamos ver as tatuagens deles... sim, isso aqui é um dos Nac Mac Feegle. Os desgraçados descem e invadem minha destilaria uma vez por ano.

— Verdade Vera, é. Nóis fica gradecidu! Justo u qui nóis faize —, disse o homem azul, pegando o dedal.

— O que ele são?

— São gnomos —, disse a Tia.

O homem baixou o dedal. — Pictsies!

— Pixies, se você insiste —, disse Tia Ogg. — Eles moram nos pântanos altos perto de Uberwald...

— Merda! Num tá certo o qui cê falou, véia besta! Us fudido! Você podi jurar qué vera o qui os fedidu dos chupa-sangui fizeru...

Tia Ogg assentiu enquanto ouvia. No meio do discurso do homenzinho, ela encheu de novo o dedal.

— Ah, certo —, ela disse, quando ele parecia ter terminado. — Bem, ele disse que os Nac Mac Feegle foram forçados a sair pelos vampiros, perceberam? Eles estão expulsando todos os do… seus lábios se moveram enquanto ela tentava várias traduções, — …povo velho…

— Isso é muito cruel! — Disse Magrat.

— Não... quero dizer... raças antigas, o velho povo. As pessoas que vivem... nos limites. Você sabe, aqueles que você não vê muito... centauros, bichos-papões, gnomos...

— Pictsies!

— Sim, certo... levando-os para fora do país.

— Por que eles fizeram isso?

— Provavelmente não estão mais na moda —, disse Tia Ogg.

Agnes olhou duramente para o pixie. Em uma escala etérea de um a dez, ele parecia estar em alguma outra escala, provavelmente enterrada na lama de um oceano profundo. O azul de sua pele, ela podia ver agora, era feito de tatuagens e pinturas. Seu cabelo ruivo era espetado em todas as direções. Sua única concessão à temperatura era uma tanga de couro. Ele a

viu olhando para ele.

— Tiresses zói pra lá, sua cabra gorda que cê é! Grandalhuda!

— É, desculpe —, disse Agnes.

— Boa linguagem, não é? — Disse Tia Ogg. — Uma pitada de urze e estrume. Mas quando você tem o Nac Mac Feegle do seu lado, isto quer dizer que vai ficar tudo bem para você.

O pixie acenou com o dedal vazio para a Tia.

— U qui cê mi deu foi uma fudida duma limonada, corocavéia!

— Ah, não estou enganando você, você quer a coisa real —, disse Tia Ogg. Ela puxou uma almofada da cadeira e tirou uma garrafa de vidro preto com a rolha presa por um arame.

— Você não dar isso a ele, vai? — Disse Magrat. — Esse é o seu uísque medicinal!

— E você sempre diz às pessoas que é apenas para uso externo —, disse Agnes.

— Ah, os Nac Mac Feegle são uma raça dura na queda —, disse Tia Ogg, entregando-o ao homenzinho. Para o espanto de Agnes, ele agarrou a garrafa bem maior do que ele com facilidade insolente. — Aí está, moço. Divida com seus companheiros, que eu sei que estão em algum lugar por aí.

Houve um tilintar na cômoda. As bruxas olharam para cima. Centenas de pixies simplesmente apareceram entre os enfeites. A maioria deles usava chapéus pontiagudos que se curvavam de forma que a ponta praticamente apontava para baixo, e todos carregavam espadas.

— Incrível como eles podem simplesmente aparecer e desaparecer, do nada assim —, disse Tia Ogg. — É isso que os mantém tão seguros todos esses anos. Isso e matar a maioria das pessoas que os viram, é claro.

Greebo, muito silenciosamente, foi e sentou-se sob sua cadeira.

— Então... vocês, cavalheiros, foram expulsos pelos vampiros, não é?

— Disse Tia Ogg, enquanto a garrafa balançava no meio da multidão. Um rugido se elevou.

— Um rai queim' elis!

— Cumapódi, aquel's coiso de demonhos!

— Divia di dá neles um baita dum tranco di uma porrada!

— Grandãozis!

— Ousaria dizer que vocês podem ficar em Lancre —, disse Tia Ogg, acima do barulho.

— Só um momento, Tia... — Magrat começou.

Tia Ogg acenou com a mão para ela apressadamente.

— Existe aquela ilha no lago —, ela continuou, levantando a voz. — É onde as garças têm seus ninhos. O lugar ideal, não? Muitos peixes, muita caça no vale.

Os pixies azuis se amontoaram. Então um deles olhou para cima.

— Pudemu pegar? Tudim pra nóis, meos amigu!

— Oh, Será de vocês —, disse Tia Ogg. — Mas nada de roubar gado, hein?

— Eles roubam gado? — Disse Agnes. — Gado de tamanho normal? Quantos deles são necessários?

— Quatro.

— Quatro?

— Um sob cada pé. Vi eles fazerem isso. Você vê uma vaca em um campo, cuidando de seus próprios negócios, no minuto seguinte a grama está farfalhando, algum filho da puta grita "hup, hup, hup" e o pobre animal passa vuuum! sem as pernas se mexerem, disse Tia Ogg. — Elas são mais fortes que as baratas. Se você pisar em um pixie, é melhor usar solas boas e grossas.

— Tia, você não pode dar a ilha para eles! Não pertence a você! — Disse

Magrat.

— Não é de ninguém —, disse Tia Ogg.

— Pertence ao Rei!

— Ah. Bem, o que é dele é seu, então dê a eles a ilha e Verence pode assinar um pedaço de papel mais tarde. Vale a pena —, acrescentou Tia Ogg. — O aluguel por não roubar nossas vacas vale muito a pena. Caso contrário, você verá vacas voando muito rápido. De costas, às vezes.

— Sem as pernas se mexerem? — Disse Agnes.

— Justamente!

— Bem... — Magrat começou.

— E serão úteis —, acrescentou Tia Ogg, baixando a voz. — Lutar é o que eles mais gostam.

— Tá dizeno u quê, nóis gosta é di bebê!

— Beber é o que eles mais gostam —, corrigiu-se Tia Ogg.

— Bebê i brigar!

— Beber e brigar é o que eles mais gostam —, disse Tia Ogg.

— I levá umas vaquinha.

— E roubar vacas —, disse Tia Ogg. — Beber, brigar e roubar vacas é o que eles mais gostam. Escute, Magrat, prefiro tê-los mijando aqui do que mijando dentro lá fora. Há muito mais deles e eles vão molhar seus tornozelos.

— Mas o que eles podem fazer? — Disse Magrat.

— Bem... Greebo tem medo deles —, disse Tia Ogg.

Greebo eram dois olhos preocupados, um amarelo, outro branco perolado, nas sombras. As bruxas ficaram impressionadas. Greebo uma vez derrubou um alce. Não havia praticamente nada que ele não atacasse, inclusive a arquitetura.

— Pensei que eles não teriam problemas com vampiros, então —, disse

Agnes.

-Eitch, num semos flit-fliti! Cê acha que semos algum tipo de fadin de flores? — Zombou um homem azul.

— Eles não podem voar —, Tia Ogg disse.

— É uma ilha muito bonita, mesmo assim… — Magrat murmurou.

— Menina, seu marido estava mexendo com política e é por isso que estamos com esse problema, e para conseguir nos safar, você tem que dar a ilha a eles. Agora ele está doente e você é a rainha, então você pode fazer o que quiser, certo? Não há ninguém que possa lhe dizer o que fazer, não é mesmo?

— É, eu suponho...

— Então, muito bem, dê a eles a ilha e então eles terão algo aqui pelo que lutar. Caso contrário, eles vão continuar de qualquer maneira e pegar todo o nosso gado no caminho. Coloque isto com uma conversa chique e você terá política.

— Tia? — Agnes disse.

— Sim?

— Não fique com raiva, mas você não acha que Vovó está fazendo isso de propósito, acha? Ficar para trás, quero dizer, para formarmos um trio e trabalharmos juntos?

— Por que ela faria isso?

— Assim, desenvolvemos insights, reunimos e aprendemos lições valiosas —, disse Magrat.

Tia Ogg parou com o cachimbo a meio caminho dos lábios. — Não —, ela disse, — eu não acho que Vovó estaria pensando assim, porque isso é lixo sentimental. Aqui, rapazes... aqui está a chave do armário de bebidas na copa. Deem o fora e divirtam-se, não toquem nas coisas das garrafas verdes, porque é... Oh, espero que vocês fiquem bem.

Houve um borrão azul e a sala foi esvaziada.

— Temos coisas que a Vovó não tem —, disse Tia Ogg.

— Como? — Disse Agnes.

— Magrat tem um bebê. Eu não tenho escrúpulos. E nós duas temos você.

— E eu sirvo pra que?

— Bem, para começar... você está em dúvida sobre tudo...

Houve um tilintar de vidro vindo da copa e um grito.

— Eitcha, seus vagabúndios! Ói presses monte de cabeça!

— Mi acud´eu aqui. Cê qui tá dizenu? Nós vai vê agora! Arguém pegô meu casaco ! Bom! Agora arguém pegue meus braçus!

— Cobre iss', o brilho tá queimando us zói! — Mais alguns vidros quebraram.

— Vamos todos voltar para o castelo —, disse Tia Ogg. — Nos nossos termos. Enfrentar este conde aí. E vamos levar alho e limões e todas as outras coisas. E um pouco da água benta do Senhor Aveia. Vocês não podem me dizer que todas essas coisas juntas não vão funcionar.

— E eles vão nos deixar entrar, não é? — Disse Agnes.

— Eles já têm muito em que pensar —, disse Tia Ogg.

— Com uma multidão nos portões. Podemos entrar pelos fundos.

— Que multidão? — Magrat perguntou.

— Vamos organizar uma —, disse a Tia.

— Você não organiza uma turba, Tia, disse Agnes. — Uma multidão é algo que acontece espontaneamente.

Os olhos de Tia Ogg brilharam.

— Há setenta e nove Oggs por estas bandas —, disse ela. — Isto é bastante Espontâneo, então.

Seu olhar caiu por um momento na floresta de fotos familiares, então

ela tirou uma bota e martelou na parede ao lado dela. Depois de alguns segundos, eles ouviram uma batida na porta e passos em frente à janela.

Jason Ogg, ferreiro e chefe do clã Ogg, enfiou a cabeça pela porta da frente.

— Sim, mãe?

— Haverá uma multidão espontânea invadindo o castelo em, oh, meia hora —, disse Tia Ogg. — Passe a palavra.

— Sim, mãe.

— Diga a todos que eu disse que não é obrigatório que eles estejam lá, é claro —, acrescentou Tia Ogg. Jason olhou para a hierarquia dos Oggs. Tia Ogg não precisou acrescentar mais nada àquela frase. Todo mundo sabia que a caixa do gato às vezes precisava de forro.

— Sim, mãe. Vou dizer a eles que você disse que eles não precisam vir se não quiserem.

— Bom garoto.

— Talvez umas tochas flamejantes ou, você sabe, foices e outras coisas?

— Isso é sempre complicado —, disse a Tia. — Mas eu diria que ambos.

— Aríetes, mãe?

— Hum... não, acho que não.

— Bom! Afinal, é a minha porta —, disse Magrat.

— Alguma coisa especial para as pessoas gritarem, mãe?

— Oh, gritos gerais, eu acho.

— Qualquer coisa para jogar?

— Apenas pedras nesta ocasião —, disse a Tia.

— Não muito grandes! — Disse Magrat. — Algumas das pedras ao redor do portão principal são bastante frágeis.

— Ok, nada mais duro do que arenito, entendeu? E diga ao nosso Kev que abra um barril da minha cerveja Número Três —, disse a Tia. — Melhor

colocar uma garrafa de conhaque para evitar o frio. Ele Pode realmente atravessar seu casaco quando você está do lado de fora de um castelo amaldiçoando e acenando. E faça nosso Nev correr até o armazém do Frangopobre e dizer que senhora Ogg apresenta seus cumprimentos e que queremos meia dúzia de queijos grandes e dez dúzias de ovos, e pergunte à senhora Carter se ela faria a gentileza de nos dar um pote grande daquelas cebolas em conserva que ela faz tão bem. É uma pena que não tenhamos tempo para assar alguma coisa, mas suponho que você tenha que aturar esse tipo de inconveniência quando está sendo espontâneo. Tia Ogg piscou para Agnes.

— Sim, mãe.

— Tia? — Disse Magrat, quando Jason saiu correndo.

— Sim, querida?

— Alguns meses atrás, quando Verence sugeriu um imposto sobre as exportações de bebidas alcoólicas, havia uma grande multidão protestando no pátio e ele disse: "tudo bem, se essa for a vontade do povo…"

— Bem, foi a vontade do povo —, disse a Tia.

— Oh. Certo. Bom.

— Só que às vezes eles esquecem temporariamente qual é a vontade deles —, disse Tia Ogg. — Agora, você pode deixar a jovem Esmê na porta ao lado, com a esposa de Jason…

— Vou mantê-la comigo —, disse Magrat. — Ela está feliz o bastante nas minhas costas.

— Você não pode fazer isso! — Disse Agnes.

— Não se atreva a discutir comigo, Agnes Nitt —, disse Magrat, empertigando-se. — E nem mais uma palavra sua, Tia.

— Nem sonharia com isso —, disse a Tia Ogg. — Os Nac Mac Feegle também sempre levam seus bebês para a batalha. Veja bem, para usar como

arma, se for o caso.

Magrat relaxou um pouco. — Ela disse sua primeira palavra esta manhã —, disse ela, parecendo orgulhosa.

— O que, com catorze dias? — Disse a Tia em dúvida.

— Sim. Foi um "blup".

— Blup?

— Sim. Foi... mais um arroto do que uma palavra, eu acho.

— Vamos juntar as coisas —, disse Tia Ogg, levantando-se. — Somos um coven, senhoras. Somos um trio. Sinto tanta falta de Vovó quanto vocês, mas temos que lidar com as coisas como ela faria. Ela respirou fundo algumas vezes. — Isso eu não aprovo de forma alguma.

— Soa melhor do jeito que ela diz, disse Agnes.

— Eu sei.

Hodgesaargh comeu sua refeição na sala de jantar dos empregados ao lado da cozinha e comeu sozinho. Havia gente nova por perto, mas Hodgeaargh geralmente não prestava muita atenção em quem não era falcoeiro. Sempre havia outras pessoas no castelo e elas tinham trabalhos a fazer e, se pressionado, Hodgesaargh reconheceria vagamente o fato de que, se deixasse a roupa suja em um saco perto da porta da cozinha toda semana, ela seria lavada e seca dois dias depois. Lá estavam suas refeições. Alguém se encarregava da caça que ele deixava na laje fria na longa despensa. E assim por diante.

Ele estava voltando para as cavalariças quando uma das sombras o puxou para a escuridão, com a mão tapando sua boca.

— Mfffn?

— Sou eu. Senhora Ogg, disse a Tia. — Você está bem, Hodgesaargh?

— Mph, e com isso, Hodgesaargh conseguiu indicar que estava bem, exceto pelo polegar de alguém bloqueando sua respiração.

— Onde estão os vampiros?

— Mfffn?

Tia Ogg relaxou seu aperto.

— Vampiros? o falcoeiro ofegou. — São os que andam por aí devagarinho?

— Não, esses são o... alimento, disse a Tia. — Viu também alguns filhos da puta de aparência extravagante? Ou soldados?

Houve um baque suave em algum lugar nas sombras e alguém disse: — Puxa, deixei cair o saco de fraldas. Viu pra onde rolou?

— Hum, há algumas novas senhoras e senhores, disse Hodgesaargh. — Eles ficam rondando as cozinhas. Há alguns homens em cota de malha também.

— Merda! disse a Tia.

— Aqui está a portinha do corredor principal, disse Magrat. — Mas está sempre trancada por dentro.

Agnes engoliu em seco. — Tudo bem. Vou entrar e destravá-lo, então. Tia Ogg deu-lhe um tapinha no ombro. — Você vai ficar bem? — Bem, eles não podem me controlar...

— Eles podem te agarrar, no entanto.

Vlad não vai querer que você se machuque, disse Perdita. *Você viu o jeito que ele olhou para nós...*

— Eu... acho que vou ficar bem, disse Agnes.

— Vocês conhecem suas mentes melhor que ninguém, tenho certeza, disse Tia Ogg. — Tem a água benta?

— Vamos esperar que funcione melhor do que o alho, disse Agnes.

— Boa sorte. Tia Ogg inclinou a cabeça. — Parece que a multidão está chegando espontaneamente ao portão. Vá!

Agnes saiu correndo para a chuva, contornando o castelo até as portas da cozinha. Elas estavam bem abertas. Ela chegou ao corredor além das cozinhas quando uma mão agarrou seu ombro e, em um borrão de velocidade, dois jovens estavam parados na frente dela.

Eles estavam vestidos como os jovens frequentadores da ópera que ela tinha visto em Ankh-Morpork, exceto que seus coletes elegantes teriam sido considerados muito ousados pelos membros mais sóbrios da comunidade e usavam cabelos compridos como um poeta com a esperança de que mechas romanticamente esvoaçantes compensassem a maldita incapacidade de encontrar qualquer coisa que rimasse com "narciso".

— Por que você está com tanta pressa, garota? — Disse um deles.

Agnes fez um gesto de enfado. — Olha, ela disse, — estou muito ocupada. Podemos acelerar isso? Podemos dispensar todos os olhares maliciosos e coisas do tipo "eu gosto de uma garota com espírito"? Podemos ir direto ao ponto em que eu me solto de suas mãos e te chuto no...

Um deles a atingiu com força no rosto. — Não, ele disse.

Vou contar a Vlad sobre você! Perdita gritou na voz de Agnes. O outro vampiro hesitou.

Rá! Sim, ele me conhece! disseram Agnes e Perdita juntas.

Um dos vampiros a olhou de cima a baixo. — Quem, você? — Ele disse.

— Sim, ela —, disse uma voz.

Vlad caminhou em direção a eles, polegares enganchados nos bolsos de seu colete.

— Demone? Crimson? Comigo, por favor?

Os dois foram e ficaram humildemente na frente dele. Houve um borrão, e então seus polegares estavam de volta em seu colete e os dois

vampiros estavam meio dobrados e afundando no chão.

— Este é o tipo de coisa que não fazemos com nossos convidados, disse Vlad —, passando por cima do corpo contorcido de Demone e estendendo as mãos para Agnes. — Eles te machucaram? Diga uma palavra e eu os entregarei a Lacrimosa. Ela acabou de descobrir que temos uma câmara de tortura aqui. E pensar que pensávamos que Lancre fosse atrasada!

— Oh, aquela coisa velha —, disse Agnes, fracamente. Crimson estava fazendo barulhos borbulhantes. *Eu nem vi as mãos dele mexerem,* disse Perdita. — Hum... está lá há séculos...

— Realmente? Ela disse que não havia tiras e fivelas suficientes. Ainda assim, ela é... inventiva. Diga apenas uma palavra.

Diga a palavra, Perdita solicitou, *Isso seria dois a menos deles.*

— Hum... não —, disse Agnes. *Ah... a covardia moral da gorda.* —

É…quem são eles?

— Oh, nós trouxemos alguns do clã nas carroças. Eles podem se tornar úteis, meu pai disse.

— Hum? Eles são parentes? *Vovó-Cera-do-Tempo teria dito que sim*, Perdita sussurrou.

Vlad tossiu suavemente. — pelo sangue, sim.

— Sim. De certo modo. Porém… subordinados. Venha por aqui.

Ele gentilmente pegou o braço dela e a conduziu de volta pela passagem, pisando pesadamente na mão trêmula de Crimson enquanto o fazia.

— Você quer dizer que vampirismo é como... as vendas em pirâmide? — Disse Agnes. Ela estava sozinha com Vlad. Reconhecidamente, isso tinha a vantagem de não estar sozinha com os outros dois, mas de alguma forma em um momento como este parecia vital ouvir o som de sua própria voz, apenas para se lembrar de que ela estava viva.

— Perdão? — Disse Vlad. — Quem vende pirâmides?

— Não, quero dizer... você morde cinco pescoços e em dois meses você consegue um lago de sangue só seu?

Ele sorriu, mas com um pouco de cautela. — Posso ver que teremos muito a aprender, disse ele. — Eu entendi cada palavra dessa frase, mas não a frase em si. Tenho certeza de que há muito que você poderia me ensinar. E, certamente, eu poderia te ensinar…

— Não —, disse Agnes, categoricamente.

— Mas quando nós...Oh, o que aquele idiota está fazendo agora?

Uma nuvem de poeira avançava na direção das cozinhas. No meio dela, segurando um balde e uma pá, estava Igor.

— Igor!

— Sim, meschtre?

— Você está colocando poeira de novo, não está...

— Sim, meschtre.

— E por que você está colocando poeira, Igor? — Disse Vlad friamente.

— Tem que haver pó, meschtre. É a tradiç...

— Igor, mamãe já te disse. Não queremos pó. Não queremos castiçais enormes. Não queremos buracos para os olhos em todas as pinturas e certamente não queremos sua maldita caixa de malditas aranhas e seu estúpido chicote!

No silêncio ardente e retumbante, Igor olhou para os pés.

— …As pessoas esperam teiasch de aranhasch, meschtre… — ele murmurou.

— Nós não precisamos delas!

— …o velho conde goschtava das minha aranhasch... — disse Igor, sua voz como um inseto que não queria ser esmagado.

— Isto é ridículo, Igor.

— … ele coschtumava dizer "boas teiasch hoje, Igor…"

— Olha, apenas... apenas vá embora, sim? E veja se você não consegue acabar com aquele cheiro horrível do guarda-roupa. Mamãe diz que faz seus olhos lacrimejarem. E fique de pé e ande corretamente! — Vlad falou às suas costas enquanto saía. — Ninguém fica impressionado com este manquejar!

Agnes viu as costas de Igor recuarem por um momento e esperou que ele dissesse alguma coisa. Mas então ele continuou na sua caminhada vacilante.

— Ele é como um bebê tão grande —, disse Vlad, balançando a cabeça. — Sinto muito que você teve que ver isso.

— Sim, meio que sinto muito também —, disse Agnes.

— Ele vai ser substituído. Meu pai só o mantém por sentimentalismo. Receio que ele tenha vindo com o velho castelo, junto com o telhado rangendo e o cheiro estranho no meio da escada principal que, devo dizer, não é tão ruim quanto o que notamos aqui. Oh céus ... olhe para isso, pode acreditar? Nós damos as costas por cinco minutos…

Havia uma vela enorme e muito gotejante queimando em um castiçal alto e preto.

— O rei Verence colocou todas aquelas lamparinas a óleo, uma linda luz moderna e Igor está substituindo-as por velas novamente! Nem sabemos de onde ele os tira. Lacci acha que ele guarda sua cera de ouvido…

Eles estavam na longa sala ao lado do grande salão agora. Vlad ergueu o castiçal para que o brilho da chama iluminasse a parede.

— Ah, eles colocaram as pinturas. Você deveria conhecer a família...

A luz incidiu sobre o retrato de um homem alto, magro, de cabelos grisalhos, em roupa de gala e capa forrada de vermelho. Ele parecia bastante distinto de uma maneira distante e indiferente. Havia o brilho de um canino alongado em seu lábio inferior.

— Meu tio-avô —, disse Vlad. — O último…detentor do título.

— O que são a faixa e a estrela que ele está usando? — Disse Agnes. Ela podia ouvir os sons da multidão, distantes, mas cada vez mais altos.

— Comenda da Ordem de Gvot. Ele construiu a casa da nossa família. O Castelo *Nãocheguepertodele*, nós o chamamos. Não sei se você já ouviu falar?

— É um nome estranho.

— Oh, ele costumava rir disso. Os cocheiros locais costumavam avisar os visitantes. "Não chegue perto dele!", diziam. "Mesmo que isso signifique passar a noite em cima de uma árvore, nunca suba lá para o castelo", diziam às pessoas. "Faça o que fizer, não ponha os pés naquele castelo." Ele dizia que era uma publicidade maravilhosa. Às vezes, ele tinha todos os quartos cheios às nove da noite e as pessoas batendo na porta para entrar. Os viajantes andavam milhas e milhas para ver o motivo de tanto alarido. Já não veremos outros como ele, com alguma sorte. Ele preferia jogar para a multidão, receio. Ressuscitava da sepultura com tanta frequência que tinha um caixão com tampa giratória. Ah… Tia Carmilla…

Agnes olhou para uma mulher muito severa com um vestido preto justo e batom cor de ameixa.

— Diz-se que ela se banhava no sangue de até duzentas virgens de cada vez —, disse Vlad. — Eu não acredito nisso. Use mais de oitenta virgens e até mesmo uma banheira bem grande transbordará, Lacrimosa me diz..

— Esses pequenos detalhes são importantes —, disse Agnes, animada pela excitação do terror. — E, claro, é tão difícil encontrar o sabonete.

— Morta por uma multidão, receio.

— As pessoas podem ser tão ingratas.

— E este… a luz passou pelo corredor — …é meu avô…

Uma cabeça pelada. Olhos arregalados e escuros. Dois dentes como

agulhas, duas orelhas como asas de morcego, unhas que não eram aparadas há anos...

— Mas metade do quadro é apenas tela nua —, disse Agnes.

— A história que corre na família é que o velho Magpyr ficou com fome —, disse Vlad. — Tinha uma abordagem muito direta das coisas, meu avô.

— Ah, Está vendo as manchas marrom-avermelhadas bem aqui? Muito no estilo antigo. E aqui... bem, algum ancestral distante, é tudo o que sei.

Esta imagem era principalmente verniz escuro. Havia a sugestão de um bico em uma figura encurvada.

Vlad se virou, rapidamente. — Percorremos um longo caminho, é claro, disse ele. — Evolução, diz meu Pai.

— Eles parecem muito... poderosos —, disse Agnes.

— Oh sim. Tão poderosos e ainda assim muito, muito burros, disse Vlad. — Meu pai acha que a estupidez está de alguma forma embutida no vampirismo, como se o desejo por sangue fresco estivesse ligado a ser tão burro quanto uma tábua. Meu pai é um vampiro muito incomum. Ele e mamãe nos criaram... de forma diferente.

— Diferente —, disse Agnes.

— Os vampiros não são muito voltados para a família. Meu pai diz que isso é natural. Os humanos estão criando seus sucessores, você vê, mas vivemos por muito tempo; então um vampiro estará criando concorrentes. Não há muito sentimento de família, pode-se dizer.

— Realmente. — No fundo do bolso, os dedos de Agnes se fecharam em torno da garrafa de água benta.

— Mas papai disse que a autoajuda era a única saída. Quebrar o ciclo da estupidez, disse ele. Pequenos vestígios de alho foram colocados em nossa comida para nos acostumarmos. Ele tentou a exposição precoce a vários símbolos religiosos... oh, devíamos ter o papel de parede infantil mais

estranho do mundo, não importa o alegre friso de Gertrudes o Alho Dançarino... e devo dizer que sua eficácia não é tão boa em nenhum caso. Ele até nos fazia sair e brincar durante o dia. Aquilo que não nos mata, ele dizia, nos torna fortes...

O braço de Agnes girou. A água benta espiralou para fora da garrafa e atingiu Vlad em cheio no peito.

Ele abriu os braços e gritou enquanto a água caía em cascata e entrava em seus sapatos.

Ela nunca esperava que fosse tão fácil. Ele levantou a cabeça e piscou para ela.

— Olhe para este colete! Você vai olhar para este colete? Você sabe o que a água faz com seda? Você simplesmente nunca tira isso! Não importa o que você faça, sempre há uma marca. Ele olhou para a expressão congelada dela e suspirou.

— Suponho que é melhor tirarmos algumas coisas aí de dentro, não é? — Disse. Ele olhou para a parede e retirou um grande machado e afiado. Ele o empurrou para ela.

— Pegue isso e corte minha cabeça, tudo bem? — Ele disse. — Olha, vou afrouxar minha "cravat". Não queremos manchá-la de sangue, não é? Aqui. Vê?

— Você está tentando me dizer que cresceu com isso também? — Ela disse, enfadada. — Como foi, um pouco de prática de machado leve depois do café da manhã? Corte a cabeça um pouquinho a cada dia e a coisa real não vai doer?

Vlad revirou os olhos. — Todo mundo sabe que cortar a cabeça de um vampiro é internacionalmente aceitável —, disse ele. — Tenho certeza de que Tia Ogg estaria balançando o machado bem agora. Venha, há muitos músculos nesses braços bastante grossos, eu estou...

Ela levantou o machado.

Ele estendeu a mão por trás dela e tirou o machado de seus braços.

— ...certo, finalizou. — Também somos muito, muito rápidos.

Ele testou a lâmina com o polegar. — Cego, eu acho. Minha querida senhorita Nitt, pode ser mais problemático do que vale a pena tentar se livrar de nós, você vê? Agora, o velho Magpyr lá não teria feito o tipo de oferta que estamos fazendo a Lancre. Por favor, não. Estamos devastando todo o país? Não? Forçando nosso caminho para os quartos? Certamente que não. O que é um pouco de sangue, para o bem da comunidade? É claro que Verence terá que ser rebaixado um pouco mas, convenhamos, o homem é mais um funcionário do que um rei. E... nossos amigos podem achar gratidão em nós. Qual é o sentido de resistir?

— Os vampiros são sempre gratos?

— Podemos aprender.

— Você está apenas dizendo que, em troca de não ser realmente mau, você simplesmente será apenas ruim, é isso?

— O que estamos dizendo, minha querida, é que chegou a nossa hora —, disse uma voz atrás deles.

Os dois se viraram.

O conde tinha entrado na galeria. Estava usando um smoking. Havia um homem armado caminhando de cada lado dele.

— Oh céus, Vlad... brincando com sua comida? Boa noite, senhorita Nitt. Parece que temos uma multidão nos portões, Vlad.

— Mesmo? Isso é emocionante. Eu nunca vi uma multidão real.

— Eu gostaria que a sua primeira pudesse ter sido melhor —, disse o conde e como que farejou. — Não há paixão nesta. Ainda assim, seria muito cansativo deixá-la continuar durante todo o jantar. Dir-lhes-ei para irem embora.

As portas do salão se abriram sem ajuda aparente.

— Vamos assistir? — Disse Vlad.

— É, eu acho que eu vou retocar meu pó, eu só vou e... só leva um minuto —, disse Agnes, recuando.

Ela correu pelo pequeno corredor que levava à pequena porta e puxou os ferrolhos.

— Falando em tempo —, disse Tia Ogg, apressada. — Está muito menos úmido lá fora.

— Eles foram olhar a multidão. Mas há outros vampiros aqui, não apenas os guardas! Devem ter chegado nas carroças! São como…não exatamente servos, mas obedecem a ordens.

— Em quantos são? — Disse Magrat.

— Não deu pra saber! Vlad estava tentando me conhecer melhor!

— Bom plano —, disse a Tia. — Veja se ele fala enquanto dorme.

— Tia!

— Vamos ver sua senhoria em ação, vamos? — Tia Ogg disse. — Podemos entrar na velha guarita ao lado da porta e olhar através das seteiras.

— Eu quero encontrar Verence! — Disse Magrat.

— Ele não vai a lugar nenhum —, disse Tia Ogg, entrando na pequena sala ao lado da porta. — E eu não acho que eles estejam planejando matá-lo. De qualquer forma, ele tem alguma proteção agora.

— Eu acho que esses realmente são um novo tipo de vampiros —, disse Agnes. — Eles realmente não são como o tipo antigo.

— Então nós os enfrentamos aqui e agora —, disse a Tia. — Isso é o que Esmê faria, com certeza.

— Mas somos fortes o suficiente? — Disse Agnes. *A Vovó não teria perguntado*, disse Perdita.

— Somos três, não é? — Disse Tia Ogg. Ela tirou um frasco e o desarrolhou. — Um trago para ajudar. Alguém quer um pouco?

— Isso é conhaque, Tia! — Disse Magrat. — Quer que enfrentemos aos vampiros bêbadas?

— Parece muito melhor do que fazê-lo sóbrias —, disse a Tia, tomando um gole e estremecendo. — O único conselho sensato que Agnes recebeu do senhor Aveia, eu acho. Os caçadores de vampiros precisam sempre estar um pouco chapados, disse ele. Bem, eu sempre ouço bons conselhos...

Mesmo dentro da tenda de Fortemente Aveia, a vela tremulava ao vento. Ele se sentou cautelosamente em sua cama de campanha porque os movimentos abruptos a faziam dobrar cruelmente, as vezes apanhando suas mãos e deixando suas unhas pretas, e se dedicou a folhear seus cadernos em um estado de pânico crescente.

Ele não tinha vindo ali para ser um especialista em vampiros. 'Cadáveres ambulantes e criaturas ímpias' tinha sido uma palestra de uma hora de duração dada a cada quinze dias pelo diácono surdo Thrope, pelo amor de Om! Nem sequer tinha contado para a pontuação do exame final! Eles gastaram vinte vezes isso em Teologia Comparada e agora ele desejava, ele realmente desejava que eles tivessem encontrado tempo para lhe dizer, por exemplo, exatamente onde o coração estava e de quanta força você precisava para conduzir uma estaca através dele.

Ah... aqui estavam eles, algumas páginas de rabisco, salvos apenas porque juntas com as notas para o seu ensaio sobre as *Vidas dos Profetas de Thrum*.

"... O sangue é a vida... os vampiros são subservientes àquele que os

transformou em vampiros... dissulfureto de alilo, ingrediente ativo do alho... porfiria, falta de? Reação aprendida?... solo nativo v. importante... o maior número possível beberá de uma vítima para que ela seja escrava de todos... sangue como sacramento profano... Controles de vampiros: morcegos, ratos, criaturas da noite, clima... ao contrário da lenda, a maioria das vítimas simplesmente se torna passiva, NÃO vampiros... o Vampiro em potencial sofre terríveis tormentos e desejos de sangue ... Meias... Alho, ícones sagrados... luz solar — mortal?... matar vampiro, libertar todas as vítimas... força física &...'

Por que ninguém lhes disse que isso era importante? Metade da página mostrava um desenho do Diácono Thrope que era praticamente uma natureza morta.

Aveia deixou cair o livro no bolso e agarrou seu medalhão esperançosamente. Depois de quatro anos de faculdade teológica, ele não tinha certeza do que acreditava e isso foi em parte porque a Igreja tinha entrado em cisma tantas vezes que, ocasionalmente, todo o currículo se alterava no espaço de uma tarde. Mas também tinham sido avisados sobre isso. Não espere por isso, eles disseram. Isso não acontece com ninguém, exceto com os profetas. Om não trabalha assim. Om trabalha a partir do interior. Mas ele esperava que, apenas uma vez, Om se desse a conhecer de alguma forma óbvia e inequívoca que não pudesse ser confundida com vento ou uma consciência culpada. Apenas uma vez, ele gostaria que as nuvens se separassem pelo espaço de dez segundos e que uma voz gritasse: "SIM, FORTEMENTE-LOUVÁVEL-É-VOCÊ-QUE-EXALTA-A-AVEIA DE OM! É TUDO COMPLETAMENTE VERDADE! ALIÁS, ESSE FOI UM ARTIGO MUITO PONDERADO QUE VOCÊ ESCREVEU SOBRE A CRISE DA RELIGIÃO EM UMA SOCIEDADE PLURALISTA!"

Não é que lhe tivesse faltado fé. Mas a fé não era suficiente. Ele queria

conhecimento. Agora ele se contentaria com um manual confiável de descarte de vampiros. Ele se levantou. Atrás dele, sem ser ouvido, a terrível cama de campanha se fechou. Ele havia encontrado o conhecimento e o conhecimento não tinha ajudado. Jotto não tinha feito com que o Leviatã do Terror se lançasse na terra e os mares ficassem vermelhos de sangue? Não teria Orda, forte em sua fé, causado uma súbita fome em toda a terra de Smale?

Eles certamente tinham. Ele acreditou totalmente. Mas uma parte dele também não podia esquecer de ler sobre as minúsculas pequenas criaturas que causaram as raras marés vermelhas na costa de Urt e o efeito que isso aparentemente teve na vida marinha local, e sobre o estranho ciclo de vento que às vezes mantinha as nuvens de chuva longe de Smale por anos a fio.

Isso tinha sido... preocupante. Foi porque ele era tão bom em línguas antigas que ele foi autorizado a estudar nas novas bibliotecas que estavam surgindo em torno da Cidadela, e isso tinha sido um novo terreno para a preocupação, porque o buscador da verdade havia encontrado verdades em vez disso. *A Terceira Viagem do Profeta Cena*, por exemplo, parecia notavelmente como uma retradução do *Testamento de Areia no Livro do Laos do Todo*. Somente em uma prateleira, ele encontrou quarenta e três relatos notavelmente semelhantes de um grande dilúvio e em cada um deles um homem muito parecido com o bispo Horn salvou os eleitos da humanidade construindo um barco mágico. Os detalhes variavam, é claro. Às vezes o barco era feito de madeira, às vezes de folhas de bananeira. Às vezes, a notícia da terra seca emergente era trazida por um cisne, às vezes por uma iguana. É claro que essas histórias nas crônicas de outras religiões eram meros contos populares e mitos, enquanto a viagem detalhada no Livro de Cena era a verdade sagrada. Mas, mesmo assim...

Aveia passou a ser totalmente ordenado, mas ele progrediu de Levemente

Reverendo para Completamente Reverendo para um jovem problemático. Ele queria discutir suas descobertas com alguém, mas havia tantos cismas acontecendo que ninguém ficaria parado o tempo suficiente para ouvir. O martelo dos clérigos enquanto pregavam suas próprias versões da verdade de Om nas portas do templo foi ensurdecedor e, por um breve tempo, ele até pensou em comprar um rolo de papel e um martelo próprio e colocar seu nome na lista de espera para as portas, mas se conteve.

Porque ele tinha, ele sabia, duas mentes com opiniões próprias sobre tudo.

Em um ponto, ele considerou pedir para ser exorcizado, mas se afastou disso porque a Igreja tradicionalmente usava métodos bastante terminais para isso e em qualquer caso, homens sérios que raramente sorriam não se divertiriam ao ouvir que o espírito invasivo que ele queria exorcizar era o seu.

Ele chamou as vozes de Aveia Mau e Aveia Bom. O problema é que cada um deles concordava com a terminologia, mas a aplicava de maneiras diferentes.

Mesmo quando ele era pequeno, havia uma parte dele que achava que o templo era um lugar bobo e chato, e tentava fazê-lo rir quando deveria estar ouvindo sermões. Tinha crescido com ele. Era o Aveia que lia avidamente e sempre se lembrava daquelas passagens que lançavam dúvidas sobre a verdade literal do *Livro de Om*... e o cutucava e lhe dizia, se isso não é verdade, em que você pode acreditar?

E a outra metade dele diria: deve haver outros tipos de verdade. E ele respondia: outros tipos além do tipo que é realmente verdade, você quer dizer? E ele dizia: defina na verdade! E ele gritava: bem, na verdade os Omnianos teriam torturado você até a morte, não muito tempo atrás, por até mesmo pensar assim. Lembra-se disso? Lembre-se de quantos morreram

por usar o cérebro que, você parece pensar, seu deus lhes deu? Que tipo de verdade desculpa toda essa dor?

Ele nunca tinha descoberto como colocar a resposta em palavras. E então as dores de cabeça começariam, e as noites sem dormir. A Igreja tramava o tempo todo nos dias de hoje e esta foi certamente a última, iniciando uma guerra dentro da cabeça de alguém.

Pensar que ele tinha sido enviado aqui por sua saúde, porque o irmão Melchio tinha ficado preocupado com suas mãos trêmulas e a maneira como ele falava consigo mesmo!

Ele não cingiu seus lombos, porque ele não tinha certeza de como você faz isso e nunca se atreveu a perguntar, então ele ajustou seu chapéu e saiu para a noite selvagem sob as nuvens espessas e incomunicáveis.

Os portões do castelo se abriram e o conde Magpyr saiu, ladeado por seus soldados. Isso não estava de acordo com a tradição narrativa adequada. Embora o povo de Lancre fosse tecnicamente novo em tudo isso, no nível genético, eles sabiam que, quando a turba está no portão, o turbador deve estar gritando desafio em um laboratório em chamas ou envolvido em uma luta do tipo "tudo ou nada" com algum herói nas ameias.

E ele não deveria estar acendendo um charuto. Eles ficaram em silêncio, foices e forcados pairando no meio do movimento. O único som era o crepitar das tochas. O conde soprou um anel de fumaça.

— Boa noite —, disse ele, enquanto se afastava. — Vocês devem ser a multidão.

Alguém no final da multidão, que não estava atualizado, jogou uma pedra. O conde Magpyr a pegou sem olhar.

— Os forcados são bons —, disse ele. — Gosto dos forcados. Como forcados, eles certamente estão aprovados. E as tochas, bem, nem é preciso dizer. Mas as ceifadoras... não, não, receio que não. Elas simplesmente não servem. Não é uma boa arma de multidões, devo dizer. Tirem isso de minha vista. Uma simples foice é muito melhor. Comece a acenar com ceifadoras e alguém pode perder uma orelha. Tentem aprender.

Ele se aproximou de um homem muito grande que estava segurando um forcado. — E qual é o seu nome, jovem?

— É... Jason Ogg, senhor.

— O ferreiro?

— Sim senhor?

— Esposa e família indo bem?

— Sim, senhor.

— Muito Bem. Tem tudo o que precisa?

— É... sim senhor.

— Bom homem. Continue. Se você pudesse manter o barulho baixo durante o jantar, eu ficaria grato, mas é claro que eu aprecio que você tenha um papel tradicional vital a desempenhar. Vou fazer com que os servos tragam algumas canecas de toddy quente em breve. Ele derrubou as cinzas de seu charuto.

— Ah, e posso apresentá-lo ao sargento Kraput, conhecido por seus amigos como "Bill Sujo", eu acredito, e este cavalheiro aqui palitando os dentes com sua faca é o cabo Svitz, que eu entendo que não tem nenhum amigo. Suponho que seja mui fracamente possível que ele faça algum aqui. Eles e seus homens, que eu suponho poderiam ser chamados de soldados de um modo informal, têm um jeito descontraído de cortar e trucidar, neste ponto o cabo Svitz se levantou e desprendeu um pouco de rações anônimas de um molar amarelado.

— E estarão de plantão em, oh, cerca de uma hora.. Puramente por razões de segurança, você entende.

— E então vamos estripá-lo como um molusco e enchê-lo com palha —, disse o cabo Svitz.

— Ah. Esta é uma linguagem técnica militar da qual pouco entendo, disse o conde. — Espero que não haja aborrecimentos.

— Eu não —, disse o sargento Kraput.

— Que patifes eles são —, disse o conde. — Boa noite a todos. Venham, cavalheiros.

Ele voltou para o pátio. Os portões, cuja madeira era tão pesada e endurecida pelo tempo que parecia ferro, se fecharam.

Do outro lado estava o silêncio, seguido pelo murmúrio perplexo dos jogadores que tiveram a bola confiscada.

O conde acenou com a cabeça para Vlad e estendeu as mãos teatralmente.

— Ta-da! E é assim que fazemos...

— E você acha que faria isso duas vezes? — Disse uma voz dos degraus. Os vampiros olharam para as três bruxas.

— Ah, senhora Ogg —, disse o conde, acenando impacientemente para os soldados se afastarem. E sua majestade. E Agnes... Agora... são três para uma menina. Ou três para um funeral?

A pedra rachou sob os pés de Tia Ogg quando Magpyr avançou.

— Você acha que eu sou estúpido, queridas senhoras? — Ele disse. — Vocês realmente acham que eu deixaria vocês andarem por aí se houvesse a menor chance de você nos ferirem?

Um relâmpago estalou no céu.

— Posso controlar o clima —, disse o conde. — E criaturas menores que, deixe-me dizer a você, incluem humanos. E ainda assim você trama e

pensa que pode ter algum tipo de... duelo? Que imagem adorável. No entanto…

As bruxas foram levantadas do chão sob seus pés. O ar quente se enrolou ao redor delas. Um vento forte lá fora fez as tochas da turba lançarem chamas como bandeiras.

— O que aconteceu com a conversa de canalizar o poder de nós três juntas? — Sibilou Magrat.

— Isso dependia de ele ficar parado! — Disse Tia Ogg.

— Pare com isso de uma vez! — Gritou Magrat. — E como você ousa fumar no meu castelo! Isso pode ter um efeito muito sério nas pessoas ao seu redor!

— Alguém vai dizer "Você nunca vai se safar dessa?" disse o conde, ignorando-a. Ele subiu os degraus. Eles balançavam impotentes à sua frente, como balões. As portas do corredor se fecharam atrás dele.

— Oh, alguém deveria —, disse ele.

— Você não vai se safar dessa!

O conde sorriu. — E eu nem vi seus lábios se mexerem...

— Saia daqui e volte para a sepultura da qual vieste, ímpio cadáver andante!

— De onde diabos ele veio? — Disse Tia Ogg, enquanto Fortemente Aveia caia no chão na frente dos vampiros.

Ele estava se esgueirando pela galeria dos jograis, disse Perdita a Agnes. Às vezes você simplesmente não presta atenção.

O casaco do padre estava coberto de poeira e sua gola estava rasgada, mas seus olhos brilhavam com santo zelo.

Ele colocou algo na frente do rosto do vampiro. Agnes o viu olhar apressadamente para um pequeno livro em sua outra mão.

— É... Vá embora, verme de Rheum e vex not.

— Desculpe-me? — Disse o conde.

— ...e não mais perturbes...

— Posso apenas fazer uma observação?

— '...espírito da tribulação, tu... o quê?

O Conde tirou o caderno da mão repentinamente sem resistência de Aveia.

— Isto é do *Malleus Maleficarum* de Ossory —, disse ele. — Por que parece tão surpreso? Eu ajudei a escrevê-lo, seu homenzinho tolo!

— Mas... você... mas isso foi há centenas de anos! — Aveia conseguiu dizer.

— E? E eu contribuí com o *Auriga Clavorum Maleficarum*, *Torquus Simiae Maleficarum*... a maldita *Arca Instrumentorum* inteira, na verdade. Nenhuma dessas ficções estúpidas funcionam com vampiros, você nem sabia disso? O Conde quase cresceu.

— Oh, eu me lembro de seus profetas. Eram velhos barbudos loucos com hábitos higiênicos de uma doninha mas, por tudo que é maluco, tinham paixão! Eles não tinham mentes santas cheias de preocupação e impaciência. Eles falaram as palavras idiotas como se acreditassem nelas, com manchas de espuma sagrada borbulhando nos cantos de suas bocas. Agora eles eram sacerdotes reais, barrigas cheias de fogo e bile! Você é uma piada.

Ele jogou o caderno de lado e pegou o pingente. — E esta é a tartaruga sagrada de Om, que eu acredito deveria me fazer recuar de medo. Puxa, puxa. Nem mesmo é uma boa réplica. Confecção barata.

Aveia encontrou uma reserva de força. Conseguiu dizer — E como você saberia, besta ínfera?

— Não, não, isso é para demônios —, suspirou o conde. Ele devolveu a tartaruga a Aveia.

— Um esforço louvável, no entanto —, disse ele. — Se algum dia eu

quiser uma boa xícara de chá e um pãozinho e possivelmente também uma música alegre, com certeza irei participar de sua missão. Mas, no momento, você está no meu caminho.

Ele bateu no padre com tanta força que Aveia deslizou para baixo da longa mesa.

— A tanto chega a piedade —, disse o conde.

— Tudo o que resta agora é que Vovó-Cera-do-Tempo apareça. Deve ser a qualquer minuto agora. Afinal, você achou que ela confiaria em você para fazer a coisa certa?

O som da enorme aldrava de ferro reverberou pelo corredor.

O conde assentiu alegremente. — E isso deve ser ela, disse ele. — Claro que deve ser. Escolher o momento preciso é tudo.

O vento rugiu quando as portas foram abertas, girando galhos e chuva e Vovó Cera-do-Tempo, soprada como uma folha. Ela estava encharcada e coberta de lama, seu vestido rasgado em vários lugares.

Agnes percebeu que nunca tinha visto Vovó Cera-do-Tempo molhada antes, mesmo depois da pior tempestade, mas agora estava encharcada. A água escorria dela e deixava um rastro no chão.

— Madame Cera-do-Tempo! Que bom que veio, disse o conde. — Uma caminhada tão longa em uma noite escura. Sente-se perto do fogo por um tempo e descanse.

— Não vou descansar aqui —, disse Vovó.

— Pelo menos tome uma bebida ou algo para comer, então.

— Eu não vou comer nem beber aqui.

— Então, o que você vai fazer?

— Você sabe bem por que eu vim.

Ela parece pequena, disse Perdita*. E cansada, também.*

— Ah, sim. A batalha de praxe. O grande jogo. A marca Cera-do-

Tempo. E... deixe-me ver... sua lista de compras hoje será... "Se eu ganhar, espero que você liberte todos e volte para Uberwald", estou certo?

— Não. Espero que você morra —, disse Vovó.

Para seu horror, Agnes viu que a velha estava balançando ligeiramente. O conde sorriu. — Excelente! Entretanto... eu sei como você pensa, Madame Cera-do-Tempo. Você sempre tem mais de um plano. Você está parada aí, claramente a um passo do colapso e ainda assim... não tenho certeza se acredito no que estou vendo.

— Eu não dou a mínima para o que você tem certeza —, disse Vovó. — Mas você não ousa me deixar sair daqui, eu sei disso. Porque você não pode ter certeza de onde irei ou o que farei. Eu poderia estar te observando de qualquer par de olhos. Eu poderia estar atrás de qualquer porta. Tenho alguns favores que posso pedir. Eu poderia vir de qualquer direção, a qualquer hora. E eu sou boa em malícia.

— E? Se eu fosse tão indelicado, poderia matá-la agora mesmo. Uma simples flecha seria suficiente. Cabo Svitz?

O mercenário deu o aceno que foi o melhor que ele já fez para uma saudação e ergueu sua besta.

— Tem certeza? — Disse a Vovó. — Seu macaco tem certeza de que teria tempo para um segundo tiro? Que eu ainda estaria aqui?

— Você não é uma metamorfa, Senhora Cera-do-Tempo e pelo que parece você não está em posição de fugir.

— Ela está falando sobre se mudar para a cabeça de outra pessoa —, disse Vlad.

As bruxas se entreolharam.

— Desculpe, Esmê, disse Tia Ogg, finalmente. — Eu não conseguia parar de pensar. Acho que não bebi o suficiente.

— Oh sim, disse o conde. — O famoso truque do empréstimo.

— Mas você não sabe para onde, não sabe a que distância —, disse a Vovó cansada. — Você nem sabe que tipo de cabeça. Você não sabe se tem que ser uma cabeça. Tudo o que você sabe sobre mim é o que consegue tirar da mente das outras pessoas e elas não sabem tudo sobre mim. Nem de longe.

— E assim o seu eu é colocado em outro lugar —, disse o conde. — Primitivo. Eu os conheci, você sabe, em minhas viagens. Velhos estranhos com miçangas e penas que podiam colocar seu eu interior em um peixe, um inseto... até mesmo em uma árvore. E como se isso importasse. Madeira queima. Sinto muito, Senhora Cera-do-Tempo. Como o rei Verence gosta tanto de dizer, há uma nova ordem mundial. Nós somos essa ordem. Você é história...

Ele vacilou em um gesto de dor. As três bruxas caíram no chão.

— Muito bem —, disse ele. — Um tiro de advertência em meu costado. O senti. Eu realmente o senti. Ninguém em Uberwald jamais conseguiu me atingir.

— Eu posso fazer melhor do que isso —, disse Vovó.

— Acho que você não pode —, disse o conde. — Porque se você pudesse, você teria feito isso. Sem piedade para o vampiro, certo? O grito da turba ao longo dos tempos!

Ele caminhou em direção a ela. — Você realmente acha que somos como elfos consanguíneos ou humanos míopes e podemos ser intimidados com modos bruscos e alguns truques? Já saímos do caixão, Senhora Cera-do-Tempo. Tentei ser compreensivo com você, porque realmente temos muito em comum, mas agora...

O corpo de Vovó foi jogado para trás como uma boneca de papel apanhada por uma rajada de vento.

O conde estava a meio caminho dela, com as mãos nos bolsos do paletó. Ele quebrou o passo momentaneamente.

— Oh, querida, eu quase não senti isso —, disse ele. — Esse foi o seu melhor?

Vovó cambaleou, mas levantou a mão. Uma cadeira pesada perto da parede foi levantada e jogada do outro lado da sala.

— Para um ser humano, isso foi muito bom —, disse o conde. — Mas eu não acho que você pode continuar mandando isso por muito tempo.

Vovó se encolheu e ergueu a outra mão. Um enorme lustre começou a balançar.

— Oh, querida —, disse o Conde. — Ainda não é bom o suficiente. Nem chegou perto.

Vovó recuou.

— Mas eu prometo isso a você, disse o conde. — Eu não vou te matar. Ao contrário... Mãos invisíveis a pegaram e a jogaram contra a parede. Agnes deu um passo à frente, mas Magrat apertou seu braço.

— Não pense nisso como uma derrota, Vovó-Cera-do-Tempo —, disse o conde. — Você viverá para sempre. Eu chamaria isso de barganha, você não?

Vovó conseguiu fungar com desaprovação.

— Eu chamaria isso de pouco ambicioso —, disse ela. Seu rosto contorceu-se de dor.

— Adeus —, disse o conde.

As bruxas sentiram o golpe mental. O salão tremeu.

Mas havia algo mais, em um reino fora do espaço normal. Algo brilhante e prateado, deslizando como um peixe...

— Ela se foi —, Sussurrou Tia Ogg. — Ela mandou seu eu para algum lugar…

— Onde? Onde? —Sibilou Magrat.

— Não pense nisso! — Disse Tia Ogg. A expressão de Magrat congelou.

— Oh não… — Ela começou.

— Não pense nisso! Não pense nisso! — Disse a Tia com urgência. — Elefantes cor-de-rosa! Elefantes cor-de-rosa!

— Ela não...

— Lalalala! Ee-ie-ee-ie-oh! — Gritou Tia Ogg, arrastando-a até a porta da cozinha. — Venha, vamos! Agnes, depende de vocês duas!

A porta bateu atrás delas. Agnes ouviu os ferrolhos deslizarem para dentro. Era uma porta grossa e os ferrolhos eram grandes; os construtores do Castelo de Lancre não entendiam o conceito de tábuas com menos de sete centímetros de espessura ou fechaduras que não resistissem a um aríete.

A situação, para alguém de fora, pareceria muito egoísta. Porém, pensando com lógica, três bruxas em perigo foram reduzidas a uma bruxa em perigo. Três bruxas teriam passado muito tempo se preocupando umas com as outras e com o que iriam fazer. Uma bruxa era seu próprio meschtre.

Agnes sabia de tudo isso e ainda parecia egoísta.

O conde caminhava em direção a Vovó. Com o canto do olho, Agnes podia ver Vlad e sua irmã se aproximando dela. Havia uma porta sólida atrás dela. Perdita não estava tendo nenhuma ideia.

Assim, ela gritou.

Aquilo era um talento. Estar em duas mentes não era um talento, era apenas uma aflição. Mas o alcance vocal de Agnes poderia derreter a cera de ouvido no topo da escala.

Ela começou alto e viu que tinha julgado certo. Logo após o ponto onde os morcegos e carunchos caíram das vigas, e os cães latiram na cidade, Vlad tapou os ouvidos com as mãos. Agnes respirou fundo.

— Outro passo e eu vou fazer mais alto! — Ela gritou.

O Conde pegou Vovó Cera-do-Tempo como se ela fosse uma boneca.

— Tenho certeza de que você vai —, disse ele. — E mais cedo ou mais tarde você vai acabar sem fôlego. Vlad, ela te seguiu até em casa, você pode ficar com ela, mas ela é sua responsabilidade. Você tem que alimentá-la e limpar sua gaiola.

O vampiro mais jovem se aproximou cautelosamente.

— Olha, você realmente não está sendo sensata —, ele sussurrou.

— Bom!

E então ele estava ao lado dela. Mas Perdita já esperava por isso, mesmo que Agnes não esperasse, e quando ele chegou, o cotovelo dela já estava bem em seu golpe e o atingiu no estômago antes que ele pudesse detê-la.

Ela avançou enquanto ele se dobrava, notando que a incapacidade de aprender era uma característica de vampiro que era difícil de se livrar.

O conde colocou Vovó-Cera-do-Tempo sobre a mesa.

— Igor! — Gritou. — Onde você está, seu estúpido...

— Sim, meschtre?

O conde se virou.

— Por que você sempre aparece atrás de mim assim!

— O velho conde sempre eschperou isso de mim, meschtre! É uma coisa profissional.

— Bem, não o faça.

— Sim, meschtre.

— E a voz ridícula também. Vá e toque a sineta do jantar.

— Sim, meschhhhtre.

— E eu já te falei antes sobre o modo de andar! — O conde gritou, enquanto Igor mancava pelo corredor. — Não é nem divertido!

Igor passou por Agnes balbuciando maldosamente baixinho.

Vlad alcançou Agnes enquanto ela caminhava em direção à mesa e ela

estava um pouco feliz porque não sabia o que faria quando chegasse lá.

— Você deve ir —, ele ofegou. — Eu não teria deixado ele machucar você, é claro, mas meu pai pode ficar... irritado.

— Não sem a Vovó.

Uma voz fraca em sua cabeça disse: Deixe…me…

Não fui eu, disse Perdita*. Acho que era ela.*

Agnes olhou para o corpo caído. Vovó-Cera-do-Tempo parecia muito menor quando estava inconsciente.

— Gostaria de ficar para o jantar? — Disse o conde.

— Você vai... depois de toda essa conversa, você vai... chupar o sangue dela?

— Somos vampiros, senhorita Nitt. É coisa de vampiro. Um pequeno... sacramento, digamos.

— Como você pode? Ela é uma velha senhora!

Ele se virou e de repente estava muito perto dela.

— A ideia de um aperitivo mais jovem é atraente, acredite —, disse. — Mas Vlad ficaria de mau humor. De qualquer forma, o sangue desenvolve...caráter, assim como seus vinhos antigos. Ela não será morta. Não de todo. Na idade dela, eu daria as boas-vindas a um pouco de imortalidade.

— Mas ela odeia vampiros!

— Isso pode representar um problema para ela quando ela acordar, já que ela será bastante subserviente. Nossa...

O Conde se abaixou e pegou Aveia debaixo da mesa com um braço.

— Que performance sem sangue. Lembro-me de Omnianos quando eles estavam cheios de certeza e fogo e liderados por homens que eram corajosos e implacáveis, embora inacreditavelmente insanos. Como eles iriam se desesperar com toda essa história de leite e água. Leve-o com você,

por favor.

— Vejo você de novo amanhã? — Disse Vlad, provando a Agnes que machos de todas as espécies podem possuir um gene de estupidez.

— Você não será capaz de transformá-la em vampira! — Ela disse, ignorando-o.

— Ela não poderá evitar —, disse o conde. — Está no sangue, se pudermos colocar assim.

— Ela vai resistir.

— Isso valeria a pena ver.

O Conde jogou Aveia no chão novamente.

— Agora vá embora, senhorita Nitt. E leve seu padre delicado. Amanhã, bem, você pode ter sua velha bruxa de volta. Entretanto, ela já será nossa. Existe uma hierarquia. Todo mundo sabe disso... os que sabem alguma coisa sobre vampiros.

Atrás dele, Aveia estava passando mal.

Agnes pensou nas pessoas de olhos fundos que agora trabalhavam no castelo. Ninguém merecia isso.

Ela agarrou o padre pelas costas do paletó e o segurou como se fosse um saco.

— Adeus, senhorita Nitt —, disse o conde.

Ela arrastou o inerte Aveia até as portas principais. Agora estava chovendo forte lá fora, uma chuva forte e impiedosa caindo do céu como barras de aço. Ela manteve-se perto da parede para o abrigo leve que isso deu e o apoiou sob o jorro de uma gárgula.

Ele estremeceu. — Oh, aquela pobre idosa —, ele gemeu, caindo para frente de forma que uma estrela achatada de chuva caiu de sua cabeça.

— Sim —, disse Agnes. As outras duas haviam fugido. Elas pensavam o mesmo...e Perdita também. Todas sentiram o choque quando Vovó

libertou sua mente e... bem, o bebê até se chamava Esmê, não era? Mas... ela não poderia ter imaginado a voz da Vovó em sua cabeça. Ela tinha que estar em algum lugar perto...

— Eu realmente fiz uma bagunça terrível, não fiz? — Disse Aveia.

— Sim —, disse Agnes, vagamente. Não, emprestar-se ao bebê tinha uma espécie de retidão, um toque folclórico, um tom romântico e é por isso que Tia Ogg e Magrat provavelmente acreditariam nisso e era por isso que Vovó não o faria. Vovó não tinha romance em sua alma, Agnes pensou. Mas ela tinha uma boa ideia de como manipular o romance em outras pessoas. Então... onde ela estava? Algo havia acontecido. Ela colocou a essência de si mesma em algum lugar por segurança e não importa o que ela dissesse ao conde, ela não poderia colocá-la muito longe. Tinha que estar em algo vivo, mas se estivesse em um humano, o dono nem saberia...

— Se ao menos eu tivesse usado o exorcismo certo... — Aveia murmurou.

— Não teria funcionado —, disse Agnes bruscamente. — Não acho que sejam vampiros muito religiosos.

— Provavelmente é apenas uma vez na vida que um padre tem uma chance como essa…

— Você era a pessoa errada —, disse Agnes. — Se um panfleto fosse a coisa certa para assustá-los, então você teria sido o melhor homem para o trabalho.

Ela olhou para Aveia. Assim como Perdita.

— O Irmão Melchio vai ficar muito aborrecido com isso, disse ele, levantando-se. — Oh, olhe para mim, todo coberto de lama. Hum... por que você está me olhando desse jeito?

— Oh... apenas um pensamento estranho. Os vampiros ainda não afetam sua cabeça?

— O que você quer dizer?

— Eles não afetam sua mente? Eles não sabem o que você está pensando?

— Rá! Na maioria das vezes nem eu sei o que estou pensando —, disse Aveia miseravelmente.

— Sério? — Disse Agnes. *Sério*? disse Perdita.

— Ele estava certo —, murmurou Aveia, sem ouvir. — Eu decepcionei todo mundo, não foi? Eu deveria ter continuado no seminário e aceitado aquele cargo de tradutor.

Não houve nem trovões e relâmpagos com a chuva. Era apenas dura, constante e sombria.

— Mas estou... pronto para tentar outra vez —, disse Aveia. — você está?

— Por que?

— Kazrin não voltou três vezes ao vale de Mahag e arrancou a taça de Hiread dos soldados dos Oolites enquanto eles dormiam?

— Voltou?

— Sim. Eu tenho... tenho certeza disso. E Om não disse ao Profeta Brutha, "Eu estarei com você em lugares escuros"?

— Imagino que sim.

— Sim —, ele disse. — Ele deve ter feito isso.

— E —, disse Agnes, — baseado nisso você voltaria?

— Sim.

— Por que?

— Porque, se não o fizer, que serventia eu teria? Que uso haveria para mim, afinal?

— Acho que não sobreviveríamos uma segunda vez —, disse Agnes. — Eles nos deixaram ir desta vez porque foi a coisa mais cruel a se fazer. Droga! Eu tenho que decidir o que fazer agora e não deveria ser eu a fazê-lo. Eu sou a donzela, pelo amor de Deus! Ela viu a expressão dele e acrescentou, por

razões que ela achava difícil explicar no momento, — Um termo técnico para o membro júnior de um trio de bruxas. Eu não deveria ter que decidir as coisas. *Sim, eu sei que é melhor do que fazer o chá!*

— Hum... eu não disse nada sobre fazer o chá...

— Não, desculpe, era outra pessoa. O que ela quer que eu faça?

Especialmente porque agora você acha que sabe onde ela está se escondendo, disse Perdita.

Houve um rangido e eles ouviram as portas do corredor se abrirem. A luz se espalhou, as sombras dançaram na névoa levantada pela chuva torrencial, houve um barulho e as portas se fecharam novamente. Ao se fecharem, ouviu-se o som de risadas.

Agnes correu para o final da escada, com o padre chapinhando ao seu lado.

Já havia uma poça larga e lamacenta nesta extremidade do pátio. Vovó-Cera-do-Tempo estava deitada nela, com o vestido rasgado, o cabelo se desenrolando do coque duro como pedra.

Havia sangue em seu pescoço.

— Eles nem mesmo a trancaram em uma cela ou algo assim —, disse Agnes, fervendo de raiva. — Eles apenas a jogaram como... como um osso de carne!

— Acho que eles pensam que ela está presa agora, pobre alma —, disse Aveia. — Vamos colocá-la num local abrigado, pelo menos...

— Oh…sim…claro.

Agnes segurou as pernas da Vovó e ficou surpresa que alguém tão magro pudesse ser tão pesada.

— Talvez haja alguém no vilarejo? — Disse Aveia, cambaleando sob sua extremidade da carga.

— Não é uma boa ideia —, disse Agnes.

— Oh, mas certamente...

— O que você diria a eles? "Essa é Vovó, podemos deixar ela aqui, ah, e claro, quando acordar ela será uma vampira"?

— Ah.

— Não é como se as pessoas ficassem tão felizes em vê-la de qualquer maneira, a menos que estejam doentes...

Agnes olhou em volta através da chuva.

— Venha, vamos dar uma volta pelos estábulos e pela falcoaria, tem galpões e coisas…

O rei Verence abriu os olhos. A água escorria pela janela de seu quarto. Não havia luz senão aquela que se infiltrava sob a porta e ele podia apenas distinguir as formas de seus dois guardas, cabeceando em seus assentos.

Uma vidraça tremeu. Um dos uberwaldianos foi e abriu a janela, olhou para a noite selvagem, não encontrou nada de interessante e voltou para o seu assento.

Tudo parecia muito... agradável. Parecia a Verence que ele estava deitado em um bom banho quente muito relaxante e confortável. Os cuidados do mundo pertenciam a outra pessoa. Ele balançava como um resto de naufrágio feliz no mar quente da vida. Pareceu-lhe ouvir vozes débeis, fracas, vindas aparentemente de algum lugar abaixo de seu travesseiro.

— Certu, cumé qui nóis fais cos grandãoszis?

— Aff, nóis derruba elis!

— Vam’?

— No númaro treizi… umzis, doizis, treizi!

— Vam´! Vam’!

Algo farfalhou no chão. A cadeira de um dos homens se ergueu no ar e saltou em velocidade para a janela.

— Vam'! — A cadeira e seu ocupante foram lançados através do vidro.

O outro guarda conseguiu se levantar, mas algo estava crescendo no ar na frente dele. Para Verence, um ex-aluno da Guilda dos Bobos, parecia muito com uma pirâmide humana muito alta composta de acrobatas muito pequenos.

— Vam'!

— Vam'!

— Vam'!

— Vam'!

Aquilo nivelou-se com o rosto do guarda. A única figura no topo gritou:

— Tá óianu u quê, bestãoziu? Iss' é pra dá um gostinho! — E lançou-se diretamente para um ponto entre os olhos do homem. Houve um pequeno som de algo rachando e o homem desabou para trás.

— Vam'!

— Vam'!

— Vam'!

A pirâmide viva se dissolveu ao nível do chão. Verence ouviu minúsculos pés batendo e de repente havia um pequeno homem coberto de tatuagens, usando um chapéu de ponta azul, de pé em seu queixo.

— Méquivai, seu Reizi! Bobado ingual peixim novu, hein?

— Muito bem —, murmurou Verence. — Há quanto tempo você é uma alucinação? Muito bem-feito.

— Perdidão, né peixão?

— Justamente —, disse Verence sonhadoramente.

— Pa riba com eli!

— Vam'! Vam'!

Verence sentiu-se levantado da cama. Centenas de mãozinhas o transportaram, uma para a outra e ele foi deslizado pela janela e saiu para o vazio.

Era uma parede vertical e ele disse a si mesmo que não fazia muito sentido que ele descesse tão devagar, ao som de gritos de — pegu'ele! Pegu'ele! Vam'! Peguei! Vam'! — E mãos minúsculas agarravam seu colarinho, seu pijama, suas meias de dormir...

— Excelente apresentação —, ele murmurou, enquanto deslizava suavemente para o chão e em seguida, seis centímetros acima do nível do solo e depois disso, foi levado para a noite.

Havia uma luz ardendo por entre a chuvarada. Agnes martelou a porta e a madeira molhada se abriu para a visão pouca coisa melhor de Hodgesaargh, o falcoeiro.

— Temos que entrar! —, disse ela.

— Sim, senhorita Nitt.

Ele se afastou obedientemente enquanto eles levavam a Vovó para o pequeno quarto.

— Ela se machucou, senhorita?

— Você sabe que há vampiros no castelo? — Disse Agnes.

— Verdade, senhorita? — Disse Hodgesaargh.

Sua voz sugeriu que ele tinha acabado de ser informado de um fato e ele estava esperando com interesse educado para ser informado se isso era um fato bom ou um fato ruim.

— Eles morderam a Vovó-Cera-do-Tempo. Precisamos deixá-la

deitada em algum lugar.

— Lá está a minha cama, senhorita.

Ela era pequena e estreita, projetada para pessoas que iam dormir porque estavam cansadas.

— Ela pode sangrar um pouco —, disse Agnes.

— Oh, eu sangro nela o tempo todo —, disse Hodgesaargh alegremente. — E no chão. Eu tenho um monte de ataduras e pomada, se isso for de alguma ajuda.

— Bem, isso não fará nenhum mal —, disse Agnes.

— É... Hodgesaargh, você sabe que vampiros sugam o sangue das pessoas, não sabe?

— Sim, senhorita? Eles terão que fazer fila atrás dos pássaros para o meu, então.

— Isso não o aborrece?

— A Senhora Ogg me deu uma bisnaga de pomada, senhorita.

Aquilo parecia ser tudo a ser dito. Desde que eles não tocassem em seus pássaros, Hodgesaargh não se importava muito com quem dirigia o castelo. Por centenas de anos, os falcoeiros simplesmente se deram bem com as coisas importantes, como a falcoaria, que precisava de muito treinamento e deixaram o reinado para os amadores.

— Ela está toda molhada —, disse Aveia. — Pelo menos vamos embrulhá-la em um cobertor ou algo assim.

— E vai precisar também de alguma corda —, Agnes disse

— Corda?

— Ela vai acordar.

— Você quer dizer... devemos amarrá-la?

— Se um vampiro quer transformá-lo em um vampiro, o que acontece?

As mãos de Aveia apertaram seu pingente de tartaruga para conforto

enquanto ele tentava se lembrar. — Eu... acha que colocam algo no sangue, disse. — Eu acho que se eles querem transformá-lo em um vampiro, você é transformado. E não há nada que se possa fazer. Eu não acho que se possa lutar contra isso quando está no sangue. Você não pode dizer que não quer participar da coisa. Eu não acho que é um poder a que você possa resistir.

— Ela é boa em resistir —, disse Agnes.

— Quão boa? — Aveia perguntou.

Um dos de Uberwald ia arrastando os pés ao longo do corredor. Ele parou quando ouviu um som, olhou ao redor, não viu nada que aparentemente tivesse feito barulho e continuou novamente.

Tia Ogg saiu das sombras e em seguida, acenou para Magrat para segui-la.

— Desculpe, Tia, é muito difícil manter um bebê quieto...

— Shh! Há um pouco de barulho vindo das cozinhas. O que os vampiros poderiam querer cozinhar?

— São aquelas pessoas que eles trouxeram com eles —, sussurrou Magrat. — Estão trazendo móveis novos. Eles têm que ser alimentados, eu suponho.

— É, como gado. Acho que o melhor que podemos fazer é sair na cara dura —, disse a Tia. — Essas pessoas não parecem grande coisa em termos de pensamento original. Pronta? Ela distraidamente tomou um gole da garrafa que estava carregando. — Apenas me siga.

— Mas veja, e quanto a Verence! Eu não posso simplesmente deixá-lo. Ele é meu marido!

— O que eles farão com ele que você poderia evitar se estivesse aqui?,

disse Tia Ogg. — Mantenha a bebê segura, isso é o importante. Sempre foi. De qualquer maneira... Eu te disse, ele tem proteção. Eu cuidei disso.

— Com o que, mágica?

— Muito melhor do que isso. Agora, você apenas me segue e banca a esnobe. Você deve ter aprendido isso, sendo uma rainha. Nunca deixe que eles pensem que você não tem o direito de estar onde está.

Ela saiu para a cozinha. As pessoas malvestidas ali olhavam para ela com olhos opacos, como cachorros esperando para ver se iam ou não levar uma surra. No enorme fogão, no lugar da coleção usual de panelas limpas e bem lavadas da Senhora Scorbic, havia um grande caldeirão enegrecido. O conteúdo era de um cinza básico. Tia Ogg não teria mexido com aquilo nem por mil dólares.

— Só de passagem —, disse ela, bruscamente. — Continuem com o que estavam fazendo.

Todas as cabeças se viraram para observá-las... Mas na parte de trás da cozinha uma figura se desdobrou da velha poltrona onde a Senhora Scorbic às vezes mantinha a corte e caminhou em direção a eles.

— Oh droga, é um dos malditos parasitas —, disse a Tia — Ele está entre nós e a porta…

— Senhoras! — Disse o vampiro, curvando-se. — Posso ser útil?

— Estávamos saindo —, disse Magrat com altivez.

— Possivelmente não —, disse o vampiro.

— Desculpe-me, meu jovem —, disse a Tia, com sua voz suave de velha, — mas de onde você é?

— Uberwald, madame.

A Tia assentiu e consultou um pedaço de papel que tirou do bolso. — Muito legal. De que parte?

— Klotz.

— Mesmo? Que bom. Me desculpe, um momento. — Ela virou as costas e houve uma breve vibração do elástico antes de se virar novamente, toda sorridente.

— Acontece que gosto de me interessar pelas pessoas —, disse ela. — Klotz, não é? Qual é o nome daquele rio lá? Rio Um? Rio Eh?

— Rio Ah —, disse o vampiro.

A mão Tia Ogg disparou para a frente e entalou algo amarelo entre os dentes do vampiro. Ele a agarrou, mas, ao ser arrastada para a frente, ela o atingiu no alto da cabeça.

Ele caiu de joelhos, segurando a boca e tentando gritar através do limão que acabara de morder.

— Parece uma superstição estranha, mas aí está —, disse a Tia, enquanto ele começava a espumar pelos lábios.

— Você também tem que cortar a cabeça deles —, disse Magrat.

— Mesmo? Bem, eu vi um cutelo lá atrás...

— Vamos embora? — Magrat sugeriu. — Antes que outra pessoa venha, talvez?

— Tudo bem. De qualquer forma, ele não é um vampiro importante... — disse Tia Ogg com desdém. — Ele nem está usando um colete muito interessante.

A noite estava prateada com a chuva. De cabeça baixa, as bruxas dispararam pela escuridão.

— Tenho que trocar o bebê!

— Para uma capa de chuva seria o melhor —, murmurou a Tia.

— É um pouco urgente…

— Tudo bem, então, ali...

Eles entraram nos estábulos. Tia Ogg olhou para trás na noite e fechou a porta silenciosamente.

— Está muito escuro —, sussurrou Magrat.

— Eu sempre podia trocar de bebê pelo tato quando era jovem.

— Eu preferiria não ter que o fazer. Ei... tem uma luz...

O brilho fraco de uma vela quase não era visível na extremidade das cavalariças.

Igor estava escovando os cavalos até brilharem. Seu tartamudeio acompanhava o ritmo das escovadas. Parecia matutar sobre alguma coisa.

— Voshz tola, não é? Caminhar de tolo? O que ele sabe das coischa? Pula, gira, salta! Igor fascha isso, Igor não fascha aquilo…essches garotosch feito pavões por aqui, tentando me pôr de lado…eschtão combinados entre eles. O velho meschtre sabia das coisas! Um servo não é um esschcravo…

Ele olhou ao redor. Um pedaço de palha caiu no chão.

Começou a escovar novamente. — Rá! Tragaisscho, traga aquilo... nem um pouco de reschpeito, oh não...

Igor parou e tirou outro pedaço de palha da manga. — …e outra coisa…

Houve um rangido, uma lufada de ar, o cavalo empinou em sua baia e Igor foi levado ao chão, sua cabeça parecia estar presa em um torno.

— Agora, se eu juntar meus joelhos —, disse uma alegre voz feminina acima dele, — é muito provável que eu possa fazer seus miolos descerem pelo seu nariz, mas eu sei que isso não vai acontecer, porque tenho certeza de que somos todos amigos aqui. Diga sim.

— Schh.

— Isso é o melhor que vamos conseguir, eu acho.

Tia Ogg levantou-se e sacudiu a palha do vestido.

— Já estive em palheiros mais limpos —, disse ela. — Levante-se, Sr. Igor. E se você está pensando em algo inteligente, minha colega ali está segurando um forcado e ela não é muito boa em mirar, então quem sabe em

que parte de você ela pode acertar?

— É um bebê que voschês estão carregando?

— Somos muito modernas —, disse a Tia. — Temos dinheiro aplicado e tudo mais. E agora teremos sua carruagem, Igor.

— Teremos? — Disse Magrat. — E vamos aonde?

— Está uma noite terrível. Não quero manter a bebê ao relento e não sei de nenhum lugar perto daqui onde estaríamos seguras. Talvez possamos descer para as planícies antes do amanhecer.

— Não vou deixar Lancre!

— Salve a criança —, disse a Tia. — Certifique-se de que ela terá um futuro. Além disso... Ela balbuciou algo para Magrat que Igor não entendeu.

— Não podemos ter certeza disso —, disse Magrat.

— Você sabe como Vovó pensa —, disse a Tia. — Ela vai querer que mantenhamos o bebê seguro, Acrescentou em voz alta. — Então atrele os cavalos, Sr. Igor.

— Schim, schenhora —, Igor disse mansamente. — Está querendo jogar terra em mim, Igor?[14]

— Não, é um prazer ser comandado por uma voschz autoritária, clara e firme, madame —, disse Igor, cambaleando até as rédeas. — Nenhuma dessas bobagens de "Voschê se importaria…". Um Igor goschta de saber a quantas anda.

— Ligeiramente desequilibrado —? disse Margrat.

— O velho meschtre costumava me chicotear todos os dias! — Disse Igor com orgulho.

— Você gostava disso? — Disse Magrat.

— Claro que não! Mas era apropriado! Ele era um cavalheiro, cujasch

---

[14] Em uma sociedade que houvesse progredido além da privada e da fossa asséptica, ela teria dito "puxar minha descarga".

botasch eu não era digno de lamber para limpar…

— Mas você fazia, então? — Disse Tia Ogg.

Igor assentiu. — Toda manhã. E dava nelasch um brilho muito bonito, também.

— Bem, ajude-nos e eu vou fazer você ser açoitado com um cadarço perfumado —, disse a Tia.

— Agradeço do meschmo jeito, mas eschtou indo imbora mesmo assim —, disse Igor, apertando uma correia. — Estou cheio até a tampa com esse povo. Elesch não deviam fazer isso! São umas deschgraça para a eschpécie!

Tia Ogg secou o suor da face. — Gosto de um homem que fala o que pensa —, ela disse, — e está sempre preparado para dar uma toalha... eu disse toalha? Queria dizer uma mão.

— Confia nele? — Disse Magrat.

— Sou uma boa juíza de caráter —, disse Tia Ogg. — E você sempre pode confiar em um homem com pontos em toda a cabeça.

— Aidinóis, Aidinóis, Aidinóis!

— Elis podi ser um milião!

— Grandãozis!

Uma raposa olhou cautelosamente ao redor de uma árvore.

Através da floresta varrida pela chuva, um homem estava se movendo em velocidade; muito embora, aparentemente, deitado. Ele usava uma touca de dormir, com a borla quicando no chão.

Quando a raposa percebeu o que estava acontecendo, já era tarde demais. Uma pequena figura azul saltou de debaixo do homem apressado e pousou em seu nariz, dando uma cabeçada entre seus olhos.

— Oi, tudo bem? Si gostô, podi di voltar mais tardi!

O Nac Mac Feegle saltou para baixo quando a raposa entrou em colapso, agarrou sua cauda com uma mão e correu atrás dos outros, socando o ar triunfantemente.

— Eeeeba! Vamu jantar esta noitchi!

Elas arrastaram a cama para o meio do quarto. Agnes e Aveia sentavam-se em ambos os lados dela, ouvindo os sons distantes de Hodgesaargh alimentando aos pássaros. Havia o chocalho de latas e o grito ocasional enquanto ele tentava remover um pássaro de seu nariz.

— Perdão? — Disse Agnes.

— Perdão?

— Eu pensei que você estivesse sussurrando alguma coisa —, disse Agnes.

— Eu estava, hum, fazendo uma breve oração —, disse Aveia.

— Isso vai ajudar? — Perguntou Agnes.

— É…ajuda a mim. O Profeta Brutha disse que Om ajuda aqueles que se ajudam uns aos outros.

— Ele estava certo?

— Para ser honesto, há uma série de opiniões sobre o que ele quis dizer.

— Quantas?

— Cerca de cento e sessenta, desde o Cisma das dez e trinta da manhã, vinte e três de fevereiro. Foi quando os Chelonianistas Livres Reunidos (Convocação de Hubward) se separaram dos Chelonianistas Livres Reunidos (Revogação de Rimward). Foi bastante sério.

— Sangue derramado? — Disse Agnes. Ela não estava realmente

interessada, mas isso tirou sua mente de tudo o que poderia estar por acontecer em um minuto.

— Não, mas houve troca de socos e derramaram tinta em um diácono.

— Posso ver que foi muito ruim.

— Houve um sério puxão de barbas também.

— Puxa. *Maníacos de seitas*, disse Perdita.

— Você está zombando de mim —, disse Aveia solenemente.

— Bem, soou um pouco... trivial. Vocês estão sempre discutindo?

— O profeta Brutha disse: "Haja dez mil vozes" — , disse o sacerdote. — Às vezes eu acho que ele quis dizer que era melhor discutir entre nós do que sair mandando incrédulos para o fogo e a espada. É tudo muito complicado. — Ele suspirou. — Há uma centena de caminhos para Om. Infelizmente, às vezes acho que alguém deixou um ancinho deitado em muitos deles. O vampiro estava certo. Perdemos o fogo...

— Mas você costumavam queimar as pessoas com ele.

— Eu sei... Eu sei...

Agnes viu um movimento pelo canto do olho. O vapor estava subindo de debaixo do cobertor que eles haviam puxado sobre Vovó-Cera-do-Tempo. Quando Agnes olhou para baixo, os olhos da Vovó se abriram e giraram de um lado para o outro. Sua boca se moveu uma ou duas vezes.

— E como você está, senhorita Cera-do-Tempo? — Disse Fortemente Aveia com uma voz alegre.

— Ela foi mordida por um vampiro! Que tipo de pergunta é essa? — Sibilou Agnes.

— Uma que é melhor do que "o que você é, agora"? — Aveia sussurrou.

A mão de Vovó se contorceu. Ela abriu a boca novamente, arqueou o corpo contra a corda e depois caiu de volta contra o travesseiro.

Agnes tocou sua testa e puxou a mão para trás bruscamente.

— Ela está queimando! Hodgesaargh! Traga um pouco de água!

— Chegando, senhorita!

— Oh não... — sussurrou aveia. Ele apontou para as cordas. Elas estavam se desatando, movendo-se furtivamente um através da outra como cobras.

Vovó meio que rolou, meio que caiu da cama, pousando em suas mãos e joelhos. Agnes foi ajudá-la e recebeu um golpe de um cotovelo que a arremessou através da sala.

A velha bruxa agarrou a porta aberta e rastejou para fora na chuva. Ela fez uma pausa, ofegante, enquanto as gotas a atingiam. Agnes podia jurar que algumas delas chiaram. As mãos de Vovó escorregaram. Ela caiu na lama e lutou para se levantar.

A luz azul-esverdeada se espalhou da porta aberta da falcoaria. Agnes olhou para dentro. Hodgesaargh estava olhando para um frasco de conservas no qual um ponto de luz branca estava cercado por uma chama azul pálida que se estendia muito além do frasco e se enrolava e pulsava.

— O que é isso?

— Minha pena de fênix, senhorita! Está queimando o ar!

Do lado de fora, Aveia levantou Vovó para cima e colocou seu ombro sob um de seus braços.

— Ela disse alguma coisa —, disse ele. — "cerro", eu acho...

— Ela pode ser uma vampira!

— Ela acabou de dizer de novo. Não a ouviu?

Agnes se aproximou e a mão flácida de Vovó de repente estava segurando seu ombro. Ela podia sentir o calor dela através de seu vestido encharcado e conseguiu captar a palavra no assobio da chuva.

— Ferro? — Disse Aveia. — Ela disse ferro?

— Há a forja do castelo ao lado —, disse Agnes. — Vamos levá-la até

lá.

A forja era escura e fria; seu fogo só era aceso quando havia trabalho ocasional a ser feito. Eles puxaram a Vovó para dentro e ela escorregou para fora de suas mãos e pousou com as mãos e os joelhos nas lajes.

— Mas o ferro não é bom contra vampiros, não é? — Disse Agnes. — Eu nunca ouvi falar de pessoas usando ferro...

Vovó fez um barulho em algum lugar entre um bufo e um rosnado. Ela se arrastou pelo chão, deixando um rastro de lama, até chegar à bigorna.

Não era nada mais do que um enorme pedaço de ferro alongado usado para acomodar os martelos inábeis que eram necessários de tempos em tempos para manter o castelo funcionando. Ainda ajoelhada, Vovó agarrou-a com as duas mãos e pressionou a testa contra ela.

— Vovó, o que podemos...? — Começou Agnes.

— Vá aonde os outras... estão —, coaxou Vovó-Cera-do-Tempo. — Serão necessárias três... bruxas se isso sair...errado... Você vai enfrentar... algo terrível...

— Que coisa terrível?

— Eu. Faça isso agora.

Agnes recuou. No ferro preto, pelos dedos da Vovó, pequenas manchas de ferrugem estavam cuspindo e pulando.

— É melhor eu ir! Fique de olho nela!

— Mas e se... —, começou Aveia.

Vovó jogou a cabeça para trás, os olhos fechados.

— Saia! — Ela gritou. Agnes empalideceu.

— Você ouviu o que ela disse! — Ela gritou e correu para a chuva.

A cabeça da Vovó caiu para a frente contra o ferro novamente. Em volta de seus dedos faíscas vermelhas dançavam sobre o metal.

— Senhor padre —, disse ela, em um sussurro rouco. — Em algum lugar

aqui há um machado. Traga até aqui!

Aveia olhou em volta desesperadamente. Havia um machado, um pequeno de duas cabeças, deitado ao lado de uma mó.

— Hum, eu encontrei um —, ele arriscou.

A cabeça da Vovó tremeu para trás. Seus dentes estavam rangendo, mas ela conseguiu dizer: — Afie-o!

Aveia olhou para a mó e lambeu os lábios nervosamente.

— Afie-o agora —, eu disse!

Ele tirou a jaqueta, arregaçou as mangas, pegou o machado e colocou um pé no pedal da roda.

Faíscas saltaram da lâmina enquanto a roda girava.

— Então encontre um pouco de madeira e... corte-a em ponta. E encontre... um Martelo...

O martelo foi fácil. Havia uma prateleira de ferramentas ao lado da roda. Alguns segundos de busca desesperada através dos escombros junto à parede revelaram um poste de cerca.

— Senhora, o que você está querendo que eu faça...

— Alguma coisa... vai levantar-se... agora —, ofegou Vovó. — Certifique-se... de que você saiba bem... o que é...

— Mas você não está esperando que eu decap...

— Eu estou te ordenando, homem de religião! No que você realmente... Crê? O que pensava que fosse… sobre o significado de tudo? Cantar hinos? Mais cedo ou mais tarde... tudo se resume a... o sangue...

Sua cabeça balançava contra a bigorna.

Aveia olhou novamente para as mãos dela. Ao redor delas o ferro era preto, mas a uma curta distância de seus dedos o metal brilhava fracamente e a ferrugem ainda estava chispando. Ele tocou a bigorna com cuidado, depois afastou a mão e chupou os dedos.

— Madame Cera-do-Tempo não está muito bem, não é? — Disse Hodgesaargh, entrando.

— Eu acho que você certamente poderia dizer isso, sim.

— Oh pobrezinha. Quer um pouco de chá?

— Como é?

— Está uma noite terrível. Se vamos continuar aqui posso por uma chaleira no fogo.

— Se deu conta, homem, que ela pode levantar daí como um vampiro sedento de sangue?

— Ah. — O falcoeiro olhou para a figura imóvel e a bigorna fumegante. — Então é boa ideia enfrentá-la com uma xícara de chá dentro de você então, disse ele.

— Você entende o que está acontecendo aqui?

Hodgesaargh deu outra olhada cuidadosa na cena. — Não, disse.

— Nesse caso...

— Não é meu trabalho entender esse tipo de coisa —, disse o falcoeiro. — Eu não fui treinado. Provavelmente é preciso muito treinamento, para entender isso. Esse é o seu trabalho. E o trabalho dela. Você consegue entender o que está acontecendo quando um pássaro é treinado e faz uma matança e ainda volta para o pulso?

— Bem, não...

— É a mesma coisa. Então está tudo bem. Uma xícara de chá, então? — Aveia se rendeu.

— Sim, por favor. Obrigado.

Hodgesaargh escafedeu-se.

O padre sentou-se. A bem da verdade, mesmo ele não tinha certeza de que entendia o que estava acontecendo. A velha senhora estava queimando e com dor, e agora... o ferro estava esquentando, como se a dor e o calor

tivessem sido afastados. Quem seria capaz de fazer uma coisa assim? Bem, é claro, os profetas poderiam, ele disse a si mesmo conscienciosamente, mas isso foi porque Om lhes dera o poder. Mas, segundo todos os relatos, a velha não acreditava em nada.

Ela estava muito quieta agora. Outros tinham falado dela como uma grande feiticeira, mas a figura que ele tinha visto no salão tinha sido apenas a de uma velha cansada e desgastada. Ele tinha visto pessoas no hospício em Aby Dyal, rígidas e retraídas até que a dor era muito grande e tudo o que lhes restava era uma oração e então... nem isso. Parecia ser onde ela estava agora.

Ela estava realmente quieta. Aveia só tinha visto quietude assim quando mover-se não era mais uma opção.

Subindo com o vento através da montanha tempestuosa e descendo o riacho impetuoso corriam os Nac Mac Feegle, que pareciam não conhecer qualquer conceito de furtividade. O progresso era um pouco mais lento agora porque alguns do grupo se separavam ocasionalmente para ter uma briga entre si ou para uma caçada improvisada e, além do Rei de Lancre, havia agora, balançando através da urze, a raposa, um veado atordoado, um javali e uma doninha que havia sido suspeita de olhar para um Nac Mac Feegle de uma maneira engraçada.

Verence viu com seus olhos entorpecidos que eles estavam indo para uma pequena ribanceira no final de um prado há muito tempo abandonado e gramado, encimado por alguns espinheiros antigos. Os pixies pararam com um solavanco quando a cabeça do rei estava a poucos centímetros de distância de uma grande toca de coelho.

— Num qué entrá!

— Puxa aqui, bestãozi!

A cabeça de Verence bateu esperançosamente contra o solo molhado uma ou duas vezes.

— Encólhi as oreia!

— Grandãozis!

Um dos pixies balançou a cabeça.

— Num conseguim, cumaé? — A véia vai fazer um colar cas nossa tripa…

Excepcionalmente, os Nac Mac Feegle ficaram em silêncio por um momento. Então um deles disse:

— Ninguémzi tem tanta tripa assim, certu?.

— E tem otra, prumeteu uma ruma di cachaça. E nóis jurô. Cê num ia gostar de encarar uma bruaca véia.

— Vamu dinovu intão…

Verence foi jogado no chão. Houve um breve som de escavação e lama caiu sobre ele. Então ele foi pego novamente e levado através de um buraco muito maior, seu nariz escovando raízes de árvores no teto. Atrás dele havia o som de um túnel sendo rapidamente preenchido.

Depois, havia ali apenas uma ribanceira onde os coelhos obviamente viviam, coberta de espinheiros. Invisível na noite selvagem, o ocasional fio de fumaça flutuava entre os troncos.

Agnes se inclinou contra a parede do castelo, de onde fluía água e lutou por recuperar o fôlego. Vovó não havia dito para ela ir embora. O comando atingiu seu cérebro como um balde de gelo. Até Perdita tinha sentido. Não havia a opção de não obedecer.

Para onde teria ido Tia Ogg? Agnes sentiu um desejo premente de estar perto dela. Tia Ogg irradiava um campo perpétuo de vai-terminar-tudo-bem. Se elas saíram pelas cozinhas, ela poderia estar em qualquer lugar...

Ela ouviu a carruagem chacoalhar através do arco que levava aos estábulos. Era apenas um contorno esmaecido, envolto pela névoa emanada pela chuva, enquanto chacoalhava pelo calçamento do pátio de armas. A figura ao lado do cocheiro, segurando um saco sobre a cabeça contra o vento e a chuva, bem poderia ser Tia Ogg. Não tinha importância. Ninguém teria visto Agnes correndo pelas poças e acenando.

Ela voltou para o arco enquanto o ônibus desaparecia morro abaixo. Bem, elas estavam tentando fugir, não estavam? E roubar o cocheiro de um vampiro tinha um certo estilo de Tia Ogg...

Alguém agarrou os dois braços dela por trás. Instintivamente, ela tentou empurrar para trás com os cotovelos. Era como tentar se mover contra a rocha.

— Então, senhorita Agnes Nitt —, disse Vlad, friamente. — Estamos dando um passeio agradável para tomar um pouco de chuva?

— Elas fugiram de vocês! — Ela disparou.

— É o que pensa? Meu pai poderia mandar esta carruagem direto para o desfiladeiro em um momento, se quisesse —, disse o vampiro. — Mas ele não vai. Preferimos muito mais o toque pessoal.

— Direto na jugular —, Agnes falou.

— Rá, sim. Mas ele realmente está tentando ser razoável. Então, será que eu não posso persuadi-la a se tornar uma de nós, Agnes?

— O que, alguém que vive tirando a vida de outras pessoas?

— Nós geralmente não vamos mais tão longe assim —, disse Vlad, arrastando-a para a frente. — E quando o fazemos... bem, nós nos certificamos de que só matamos pessoas que merecem morrer.

— Bem, está tudo bem, não é? — Disse Agnes. — Tenho certeza de que confiaria no julgamento de um vampiro.

— Minha irmã pode ser um pouquinho... rigorosa às vezes, admito.

— Eu vi as pessoas que você trouxe com você! — Eles praticamente mugem!

— Ah, eles. Os domésticos. Então? Não é muito diferente das vidas que eles teriam tido em qualquer caso. Melhor, na verdade. Eles estão bem alimentados, abrigados...

— ...ordenhados.

— E isso é ruim?

Agnes tentou se desviar de seu controle. Só aqui, não havia muralha do castelo. Não havia necessidade. O desfiladeiro de Lancre era todo o muro que qualquer um poderia precisar e Vlad estava levando-a até a borda.

— Que coisa estúpida de se dizer! — Disse ela.

— É? Eu sei que você tem viajado, Agnes —, disse Vlad, enquanto ela lutava. — Assim, você sabe que há muitas pessoas que têm vidas pequenas, sempre sob o jugo de algum rei, governante ou mestre que não hesitaria em sacrificá-las em batalha ou jogá-las na rua quando não puderem mais trabalhar.

Mas eles podem escapar, disse Perdita.

— Mas eles podem escapar!

— Mesmo? A pé? Com a família? E sem dinheiro? A maioria nem tenta. A maioria das pessoas aguenta a maioria das coisas, Agnes.

— Isso é o mais desagradável, cínico...

Preciso, disse Perdita. — ...precis...não!

Vlad levantou as sobrancelhas. — Você tem uma mente tão estranha, Agnes. Claro, você não é uma do... Gado. Espero que nenhuma bruxa seja. Vocês geralmente sabem muito bem o que querem. Ele dedicou-lhe um

sorriso dentuço, o que não era muito agradável em um vampiro. — Gostaria de ser assim. Venha comigo.

Não havia como resistir a sua força, a menos que ela quisesse ser arrastada pelo chão.

— Meu pai está muito impressionado com vocês, bruxas —, disse ele, por cima do ombro. — Ele diz que devemos fazer de vocês todas vampiros. Ele diz que vocês estão no meio do caminho de qualquer maneira. Mas eu prefiro que você veja o quão maravilhoso poderia ser.

— Você adoraria, não é? E eu, gostaria de estar desejando sangue constantemente?

— Você constantemente deseja chocolate, não deseja?

— Como se atreve!

— O sangue tende a ser pobre em carboidratos. Seu corpo vai se adaptar. Os quilos vão simplesmente cair...

— Isso é repugnante!

— Você terá controle total sobre si mesma...

— Eu não estou ouvindo!

— Tudo o que é preciso é uma pequena picada...

— Não vai ser seu, senhor!

Rá! Maravilhoso! — Disse Vlad e arrastando Agnes atrás dele, pulou no desfiladeiro de Lancre.

Vovó-Cera-do-Tempo abriu seus olhos. Pelo menos, ela teve que assumir que eles estavam abertos. Ela sentia as pálpebras se moverem.

A escuridão estava na frente dela. Era preto de veludo, sem estrelas, um buraco no espaço. Mas havia luz atrás dela. Ela estava de pé de costas para a

luz, ela podia senti-la, vê-la em suas mãos. Estava fluindo, delineando a escuridão que era a sombra longa e profunda dela na...

…areia preta. Que rangeu sob suas botas quando ela transferiu seu peso.

Aquilo era um teste. Tudo era um teste. Tudo era uma competição. A vida os punha na sua frente todos os dias. Você se vigiava o tempo todo. Você tinha que fazer escolhas. Você nunca sabia quais eram as certas. Oh, alguns dos padres diziam que você receberia notas pela atuação depois, mas qual era o sentido disso?

Ela desejou que sua mente estivesse trabalhando mais rápido. Não conseguia pensar direito. Sua cabeça parecia cheia de névoa.

Este... não era um lugar real. Não, essa não era a maneira certa de pensar sobre aquilo. Não era um lugar comum. Podia ser mais real do que Lancre. Através dela, sua sombra se estendia, esperando...

Ela olhou para a figura alta e silenciosa ao lado dela.

BOA NOITE.

— Oh... você de novo.

OUTRA ESCOLHA, ESMERELDA CERA-DO-TEMPO.

— Claro e escuro? Nunca é tão simples assim, você sabe, mesmo para você.

Morte suspirou. NEM PARA MIM.

Vovó tentou alinhar seus pensamentos.

Qual luz e qual escuridão? Ela não estava preparada para isso. Não parecia certo. Esta não era a luta que ela esperava. De quem é a luz? De quem era essa mente?

Pergunta tola. Ela sempre foi ela. Nunca perca o controle quanto a isto… Então... luz atrás dela, escuridão na frente...

Ela sempre havia dito que as bruxas ficavam entre a luz e a escuridão.

— Estou morrendo?

SIM.

— Eu vou morrer? SIM.

Vovó pensou naquilo.

— Entretanto, do seu ponto de vista, todo mundo está morrendo e todo mundo vai morrer, certo?

SIM.

— Então você não está realmente ajudando muito, estritamente falando.

DESCULPE, PENSEI QUE VOCÊ QUISESSE A VERDADE. TALVEZ VOCÊ ESTIVESSE ESPERANDO GELEIA E SORVETE?

— Rá…

Não havia movimento no ar, nenhum som além de sua própria respiração. Apenas a luz branca brilhante de um lado e a escuridão pesada do outro... esperando.

Vovó tinha ouvido falar de pessoas que quase morreram, mas voltaram, possivelmente por causa de uma pancada hábil no lugar certo ou a retirada de algum bocado rebelde de comida que caíra na direção errada. Às vezes eles falavam sobre ver uma luz....

É para lá que ela deveria ir, um pensamento lhe veio. Mas... a luz era a entrada ou a saída?

Morte estalou os dedos.

Uma imagem apareceu na areia na frente deles. Ela se viu ajoelhada diante da bigorna. Ela admirou o efeito dramático. Ela sempre teve um lado teatral, embora nunca o admitisse e apreciava, de um modo incorpóreo, a força com que impunha sua dor ao ferro. Alguém estragou um pouco o efeito colocando uma chaleira em uma das pontas.

Morte se abaixou e pegou um punhado de areia. Ele o ergueu e o deixou escorregar entre os dedos.

ESCOLHA, disse. VOCÊ É BOA EM ESCOLHER, EU ACREDITO.

— Existe algum conselho que você possa me dar? — Perguntou Vovó. ESCOLHA CERTO.

Vovó virou-se para encarar o brilho branco puro e fechou os olhos.

E recuou.

A luz diminuiu até um minúsculo ponto distante e desapareceu.

A escuridão de repente estava por toda parte, fechando-se como areia movediça. Parecia não haver nenhum caminho, nenhuma direção. Quando ela se movia, não sentia movimento.

Não havia som, exceto o leve filete de areia dentro de sua cabeça.

E então, vozes vieram de sua sombra.

— *… Por sua causa, morreram alguns que poderiam ter vivido…*

As palavras a açoitaram, deixando marcas lívidas em sua mente.

— Viveram alguns que certamente teriam morrido —, disse.

A escuridão puxou suas mangas.

— *…você matou…*

— Não. Eu mostrei o caminho.

— *…Rá! São apenas palavras…*

— Palavras são importantes —, Vovó sussurrou na noite.

— *... você tomou o direito de julgar aos outros ...*

— eu assumi ao dever. E não escondo isto.

— *…Eu conheço todos os maus pensamentos que você já teve…*

— Eu sei.

— *... aqueles que você nunca ousaria contar a ninguém...*

— Eu sei.

— *…todos os segredinhos que nunca serão contados…*

— Eu sei.

— *… de quantas vezes você desejou abraçar a escuridão…*

— Sim.

— ...da tamanha força que você poderia ter...

— Sim.

— … abrace a escuridão…

— Não.

— ... entregue-se a mim...

— Não.

— …Lilith Cera-do-Tempo o fez. Alison Cera-do-Tempo o fez…

— Isso nunca foi provado!

— ... entregue-se a mim...

— Não. Eu conheço você. Eu sempre conheci você. O conde deixou você sair para me atormentar, mas eu sempre soube que você estava aí. Tenho lutado contra você todos os dias da minha vida e você não terá vitória agora.

Ela abriu os olhos e olhou para a escuridão.

— Eu sei quem você é agora, Esmerelda Cera-do-Tempo —, ela disse. — Você não me assusta mais.

A última luz desapareceu.

Vovó-Cera-do-Tempo ficou pendurada no escuro por um tempo que não conseguiu medir. Era como se o vazio absoluto tivesse sugado todo o tempo e direção para dentro dele. Não havia para onde ir, porque não havia lugar nenhum.

Depois do que podem ter sido dias ou segundos, ela começou a ouvir outro som, o mais fraco dos sussurros nos limites da audição. Ela foi em sua direção.

As palavras subiam da escuridão como pequenos peixes dourados se contorcendo.

Ela abriu caminho até eles, agora que havia uma direção. As lascas de

luz se transformaram em sons.

— ......e rogo a ti, em tua compaixão infinita, para que deliberes se não seria este o momento para que intervenhas aqui...

Normalmente não seriam o tipo de palavras que ela associaria com a luz. Talvez fosse a maneira como tinham sido ditas. Mas eles havia um eco estranho nelas, uma segunda voz entretecida entre a primeira voz, colada em cada sílaba...

— … que compaixão? Quantas pessoas oraram atadas a uma estaca? Como pareço tolo, ajoelhado assim…

Ah… uma mente, dividida ao meio. Havia mais Agnes no mundo do que Agnes sonhava, disse Vovó a si mesma. Tudo o que a garota fez foi dar um nome a uma coisa e uma vez que você dá um nome a uma coisa, você dá a ela uma vida...

Havia algo mais por perto, um vislumbre de brilho com alguns fótons de espessura, que se apagou quando ela o procurou novamente. Ela desviou sua atenção por um momento, então a puxou de volta. Mais uma vez, a pequena faísca piscou.

Algo estava se escondendo.

A areia parou de correr. O tempo se acabara. Era hora de descobrir o que era ela.

Vovó-Cera-do-Tempo abriu seus olhos e havia luz.

A carruagem deslizou até parar na estrada da montanha. A água escorria por suas rodas. A Tia desceu e chapinhou até Igor, que estava parado onde não havia estrada. A água estava espumando onde deveria estar o caminho.

— Será que podemosch cruzar? — Disse Igor.

— Provavelmente, mas vai ser pior lá embaixo, onde o escoamento será

muito mais forte —, disse Tia Ogg. — Já ficamos isolados das planícies antes, durante o inverno…

Ela olhou para o outro lado. A estrada serpenteava mais para dentro das montanhas, inundada, mas aparentemente sólida.

— Onde fica o vilarejo mais próximo por ali? — Ela perguntou. — Um com uma boa construção de pedra? Mata-sede, não é? Há uma estalagem lá em cima.

— Há. Mata-sede.

— Bem, não vamos a lugar nenhum a pé com este tempo —, disse a Tia. — Tem que ser Mata-sede, então.

Ela voltou para a carruagem e a sentiu dar a volta.

— Algum problema? — Disse Magrat. — Por que estamos subindo?

— A estrada está alagada —, disse a Tia.

— Estamos indo para Uberwald?

— Sim.

— Mas lá tem lobisomens e vampiros e...

— Sim, mas não em todos os lugares. Devemos estar seguros na estrada principal. De qualquer forma, não há muita escolha.

— Acho que você está certa, disse Magrat com relutância.

— E poderia ser pior —, Tia Ogg disse.

— Como?

— Bem... poderia haver cobras aqui conosco.

Agnes viu as pedras passarem, olhou para baixo e viu a espuma do rio cheio. O mundo girou ao redor dela quando Vlad parou no ar. A água cobria os dedos dos pés.

— Haja... leveza —, disse ele. — Você gostaria de ser leve como o ar,

não é, Agnes?

— Nós... nós temos vassouras... — Agnes ofegou. *Sua vida tinha acabado de passar por seus olhos e não é que era monótona*? Perdita acrescentou.

— Coisas estúpidas e inúteis —, disse ele. — E elas não podem fazer *isto...*

As paredes do desfiladeiro passaram como um borrão. O castelo se perdeu na distância. Nuvens a encharcaram. Então elas se desenrolaram como um velo branco prateado, sob a silenciosa luz fria da lua.

Vlad não estava ao lado dela. Agnes desacelerou sua ascensão, estendeu os braços para agarrar o que não estava lá e começou a cair para trás...

Ele apareceu, rindo, e agarrou-a pela cintura. — ...elas podem? — ele perguntou.

Agnes não conseguia falar. Sua vida passando diante de seus olhos de uma maneira encontrou-se com sua vida passando diante de seus olhos indo na direção oposta, e as palavras lhe faltariam agora até que ela pudesse decidir quando era agora.

— E você ainda não viu nada —, disse Vlad. Fios de nuvens se enrolavam atrás deles enquanto ele avançava.

As nuvens desapareceram sob Agnes. Elas podiam ter sido finas como fumaça, mas sua presença, sua imitação de terreno, era reconfortante. Agora elas eram uma margem que se afastava e bem abaixo estavam as planícies enluaradas.

— Ghjgh —, gorgolejou Agnes, muito tensa e apavorada até para gritar. *Ebaaaa!* exclamou Perdita, lá dentro.

— Vê isso? — Disse Vlad, apontando. — Vê a luz ao redor da borda?

Agnes ficou olhando, porque qualquer coisa agora era melhor do que olhar para baixo.

O sol estava sob o disco. Ao redor da Orla escura, porém, ele encontrou

seu caminho através da cachoeira sem fim, criando uma faixa brilhante entre o oceano noturno e as estrelas. Era, de fato, lindo, mas Agnes sentiu que a beleza era ainda mais provável de estar nos olhos do observador se os pés do observador estivessem em algo sólido. A dez mil pés de altura, o olho de quem vê tende a lacrimejar.

Perdita achou lindo. Agnes se perguntou se e quando Agnes acabasse como um círculo de respingos rosa nas rochas, Perdita ainda estaria lá.

— Tudo o que você quiser —, sussurrou Vlad. — Para todo sempre.

— Quero descer —, disse Agnes.

Ele a soltou.

Havia isso sobre o corpo de Agnes. Ele era muito bom para cair. Ela virou-se automaticamente de barriga para baixo e flutuou no vento impetuoso, o cabelo esvoaçando atrás dela.

Muito estranhamente, o terror havia desaparecido. Aquilo fora o medo por conta de uma situação fora de seu controle. Agora, com os braços abertos, as saias chicoteando as pernas, os olhos lacrimejando no ar gelado, ela podia pelo menos ver o que o futuro reservava, mesmo que não fosse um futuro grande o suficiente para conter muito.

Talvez ela pudesse atingir um banco de neve ou águas profundas...

Talvez valesse a pena tentar, disse Perdita*. Ele não parece totalmente ruim.*

— Cale a boca.

Seria bom se você pudesse parar de parecer que está usando alforjes sob a saia...

— Cale a boca.

E seria bom se você não batesse nas pedras como um balão cheio de água…

— Cale a boca. De qualquer forma, posso ver um lago. Acho que posso

tentar me desviar em direção a ele.

A essa velocidade, será como bater no chão.

— Como você sabe disso? *Eu não sei disso*. Então, como você sabe?

Todo mundo sabe disso.

Vlad apareceu ao lado de Agnes, descansando no ar como se fosse um sofá.

— Aproveitando? — Ele disse.

— Está tudo bem até agora —, disse Agnes, sem olhar para ele.

Ela o sentiu tocar seu pulso. Não houve sensação real de pressão, mas a queda parou. Ela se sentiu leve como o ar novamente.

— Por que você está fazendo isso? — Ela disse. — Se você vai me morder, então acabe com isso!

— Oh, mas eu não poderia fazer isso!

— Você fez isso com Vovó! disse Agnes.

— Sim, quando é contra a vontade de alguém... bem, eles acabam tão... complacentes. Pouco mais do que pensar em comida. Mas alguém que abraça a noite por sua própria vontade... ah, isso é outra coisa, minha querida Agnes. E você é interessante demais para ser uma escrava.

— Diga-me —, disse Agnes, enquanto o topo de uma montanha flutuava, — você já teve muitas namoradas?

Ele encolheu os ombros. — Uma ou duas. Meninas das aldeias. Criadas.

— E o que aconteceu com elas —, posso perguntar?

— Não me olhe assim. Nós até arranjamos empregos para elas no castelo.

Agnes o detestava. Perdita apenas o odiava, o que é o polo oposto do amor e igualmente atraente.

…mas Tia Ogg disse que se acontecesse o pior… então ele confiaria em você… e eles já pegaram Vovó…

— Se eu for uma vampira —, disse ela, — não saberei distinguir o bem do mal.

— Isso é um pouco infantil, não é? São apenas maneiras de olhar para a mesma coisa. Você nem sempre tem que fazer o que o resto do mundo quer que você faça.

— Você ainda está brincando com ela?

Lacrimosa estava caminhando em direção a eles no ar. Agnes viu os outros vampiros atrás dela. — Morda-a ou solte-a —, continuou a garota.

— Valha-me Deus, ela é tão amorfa. Vamos, papai está te procurando. Elas estão indo para o nosso castelo. Pode haver coisa mais Estúpida?

— Isso é assunto meu, Lacci —, disse Vlad.

— Todo rapaz deveria ter um hobby, mas ... realmente —, disse Lacrimosa, revirando os olhos com rímel preto.

Vlad sorriu para Agnes.

— Venha conosco —, disse ele.

Vovó disse que você precisa estar com as outras, Perdita a lembrou.

— Sim, mas como vou encontrá-las quando estivermos lá? — Disse Agnes levantando a voz.

— Oh, vamos encontrá-las —, disse Vlad.

— Quer dizer...

— Venha. Não pretendemos machucar suas amigas...

— Muito —, disse Lacrimosa.

— Ou... poderíamos deixá-la aqui —, disse Vlad, sorrindo.

Agnes olhou em volta. Eles haviam pousado no pico da montanha, acima das nuvens. Ela se sentia quente e leve, o que estava errado. Mesmo em um cabo de vassoura, ela nunca se sentira assim, ela sempre estava ciente da gravidade a sugando, mas com o vampiro segurando seu braço, cada parte dela sentia que poderia flutuar para sempre.

Além disso, se ela não fosse com eles, seria uma jornada muito longa ou extremamente curta até o chão.

Além disso, ela tinha de encontrar as outras duas e você não poderia fazer isso se estivesse morrendo em alguma fenda em algum lugar. Além disso, mesmo que ele tivesse pequenas presas e um gosto terrível em coletes, Vlad realmente parecia atraído por ela. Não era nem como se ela tivesse um pescoço muito interessante.

Suas duas mentes decidiram.

— Se você prendesse um pedaço de corda a ela, suponho que poderíamos rebocá-la como uma espécie de balão —, disse Lacrimosa.

Além disso, sempre havia a chance de que, em algum momento, ela pudesse se encontrar em uma sala com lacrimosa. Quando isso acontecesse, ela não precisaria de alho ou de uma estaca ou um machado. Apenas uma pequena conversa sobre pessoas que eram desagradáveis demais, maliciosas demais, magras demais. Apenas cinco minutos sozinhas.

E talvez um alfinete, disse Perdita.

Sob a toca do coelho, abaixo da margem, havia uma câmara ampla e com telhado baixo. As raízes das árvores ficaram entre as pedras na parede.

Havia muitas coisas dessas coisas em Lancre. O reino estava lá há muitos anos, desde que o gelo se retraíra. As tribos haviam saqueado, lavrado, construído e morrido. As paredes de barro e a palha de junco das casas vivas há muito tempo haviam apodrecido e sido perdidas, mas, sob os montículos, as moradas dos mortos sobreviveram. Ninguém sabia agora quem tinha sido enterrado lá. Ocasionalmente, a pilha de despojos do lado de fora de toca de texugos revelava um pedaço de osso ou um pedaço de armadura corroída. Os Lancrastianos não se sentiam bem com escavações,

uma vez que em sua maneira simples de pessoas do campo parecia-lhes de mau agouro ter sua cabeça arrancada por um Espírito Subterrâneo Vingativo.

Ao longo dos anos, um par de antigos túmulos vieram à luz, com enormes pedras que tiveram seu próprio folclore. Se você deixasse seu cavalo sem ferrar em um deles durante a noite e colocasse seis tostões na pedra, de manhã os tostões teriam sumido e você nunca mais veria seu cavalo novamente, também...

No chão de terra sob a margem, um fogo queimava fracamente, enchendo o túmulo de fumaça que saía por vários recantos escondidos. Havia uma rocha em forma de pera ao lado do fogo.

Verence tentou se sentar, mas seu corpo não queria obedecer.

— Num fiqui aí no assobiu —, disse a rocha.

E descruzou as pernas. Era, ele percebeu, uma mulher ou pelo menos uma fêmea, azul como os outros pixies, mas pelo menos trinta centímetros de altura e tão gorda que era quase esférica. Parecia exatamente como as pequenas estatuetas dos dias do gelo e dos mamutes, quando o que os homens realmente procuravam em uma mulher era quantidade. Por uma questão de modéstia, ou simplesmente para marcar o equador, usava o que Verence só podia pensar como um tutu. Todo o efeito lembrou-o de um pião que ele teve quando era criança.

— A Kelda diz —, disse uma voz rachada ao seu ouvido, — que você... deve estar... pronto.

Verence virou a cabeça para o outro lado e tentou se concentrar em um pequeno pixie enxugado bem na frente de seu nariz. Sua pele era desbotada. Tinha uma longa barba branca. Andava com dois bastões.

— Pronto? Para o que?

— Bom. — O velho pixie bateu os bastões no chão. — Vamu frechá a

sombra, Feegles!

Das sombras saíram homens azuis até Verence. Centenas de mãos o agarraram. Seus corpos formavam uma pirâmide humana, puxando-o de pé contra a parede. Alguns se agarraram às raízes das árvores que se enrolavam no teto, puxando sua camisola de dormir para mantê-lo vertical.

Uma multidão de outras pessoas correu pelo chão com uma besta de tamanho normal e a apoiaram em uma pedra perto dele.

— Hum... ouçam... — Verence murmurou.

A Kelda entrou nas sombras e voltou com os punhos cerrados. Ela foi ao fogo e os segurou sobre as chamas.

— Umzi! — Disse o velho pixie.

— Ouçam... isso está apontado diretamente para a minha...

— Umzi! — Gritou o Nac Mac Feegle.

— … Doizi!

— Doizi!

— Hum, é, hum, certo...

— Treizi!

A Kelda deixou cair algo no fogo. Uma chama branca rugiu, gravando a sala em preto e branco. Verence piscou.

Quando ele conseguiu ver novamente, havia uma seta de besta cravada na parede bem perto de sua orelha.

A Kelda rosnou alguma ordem, enquanto a luz branca ainda dançava ao redor das paredes. O pixie barbudo sacudiu seus bastões novamente.

— Agora cê deve di ir imbora. Agora!

Os Feegles soltaram Verence. Ele deu alguns passos cambaleantes e desabou no chão, mas os pixies já não olhavam para ele.

Ele olhou para cima.

Sua sombra se torceu na parede onde havia sido presa. Ela se contorceu

por um momento, tentando agarrar a flecha com mãos insubstanciais e depois desapareceu.

Verence levantou a mão. Parecia haver uma sombra lá também, mas pelo menos esta parecia ser do tipo normal.

O velho pixie se aproximou dele.

— Tudo bem agora —, disse ele.

— Vocês atiraram na minha sombra? — Disse Verence.

— Sim, vocês poderiam chamá-la de sombra —, disse o pixie. — É a "fluência" que eles colocam em você. Mas você estará de pé e em pouco tempo.

— De pé?

— Em pé pra ir onde quiser —, disse o pixie fleumaticamente. — Salve, seu rei. Eu sou o marido da Aggie, seu Grande Homem. Você me chamaria o primeiro-ministro, eu acho. Não qué bebê um grande copo com um bolo tostado enquanto espera?

Verence esfregou seu rosto. Ele já se sentia melhor. O nevoeiro estava se dissipando.

— Como posso retribuir a vocês? — Disse ele.

Os olhos do pixie brilhavam felizes.

— Oh, há uma coisa muito pequena que a véia Ogg disse que você poderia estar nos dando, pouco importante —, disse ele.

— Qualquer coisa —, disse Verence.

Um par de pixies surgiu cambaleando sob um pergaminho enrolado, que foi desdobrado na frente de Verence. O velho pixie estava de repente segurando uma pena de escrever.

— É chamado de assinatura —, disse ele, enquanto Verence olhava para a minúscula caligrafia. — Certificai-vos de apor vossas iniciais em todas as subcláusulas e codicilos. Nós, do Nac Mac Feegle, somos um povo simples, acrescentou, — mas escrevemos documentos bem dos muitchos comp-lic-

ados.

Fortemente Aveia piscou para Vovó por cima de suas mãos em oração. Ela viu seu olhar deslizar de lado para o machado e depois de volta para ela.

— Você não chegaria a tempo —, disse Vovó, sem se mover. — Deveria já ter se apossado dele se fosse usá-lo. Oração está muito bem. Posso ver onde isso o ajuda a acertar sua mente. Mas um machado é um machado, não importa no que você acredite.

Aveia relaxou um pouco. Ele esperava um salto para a garganta.

— Se Hodgesaargh fez algum chá eu apreciaria, estou morta de sede —, disse Vovó. Ela se encostou na bigorna, ofegante. Pelo canto do olho ela viu sua mão se mover lentamente.

— Eu vou pegar...vou pedir...vou...

— Um homem com a cabeça enroscada corretamente, aquele falcoeiro. Um biscoito não faria falta.

A mão de Aveia alcançou a alça do machado.

— Ainda não é rápido o suficiente —, disse Vovó. — Mantenha-o firme, no entanto. Machado primeiro, oração depois. Você parece um padre. Qual a sua divindade?

— Hum…Om.

— Um deus... ele ou um deus... ela?

— Um... ele. Um deus. Sim. Um... ele. Definitivamente um... ele. — Era uma coisa que nunca dera causa a um cisma, estranhamente. — Hum... você não se importa, não é?

— Por que eu deveria me importar?

— Bem... suas colegas vivem me dizendo que os Omnianos

costumavam queimar bruxas...

— Eles nunca o fizeram —, disse a Vovó.

— Receio ter que admitir que os registros mostram...

— Eles nunca queimaram bruxas —, disse Vovó. — Provavelmente eles queimaram algumas senhoras idosas que falavam o que pensavam ou que não conseguiram fugir a tempo. Eu não procuraria por bruxas queimadas —, acrescentou, mudando de posição. — Entretanto, eu procuraria por bruxas que fazem a queima elas mesmas. Não somos todas legais.

Aveia lembrou-se do Conde falando sobre ter contribuído para o *Arca Instrumentorum…*

Esses livros eram antigos! Mas os vampiros também eram, não eram? E eram praticamente canônicos! A faca congelante da dúvida se encravou mais profundamente em seu cérebro. Quem poderia saber quem realmente escrevera alguma coisa? Em que você poderia confiar? Onde estava a escritura sagrada? Onde estava a verdade?

Vovó se levantou e cambaleou sobre o banco, onde Hodgesaargh deixou seu frasco de chamas. Ela examinou-o cuidadosamente.

Aveia segurou com mais força no machado. Ele era, teve que admitir, um pouco mais reconfortante que a oração no momento. Talvez você possa começar com as pequenas verdades. Tipo: ele tinha um machado na mão.

— Eu gos... gostaria de me assegurar —, ele disse. — Você… é uma vampira?

Vovó Cera-do-Tempo parecia não ter ouvido a pergunta.

— Onde está Hodgesaargh com esse chá? — Disse ela.

O falcoeiro entrou com uma bandeja.

— Prazer em vê-la de pé, Madame Cera-do-Tempo.

— Tudo a seu tempo.

O chá respingou enquanto ela tomava a xícara oferecida. Sua mão estava

tremendo.

— Hodgesaargh?

— Sim, madame?

— Então você tem um pássaro de fogo aqui, tem?

— Não, madame.

— Eu vi você caçando.

— E eu encontrei, senhorita. Mas tinha sido morto. Não havia nada além de terra queimada, senhorita.

— É melhor você me contar tudo sobre isso.

— Este é o momento certo? — Disse Aveia.

— Sim —, disse Vovó-Cera-do-Tempo.

Aveia sentou-se e ouviu. Hodgesaargh era um contador de histórias original e muito bom de uma maneira muito específica. Se ele tivesse que contar a saga da Guerra de Tsortean, por exemplo, teria sido em termos das aves observadas, cada corvo-marinho notado, cada pelicano listado, cada corvo do campo de batalha taxonomicamente colocado, nenhuma andorinha-do-mar esquecida. Alguns homens de armadura apareceriam em algum momento, mas apenas porque os corvos estavam empoleirados neles.

— A fênix não põe ovos —, disse Aveia colocando a questão. Este foi em um ponto da história alguns pontos depois do ponto em que ele perguntou ao falcoeiro se ele andava bebendo.

— Ela é um pássaro —, disse Hodgesaargh. — É isso que os pássaros fazem. Nunca vi um pássaro que não botasse ovos. Eu guardei a casca do ovo.

Foi rapidamente até a falcoaria. Aveia sorriu nervosamente para Vovó-Cera-do-Tempo.

— Provavelmente um pedaço de ovo de galinha —, disse ele. — Eu li sobre a fênix. É uma criatura mítica, um símbolo, ela...

— Não posso dizer com certeza —, disse Vovó. — Nunca vi uma tão de perto.

O falcoeiro voltou, segurando uma pequena caixa. Estava cheia de tufos de lã, no meio da qual havia uma pilha de fragmentos de casca. Aveia pegou um par deles. Eles eram um cinza prateado muito claro.

— Encontrei-os nas cinzas.

— Ninguém nunca afirmou ter encontrado casca de ovo de fênix antes —, disse Aveia acusadoramente.

— Não sabia disso —, senhor, disse Hodgesaargh inocentemente. — De outra forma, eu não teria olhado.

— Alguém mais já olhou, eu me pergunto? — Disse Vovó. — Ela cutucou os fragmentos. — Ah… disse.

— Eu pensei, talvez, que as fênixes deviam viver em algum lugar muito perigoso... — Hodgesaargh começou a dizer.

— Todos os lugares são assim quando você é recém-nascido —, disse Vovó. — Posso ver que você esteve pensando, Hodgesaargh.

— Obrigado, madame Cera-do-Tempo.

— Pena que você não pensou mais —, continuou Vovó.

— Madame?

— Há pedaços de mais de um ovo aqui.

— Madame?

— Hodgesaargh —, disse a Vovó pacientemente, — esta fênix colocou mais de um ovo.

— Como é? Mas não pode! De acordo com a mitologia... — Aveia começou.

— Oh, mitologia —, disse Vovó. — Mitologia são apenas os contos populares de pessoas que ganharam porque tinham espadas maiores. Não são as pessoas mais indicadas para detectar os pontos mais delicados da

ornitologia, são? De qualquer modo, uma só do seja-lá-o-que-for não vai durar muito tempo, não é mesmo? Pássaros de Fogo têm inimigos, assim como todo mundo. Me ajude a levantar, senhor Aveia. Quantos pássaros há na falcoaria, Hodgesaargh?

O falcoeiro contou nos dedos por um momento.

— Cinquenta.

— Contou-os ultimamente?

Eles ficaram de pé e observaram enquanto ele caminhava de um poleiro para outro. Então eles ficaram de pé e observaram enquanto ele caminhava de volta e os contava novamente. Então ele passou algum tempo olhando para os dedos.

— Cinquenta e um? — Disse Vovó, prestativamente.

— Não entendi, Madame.

— É melhor contá-los por espécie, então.

Com isto se descobriu a dezenove faces medrosas com cristas onde deveria haver dezoito.

— Talvez um deles entrado aqui porque viu aos outros —, disse Aveia. — Como os pombos.

— Não funciona assim, senhor —, disse o falcoeiro.

— Um deles não estará com amarras de falcoaria —, disse a Vovó. — Confiem em mim.

Um pouco menor que as outras aves, encontraram-no na parte de trás da falcoaria, pendurado mansamente em seu poleiro.

Poucos pássaros poderiam sentar-se mais mansamente do que o Falcão-Maravilha de Lancre, também chamado de Falcão-Medroso de Crista, um carnívoro permanentemente à procura da opção vegetariana. Quase sempre passava a maior parte do tempo dormindo, mas quando forçado a encontrar comida, tendia a se sentar em um galho protegido do

vento em algum lugar e esperar que algo morresse. Quando na falcoaria, os Medrosos inicialmente se empoleiravam como outros pássaros e então, com as garras presas no mastro, cochilavam pacificamente de cabeça para baixo. Hodgesaargh os criava porque eles eram encontrados apenas em Lancre e ele gostava da plumagem, mas todos os falcoeiros respeitáveis concordaram que, para fins de caça, a única maneira de derrubar presas com segurança com um Medroso era usando-o em um estilingue.

Vovó estendeu a mão para ele.

— Vou buscar uma luva para você —, disse Hodgesaargh, — mas ela o dispensou com um gesto.

O pássaro pulou em seu pulso.

Vovó arquejou e pequenos fios de verde e azul queimaram como gás do pântano ao longo de seu braço por um momento.

— Você está bem? — Disse Aveia.

— Nunca me senti melhor. Vou precisar deste pássaro, Hodgesaargh.

— Está escuro, senhora.

— Isso não importa. Mas precisará ser encapuzado.

— Oh, eu nunca encapuzei falcões-maravilha, senhora. Ele nunca dão trabalho.

— Este pássaro… este pássaro —, disse Vovó, — é um pássaro que acho que ninguém nunca viu antes. Ponha um capuz nele

Hodgesaargh hesitou. Lembrou-se do círculo de terra arrasada e diante dele, algo procurando uma forma em que pudesse sobreviver...

— É um falcão-maravilha, não é madame?

— E o que te faz perguntar isso? — Disse a Vovó lentamente. — Afinal, você é o falcoeiro por aqui…

— Porque eu encontrei... na floresta... eu vi...

— O que você viu, Hodgesaargh?

Hodgesaargh desistiu diante do olhar dela. E pensar que ele tentou capturar uma fênix! Pelo menos, o pior que os outros pássaros poderiam fazer seria tirar sangue. Supondo que ele o estivesse segurando... Ele foi dominado por um desejo ardente e muito definido de tirar aquele pássaro dali.

Estranhamente, porém, os outros pássaros não estavam perturbados. Todas as cabeças encapuzadas estavam voltadas para o pequeno pássaro no pulso de Vovó-Cera-do-Tempo. Cada cabeça cega e encapuzada.

Hodgesaargh pegou outro capuz. Ao prendê-lo sobre a cabeça do pássaro, ele pensou, por um momento, que havia um brilho dourado por baixo.

Ele colocou aquilo como não sendo da sua conta. Ele sobreviveu muito feliz no castelo por muitos anos sabendo qual era o seu ofício e de repente ficou muito claro que aquilo não fazia parte dele, graças a Deus.

Vovó respirou fundo algumas vezes.

— Muito bem —, disse ela. — Agora vamos subir para o castelo.

— Atrás do que? E por que? — Perguntou Aveia.

— Meu Deus, homem —, o que você acha?

— Os vampiros se foram —, disse o padre. — Enquanto você estava... melhorando. O senhor. Hodges...aargh descobriu. Deixaram apenas o soldados e os criados. Houve muito barulho e a carruagem foi também. Há guardas por toda parte.

— Então como a carruagem saiu?

— Bem, era a carruagem dos vampiros e seu servo a estava conduzindo, mas Jason Ogg disse que viu a Senhora Ogg também.

Vovó apoiou-se na parede. — Para onde eles foram?

— Achei que você pudesse ler suas mentes ou algo assim —, disse Aveia.

— Jovem, neste momento acho que não consigo ler minha própria

mente.

— Veja, Vovó-Cera-do-Tempo, é óbvio para mim que você ainda está fraca devido à perda de sangue...

— Não se atreva a me dizer como estou —, disse Vovó. — Não se atreva. Agora, para onde Gytha Ogg os teria levado? — Eu me pergunto...

— Uberwald —, disse Vovó. — Isso mesmo.

— O que? Como pode saber disto?

— Porque nenhum lugar no vilarejo seria seguro e ela não subiria ao terreno retorcido em uma noite como esta e com um bebê para carregar também, e descer para as planícies seria completamente estúpido porque não há abrigo e eu não ficaria surpresa se a estrada já não estivesse alagada.

— Mas isto é correr direto para o perigo!

— Mais perigoso do que aqui? — Disse Vovó. — Eles sabem sobre vampiros em Uberwald. Estão acostumados a eles. Existem lugares seguros. Estalagens bem fortificadas ao longo de toda a trilha de carruagens, para começar. Tia Ogg é muito prática. Ela iria pensar nisso, estou apostando. Ela estremeceu e acrescentou: — Mas elas vão acabar no castelo dos vampiros.

— Oh, seguramente que não!

— Posso sentir no meu sangue —, disse Vovó. — Este é o problema com Gytha Ogg. Prática demais. Fez uma pausa. — Você mencionou guardas?

— Eles se trancaram na torre de menagem, madame —, disse uma voz na porta. Era Shawn Ogg, com o resto da multidão atrás dele. Ele avançou desajeitadamente, uma das mãos à frente.

— Isso é uma bênção, então —, disse Vovó.

— Mas não podemos entrar, madame —, disse Shawn.

— E? Eles podem sair?

— Bem... não, não realmente. Mas o arsenal está lá. Todas as nossas

armas! *E eles estão bebendo!*

— O que é isso que você está segurando?

Shawn olhou para baixo. — É o canivete de campo do exército Lancrastiano, disse ele. — Hum... eu deixei minha espada no arsenal também.

— Ele tem uma ferramenta para extrair soldados de castelos?

— Hum...não.

Vovó olhou mais de perto. — O que é esta coisa encaracolada? perguntou.

— Oh, trata-se do engenho ajustável para vencer argumentos ontológicos —, disse Shawn. — O rei encomendou.

— Funciona, não é?

— Hum... se você mexer direito.

— E isto?

— Essa é a ferramenta para extrair a verdade essencial de uma determinada declaração —, disse Shawn.

— Verence encomendou este também, não foi?

— Sim, Vovó.

— Úteis para um soldado, não são? — Disse Aveia. Ele olhou para Vovó. Ela havia mudado assim que os outros entraram. Antes, ela estava curvada e cansada. Agora ela estava alta e altiva, apoiada em um andaime de orgulho.

— Ah, sim, senhor, para quando o outro lado está gritando: "Vamos cortar sua língua, sua língua"— , Shawn corou e se corrigiu, — e coisas assim…

— Mesmo?

— Bem, assim você fica sabendo se eles estão falando a verdade —, disse Shawn.

— Preciso de um cavalo —, disse Vovó.

— Tem o cavalo de arado do velho Frangopobre... — Shawn começou.

— Muito lento.

— Eu... hum... eu tenho uma mula —, disse Aveia. — O rei teve a gentileza de me deixar colocá-la nos estábulos.

— Nem uma coisa nem outra, né? — Disse Vovó. — Combina com você. Serve para mim, então. Traga-a aqui e irei buscar as meninas de volta.

— Como é? Achei que você queria que ela a levasse até sua cabana! Ir até Uberwald? Sozinha? Eu não poderia deixar você fazer isso!

— Eu não estou pedindo para você me deixar fazer nada. Agora vá buscá-la, senão Om ficará zangado, imagino.

— Você mal consegue se pôr de pé!

— Certamente que consigo! Vá de uma vez.

Aveia voltou-se para os Lancrastianos reunidos em busca de apoio.

— Vocês não deixariam uma pobre velhinha sair para enfrentar monstros em uma noite selvagem como esta, deixariam?

Eles o observaram de olhos arregalados por um tempo, apenas no caso de que algo interessante e desagradável acontecesse com ele.

Então alguém ao fundo disse: — Por que deveríamos nos importar com o que acontece com os monstros?

E Shawn Ogg disse: — E esta é Vovó-Cera-do-Tempo.

— Mas ela é uma senhora idosa! — Aveia insistiu.

A multidão deu alguns passos para trás. Aveia era claramente um homem perigoso de se ter por perto.

— Você sairia sozinho em uma noite como esta? — Ele disse.

A voz atrás disse: — Depende, se eu souber onde Vovó-Cera-do-Tempo está.

— Não pense que não ouvi isso, Bestialidade Carter —, disse Vovó, mas

havia um toque de satisfação em sua voz. — Agora, vamos buscar sua mula, senhor Aveia?

— Tem certeza de que pode andar?

— Claro que eu posso!

Aveia desistiu. Vovó sorriu triunfantemente para a multidão e caminhou por entre ela em direção aos estábulos, com Aveia trotando atrás dela.

Quando ele dobrou a esquina apressado, quase colidiu com ela, rígida como uma vara.

— Tem alguém me vigiando ? — Ela disse.

— Como é? Não, acho que não. Tirando eu, claro.

— Você não conta —, disse Vovó.

Ela perdeu a firmeza e quase desmaiou. Ele a segurou e ela o socou no braço. O falcão-maravilha bateu desesperadamente suas asas.

— Vamos! Eu só tropecei, foi tudo!

— Sim, sim, claro. Você só teve um ligeiro tropeção —, ele disse, calmamente.

— E não tente me agradar também.

— Sim, sim, tudo bem.

— É só que não adianta deixar as coisas passarem, se você quer saber.

— Como seu pé fez agora...

— Exatamente.

— Então talvez eu pegue seu braço, porque está muito lamacento aqui.

Ele mal podia distinguir o rosto dela. Era como uma pintura, mas não uma que você penduraria na lareira. Algum tipo de debate interno estava acontecendo.

— Bem, se você acha que pode cair… — ela disse.

— Isso mesmo, isso mesmo —, disse Aveia, agradecido. — Eu quase

machuquei meu tornozelo lá atrás.

— Eu sempre disse que os jovens de hoje não têm resistência —, disse a Vovó, como se estivesse testando uma ideia.

— Isso mesmo, não temos resistência.

— E sua visão provavelmente não é tão boa quanto a minha devido a muita leitura, disse a Vovó.

— Cego como um morcego, isso mesmo.

— Tudo bem.

E assim, com propósitos contraditórios e cambaleando ocasionalmente, eles chegaram aos estábulos.

A mula balançou a cabeça para Vovó-Cera-do-Tempo quando chegaram à sua baia. Reconheceu problemas assim que a viu.

— É um pouco rabugenta —, disse Aveia.

— Ela é? — Disse Vovó. — Então veremos o que podemos fazer.

Ela caminhou cambaleante até a criatura e puxou uma de suas orelhas até o nível de sua boca. Ela sussurrou algo. A mula piscou.

— Está resolvido, então —, disse ela. — Me ajude.

— Apenas deixe-me colocar o freio...

— Jovem, posso não estar temporariamente no meu melhor, mas quando precisar pôr um freio em qualquer criatura, podem me colocar na cama com uma pá. Ajude-me a me pôr em cima e gentilmente desvie seu rosto enquanto faz isso.

Aveia desistiu e fez um estribo com as mãos para ajudá-la a subir na sela.

— Por que não vou com você?

— Só tem uma mula. De qualquer forma, você seria um obstáculo. Eu ficaria me preocupando com você o tempo todo.

Ela deslizou suavemente do outro lado da sela e pousou na palha. O

falcão-maravilha esvoaçou e pousou em uma viga e se Aveia estivesse prestando atenção, teria se perguntado como um pássaro encapuzado poderia voar com tanta confiança.

— Droga!

— Senhora, eu sei alguma coisa sobre medicina! você não está em condições para cavalgar coisa nenhuma!

— Agora não —, admito, — disse Vovó, com a voz um pouco abafada. Ela puxou um pouco de palha do rosto e acenou com a mão para ser ajudada a se levantar. — Mas espere até eu encontrar meus pés...

— Tudo bem! Tudo bem! Supondo que eu cavalgue e você fique atrás de mim? Você não pode pesar mais do que o harmônio e ele nunca deu problemas.

Vovó arregalou os olhos para ele. Ela parecia bêbada, naquela fase em que coisas até então desconsideradas parecem uma boa ideia, como outra bebida. Então ela pareceu chegar a uma decisão.

— Oh…se você insiste…

Aveia encontrou um pedaço de corda e depois de algumas dificuldades causadas pela crença determinada da Vovó de que ela estava fazendo algum tipo de favor a ele, conseguiu amarrá-la em uma posição de garupa.

— Desde que você entenda que eu não preciso de ninguém *machado* comigo e de que não preciso de ajuda —, disse.

— Machado?

— Seja, marchando —, disse Vovó. — Caí um pouco no modo de falar do interior.

Aveia olhou mirou à frente por um tempo. Então ele desmontou, baixou a Vovó, apoiou-a enquanto ela protestava, desapareceu na noite e voltou pouco depois trazendo o machado da forja, usou mais corda para amarrá-lo à cintura e montou novamente.

— Você está aprendendo —, disse Vovó.

Quando eles saíram, ela levantou um braço. O falcão-maravilha desceu e pousou em seu pulso.

O ar na carruagem balouçante estava adquirindo uma personalidade distinta. Magrat fungou. — Tenho certeza de que troquei Esmê não faz muito tempo...

Depois de uma busca infrutífera no bebê, elas olharam embaixo do assento. Greebo estava dormindo com as pernas para o ar.

— Não é bem a cara dele? — Tia Ogg disse. — Ele não pode ver uma porta aberta sem passar por ela, Deus o abençoe. E ele gosta de estar perto de sua mamãe.

— Podemos abrir uma janela? — Disse Magrat.

— A chuva vai entrar.

— Sim, mas o cheiro vai sair. — Magrat suspirou. — Sabe, devíamos ter trazido pelo menos um saco de brinquedos. Verence gostava muito desses do tipo "móbiles".

— Ainda acho que é um pouco cedo para iniciar a pobre coitada na educação —, disse a Tia, tanto para distrair Magrat dos perigos atuais quanto para desferir um golpe contra a ignorância.

— O ambiente é muito importante —, disse Magrat solenemente.

— É verdade que ele disse para você ler livros de autoajuda e ouvir música chique enquanto você estava esperando? — Disse a Tia, enquanto a carruagem passava por uma poça.

— Bem, com os livros tudo bem, mas o piano não funcionou direito e tudo o que eu ouvia era Shawn praticando o solo de trompete —, disse

Magrat.

— Não é culpa dele se ninguém mais quer praticar em conjunto —, disse a Tia. Ela se firmou quando a carruagem deu uma guinada. — Boa a mudança de velocidade nesta coisa.

— Gostaria que não tivéssemos esquecido a banheira também —, ponderou Magrat. — E acho que deixamos a sacola com a fazenda de brinquedo. E estamos com poucas fraldas…

— Vamos dar uma olhada nela —, disse Tia Ogg.

A bebê Esmê foi passada pela carruagem trepidante.

— Sim, vamos dar uma olhada em você... — disse Tia Ogg.

Os olhinhos azuis focaram em Tia Ogg. O rosto rosado na cabecinha pendente deu a ela um olhar especulativo, pensando se ela serviria como bebida ou banheiro.

— Isso é bom, nessa idade —, disse a Tia. — Focalizar desta maneira. Inusual em um bebê.

— Se ela estiver nessa idade —, disse Magrat sombriamente.

— Silêncio, agora. Se Vovó está aqui, ela não está interferindo. Ela nunca interfere. De qualquer forma, não seria a mente dela lá, não é assim que ela funciona.

— Como funciona, então?

— Você a já viu fazer isso. O que você acha?

— Eu diria… que são todas as coisas que a tornam o que é —, Magrat arriscou. — Se posso dizer assim. Ela embrulha tudo e coloca em segurança em algum lugar.

— Você sabe como ela pode até ficar em silêncio, de sua maneira especial.

— Oh sim. Ninguém saber ficar quieta como Esmê. Você mal pode ouvir você mesma por conta de seu silêncio.

Elas quicaram em seus assentos enquanto a carruagem entrava e saía de um buraco.

— Tia?

— Sim, querida?

— Verence vai ficar bem, não vai?

— Justo. Eu confiaria qualquer coisa àqueles diabinhos, exceto um barril de cerveja ou uma vaca. Até Vovó diz que a Kelda é danada de boa...

— A Kelda?

— Uma espécie de mulher sábia. Acho que a atual se chama Big Aggie. Você não vê muito as mulheres deles. Alguns dizem que só existe uma de cada vez; e ela é a Kelda e tem cem filhos de cada vez.

— Isso soa... muito... — Magrat começou.

— Não, acho que eles são um pouco como os anões e quase não há diferença, exceto sob a tanga —, disse a Tia.

— Acho que Vovó sabe —, disse Magrat.

— Mas nunca diz —, disse a Tia. — Diz que é assunto deles.

— E... ele vai ficar bem com eles?

— Oh sim.

— Ele é muito... gentil, você sabe. — A frase de Magrat ficou no ar. — Muito legal.

— E um bom rei —, também. — Tia Ogg assentiu.

— É só que eu gostaria que as pessoas o levassem... mais a sério —, continuou Magrat.

— É uma vergonha —, disse a Tia.

— Ele trabalha muito. E se preocupa com tudo. Mas as pessoas simplesmente parecem ignorá-lo.

Tia Ogg ponderou sobre como abordar o assunto.

— Ele poderia tentar diminuir um pouco o tamanho da coroa, ela

arriscou, enquanto a carruagem saltava sobre outro sulco. — Há muitos anões em Cabeça-de-Cobre que ficariam felizes em torná-la um pouco menor para ele.

— É a coroa tradicional, Tia.

— Sim, mas se não fosse pelas orelhas, seria uma coleira para o pobre homem —, disse Tia Ogg. — Ele poderia tentar berrar um pouco mais também.

— Oh, ele não poderia fazer isso, ele odeia gritar!

— É uma vergonha. As pessoas gostam de ver um pouco de berro em um rei. Um arroto alto também é sempre popular. Mesmo um pouco de farra ajudaria, se ele conseguisse. Você sabe, bebendo e tal.

— Acho que ele pensa que não é isso que as pessoas querem. Ele é muito consciente das necessidades do cidadão de hoje.

— Ah, bem, posso ver onde há um problema, então —, disse a Tia. — As pessoas precisam de algo hoje, mas geralmente precisam de outra coisa amanhã. Apenas diga a ele para se concentrar em berrar e festejar.

— E arrotar?

— Isto é opcional.

— e…

— Sim, querida?

— Ele vai ficar bem, não vai?

— Oh sim. Nada vai acontecer com ele. É como aquela coisa de xadrez, sabe? Deixe a Rainha lutar, porque se você perder o Rei, você perdeu tudo.

— E nós?

— Oh, estamos sempre bem. Lembre-se disso. Somos nós que... acontecemos a outras pessoas.

Muitas pessoas estavam acontecendo com o rei Verence. Ele estava deitado em uma espécie de atordoamento quente e vazio e toda vez que ele abria os olhos era para ver dezenas de Feegles observando-o à luz do fogo. Ele ouviu trechos de conversa ou mais corretamente, de discussões.

— … El'é noss' reizi, agória?

— Justim, certamenti.

— Essi bebu?

— Cala a boca! Ess' homi tá duente, vê não?

— Certo, tod' cagadu! J' naiceu duente, ach' eu!

Verence sentiu um chute pequeno, mas poderoso, no pé. — Salvi seu reizi? Ti bateru cum purretão o u quê, grandãozi?

— É, bem feitcho, —Murmurou.

O Feegle perguntador cuspiu perto de sua orelha.

— Aff, num daria um tustão furado pur eli....

Houve um súbito silêncio, uma verdadeira raridade em qualquer espaço contendo pelo menos um Feegle. Verence virou os olhos para o lado.

Big Aggie emergiu da fumaça.

Agora que ele podia vê-la claramente, a criatura atarracada parecia uma versão atarracada de Tia Ogg. E havia alguma no modo como olhava. Verence era tecnicamente um governante absoluto e continuaria a sê-lo, desde que não cometesse o erro de pedir repetidamente aos Lancrastianos que fizessem qualquer coisa que não quisessem. Ele sabia que o comandante-em-chefe de suas forças armadas estava mais inclinado a receber ordens de sua mãe do que de seu rei.

Ao passo que Big Aggie nem precisava dizer nada. Todo mundo apenas a olhou e depois foram e fizeram as coisas.

O grande homem de Aggie apareceu a seu lado.

— Big Aggie 'credita qu'agora cê vai querer salvar sua sinhora e sua fia —, ele disse.

Verence assentiu. Ele não se sentia forte o suficiente para fazer qualquer outra coisa.

— Mas cê ainda vai ficá muitu enjoadu com a perda di sangui —, Big Aggie acha. Us demonhu bota alguma coisa na mordida que ti dexa abobadu.

Verence concordou absolutamente. Qualquer coisa que alguém dissesse parecia uma ideia muito boa para ele. Outro pixie apareceu em meio à fumaça, trazendo nas mãos uma tigela de barro. Espuma branca escorria por cima.

— Cê não pode ser um rei deitado aí —, disse o Grande Homem de Big Aggie.

— Então ela preparô uma tisana procê...

O pixie baixou a tigela, que parecia estar cheia de creme, embora linhas escuras espiralassem em sua superfície. Seu portador se afastou reverencialmente.

— O que tem nisso? — Verence coaxou.

— Leite —, disse o Grande Homem de Big Aggie, prontamente. — E um pouco da cerveja de Big Aggie. E ervas.

Verence agarrou-se à última palavra com gratidão. Ele compartilhava com sua esposa a convicção curiosa, mas inabalável, de que qualquer coisa com ervas é segura, saudável e nutritiva.

— Então você vai tomar um gole enorme —, disse o velho pixie. — E então vamos encontrar uma espada para você.

— Eu nunca usei uma espada —, disse Verence, tentando se sentar. — Eu... eu acredito que a violência é o último recurso...

— Ah, bem, contanto que você tenha trazido seu balde i *as pá* —, disse o homem de Big Aggie. — Agora tu só tem qui bebê, seu reizi. E logu cê vai

vê as coisas de manera diferenti.

Os vampiros deslizaram facilmente sobre as nuvens enluaradas. Não havia clima lá em cima e para surpresa de Agnes, também não havia frio.

— Eu pensei que você se transformassem em morcegos! — Ela gritou para Vlad.

— Oh, poderíamos se quiséssemos —, ele riu. Mas isso é um pouco melodramático demais para papai. Ele diz que não devemos nos conformar com estereótipos grosseiros.

Uma garota deslizou ao lado deles. Ela se parecia bastante com Lacrimosa; isto é, ela parecia alguém que admirava a aparência de Lacrimosa e por isso tentava se parecer com ela. *Aposto que ela não é morena natural*, disse Perdita. *E se eu usasse tanto rímel, pelo menos tentaria não parecer Harry o Panda Feliz.*

— Esta é Morbídia —, disse Vlad. Embora ela esteja se chamando de Tracy ultimamente, para parecer mais descolada. Mor... Tracy, esta é Agnes.

— Que lindo nome! — Disse Morbídia. — Muito esperto de sua parte escolher um assim! Vlad, todos querem parar em Refúgio. Podemos?

— É meu verdadeiro... — Agnes começou, mas suas palavras foram levadas pelo vento.

— Eu pensei que estávamos indo para o castelo —, disse Vlad.

— Sim, mas alguns de nós não se alimentam há dias e aquela velha mal foi sequer um lanche e o Conde ainda não permite que nos alimentemos em Lancre e ele diz que vai ficar tudo bem e não é muito fora do nosso caminho.

— Oh. Bem, se meu pai concorda... — Morbídia voou para longe.

— Não vamos a Refúgio há semanas —, disse Vlad. — É uma

cidadezinha agradável.

— Você vai se alimentar lá? — Perguntou Agnes.

— Não é o que você pensando.

— Você não sabe o que eu penso.

— Eu posso adivinhar, no entanto. — Ele sorriu para ela. — Eu me pergunto, será que meu pai concordou porque deseja que você veja? É tão fácil ter medo do que você não conhece. E então, talvez, você possa ser uma espécie de embaixadora. Você poderia dizer a Lancre como é realmente a vida sob os Magpyrs.

— Pessoas sendo arrastadas para fora de suas camas, sangue nas paredes —, esse tipo de coisa?

— Lá vai você de novo, Agnes. É muito injusto. Quando as pessoas descobrem que você é um vampiro, elas agem como se você fosse algum tipo de monstro.

Fizeram uma curva suava no ar noturno.

— Papai está bastante orgulhoso de seu trabalho em Refúgio —, disse Vlad. — Eu acho que você vai ficar impressionada. E então talvez eu pudesse ousar ter esperanças...

— Não.

— Eu realmente estou sendo bastante compreensivo sobre isso, Agnes.

— Vocês atacaram Vovó-Cera-do-Tempo! Vocês a morderam.

— Simbolicamente. Para recebê-la na família.

— Realmente? Oh, isso torna tudo melhor, não é? E ela será uma vampira?

— Certamente. Uma das melhores, eu suspeito. Mas isso só é horrível se você acha que ser um vampiro é uma coisa ruim. Nós não. Você verá que estamos certos, com o tempo —, disse Vlad. — Sim, Refúgio será bom para você. Para nós. Veremos o que pode ser feito…

Agnes ficou olhando.

Ele tem um belo sorriso… Ele é um vampiro! *Tudo bem, mas fora isso... Ah, fora isso, hein? Tia Ogg diria para você aproveitar ao máximo.* Isso pode funcionar para Tia, mas você pode imaginar beijar isso? *Sim, eu posso.* Admito que ele sorri muito bem e fica bem com aqueles coletes, mas veja o que ele é... *Você percebeu?* Percebi o que? *Há algo diferente nele.* Ele está apenas tentando nos engambelar, só isso. *Não... há algo... novo...*

— Papai diz que Refúgio é uma comunidade modelo —, disse Vlad. — Isso mostra o que acontece se a antiga inimizade for deixada de lado e humanos e vampiros aprenderem a viver em paz. Sim. Falta pouco agora. Refúgio é o futuro.

Uma névoa baixa flutuava entre as árvores, enrolando-se em pequenas línguas enquanto os cascos da mula a perturbavam. A chuva pingava dos galhos. Houve até um pouco de trovão sombrio agora, não do tipo extrovertido que racha o céu, mas do outro tipo, que paira no horizonte e fofoca maldosamente com outras tempestades.

Fortemente Aveia tentou conversar consigo mesmo algumas vezes, mas o problema com uma conversa era que a outra pessoa tinha que participar. Ocasionalmente, ele ouvia um ronco atrás dele. Quando olhava em volta, o falcão-maravilha em seu ombro batia as asas em seu rosto.

Às vezes, o ronco parava com um grunhido e uma mão batia em seu ombro e apontava uma direção que parecia igual a qualquer outra.

Foi o que aconteceu agora.

— O que é isso que você está cantando? Vovó exigiu saber.

— Eu não estava cantando muito alto.

— Como se chama?

— Chama-se "Om está em seu templo sagrado".

— Boa melodia —, disse a Vovó.

— Isso mantém meu ânimo elevado —, admitiu Aveia. Um galho molhado bateu em seu rosto. Afinal, pensou ele, posso ter uma vampira atrás de mim, por melhor que ela seja.

— Você tira conforto disso, não é?

— Eu suponho que sim.

— Desde que você entenda que eu não preciso de ninguém *machado* comigo e não preciso de ajuda —, disse.

— Mesmo aquela parte sobre "ferir o mal com sua espada"?

— Isso me preocuparia, se eu fosse uma Omniana. Você recebe apenas um pequeno tapa por uma mentira piedosa, mas... é feito em picadinhos por assassinato? Esse é o tipo de coisa que me manteria acordada à noite.

— Bem, na verdade... eu não deveria estar cantando, para ser honesto. A Convocação de Ee a retirou do livro de orações por ser incompatível com os ideais do Omnianismo moderno.

— Aquela frase sobre esmagar infiéis?

— É essa mesma, sim.

— Mas você a canta mesmo assim.

— É a versão que minha avó me ensinou —, disse Aveia.

— Ela estava interessada em esmagar os infiéis?

— Bem, eu acho que ela era muito mais a favor de esmagar a Senhora Ahrim da casa ao lado, mas você pegou a ideia, sim. Ela pensava que o mundo seria um lugar melhor com um pouco mais de esmagamento e violência.

— Verdade, provavelmente.

— Mas com menos golpeando e esmagando do que ela gostaria, eu

acredito —, disse Aveia. — Um pouco crítica demais, minha avó.

— Nada de errado com isto. Julgar é humano.

— Preferimos deixar tudo para Om —, disse Aveia e, ali no escuro, essa afirmação soou perdida e sozinha.

— Ser humano significa julgar o tempo todo —, disse a voz atrás dele. — Isso e aquilo, bom e ruim, fazer escolhas todos os dias... isso é humano.

— E você, tem tanta certeza de que toma as decisões certas?

— Não. Mas faço o melhor que posso.

— E esperar na misericórdia, hein?

O dedo ossudo o cutucou nas costas.

— Misericórdia é uma coisa boa, mas julgar vem primeiro. Caso contrário, você não sabe por que está sendo misericordioso. De qualquer forma, eu sempre ouvi dizer que vocês Omnianos gostavam de golpear e esmagar.

— Aqueles foram... dias diferentes. Hoje em dia usamos argumentos esmagadores.

— E debates longos e pontuais, suponho?

— Bem, há sempre dois lados para cada questão...

— O que você faz quando um deles está errado? — A resposta voltou como uma flecha.

— Eu quis dizer que somos obrigados a ver as coisas do ponto de vista da outra pessoa —, disse Aveia, pacientemente.

— Você quer dizer que, do ponto de vista de um torturador, a tortura é aceitável?

— Senhora Cera-do-Tempo, você é uma debatedora natural.

— Não, não sou!

— Você certamente se divertiria no Sínodo, de qualquer maneira. Eles são conhecidos por discutir por dias sobre quantos anjos podem dançar na

cabeça de um alfinete.

Ele quase podia sentir a mente de Vovó trabalhando. Por fim, ela disse:
— Qual o tamanho do alfinete?

— Desconheço, eu temo.

— Bem, se for um alfinete doméstico comum, então serão dezesseis.

— Dezesseis anjos?

— Isso mesmo.

— Por que?

— Eu não sei. Talvez gostem de dançar.

A mula desceu um barranco. A névoa era mais espessa ali.

— Você contou dezesseis? — Aveia disse eventualmente.

— Não, mas é uma resposta tão boa quanto qualquer outra que você conseguirá. E é isso que seus homens santos discutem, não é?

— Normalmente não. Há um debate muito interessante acontecendo no momento sobre a natureza do pecado, por exemplo.

— E o que eles pensam a respeito? Contra isso, não é?

— Não é tão simples assim. Não é uma questão de preto e branco. Há tantos tons de cinza.

— Não.

— Perdão?

— Não há cinzas, apenas branco que ficou sujo. Estou surpresa que você não saiba disso. E pecado, meu jovem, é quando você trata as pessoas como coisas. Incluindo você mesmo. Isso é o que é o pecado.

— É muito mais complicado do que isso...

— Não. Não é. Quando as pessoas dizem que as coisas são muito mais complicadas do que isso, elas querem dizer que estão ficando preocupadas de que não irão gostar da verdade. Pessoas como coisas, é aí que começa.

— Ah, tenho certeza de que existem crimes piores...

— Porém se começa pensando nas pessoas como coisas…

A voz de Vovó foi sumindo. Aveia deixou a mula andar por alguns minutos e então um bufo lhe disse que Vovó havia acordado novamente.

— Você é forte em sua fé, então? — Ela disse, como se não pudesse deixar as coisas em paz.

Aveia suspirou. — Eu tento ser.

— Mas você lê muitos livros, eu acho. Difícil ter fé, não é, quando você lê livros demais.

Aveia ficou feliz por ela não poder ver seu rosto. A velha estava lendo sua mente pela parte de trás de sua cabeça?

— Sim, disse ele.

— Mas tem fé, mesmo assim?

— Sim.

— Por que?

— Se eu não tivesse, não teria mais nada.

Ele esperou um pouco e depois tentou um contra-ataque.

— Você não é uma pessoa que crê, então, Senhora Cera-do-Tempo?

Houve alguns momentos de silêncio enquanto a mula abria caminho sobre as raízes cobertas de musgo. Aveia pensou ter ouvido, atrás deles, o relincho de um cavalo, mas isso depois se perdeu no suspiro do vento.

— Ah, acho que acredito em chá, nascer do sol, esse tipo de coisa —, disse Vovó.

— Estava me referindo à religião.

— Conheço alguns deuses por aqui, se é isso que você quer dizer. — Aveia suspirou. — Muitas pessoas acham a fé um grande consolo —, disse ele. E ele desejou ser um deles.

— Bom.

— Mesmo? De alguma forma, pensei que você fosse discutir.

— Não é meu papel dizer às pessoas em que acreditar, se elas agirem de maneira decente.

— Mas não é algo para o qual você se sinta atraída, talvez, nas horas mais escuras?

— Não. Já tenho uma garrafa de água quente.

O falcão-maravilha bateu as asas. Aveia olhou para a névoa escura e úmida. De repente, ele estava com raiva.

— E é isso que você pensa que religião é, não é? — Ele disse, tentando controlar seu temperamento.

— Eu geralmente não penso nisso —, disse a voz atrás dele.

A voz soou mais débil. Ele sentiu Vovó agarrar seu braço para se firmar...

— Está tudo bem? — Perguntou.

— Eu gostaria que esta criatura fosse mais rápido... eu não sou inteiramente eu mesma.

— Podemos parar para descansar?

— Não! Não estamos muito longe agora! Oh, eu tenho sido tão estúpida…

O trovão ressoou. Ele sentiu o aperto dela diminuir e a ouviu bater no chão.

Aveia apeou. Vovó-Cera-do-Tempo estava deitada desajeitadamente no musgo, os olhos fechados. Ele tomou seu pulso. Havia pulsação lá, mas era terrivelmente fraca. Estava fria como gelo.

Quando ele deu um tapinha em seu rosto, ela abriu os olhos.

— Se você voltar ao assunto da religião neste momento —, ela ofegou, — eu vou te dar uma surra... — seus olhos se fecharam novamente.

Aveia sentou-se para recuperar o fôlego. Frio gelado... sim, havia algo de frio nela toda, como se ela continuamente estivesse repelindo ao calor.

Qualquer tipo de calor.

Ele ouviu o som do cavalo novamente e o leve tilintar de um arreio. O ruído parou a pouca distância de onde estava.

— Alô? — Disse Aveia, se pondo de pé Ele se esforçou para ver o cavaleiro na escuridão, mas havia apenas uma forma indistinta ao longo da trilha.

— Você está nos seguindo? Alô?

Ele deu alguns passos e distinguiu o cavalo, a cabeça baixa contra a chuva. O cavaleiro era apenas uma sombra mais escura na noite.

Subitamente inundado de pavor, Aveia correu e deslizou de volta para a forma silenciosa de Vovó. Ele se esforçou para tirar o casaco encharcado e cobri-la com ele, mesmo com o pouco bem que isso pudesse fazer e olhou em volta desesperadamente em busca de qualquer coisa que pudesse fazer fogo. Fogo, era isso. O fogo trazia vida e afastava a escuridão.

Mas as árvores eram abetos altos, pingando molhados, com samambaias úmidas por baixo entre os troncos negros. Não havia nada que queimasse ali.

Procurou apressadamente no bolso e encontrou uma caixa encerada com seus últimos fósforos. Mesmo alguns galhos secos ou um tufo de grama serviriam, qualquer coisa que secasse outro punhado de galhos...

A chuva escorria por sua camisa. O ar estava cheio de água.

Aveia curvou-se para que seu chapéu mantivesse as gotas fora e puxou o Livro de Om para o conforto que ele trazia. Em tempos difíceis, Om certamente mostraria o caminho...

…Eu já tenho uma bolsa de água quente…

— Maldito seja —, disse ele, baixinho.

Ele abriu o livro ao acaso, riscou um fósforo e leu:

— …e naquele tempo, na terra dos Cirinitas, havia uma multiplicação

de camelos…

O fósforo chiou e se apagou.

Nenhuma ajuda ali, nenhuma pista. Ele tentou novamente.

— … e olhou para Gul-Arah e a lamentação do deserto, e cavalgou para…

Aveia lembrou-se do sorriso zombeteiro do vampiro. Em quais palavras você poderia confiar? Acendeu o terceiro fósforo com as mãos trêmulas, abriu o livro novamente e leu, sob a luz fraca e dançante:

— … e Brutha disse a Simony, Onde houver escuridão faremos uma grande luz…'

O fósforo se apagou e houve escuridão.

Vovó-Cera-do-Tempo gemeu. No fundo de sua mente, Aveia pensou que podia ouvir o som de cascos se aproximando lentamente.

Aveia ajoelhou-se na lama e tentou uma oração, mas não houve resposta do céu. Nunca houve. Havia lhe sido dito para nunca esperar uma. Não era mais assim que Om trabalhava. O único de todos os deuses, ele aprendeu, Om entregava as respostas diretamente nas profundezas da cabeça. Desde o profeta Brutha, Om era o deus silencioso. Era o que se dizia.

Se você não tivesse fé, então você não era nada. Havia apenas a escuridão.

Ele estremeceu na penumbra. O deus estava em silêncio ou não havia ninguém para falar?

Ele tentou rezar novamente, desta vez com mais desespero, fragmentos de oração infantil, perdendo o controle das palavras e até mesmo de sua direção, de modo que elas caíram e voaram para o universo dirigidas simplesmente ao Locatário.

A chuva pingava de seu chapéu.

Ele se ajoelhou e esperou na escuridão úmida; ouviu sua própria mente,

lembrou-se e pegou o Livro de Om mais uma vez.

E criou uma grande luz.

A carruagem trovejou entre pinheiros à beira de um lago, atingiu uma raiz de árvore, perdeu uma roda e derrapou até parar de lado enquanto os cavalos disparavam.

Igor levantou-se, cambaleou até a carruagem e abriu uma porta.

— Dischculpe por isso —, disse. — Receio que isso schempre aconteça quando o meschtre não está a bordo. Todo mundo bem aí?

Uma mão agarrou-se a sua garganta.

— Você podia ter nos prevenido! — Tia Ogg rosnou. — Fomos jogadas para todo lado! Em que diabos de lugar nós estamos? Isso aqui é Mata-sede?

Um fósforo foi riscado e Igor acendeu uma tocha.

— Estamosch perto do caschtelo —, disse.

— Qual castelo?

— O caschtelo de Magpyr.

— Estamos perto do castelo dos vampiros?

— Isso. Acho que o velho meschtre fez alguma coisa com a eschtrada aqui. As rodas sempre são perdidas por aqui, como dois e dois são quatro. Atrai visitantes, ele dizia.

— Não lhe ocorreu mencioná-lo? — Disse a Tia, saindo e dando uma mão a Magrat.

— Dichculpe. Foi um dia agitado…

Tia Ogg tomou a tocha. As chamas iluminaram uma placa tosca pregada em uma árvore.

— "Não se aproximem do Castelo!!" — , leu a Tia. — Legal da parte

deles colocar uma flecha apontando o caminho para o castelo ao qual não se deve ir.

— Oh, o meschtre fez isso —, Igor disse. — De outro jeito as pessoasch não iam saber.

Tia Ogg olhou para a escuridão. — E quem está no castelo, agora?

— Uns poucosch criados.

— E nos deixariam entrar?

— Sem problema. Igor buscou em sua camisa nojenta e puxou uma chave muito grande em uma corda.

— Nós vamos para aquele castelo? — Magrat perguntou.

— Parece que é o único lugar para se ir por aqui —, disse Tia Ogg. E tomou o caminho. — A carruagem está destruída. Estamos a milhas de qualquer lugar. Você quer manter o bebê ao relento a noite toda? Um castelo é um castelo. E temos as chaves. Todos os vampiros estão em Lancre. E...

— Bem?

— Isso é o que Esmê teria feito. Sinto nos meus ossos.

Um pouco mais ao longe, algo uivou. Tia Ogg olhou para Igor.

— Lobisomens? — Perguntou.

— Isscho mesmo.

— Não é uma boa ideia ficar por aqui, então. — Ela apontou para uma placa pintada em uma pedra.

— "Não tome este atalho para o castelo"—, ela leu em voz alta. — Você tem que admirar uma mente como esta. Um estudante da natureza humana, definitivamente.

— Não haverá outras maneiras de entrar? — Disse Magrat, enquanto passavam por uma placa que dizia: NÃO VÁ PARA O ESTACIONAMENTO DE CARRUAGENS, 20 METROS. A ESQUERDA.

— Igor? — Disse a Tia.

— Os vampirosch aprenderam a lutar entre elesch —, disse Igor. — Só tem um caminho para entrar.

— Ah, tudo bem, se for preciso —, disse Magrat, — você leva a cadeira de balanço e o saco de fraldas usado. E os ursinhos. E a coisa que gira e gira e faz barulho quando se puxa a corda...

Uma placa perto da ponte levadiça dizia ÚLTIMA CHANCE DE NÃO SE APROXIMAR DO CASTELO, e Tia Ogg não conseguia parar de rir.

— O conde não vai ficar muito feliz com você, Igor —, disse ela, enquanto ele destrancava as portas.

— Foda-sche ele —, disse. — Vou pegar minhasch coisasch e ir pra Blintth. Tem sempre trabalho para um Igor lá. Mais raiosch por ano que qualquer lugar das montanhasch, dizem.

Tia Ogg enxugou um olho. — Bem, bom trabalho, já que estamos todas molhadas —, disse. — Muito bem, vamos entrar. E, Igor, se você não foi "direitcho" com a gente, desculpe, direito com a gente, vou usar suas tripas para ligas.

Igor baixou a vista timidamente. — Oh, mais do que isso um homem não poderia ter eschperança de ter —, murmurou.

Magrat deu uma risadinha e Igor abriu a porta e se arrastou apressadamente para dentro.

— Que foi? — Disse a Tia.

— Você não notou os olhares que ele está dando a você? — Disse Magrat, enquanto seguiam a figura cambaleante.

— Quem, ele? — Perguntou.

— Parece que está arrastando uma asa por você —, disse Magrat.

— Bem, acho que arrasta só porque ele é manco! — Disse Tia Ogg, com um pouco de pânico na voz. — Quer dizer, nem sequer estou com minha melhor roupa Íntima e essas coisas!

— Acho que ele é um romântico, de fato. — Disse Magrat.

— Ah, eu não sei, eu realmente não sei —, disse a Tia. — Quero dizer, é lisonjeiro e tudo, mas eu realmente não acho que poderia sair com um homem com uma coisa flácida lá embaixo.

— Depende de onde for a flacidez?

Tia Ogg sempre se considerou inabalável, mas ninguém o era totalmente. Os choques podem vir de direções inesperadas.

— Sou uma mulher casada —, disse Magrat, sorrindo de sua expressão. E era bom, pelo menos por uma vez, colocar um pequeno cravo na estrada da caminhada despreocupada de Tia Ogg pela vida.

— Mas é... quero dizer, Verence, você sabe, está bem no...

— Oh sim. Tudo está…bem. Mas agora entendo sobre o que eram suas piadas.

— O que, todas elas? — Disse a Tia, como alguém que descobriu que todos os ases foram retirados de seu baralho favorito.

— Bem, não aquela sobre o padre, a velha e o rinoceronte.

— Espero que não mesmo! — Disse a Tia.

— Essa eu não entendi, pelo menos até chegar aos quarenta!

Igor voltou mancando.

— Tem alguns criados —, disse. — Vocêsch podem ficar nos meus aposentosch na torre velha. Tem portas bem grossas.

A senhora Ogg realmente gostaria disso —, disse Magrat. — Ela estava dizendo agora mesmo que pernas boas você tem, não é, Tia...

— Voschê quer algumas? — disse Igor seriamente, liderando o caminho até os degraus. — Eu tenho um montão e seria bom ter mais espaço na câmara fria.

— Você o que? — Disse a Tia, parando de repente.

— Nela nosch temosch qualquer órgão que você precise, disse Igor.

Houve o ruído de tosse estrangulada de Magrat.

— Você tem... pedaços de pessoas armazenados no gelo? — Perguntou Tia Ogg, horrorizada. — Pedaços de outras pessoas? Cortadas em pedaços? Não vou dar mais um passo!

Agora Igor parecia horrorizado.

— Não outras pessoas —, disse. — Família.

— Você fez picadinho sua família? A Tia recuou. Igor acenou com as mãos freneticamente.

— É uma tradição! — Disse. — Todo Igor deixa seu corpo para a família! Para que desperdiçar um bom órgão? Olhe para o meu tschio Igor, ele morreu de bufalose embora tivesse um coração perfeitamente bom e um rim que era uma pena deixar passar. Além disso, ele ainda tinha as mãos do vovô e eram muito boas, deixe-me dizer a você. Ele assoou o nariz. — Queria eu ter alguma coisa assim, ele era um ótimo cirurgião.

— Bem… suponho que toda família diga coisas como "ele tem os olhos do pai"... — começou Tia Ogg.

— Nããão, meu segundo primo Igor é que tem.

— Mas... mas... quem corta e costura? —Magrat perguntou.

— Eu faço. Um Igor aprende cirurgia doméstica no joelho do pai —, disse Igor. — E então pratica no rim do avô.

— Desculpe-me —, disse a Tia. — Do que você disse mesmo que seu tio morreu?

— Bufalose —, disse Igor, — destrancando outra porta.

— Em que parte do corpo?

— Uma manada passou por Schima dele. Um acidente esquisito. Não falamosch sobre isso.

— Desculpe, você está nos dizendo que faz cirurgia em si mesmo? — Disse Magrat.

— Não é difícil quando você sabe o que eschtá fazendo. Em casa, você precisa de um eschpelho, é claro, e ajuda se alguém puder colocar um dedo no nó.

— Não é dolorido?

— Ah, não, eu schempre digo a eles para afrouxar um pouco antesch de eu apertar o cordão.

A porta se abriu, gemendo. Foi um gemido longo e torturado. Na verdade, houve mais rangido do que porta, e continuou alguns segundos depois que a porta parou.

— Soa horrivelmente —, disse a Tia.

— Obrigado. Demorou um dia para achertar. Rangidos como essechs não acontecem apenas por elesch mesmos.

Houve um latido vindo da escuridão e algo saltou sobre Igor, derrubando-o.

— Sai, bobão!

Era um cão. Ou vários cachorros enrolados, por assim dizer, em um. Havia quatro patas e quase todas do mesmo comprimento, embora não fossem todas da mesma cor, notou Agnes. Havia uma cabeça, embora a orelha esquerda fosse preta e pontiaguda, enquanto a orelha direita era marrom e branca e caída. E era um animal muito entusiasmado no quesito baba.

— Este é retalhosch —, disse Igor, lutando para ficar de pé em uma saraivada de patas excitadas. — Ele é uma coisa muito velha.

— Retalhos... sim —, disse a Tia. — Bom nome. Bom nome.

— Ele tem 78 anosch —, disse Igor, — conduzindo-o por uma escada em caracol. — Algumasch partes dele.

— Costura muito bem-feita —, disse Magrat. — E ficou bem nele, também. Feliz como um cachorro com dois... ah, vejo que ele tem dois...

— Eu tinha um sobrando —, disse Igor, liderando o caminho com

Retalho saltitando ao lado dele. — Eu pensei, se ele está feliischz com um, apenas pensche na diversão que ele poderia ter com dois…

A boca de Tia Ogg nem ficou meio aberta...

— Nem pense em dizer nada, Gytha Ogg! — Estalou Magrat.

— Eu? — Disse a Tia, inocentemente.

— Sim! E você ia dizer. Eu vi que você ia! Você sabe que ele estava falando sobre caudas, não... qualquer outra coisa.

— Ah, pensei nisso há muito tempo —, disse Igor. — É óbvio. Tem desgaste, mas você pode usar um enquanto substitui o outro. Experimentei em mim mesmo.

Seus passos ecoaram na escada.

— Agora, do que estamos falando aqui, exatamente? — Disse Tia Ogg, em um tom de voz tranquilo do tipo "só estou perguntando por curiosidade".

— Coraschões —, disse Igor.

— Oh, dois corações. Você tem dois corações?

— Isso. O outro pertenscheu ao pobre schenhor Sweeney lá da serraria, mas sua eschposa não teve mais nada com ele depoisch do acidente já que ele não tinha cabeça para acompanhá-lo.

— Você é meio que um "homem que fez a si mesmo" discreto, não é? — Disse Magrat.

— Quem fez seu cérebro? — Perguntou a Tia.

— Não dá pra fazer schozinho —, disse Igor.

— Certo... tem todos aqueles pontos que dar...

— Ah, coloquei uma placa de metal na minha cabeça —, disse Igor. — E um fio-terra do meu peschcoço até minhasch botas. Me cansei de todosch os relâmpagos. Aqui eschtamos. Ele destrancou outra porta rangente. — Meu pequeno cantinho.

Era uma sala abobadada e úmida, claramente habitada por alguém que não passava muito tempo ali socialmente. Havia uma lareira com uma cesta de cachorro na frente dela e uma cama com um colchão e um cobertor. Armários toscos cobriam uma parede.

— Tem um poço embaixo daquela tampa ali —, ele disse, — e tem uma latrina por lá...

— Para onde leva aquela porta? —Tia Ogg perguntou, apontando para uma com ferrolhos pesados.

— Lugar nenhum —, disse Igor.

Tia Ogg lançou-lhe um olhar. Os ferrolhos pareciam resistentes.

— Isto parece uma cripta —, ela disse. — Com uma lareira.

— Quando o velho conde estava vivo, ele goschtava de se aquecer à noite antes de sair —, disse Igor. — Dias douradosch que já se foram. Não dou um centavo para essches novos vampirosch. Sabiam que eles queriam que eu me livrasse de Retalhosch?

Retalho saltou e tentou lamber o rosto de Tia Ogg.

— Vi Lacrimosa chutá-lo uma veschz —, disse Igor sombriamente. Esfregou as mãos. — As chenhoras querem alguma coisa para comer?

— Não —, disseram juntas, Tia Ogg e Margrat.

Retalho tentava lamber Igor. Era um cão com muita lambida para partilhar.

— Retalhosch, morto! — Ordenou Igor. O cão se jogou e rolou com as patas para o ar.

— Virão? — Disse Igor. — Ele se lembra!

— Não vamos ficar encurralados aqui se os Magpyrs vierem? — Disse Magrat.

— Eles não deschem aqui. Não é moderno o baschtante para eles —, disse Igor. — E há uma saída se o fizerem.

Magrat olhou para a porta trancada. Não parecia o tipo de saída que alguém gostaria de tomar.

— E quanto a armas? — Ela disse. — Eu não deveria pensar que haveria qualquer coisa anti-vampiro no castelo de um vampiro, não é?

— Por que, certamente que tem —, disse Igor.

— Aqui?

— Tantas quanto quiser. O velho meschtre não descuidava dessas coisas. Quando eschperávamos visitantes, ele sempre dizia: "Igor, chertifique-se de que as janelas estejam limpas e que haja muito limão e um pouco de ornamento que possa ser transchformado em símbolo religioso ao redor do prato". Ele gostava quando as pessoas seguiam as regras. Muito legal, o velho meschtre.

— Sim, mas isso significaria que ele morreria, não é? — Disse Tia Ogg. Ela abriu um armário e uma pilha de limões amassados caiu.

Igor deu de ombros. — Um dia voschê ganha, um dia voschê perde, disse. — O velho meschtre dizia: "Igor, o dia em que os vampirosch vencerem o tempo todo, esse será o dia em que seremos derrotados e sem retorno". Vejam voschês, ele ficava irritado quando as pessoasch sumiam com suas meiasch. Pervertidos, le dizia, eram de pura seda, dez dólaresch o par em Ankh-Morpork.

— E ele provavelmente gastou muito dinheiro em mata-borrão também —, disse Tia Ogg. Outro armário revelou uma prateleira de estacas, junto com um martelo e um diagrama anatômico simples com um X sobre a área do coração.

— O gráfico foi ideia minha, madame Ogg —, disse Igor com orgulho. — O velho meschtre se cansou das pessoas martelando a eschtaca em qualquer lugar. Ele dizia que não se importava com a morte, o que era até um deschcanso, mas se recusava a ficar parecido com uma peneira.

— Você é um sujeito brilhante, não é, Igor —, disse Tia Ogg. Igor sorriu.

— Eu tenho um bom chérebro na minha cabeça.

— Você mesmo o escolheu? Não, estava brincando. Você não pode fazer cérebros.

— Eu tenho um primo dichstante na Universidade Invisível, sabia.

— Mesmo? O que ele faz lá?

— Flutua em um frasco —, disse Igor com orgulho. — Posso lhe mostrar a adega de água benta? O velho meschtre reuniu uma coleção muito boa.

— Desculpe? Um vampiro colecionando água benta? — Disse Magrat.

— Acho que estou começando a entender —, disse Tia ogg. — Ele era um esportista, certo?

— Exatamentesch!

— E um bom esportista sempre dá uma chance decente à valente presa —, disse Tia ogg. — Mesmo que isso signifique ter uma adega de *Chateauneuf du Pape*. Parece ter sido um tipo inteligente, este seu velho garoto. Não como o novo. Este é só esperto.

— Não estou te acompanhando —, disse Magrat.

— Ser morto não é nada para um vampiro —, disse a Tia. — Eles sempre dão um jeito de voltar. Todo mundo sabe disso, ou pelo menos quem sabe alguma coisa sobre vampiros. Se não custa muito matá-los e para as pessoas é meio que uma aventura, bem, provavelmente é mais seguro enfiar ou jogar no rio e ir para casa e pronto. Então ele tem uma boa década de descanso, estando morto e volta da sepultura e vai embora de novo. Dessa forma, ele nunca é totalmente eliminado e os rapazes da vila fazem exercícios saudáveis.

— Os Magpyrs virão atrás de nós —, disse Magrat, segurando o bebê contra ela. — Eles verão que não estamos em Lancre e saberão que não poderíamos ter descido para as planícies. Eles também encontrarão a

carruagem quebrada. Eles vão nos encontrar, Tia.

Tia Ogg olhou para a variedade de potes e garrafas, e as estacas cuidadosamente organizadas em ordem de tamanho.

— Vão demorar um pouco —, disse ela. — Temos tempo para ficar... preparadas.

Ela se virou com uma garrafa de água benta em uma das mãos, uma besta carregada com uma seta de madeira e um saco de limões mofados seguros na boca.

— Agr' vm tn moj'ei —, disse.

— Perdão? — Disse Magrat. Tia Ogg cuspiu os limões.

— Agora vamos tentar as coisas do meu jeito —, disse ela. — Não sou boa em pensar como a Vovó, mas sou muito boa em agir como eu mesmo. Cabeçologia é pra quem gosta e sabe lidar com ela. Vamos chutar uns morcegos.

O vento sussurrava nos pântanos à beira de Lancre e sibilava através da urze.

E ao redor de alguns antigos montes funerários, meio enterrados sob amoreiras; sacudindo os galhos úmidos de um único espinheiro e rasgando a fumaça ondulante que subia pelas raízes.

Houve um único grito.

Lá embaixo, os Nac Mac Feegle estavam fazendo o seu melhor, mas força não é o mesmo que peso e massa e mesmo com pixies pendurados em cada membro e Big Aggie sentando-se no peito de Verence, ele ainda era difícil de controlar.

— Talvez a bebida fosse um pouquinho demais? — Disse o Grande

Homem de Big Aggie, olhando para os olhos injetados e a boca espumejante de Verence. — Quer dizer, talvez tenha sido errado dar a ele cinquenta vezes mais do que nós tomamos. Não está acostumado…

Big Aggie deu de ombros.

No canto mais distante do túmulo, meia dúzia de duendes saíram do buraco que se abria para a próxima câmara, arrastando uma espada. Para uma de bronze, estava muito bem preservada... os antigos chefes de Lancre eram enterrados com suas armas para lutar contra seus inimigos no outro mundo e como você não se tornava um chefe do antigo Lancre sem enviar muitos inimigos para o outro mundo, eles gostavam de levar armas que pudessem ser confiáveis no quesito duração.

Sob a direção do velho pixie, eles a manobraram ao alcance da mão agitada de Verence.

— Tão prontos? — Disse o Grande Homem. — Umzi! Doizi! Treizi!

Os Feegle saltaram em todas as direções. Verence subiu quase na vertical, ricocheteou no telhado, agarrou a espada, golpeou loucamente até que abriu um buraco para o mundo exterior e escapou noite adentro.

Os pixies agrupados em torno das paredes do túmulo voltaram seus olhos para sua Kelda.

Big Aggie acenou.

— Big Aggie diz que é melhor vocês evitarem que ele se machuque —, disse o velho pixie.

Mil armas pequenas, mas muito afiadas, balançavam no ar fumarento.

— Vamu!

— Vam' cabá cum elis!

— Nac Mac Feegle!

Alguns segundos depois a câmara estava vazia.

A Tia atravessou correndo o salão principal do castelo, carregada de estacas e parou.

— Que diabos é essa coisa? — Ela disse. — Ocupa uma parede inteira!

— Ah, esse era o orgulho e a alegria do velho conde —, disse Igor.

— Ele não era um homem moderno, sempre dizia, mas o Século do Morcego-de-Frutas tinha suas compenschações. As vezes tocava ele por horasch a fio…

Era um órgão, ou possivelmente o que um órgão esperava ser quando crescesse, porque dominava a enorme sala. Amante da música por dentro, Tia não pôde deixar de ir até lá para inspecioná-lo. Era preto, seus tubos emoldurados e encerrados em intrincados ornamentos de ébano, com os batentes e o teclado feitos de elefante morto.

— Como funciona? — Ela disse.

— Hidráulico —, disse Igor orgulhosamente. — Existe um rio subterrâneo. O meschtre o fezsch especialmente a partir de seu próprio projeto...

Tia Ogg passou os dedos por uma placa de latão aparafusada acima do teclado.

Se lia: HOUÇAM HAS CREANÇAS DHA NOUTE…HE HA MERAVILHOSA MHUSICKA KE FHAZEM. MANUFATURADO. POR BERGHOLT STUTTLEY JOHNSON,[15] ANKH- MORPORK.

— É um Johnson —, ela arquejou. — Eu não ponho minhas mãos em

---

[15] Bergholt Stuttley Johnson, mais conhecido como Bloody Stupid Johnson, é personagem de outros livros da série do DiscWorld. Paisagista, arquiteto, lutier, cozinheiro ou qualquer outra coisa que se pensar. Embora ele tenha morrido antes da linha do tempo em que a maioria dos livros se passa, seu questionável legado continua vivo, como no caso do órgão adquirido pelo velho conde. (N.T.)

um Johnson há muito tempo... Ela olhou mais de perto. — O que é isso? *Grito nº 1? Trovão 14? Uivo de Lobo 5?* Há uma série de notações marcadas "Pisos Rangentes!". Consegue-se tocar música nesta coisa?

— Oh sim. Mas o velho meschtre tinha mais interessche em... efeitosch.

Ainda havia uma partitura empoeirada na estante, que alguém vinha preenchendo cuidadosamente, com muitos rascunhos.

— *O retorno da noiva da vingança do filho do conde Magpyr* — , disse Tia Ogg em voz alta, observando que *De 20.000 braças* (?) havia sido escrito posteriormente e depois riscado. — *Sonata para tempestade, alçapões e mulheres jovens em roupas minúsculas*. Um pouco de artista também, seu velho mestre?

— De um…modo eschpecial —, disse Igor melancolicamente. Tia Ogg recuou.

— Magrat vai ficar segura, não vai? — Ela disse, pegando as estacas novamente.

— É uma porta anti-turba —, disse Igor. — E Retalhosch é um Rottweiler em nove partesch em trinta e oitcho.

— Quais, só para saber?

— Duas pernasch, uma orelha, muito tubo e mandíbula inferior —, disse Igor prontamente, enquanto eles se apressavam novamente.

— Sim, mas ele tem um cérebro de spaniel —, disse Tia Ogg.

— Eschtá nos ossos —, disse Igor. — Ele segura as pessoasch com o maxilar e bate nelas com a cauda.

— Ele sacode as pessoas até a morte?

— As vezeschs ele afoga elas com baba —, disse Igor.

Os telhados de Refúgio surgiram na escuridão enquanto os vampiros desciam. Algumas janelas brilhavam com a luz de velas quando os pés de Agnes tocaram o chão.

Vlad desceu ao lado dela.

— Claro, você não pode vê-la no seu melhor com este tempo —, disse ele. — Alguma arquitetura muito boa na praça da cidade e um paço municipal muito bonito. Papai pagou pelo relógio.

— Realmente.

— E a bela torre, naturalmente. Mão-de-obra local, claro.

— Vampiros têm muito dinheiro, não é? — Disse Agnes. A cidade parecia muito grande e muito parecida com as cidades do interior nas planícies, exceto por uma certa quantidade de biscoitos de gengibre esculpidos nos beirais.

— Bem, a família sempre teve terras —, disse Vlad, ignorando o sarcasmo. — O dinheiro vai se acumulando, você sabe. Através dos séculos. E obviamente não desfrutamos de uma vida social particularmente ativa.

— Ou gastam muito com alimentação, disse Agnes.

— Sim, sim, muito bem...

Um sino começou a tocar em algum lugar acima deles.

— Agora você vai ver —, disse Vlad. — E vai entender.

Vovó-Cera-do-Tempo abriu seus olhos. Havia chamas rugindo bem na frente dela.

— Oh —, disse. — Assim seja, então...

— Ah. Sentindo-se melhor, não é? — Disse Aveia.

Sua cabeça girou. Então ela olhou para o vapor saindo de seu vestido.

Aveia se abaixou entre os galhos de dois abetos e jogou outra braçada de madeira seca nas chamas. Os galhos chisparam e estalaram.

— Quanto tempo eu estive... descansando? — perguntou Vovó.

— Cerca de hora e meia —, eu diria. — Luz vermelha e sombras negras dançavam entre as árvores. A chuva se transformara em granizo, mas evaporava quase instantaneamente pouco acima deles.

— Você fez bem em acender o fogo nesta escuridão —, disse Vovó.

— Agradeço a Om por isso —, disse Aveia.

— Muito gentil da parte dele, tenho certeza. Mas temos que... continuar. — Vovó tentou se levantar. — Não está muito longe agora. Tudo ladeira abaixo…

— A mula fugiu —, disse Aveia.

— Nós temos pés, não temos? Eu me sinto melhor pelo... descanso. O fogo colocou um... pouco de vida em mim.

— Está muito escuro e muito úmido. Espere até a manhã.

Vovó se levantou. — Não. Encontre uma vara ou algo em que eu possa me apoiar. Vamos.

— Bem... há um bosque de aveleiras ao longo da encosta, mas...

— Bem o que eu preciso, um bom pedaço de aveleira. Bem, não fique aí parado. Estou ficando melhor a cada minuto. Vá de uma vez.

Ele desapareceu nas sombras gotejantes.

Vovó balançou as saias na frente do fogo para fazer circular um pouco de ar quente e algo pequeno e branco voou das cinzas, dançando no fogo e no granizo.

Ela a pegou do musgo onde havia caído.

Era um pedaço de papel fino, o canto carbonizado de uma página. Ela mal conseguia distinguir, na luz vermelha, as palavras "…de Om…em auxílio a… Ossory puniu…" O papel estava preso a uma tira de couro

queimado.

Ela o observou por um tempo e então o jogou cuidadosamente nas chamas enquanto o som de galhos estalando indicava o retorno de Aveia.

— Você pode ao menos encontrar o caminho em meio a tudo isso? — Disse ele, entregando-lhe um longo bastão de aveleira.

— Sim. Você vai ao meu lado e do outro eu tenho esse cajado. Depois é só passear na floresta, hein?

— Você parece melhor.

— Jovem, se vamos esperar que eu pareça interessante, ficaremos aqui por anos.

Ela levantou a mão e o falcão-maravilha voou das sombras.

— Ainda bem que você conseguiu acender o fogo, mesmo assim —, disse ela, sem se virar.

— Sempre me pareceu que se depositar minha confiança em Om, um caminho será encontrado —, disse Aveia, correndo atrás dela.

— Acho que Om ajuda quem se ajuda —, disse Vovó.

Por toda a cidade de Refúgio, as janelas brilhavam. Luzes foram acesas e houve o som de portas sendo destrancadas. Acima de tudo, o sino continuou tocando em meio ao nevoeiro. — Normalmente nos reunimos na praça da cidade —, disse Vlad.

— Estamos no meio da noite! — Disse Agnes.

— Sim, mas não acontece com muita frequência e nossa aliança diz que nunca mais do que duas vezes por mês —, disse Vlad. — Você vê como o lugar é próspero? As pessoas estão seguras em Refúgio. Eles viram a razão. Sem persianas nas janelas, você vê? Eles não precisam trancar as janelas ou

se esconder no porão, o que devo admitir é o que as pessoas fazem nas áreas menos regulamentadas de nosso país. Trocaram o medo pela segurança. Eles... Ele tropeçou e se firmou contra uma parede. Então ele esfregou a testa. — Desculpe. Eu me senti um pouco... estranho. O que eu estava dizendo?

— Como eu poderia saber? — Disparou Agnes — Você estava falando sobre como todo mundo está feliz porque os vampiros os visitam, ou algo assim.

— Oh sim. Sim. Por causa da cooperação, não da inimizade. Porque... Ele tirou um lenço do bolso e enxugou o rosto. — ... porque... bem, você vai ver... está muito frio aqui?

— Apenas úmido —, disse Agnes.

— Vamos para a praça —, Vlad murmurou. — Tenho certeza de que vou me sentir melhor.

Estava logo à frente. Tochas foram acesas. As pessoas se reuniram ali, a maioria com cobertores sobre os ombros ou um casaco sobre as roupas de dormir, em grupos sem rumo, como pessoas que ouviram o alarme de incêndio, mas não viram a fumaça.

Um dos dois avistou Vlad e houve uma certa quantidade de tosse e arrastar de pés. Outros vampiros estavam descendo pela névoa. O conde pousou suavemente e acenou com a cabeça para Agnes.

— Ah, senhorita Nitt —, ele disse vagamente. — Estamos todos aqui, Vlad?

A companhia parou. Um momento depois, Lacrimosa desceu.

— Você ainda a tem? — Ela disse a Vlad, erguendo as sobrancelhas. — Oh bem…

— Preciso ter uma breve conversa com o prefeito —, disse o conde. — Ele gosta de ser mantido informado.

Agnes observou-o caminhar em direção a um homem pequeno e

atarracado que, apesar de ter saído da cama no meio de uma noite chuvosa, parecia ter tido a clarividência de colocar a corrente de ouro do cargo.

Ela notou os vampiros se posicionando em fila em frente à torre do sino, a cerca de um metro e meio de distância um do outro. Eles brincavam e falavam um com o outro, exceto por Lacrimosa, que estava olhando diretamente para ela.

O conde estava imerso em uma conversa com o prefeito, que olhava para os próprios pés.

Agora, do outro lado da praça, as pessoas começavam a formar filas. Duas crianças pequenas se desvencilharam das mãos de seus pais e correram uma atrás da outra na fila de pessoas, rindo.

E a suspeita floresceu lentamente em Agnes como uma grande rosa negra com bordas vermelhas.

Vlad deve ter sentido o corpo dela enrijecer, porque seu aperto aumentou em seu braço.

— Eu sei o que você está pensando... — ele começou.

— Você não sabe o que estou pensando, mas vou lhe dizer o que estou pensando —, disse ela, tentando manter o tremor fora de sua voz. — Você são ...

— Escute, poderia ser muito pior, costumava ser muito pior...

O conde agitou-se. — Boas notícias —, disse ele, — Três crianças acabaram de fazer doze anos. — Ele sorriu para Agnes. — Temos uma pequena... cerimônia, antes da loteria principal. Um rito de passagem, pode-se dizer. Acho que eles estão ansiosos por isso, para dizer a verdade.

Ele está observando você para ver como você reage, disse Perdita. *Vlad é simplesmente estúpido e Lacrimosa faria uma toalha de seu cabelo se ela tivesse a chance, mas este irá para a garganta se você piscar na hora errada... então não pisque na hora errada, obrigado, porque até as invenções da*

imaginação querem viver...

Mas Agnes sentiu o terror crescendo ao seu redor. E era errado, o tipo errado de terror, uma sensação entorpecente, fria e doentia que a congelou onde estava. Ela tinha que fazer alguma coisa, fazer qualquer coisa, quebrar seu aperto horrível...

Foi Vlad quem falou.

— Não é nada dramático —, disse ele rapidamente. — Uma gotinha de sangue... Papai foi à escola e explicou tudo sobre cidadania...

— Que bom —, ela resmungou. — Eles recebem um distintivo? Perdita devia estar por trás disso; ela não conseguia imaginar a si mesma sendo tão insípida, mesmo se levando em conta o sarcasmo.

— Hum, não. Mas que boa ideia —, disse o conde, dando-lhe outro sorriso rápido. — Sim... talvez um distintivo ou uma pequena placa. Algo a ser valorizado mais tarde na vida. Farei uma anotação mental disso. E então... vamos começar. Ah, o prefeito reuniu as adoráveis crianças…

Houve um grito em algum lugar atrás da multidão e, por um momento, Agnes avistou um homem tentando avançar. O prefeito acenou com a cabeça para alguns dos homens próximos. Eles se enfiaram apressadamente na multidão. Houve uma briga nas sombras. Ela pensou ter ouvido um grito de mulher, subitamente abafado. Uma porta bateu.

Quando o prefeito se virou e encontrou o olhar de Agnes, ela desviou o olhar, não querendo ver aquela expressão. As pessoas eram boas em imaginar infernos e alguns os ocupavam enquanto ainda estavam vivos.

— Vamos continuar? — Disse o conde.

— Você vai soltar meu braço, Vlad? — Disse Agnes, docemente.

Eles só estão esperando que você reaja, sussurrou Perdita. Oh, disse Agnes dentro de sua cabeça, então eu deveria apenas ficar aqui e assistir? Como todo mundo? *Eu apenas pensei em deixar as coisas claras. O que foi*

fizeram deles? Eles são como porcos na fila para o réveillon-do-porco! Acho que eles viram a razão, disse Agnes. *Oh bem... apenas tire esse sorriso do rosto de Lacrimosa, isso é tudo que eu peço...*

Eles podiam se mover muito rápido. Mesmo um grito não funcionaria. Ela poderia ser capaz de dar um bom soco e seria só isso. E talvez ela acordasse como uma vampira e não soubesse a diferença entre o bem e o mal. Mas esse não era a questão. A questão era o aqui e o agora, porque aqui e agora era só o que ela tinha.

Ela podia ver cada gota de umidade pairando no ar, sentir o cheiro da fumaça das fogueiras apagadas, ouvir os ratos na palha das casas. Seus sentidos estavam trabalhando em horas extras, para aproveitar ao máximo os últimos segundos...

— Não vejo por quê! — A voz de Lacrimosa cortou a névoa como uma serra.

Agnes piscou. A garota alcançou seu pai e o mirou com intensidade.

— Por que você sempre começa? — Ela exigiu.

— Lacrimosa! O que deu em você? Eu sou o chefe do clã!

— Oh sério? Para sempre?

O conde pareceu surpreso. — Bem, sim. Claro!

— Então, nós seremos sempre empurrados para lá e para cá, sempre a sua volta, para sempre?

— Seremos sempre suas crianças, para sempre?

— Minha querida, o que você acha que...

— E não tente este tom de voz comigo! Isso só funciona com o *alimento*! Então serei mandada para o meu quarto por ser desobediente para sempre?

— Nós deixamos você ter sua própria câmara de tortura...

— Oh sim! E para isso eu tenho que acenar e sorrir e ser legal com o

alimento?

— Não se atreva a falar assim com seu pai! — Gritou a condessa.

— E não fale assim sobre Agnes! — Rosnou Vlad.

— Eu usei a palavra Agnes? Eu me referi a ela de alguma forma? — Disse Lacrimosa, friamente. — Não, acredito que não. Eu nem sonharia em mencioná-la.

— Eu não continuarei com esta discussão! — Bradou o conde.

— É isso, não é? — Disse Lacrimosa. — Nós não discutimos! Nós apenas fazemos o que você diz, para sempre.

— Nós concordamos...

— Não, você concordou e ninguém discordou de você. Vlad estava certo!

— De fato? — Disse o conde, virando-se para o filho. — Certo sobre o quê, por favor?

A boca de Vlad abriu e fechou uma ou duas vezes enquanto ele reunia apressadamente uma frase coerente. — Posso ter mencionado que todo o negócio de Lancre pode ser considerado imprudente...

— Oh, disse a condessa. — Você sabe tanto sobre sabedoria de repente e mal tem duzentos anos?

— Imprudente? — Disse o conde.

— Eu diria estúpido! — Disse Lacrimosa. — Medalhas? Presentes? nós não damos nada! Nós somos vampiros! Pegamos o que queremos, assim...

Ela estendeu a mão, agarrou um homem parado perto dela e se virou, a boca aberta e os cabelos voando.

E parou, como se tivesse congelado.

Então ela se virou, segurando sua garganta com uma mão, olhando para seu pai com uma carranca.

— O que você fez? — Ela engasgou. — Minha garganta... eu sinto... você fez alguma coisa!

O conde esfregou a testa e beliscou a ponta do nariz. — Lacci...

— E não me chame assim! Você sabe como eu odeio isso!

Houve um breve grito de um dos vampiros menores atrás deles. Agnes não conseguia lembrar o nome dele, provavelmente era Fenrir ou Maledicta ou algo assim, mas ela lembrava que ele preferia ser conhecido como Gerald. Ele caiu de joelhos, arranhando sua garganta. Nenhum dos outros vampiros parecia muito feliz também. Alguns deles estavam ajoelhados e gemendo, para espanto dos cidadãos.

— Eu não... me sinto muito bem —, disse a Condessa, balançando ligeiramente. — Eu disse que não achava que vinho era uma boa ideia…

O conde se virou e olhou para Agnes. Ela deu um passo para trás.

— É você, não é? —, disse ele.

— Claro que é! — Gemeu Lacrimosa. — Você sabe que aquela velha se colocou em algum lugar e ela deve saber que Vlad está babando por esta gorda!

Ela não está aqui, está? disse Perdita. Você não sabe? Agnes pensou, recuando novamente. *Bem, acho que não, mas sou eu que estou pensando?* Olha, ela se escondeu naquele padre, nós sabemos. *Não, nós não, você apenas pensou que seria uma coisa inteligente para ela fazer porque todo mundo pensaria que ela está escondida na bebê.*

— Por que você simplesmente não rasteja de volta para o seu caixão e apodrece, sua pequena larva nojenta —, disse Agnes. — Não foi tão bom, mas insultos improvisados raramente são bem elaborados.

Lacrimosa saltou sobre ela, mas algo mais estava errado. Em vez de deslizar pelo ar como um veludo mortal, ela se lançou como um pássaro com uma asa quebrada. Mas a fúria a deixou empinar na frente de Agnes, com uma garra estendida para arranhar...

Agnes bateu nela com toda a força e sentiu que Perdita estava por trás

do golpe também. Não deveria ter sido possível dar certo, a garota era rápida o suficiente para contornar Agnes três vezes antes que pudesse golpeá-la, mas aconteceu.

O povo de Refúgio observou um vampiro cambalear para trás, sangrando.

O prefeito ergueu a cabeça.

Agnes se agachou, com os punhos erguidos.

— Não sei para onde foi a Vovó Cera-do-Tempo —, disse ela. — Talvez ela esteja aqui comigo, hein? Um lampejo de louca inspiração a atingiu e ela acrescentou, no tom mordaz da Vovó: — E se você me derrubar de novo, vou morder até as suas botas!

— Boa tentativa, senhorita Nitt —, disse o conde, caminhando em direção a ela. — Mas eu acho que não...

Ele parou, agarrando a corrente de ouro que de repente estava em seu pescoço.

Atrás dele, o prefeito a puxou com todo o peso, forçando o vampiro a cair no chão.

Os cidadãos se entreolharam e todos se moveram ao mesmo tempo.

Os vampiros se ergueram no ar, tentando ganhar altura, chutando as mãos que os seguravam. Tochas foram arrancadas das paredes. A noite de repente se encheu de gritos.

Agnes olhou para Vlad, olhando horrorizado. Lacrimosa estava cercada por um círculo fechado de pessoas.

— É melhor você correr —, disse ela, — ou eles...

Ele se virou e investiu e a última coisa que ela viu foram os dentes.

A descida da trilha foi pior do que a subida. Nascentes haviam brotado em cada vale e cada caminho era um riacho.

Enquanto Vovó e Aveia cambaleavam do lamaçal para o pântano, ele refletia sobre a história do Livro de Om — a história, mesmo — sobre o profeta Brutha e sua jornada com Om pelo deserto escaldante que acabou mudando o omnianismo para sempre. Substituiu as espadas por sermões, que pelo menos causaram menos mortes, exceto no caso dos realmente muito longos e quebrou a Igreja em mil pedaços que começaram a discutir uns com os outros e finalmente acabaram com Aveia, que discutia com ele mesmo.

Aveia se perguntou até onde Brutha teria atravessado o deserto se estivesse tentando apoiar Vovó-Cera-do-Tempo. Havia algo inflexível nela, algo duro como pedra. Ele tinha um pressentimento culpável de que no meio do caminho o profeta teria cedido à tentação de... bem, pelo menos dizer algo desagradável ou suspirar de modo significativo. A velha tinha ficado muito irritadiça desde que foi aquecida. Ela parecia ter algo em mente.

A chuva havia parado, mas o vento estava forte e ainda havia ocasionais rajadas de granizo.

— Não vai demorar muito agora —, ele ofegou.

— Você não sabe disso —, disse Vovó, chapinhando na lama preta e turfosa.

— Não, você está absolutamente certa —, disse Aveia. — Eu só estava dizendo isso para ser agradável.

— Não funcionou —, disse Vovó.

— Senhorita Cera-do-Tempo, você gostaria que eu a deixasse aqui? — Disse Aveia.

Vovó fungou. — Não me preocuparia —, disse ela.

— Você gostaria que eu o fizesse? — Disse Aveia.

— Não é minha montanha —, disse Vovó. — Eu não diria às pessoas onde elas deveriam estar.

— Eu irei se você quiser que eu vá —, disse Aveia.

— Eu nunca pedi para você vir —, disse Vovó simplesmente.

— Você estaria morta se eu não tivesse vindo!

— Isso não é da sua conta.

— Meu Deus, madame Cera-do-Tempo, você me prova muito.

— Seu deus, senhor Aveia, o faz com todo mundo. Isso é o que os deuses geralmente fazem e é por isso que eu não me dou com eles. E estabelecem regras o tempo todo.

— Tem que haver regras, madame Cera-do-Tempo.

— E qual é a primeira delas que seu Om requer, então?

— Que os crentes não devem adorar nenhum outro deus senão Om —, disse Aveia prontamente.

— Oh sim? Assim são os deuses. Muito autocentrados, como regra.

— Acho que era para chamar a atenção das pessoas —, disse Aveia. — Existem muitos mandamentos sobre como lidar bem com outras pessoas, se é isso que você quer dizer.

— Mesmo? E suponha que alguém não queira acreditar em Om e tente viver corretamente?

— De acordo com o profeta Brutha, viver corretamente é acreditar em Om.

— Arrá, muito esperto! Ele faz você ir e vir —, disse Vovó. — Foi preciso um bom pensador para chegar a isso. Bem-feito. Que outras coisas inteligentes ele disse?

— Ele não diz coisas para ser inteligente —, disse Aveia com veemência. — Mas, já que você pergunta, ele disse em sua *Carta aos Simonitas* que é

através de outras pessoas que nos tornamos verdadeiramente pessoas.

— Bom. Disse pelo menos uma coisa certa.

— E ele disse que devemos levar luz a lugares escuros. — Vovó não disse nada.

— Pensei em mencionar isso —, disse Aveia, — porque quando você estava... sabe, ajoelhada, na forja... você disse algo muito parecido...

Vovó parou tão de repente que Aveia quase caiu. — Eu disse o que?

— Você estava resmungando e...

— Eu estava falando no meu... sono?

— Sim e você disse algo sobre a escuridão estar onde a luz precisa estar, o que eu me lembro bem porque no Livro do Om...

— Você ouviu?

— Não, eu não estava ouvindo, mas não pude deixar de ouvir, não é? E você soou como se estivesse discutindo com alguém...

— Você consegue se lembrar de tudo o que eu disse?

— Eu penso que sim.

Vovó cambaleou um pouco e parou em uma poça de água negra que começou a subir por cima de suas botas. — Você pode esquecer? — Ela perguntou.

— Perdão?

— Você não seria tão indelicado a ponto de passar para mais ninguém as divagações de uma pobre velha que provavelmente estava louca, não é? — Disse Vovó, lentamente.

Aveia pensou por um momento. — Que divagações foram essas, madame Cera-do-Tempo?

Vovó pareceu ceder com alívio.

— Ah. Ainda bem que você perguntou, realmente, já que não havia nenhuma.

Bolhas negras surgiram do pântano ao redor de Vovó-Cera-do-Tempo enquanto os dois se observavam. Algum tipo de trégua havia sido declarada.

— Eu me pergunto, jovem, se você teria a bondade de me puxar para fora?

Isso levou algum tempo e envolveu um galho de uma árvore próxima e, apesar dos melhores esforços de Aveia, o primeiro pé da Vovó saiu da bota. E uma vez que uma bota se despediu em uma turfeira, a outra é obrigada a segui-la por solidariedade fraterna.

Vovó acabou no que era comparativamente seco e comparativamente terra usando o par das meias mais pesadas que Aveia já tinha visto. Pareciam capazes de resistir a um golpe de martelo.

— Eram boas botas —, disse a Vovó, olhando para as bolhas. — Oh, bem, vamos continuar.

Ela cambaleou um pouco ao partir novamente, mas, para a admiração de Aveia, conseguiu se manter de pé. Ele estava começando a formar mais uma nova opinião sobre a velha, que fazia surgir uma nova opinião a cada meia hora e era esta: ela precisava de alguém para bater. Se ela não tivesse alguém para bater, provavelmente bateria em si mesma.

— Que lástima o seu livrinho de palavras sagradas… — ela disse, quando já estava mais adiante na trilha.

Houve uma longa pausa antes de Aveia responder.

— Eu posso facilmente conseguir outro —, disse ele calmamente.

— Deve ser difícil não ter seu livro de palavras.

— É só papel.

— Vou pedir ao Rei que providencie outro livro de palavras para você.

— Eu não iria incomodá-lo.

— Mas é terrível ter que queimar todas aquelas palavras.

— As que valem a pena não queimam.

— Você não é muito burro, apesar de usar um chapéu engraçado —, disse Vovó.

— Eu sei quando estou sendo pressionado, Senhora Cera-do-Tempo.

— Bem-dito.

Eles caminharam em silêncio. Uma chuva de granizo ricocheteou no chapéu pontudo de Vovó e na aba larga de Aveia.

Então a Vovó disse: — Mas não adianta você tentar me fazer acreditar em Om.

— Om me livre de tentar, Senhora Cera-do-Tempo. Eu nem mesmo lhe dei um panfleto, dei?

— Não, mas você está tentando me fazer pensar "Que jovem legal, seu deus deve ser algo especial se jovens legais como ele ajudam senhoras como eu", não é?

— Não.

— Mesmo? Bem, não está funcionando. Há pessoas em quem você pode acreditar, às vezes, mas não deuses. E eu vou te dizer uma coisa, senhor Aveia...

Ele suspirou. — Mesmo?

Ela se virou para encará-lo, repentinamente viva. — Seria melhor para você se eu não acreditasse —, disse ela, cutucando-o com um dedo afiado. — Esse Om... alguém o viu?

— Diz-se que três mil pessoas testemunharam sua manifestação no Grande Templo quando ele fez o Pacto com o profeta Brutha e o salvou da morte por tortura na tartaruga de ferro...

— Mas aposto que agora eles estão discutindo sobre o que realmente viram, hein?

— Bem, de fato, sim, há muitas opiniões...

— Certo. Certo. Isso é gente para você. Agora, se eu o tivesse visto,

realmente ali, realmente vivo, seria como uma febre em mim. Se eu pensasse que existe um deus que realmente se importa com as pessoas, que cuida delas como um pai e cuida delas como uma mãe... bem, você não me pegaria dizendo coisas como "tudo pode ser visto", "sempre dos dois lados" ou "temos que respeitar as demais crenças". Você não me acharia geralmente sendo legal na esperança de que tudo desse certo, não se aquela chama estivesse queimando dentro de mim como uma espada implacável. E eu disse queimando, senhor Aveia, porque é isso que seria. Você diz que seu povo não queima mais pessoas e sacrifica pessoas, mas isso é o que a verdadeira fé significaria, entende? Sacrificar sua própria vida, um dia de cada vez, à chama, declarando a verdade dela, trabalhando por ela, respirando a alma dela. Isto é religião. Qualquer outra coisa é só... é só ser legal. E uma forma de manter contato com os vizinhos.

Ela relaxou um pouco e continuou com uma voz mais baixa: — De qualquer forma, é o que eu seria, se realmente acreditasse. E eu não acho que isso esteja na moda agora, porque parece que se você vê o mal agora, você tem que torcer as mãos e dizer "meu Deus, devemos debater isso". Você fica feliz em deixar as coisas acontecerem. Não persiga a fé, porque você nunca a alcançará. — Ela acrescentou, quase como um aparte: — Mas, talvez, você possa viver fielmente.

Seus dentes batiam quando uma rajada de vento gelado agitou seu vestido molhado em torno de suas pernas.

— Você tem outro livro de palavras sagradas com você? — Ela adicionou.

— Não —, disse Aveia, — ainda chocado. Ele pensou: meu Deus, se ela algum dia encontrar uma religião, o que sairia dessas montanhas e varreria as planícies? Meu deus... acabei de dizer "meu deus"...

— Um livro de hinos, talvez? — Disse Vovó.

— Não.

— Um pequeno volume de orações, adequado para todas as ocasiões?

— Não, Vovó-Cera-do-Tempo.

— Droga! — Vovó desabou lentamente para trás, dobrando-se como um vestido vazio.

Ele correu para frente e a pegou antes que ela caísse na lama. Uma mão branca e fina agarrou seu pulso com tanta força que ele gritou. Então ela relaxou e cedeu em seu aperto.

Algo fez Aveia olhar para cima.

Uma figura encapuzada estava sentada em um cavalo branco um pouco distante, delineada no mais fraco fogo azul.

— Vá embora! — Ele gritou. — Você vai agora ou... ou...

Ele se abaixou sobre alguns tufos de grama, pegou um punhado de lama e jogou na escuridão. Ele correu atrás dela, socando loucamente uma forma que de repente não era mais do que sombras e névoa ondulante.

Ele voltou correndo, pegou Vovó-Cera-do-Tempo, pendurou-a sobre o ombro e correu ladeira abaixo.

A névoa atrás dele tomou a forma de um cavalo branco. Morte balançou a cabeça.

MAS EU NEM DISSE NADA, disse.

Ondas de calor negro atingiram Agnes e então houve um poço e uma queda na escuridão quente e sufocante.

Ela sentiu o desejo. Estava puxando-a para frente como uma corrente. Bem, ela pensou sonhadoramente, pelo menos vou perder algum peso...

Sim, disse Perdita*, mas todo o delineador que você vai ter que usar deve acrescentar alguns quilos…*

A fome a preenchia agora, acelerando-a.

E havia luz, atrás dela, brilhando além dela. Ela sentiu a queda gradualmente diminuir, como se tivesse atingido penas invisíveis e então o mundo girou e ela estava subindo novamente, movendo-se mais rápido do que uma águia se curva, em direção a um círculo crescente de branco frio...

Não poderia serem palavras o que ela ouviu. Não havia som, mas um leve ruído de vento. Mas era a sombra das palavras, o efeito que elas deixam na mente depois de serem ditas e ela sentiu sua própria voz correndo para preencher a forma que apareceu ali. eu... não posso... continuar... com... assim...

A luz explodiu.

E alguém estava prestes a cravar uma estaca em seu coração.

— E'p'c'i? — Ela disse, afastando a mão. Ela gaguejou por um momento e depois cuspiu o limão da boca. — Ei, pare com isso! — Ela tentou novamente, desta vez com toda a autoridade que conseguiu reunir.

— O que diabos está fazendo? Eu pareço uma vampira?

O homem com a estaca e o martelo hesitou e então bateu com um dedo na lateral do pescoço.

Agnes estendeu a mão e encontrou dois vergões salientes. — Ele deve ter errado! — Ela disse, afastando a estaca e sentando-se. — Quem tirou minha meia? Quem tirou minha meia esquerda? Isso é vinagre fervendo o que estou cheirando? O que todas essas sementes de papoula estão fazendo derramadas no meu sutiã? Se não foi uma mulher que tirou minha meia, vão ter sérios problemas, posso garantir!

A multidão ao redor da mesa se entreolhava, repentinamente incerta diante de sua raiva. Agnes olhou para cima quando algo roçou sua orelha. Pendurado sobre ela havia estrelas e cruzes e círculos e outros desenhos mais complexos que ela reconheceu como símbolos religiosos. Ela nunca se sentira inclinada a acreditar em religião, mas sabia como era.

— E esta é apenas uma exibição de muito mau gosto —, disse ela.

— Ela não age como uma vampira —, disse um homem. — E também não parece com uma. E ela lutou contra os outros.

— Nós vimos aquele lá mordê-la! — Disse uma mulher.

— Má pontaria com pouca luz —, disse Agnes, sabendo que não era. Havia uma sede brotando. Não era como o desejo negro que ela sentiu no escuro, mas agudo e urgente do mesmo jeito. Ela teve que ceder.

— Eu mataria por uma xícara de chá —, acrescentou ela.

Aquilo pareceu concluir a questão. Chá não era o líquido geralmente associado a vampiros.

— E, pelo amor de Deus, deixe-me sacudir algumas dessas sementes de papoula —, ela continuou, ajeitando o peito. — Estou me sentindo um pão integral.

Eles se afastaram quando ela balançou as pernas para fora da mesa, o que agora significava que ela podia ver o vampiro caído no chão. Ela quase chegou ao ponto de pensar naquilo como "o outro vampiro".

Era um homem vestindo uma longa sobrecasaca e um colete elegante, ambos cobertos de lama e sangue; havia uma estaca em seu coração. Uma identificação posterior, porém, teria que esperar para descobrir onde eles deixaram sua cabeça.

— Vejo que pegaram um, então —, disse ela, tentando não vomitar.

— Pegamos dois, — disse o homem com o martelo. — Ateamos fogo no outro. Eles mataram o prefeito e o Senhor Vlack.

— Você quer dizer que o resto fugiu? — Disse Agnes.

— Sim. Eles ainda são fortes, mas não podem mais voar tanto como antes.

Agnes indicou o vampiro sem cabeça. — Hum... esse é o Vlad? — Ela disse.

— Qual deles era ele?

— Aquele que... me mordeu. Tentou me morder —, ela se corrigiu.

— Vamos ver. Piotr, mostre a ela a cabeça.

Um jovem foi obedientemente até a lareira, calçou uma luva, levantou a tampa de uma grande panela e segurou uma cabeça pelos cabelos.

— Esse não é o Vlad, — disse Agnes, engolindo em seco. *Não*, disse Perdita, *Vlad era mais alto.*

— Eles voltarão para o castelo deles —, disse Piotr.

— A pé! Você deveria vê-los tentando voar! Era como ver galinhas em pânico.

— O castelo… — Disse Agnes.

— Eles terão que chegar antes do canto do galo —, disse Piotr, com alguma satisfação. — E eles não podem cortar pela floresta, por causa dos lobisomens.

— Como é? Achei que lobisomens e vampiros se davam bem —, disse Agnes.

— Ah, talvez pareça assim —, disse Piotr. — Mas eles estão se observando o tempo todo para ver quem será o primeiro a piscar. Ele olhou ao redor da sala. — Nós não nos importamos com os lobisomens —, ele continuou, com o que todos concordaram. — Eles nos deixam sozinhos a maior parte do tempo porque não corremos rápido o suficiente para sermos interessantes.

Ele olhou Agnes de cima a baixo.

— O que foi que você fez com os vampiros? — Ele perguntou.

— Eu? Eu não fiz... não sei —, disse Agnes.

— Eles não conseguiam nem nos morder direito.

— E eles estavam brigando como crianças quando saíram, disse o homem com o martelo.

— Você tem um chapéu pontudo —, disse Piotr. — Você colocou um

feitiço neles?

— Eu... eu não sei. Eu realmente não sei. — E então a honestidade natural encontrou a bruxaria. Um aspecto da bruxaria é a astúcia e raramente é imprudente levar o crédito por eventos inexplicáveis, mas fortuitos. — Eu posso ter feito isso —, acrescentou ela.

— Bem, vamos atrás deles —, disse Piotr.

— Eles não foram embora?

— Podemos abrir caminho pela floresta.

Sangue tingiu a chuva que escorria do ferimento no ombro de Jason Ogg. Ele o enxugou com um pano.

— Acho que vou ficar martelando com a mão esquerda por uma ou duas semanas —, disse ele, estremecendo.

— Eles conseguiram campos de tiro muito bons —, disse Shawn, que se refugiou atrás do barril de cerveja usado recentemente para molhar a cabeça do bebê. — Bem, é um castelo. Um ataque frontal simplesmente não funcionará.

Ele suspirou e protegeu a vela que se esvaía para evitar que o vento a apagasse. Eles tentaram um ataque frontal, no entanto; e a única razão pela qual ninguém foi morto foi que a bebida parecia estar fluindo livremente dentro do forte. Do jeito que foi, uma ou duas pessoas iriam ficar mancando por um tempo. Em seguida, eles tentaram o que Jason insistia em chamar de ataque de retaguarda, mas havia aberturas para flechas até mesmo nas cozinhas. Um homem rastejando até as paredes muito lentamente — um ataque lateral, como Shawn pensara naquilo — funcionou, mas como todas as portas estavam solidamente trancadas, isso significou apenas que ele ficou

ali parado se sentindo um tolo.

Ele estava tentando encontrar alguma ajuda nos antigos diários militares do General Tacticus, cuja campanha inteligente tinha sido tão bem-sucedida que ele emprestou seu próprio nome à descrição detalhada do esforço marcial, ou seja, a tática. E, de fato, Shawn chegara a uma seção intitulada "O que fazer se Um exército ocupa um terreno bem fortificado e superior e o outro não", mas como a primeira frase dizia "Se esforce para entender quem está dentro", ele preferiu desanimar.

O resto da milícia Lancre se encolheu atrás de contrafortes e carroças viradas, esperando que ele os liderasse.

Houve um barulho respeitoso quando Big Jim Beef, que estava atuando como biombo para dois outros soldados de meio-expediente, saudou seu comandante.

— Eu acho —, ele arriscou, — que se tivéssemos um grande incêndio passando pelas portas, poderíamos expulsá-los com fumaça.

— Boa ideia —, disse Jason.

— Essa é a porta do rei —, Shawn protestou. — Ele já foi um pouco duro comigo por não limpar a fossa esta semana...

— Ele pode mandar a conta pra mamãe.

— Esta conversa me parece sedição, Jason! Eu poderia fazer você aaa... eu poderia aaa... Mamãe teria algo a dizer sobre você falando assim!

— Onde está o rei, afinal? — Disse Darren Ogg. — Sentado e esperando mamãe resolver tudo enquanto levamos tiros?

— Você sabe que ele tem um peito fraco —, disse Shawn. — Ele até que se sai muito bem, se você pensar que ele...

Ele parou quando um som retumbava pelo campo. Tinha uma qualidade rouca e primitiva, o som de um animal que está com dor, mas que também pretende transmiti-la o mais rápido possível. Os homens olharam

em volta nervosamente.

Verence entrou trovejando pelos portões. Shawn o reconheceu apenas pelo bordado em sua camisola e seus chinelos macios. Ele segurava uma longa espada sobre a cabeça com as duas mãos e corria direto para a porta do castelo, deixando um grito atrás de si.

A espada atingiu a madeira. Shawn ouviu a porta inteira estremecer.

— Ele enlouqueceu! — Gritou Darren. — Vamos pegar a pobre criatura antes que ele leve um tiro!

Alguns deles correram até o rei que lutava, e que estava parado na horizontal na porta em um esforço para pegar a espada.

— Agora, veja aqui, seu majestad... Eitcha!

— Us carái, dê uma olhada na cara!

Darren cambaleou para trás, as mãos adiante do rosto.

Pequenas formas se espalharam pelo pátio atrás do Rei, como uma espécie de praga.

— Vam' pegá el's! Distroçá el' s!

— Nac Mac Feegle!

Houve outro grito quando Jason, tentando conter o entusiasmo de seu monarca, descobriu que, embora o toque de um monarca possa realmente curar certas condições do couro cabeludo, o próprio couro cabeludo de um rei é capaz de espalhar o nariz de alguém em uma forma achatada interessante.

Flechas se chocaram no chão ao redor deles.

Shawn agarrou Big Jim. — Todos vão levar um tiro, estejam eles bebendo ou não! — Ele gritou acima do barulho. — Você vem comigo!

— O que vamos fazer?

— Limpar as privadas!

O troll correu atrás dele enquanto ele contornava da torre de menagem

até onde a Torre do Gong se destacava contra a noite em todo o seu esplendor olfativo. Tratava-se da sinistra e pessoal sina da vida de Shawn. Todas as latrinas da torre de menagem descarregavam ali. Um de seus trabalhos era limpá-lo e levar o conteúdo para as fossas nos jardins, onde os esforços de Verence na compostagem foram gradualmente transformando-os em, bem, Lancre.[16] Mas agora que o castelo estava muito mais movimentado do que costumava ser, seu esforços semanais com pá e carrinho de mão não eram agora pacíficos e solitários. Turbas, em sua experiência limitada, eram barulhentas.

Interlúdios do passado. É claro que ele havia deixado o trabalho meio que... acumular nessas últimas semanas, mas eles esperavam que ele fizesse tudo?

Ele acenou para Big Jim em direção à porta na parte inferior da torre. Felizmente, os trolls não tinham muito interesse em odores orgânicos, embora possam distinguir facilmente os tipos de calcário pelo cheiro.

— Eu quero que você abra quando eu disser —, disse ele, rasgando uma tira de sua camisa e envolvendo-a em torno de uma flecha. Ele procurou nos bolsos por um fósforo. — E quando você abrir a porta —, continuou ele, enquanto o tecido era amarrado, — quero que você fuja muito, muito rápido, certo? Ok... abra a porta!

Big Jim puxou a maçaneta. Houve um ruído muito fraco quando a porta abriu.

— Corre! — Shawn gritou. Ele puxou a corda do arco e atirou através da porta.

A flecha flamejante desapareceu na fétida escuridão. Houve uma pausa de poucas batidas de coração. Então a torre explodiu.

---

[16] O papel do intestino grosso nos esforços para construir uma nação melhor é frequentemente negligenciado pelos historiadores.

Aconteceu bem devagar. A luz azul-esverdeada crescia rapidamente de um andar para o outro de uma maneira quase vagarosa, soprando pedras em todos os níveis para dar à torre um belo efeito cintilante. As treliças de chumbo do telhado se abriram como uma margarida. Uma chama fraca espetou as nuvens. Então o tempo, o som e o movimento voltaram com um baque.

Depois de alguns segundos, as portas principais se abriram e os soldados saíram correndo. O primeiro foi atingido entre os olhos por um rei balístico.

Shawn tinha começado a correr de volta para a luta quando alguém aterrissou em seus ombros, derrubando-o no chão.

— Bem, bem, um dos soldadinhos de chumbo —, zombou o cabo Svitz, levantando-se de um salto e desembainhando a espada.

Ao erguê-la, Shawn rolou e golpeou para cima com o canivete Lancrastiano de campo dos tempos de paz. Ele podia ter tido tempo para selecionar o dispositivo para dissecar paradoxos ou o aparelho para detectar pequenos grãos de esperança ou a coisa espiral para determinar a realidade do ser mas, por acaso, foi o instrumento para acabar com discussões muito rapidamente que ganhou o dia.

Logo em seguida, sobreveio uma curta e intensa chuveirada ou, para ser mais preciso, mais como uma chuva de algo mole e macio. É…tratava-se de fato de uma chuveirada.

E definitivamente macia, de qualquer maneira.

Agnes nunca tinha visto uma multidão assim antes. Turbas, em sua experiência limitada, eram barulhentas. Esta era silenciosa. A maior parte da cidade estava nela e, para surpresa de Agnes, eles trouxeram muitas das

crianças.

Isto não surpreendeu Perdita. *Eles vão matar os vampiros,* ela disse, *e as crianças vão assistir.*

Ótimo, pensou Agnes, como deve ser. Perdita ficou horrorizada. *Isso lhes dará pesadelos!*

Não, pensou Agnes. Isso vai acabar com os pesadelos. Às vezes, todos precisam saber que o monstro está morto e se lembrar, para que possam contar aos netos.

— Eles tentaram transformar as pessoas em coisas —, disse ela em voz alta.

— Desculpe, senhorita? — Disse Piotr.

— Ah... só pensando em voz alta.

E de onde ela tirou aquela outra ideia, Perdita se perguntou; *aquela em que ela disse aos aldeões para enviar mensageiros a outras cidades para relatar o trabalho da noite. Isso foi inusualmente desagradável da parte dela.*

Então ela se lembrou da expressão de horror no rosto do prefeito e, mais tarde, de sua expressão absorta quando ele tentava estrangular o conde com o colar distintivo de seu cargo. O vampiro o matou com um golpe que quase o partiu ao meio.

Ela tocou as feridas em seu pescoço. Ela tinha certeza de que os vampiros nunca falhavam em seus ataques, mas Vlad devia ter falhado porque ela, claramente, não era uma vampira. Ela nem mesmo se sentia atraída à perspectiva de um bife malpassado. Ela tentou mesmo testar para ver se podia voar, quando pensou que as pessoas não estavam olhando, mas ela era tão atraída pela gravidade como sempre. A sucção de sangue... não, nunca isso, mesmo que fosse o programa de dieta definitivo, mas ela teria gostado de voar.

Tudo isto mudou você, disse Perdita. — Como?

— Perdão, senhorita?

Você está mais perspicaz... mais ousada... mais desagradável. — Talvez seja hora de que eu seja tudo isto, então.

— Desculpe, senhorita?

— Oh, nada. Você tem uma foice sobrando?

Os vampiros viajavam rápido, mas erraticamente, parecendo não tanto voar mas antes candidatos promissores a campeonatos mundiais de salto em distância.

— Vamos queimar aquele lugar ingrato até o chão —, gemeu a condessa, aterrissando pesadamente.

— Depois disto, vamos queimar aquele lugar até o chão —, disse Lacrimosa. — É a isso que a gentileza leva, pai, espero que tenha prestado atenção!

— Depois de tudo que você fez, pagando pelo campanário, inclusive —, disse a Condessa.

O conde esfregou a garganta, onde os elos da corrente de ouro ainda apareciam como uma marca vermelha. Ele não teria acreditado antes que um humano pudesse ser tão forte.

— Sim, isso pode ser um bom curso de ação —, disse ele. — Teríamos que garantir que as notícias se espalhem, é claro.

— Você acha que essa notícia de hoje não vai se espalhar? — Disse Lacrimosa, pousando ao lado dele.

— Logo vai amanhecer, Lacci, — Disse o conde, com muita paciência. — Por causa do meu treinamento, você vai acabar por considerá-lo apenas um incômodo, não uma razão para desmoronar em uma pequena pilha de

poeira. Reflita sobre isto.

— Aquela mulher Cera-do-Tempo fez isso, não foi —, disse Lacrimosa, ignorando o apelo do conde para ver o lado bom das coisas. — Ela colocou seu eu em algum lugar e está nos atacando. Ela não pode estar no bebê. Será que ela não estava em sua garota gorda, Vlad? Muito espaço lá dentro. Você está ouvindo, irmão?

— O que? — Disse Vlad, distante, quando eles viraram uma esquina na estrada e viram o castelo à frente deles.

— Eu vi você ceder e mordê-la. Tão romântico. Ainda assim eles a levaram. Eles terão que usar uma estaca bastante longa para atingir qualquer órgão útil.

— Ela teria colocado seu eu em algum lugar próximo —, disse o conde. — Parece lógico. Alguém que estivesse no salão...

— Uma das outras bruxas, com certeza —, disse a Condessa. — Eu me pergunto…

— Aquele padre estúpido —, disse Lacrimosa.

— Isso provavelmente teria forte apelo para ela —, disse o conde. — Mas suspeito que não.

— Não... Igor talvez? — Disse sua filha.

— Eu não cogitaria disso nem por um momento —, disse o conde.

— Ainda acho que foi a Gorda Agnes.

— Ela não é tão gorda —, disse Vlad mal-humorado.

— Você teria se cansado dela no final e teríamos acabado com ela sempre atrapalhando, como os outros —, disse Lacrimosa.

— Tradicionalmente, uma lembrança deve ser uma mecha de cabelo, não o crânio inteiro...

— Ela é diferente.

— Só porque você não consegue ler a mente dela? Que interesse isto pode

ter?

— Pelo menos eu mordi alguém —, disse Vlad. — O que há de errado com você?

— Sim, você estava agindo de maneira muito estranha, Lacci —, disse o conde, quando chegaram à ponte levadiça.

— Se ela estivesse escondida em mim, eu saberia! — Rosnou Lacrimosa.

— Me pergunto se você conseguiria —, disse o conde. — Ela só precisaria encontrar um ponto fraco…

— Ela é apenas uma bruxa, pai. Honestamente, estamos agindo como se ela tivesse algum tipo de poder terrível...

— Talvez fosse a sua Agnes. Vlad, afinal —, disse o Conde. Ele deu a seu filho um olhar um pouco mais longo do que o estritamente necessário.

— Estamos quase no castelo —, disse a condessa, tentando animá-los. Todos nos sentiremos melhor se formos para a cama cedo hoje.

— Nossos melhores caixões foram levados para Lancre —, disse Lacrimosa emburrada. — Alguém aqui estava tão seguro de si.

— Não use esse tom comigo, mocinha! — Disse o conde.

— Tenho duzentos anos —, disse Lacrimosa. — Perdoe-me, mas acho que posso escolher qualquer tom que eu goste.

— Isso não é jeito de falar com seu pai!

— Realmente —, mãe, você pode pelo menos agir como se tivesse duas células cerebrais próprias!

— Não é culpa do seu pai que tudo deu errado!

— Nem tudo deu errado, minha querida! Este é apenas um revés temporário!

— Não será quando a comida de Refúgio contar a seus amigos! Vamos, Vlad, pare de se lamentar e me apoie aqui…

— E ainda que espalhem a notícia, que mais podem eles fazer? Oh, haverá

um pouco de protesto, mas depois os sobreviventes verão a razão —, disse o conde. — Enquanto isso, temos aquelas bruxas esperando por nós. Com o bebê.

— E nós temos que ser polidos com elas, eu suponho?

— Ah, acho que não precisamos ir tão longe —, disse o conde. — Deixá-las viver, talvez...

Algo quicou na ponte ao lado deles. Ele se abaixou para pegá-lo e o deixou cair com um ganido.

— Mas... o alho não devia queimar... ele começou.

— Ishto é água do Lago Sagrado da Tartaruga de Squintsh —, disse uma voz acima deles. — Abençoada pelo bischpo em pessoa no ano da truta. Houve um barulho gorgolejante e o som de alguém engolindo. — Foi um bom ano para a beatischitude —, Igor continuou. — Mas voschê não preschisa acreditar na minha palavra. Corram, seus trouxasch!

Os vampiros mergulharam para se proteger enquanto a garrafa, girando e girando, descia das ameias.

Ele quebrou na ponte e a maior parte do conteúdo atingiu um vampiro, que explodiu em chamas como se tivesse sido atingido por óleo fervente.

— Agora realmente, Criptóvão, não há motivo para esse tipo de coisa —, disse o Conde, enquanto a figura em chamas gritava e girava em um círculo. — Está tudo em sua mente, você sabe. Pensamento positivo, essa é a chave…

— Ele está ficando preto —, disse a condessa. — Você não vai fazer alguma coisa?

— Oh, está bem. Vlad, apenas chute-o da ponte levadiça, certo? — O infeliz Criptóvão foi empurrado, contorcendo-se, para o abismo.

— Sabe, isso não deveria ter acontecido —, disse o conde, olhando para seus dedos cheios de bolhas.

— Ele obviamente não era... verdadeiramente um de nós. Muito abaixo, houve um splash.

O resto dos vampiros correu para a cobertura do arco do portão quando outra garrafa explodiu perto do Conde. Uma gota espirrou em sua perna e ele olhou para o pequeno fio de fumaça.

— Algum erro parece ter se insinuado —, disse ele.

— Nunca fui de me fazer de importante —, disse a Condessa, — mas sugiro fortemente que você encontre um novo plano, querido. Um que funcione, quem sabe?

— Eu já tenho um formado —, disse ele, batendo os nós dos dedos contra os enormes portões de carvalho. — Se todos talvez não se importarem de se afastar…

No alto da ameia, Igor cutucou a Tia Ogg, que abaixou uma garrafa de água da Fonte Sagrada de Sek de Sete Mãos e seguiu a direção para onde seu polegar apontava.[17]

De repente, as nuvens começaram a espiralar, com uma luz azul piscando dentro delas.

— Vai haver uma tempeschtade! — Ele disse. — O topo da minha cabeça eschtá formigando! Corre!

Eles alcançaram a torre no momento em que um único raio explodiu as portas e estilhaçou as pedras onde eles estavam.

— Bem, isso foi fácil —, disse Tia Ogg, deitada no chão.

— Elesch podem controlar o clima —, disse Igor.

— Merda! — Disse a Tia. — Tá certo. Todo mundo sabe disso ou, pelo menos, quem sabe alguma coisa sobre vampiros.

— Dichculpe. Mas eles não poderão tentar isscho na porta de dentro.

---

[17] Igor tinha dois polegares na mão direita. Se algo era útil, ele sempre dizia, você também pode adicionar outro.

Vamosch!

— Que cheiro é este? — Disse a Tia, fungando. — Igor, suas botas estão queimando!

— Droga! E essischs pés eram quase novosch há um mêsch atrás —, disse Igor, enquanto a água benta de Tia Ogg chiava sobre o couro fumegante. — É o meu fio-terra, capta corrente parasita.

— O que aconteceu, alguém foi atingido por um búfalo caindo? — Disse Tia Ogg, enquanto desciam as escadas, apressados.

— Foi uma árvore —, disse Igor em tom de censura.

— Mikhail Zwenitz do acampamento madeireiro, o pobre homem. Praticamente não sobrou nada, mas seusch pais disseram que eu poderia ter os doisch pés para me lembrar dele.

— Isso foi estranhamente gentil da parte deles.

— Bem, eu dei a ele um braço depoisch do acidente com o machado há alguns anos e quando o velho fígado do Senhor Zwenitz falhou, deixei ele ficar com o que o Senhor Kochak deixou para mim por dar à senhora Kochak um novo olho.

— A pessoas por aqui passam mais de mão em mão do que morrem, disse Tia Ogg.

— O que vai, volta —, disse Igor.

— E seu novo plano é...? — Perguntou Lacrimosa, pisando nos escombros.

— Vamos matar todo mundo. Não é um plano original, admito, mas já foi experimentado e testado —, disse o Conde. Isso teve aprovação geral, mas sua filha parecia insatisfeita.

— O que, todo mundo? Todos de uma vez?

— Oh, você pode guardar alguns para mais tarde, se precisar. — A condessa segurou seu braço.

— Oh, isso me lembra tanto da nossa lua de mel —, ela disse. — Você não se lembra daquelas noites maravilhosas em Grjsknvij?

— Oh sim, aqueles foram tempos felizes de fato —, disse o conde, solene.

— Tão românticos… e conhecemos também pessoas tão adoráveis. Lembra-se do senhor e senhora Harker?

— Com muito carinho. Lembro que duraram quase toda a semana. Agora me escutem todos. Símbolos sagrados não podem nos ferir. Água benta é apenas água... sim, eu sei, mas Criptóvão simplesmente não estava se concentrando. O alho é apenas mais uma espécie do gênero *allium*. As cebolas nos machucam? Temos medo de chalotas? Não. Só estamos um pouco cansados, só isso. Malícia, chame o resto do clã. Vamos tirar umas pequenas férias da razão. E depois, pela manhã, uma vez que só excepcionalmente concordo com esta atitude, haverá espaço para uma nova ordem mundial…

Ele esfregou a testa. O conde se orgulhava de sua mente e cuidava dela com cuidado. Mas agora parecia exposto, como se alguém estivesse olhando por cima do ombro. Ele não tinha certeza se estava pensando direito. Ela não podia ter entrado na cabeça dele, podia? Ele tinha centenas de anos de experiência. Não havia como uma bruxa de aldeia passar por suas defesas. Era lógico…

Sua garganta estava seca. Pelo menos ele poderia obedecer ao chamado de sua natureza. Mas desta vez foi estranhamente inquietante.

— Temos algum... chá? — Ele disse.

— O que é chá? — Disse a condessa.

— Ele… cresce em um arbusto, eu acho —, disse o Conde.

— Como você morde, então?

— Você... hum... coloca-se em água fervente, não é? — O conde balançou a cabeça, tentando se livrar daquele impulso demoníaco.

— Enquanto ainda está vivo? — Disse Lacrimosa, animando-se.

— …biscoitos doces… — murmurou o Conde.

— Acho que você deveria tentar se controlar, querido —, disse a condessa.

— Este... chá —, disse Lacrimosa. — É... marrom?

— …sim… — sussurrou o Conde.

— Porque quando estávamos em Refúgio, eu ia morder um deles e tive essa horrível imagem mental de um copo cheio dessa coisa miserável —, disse sua filha.

O conde se sacudiu novamente.

— Não sei o que está acontecendo comigo —, disse. — Então, vamos nos ater ao que sabemos, certo? Obedecer ao nosso sangue…

A segunda vítima na batalha pelo castelo foi Vargo, um jovem esguio que na verdade se tornou um vampiro porque pensou que encontraria garotas interessantes, ou qualquer garota, e disseram que ele ficava bem de preto. E então ele descobriu que os interesses de um vampiro sempre se concentram, mais cedo ou mais tarde, na próxima refeição e até então ele nunca havia pensado no pescoço como o órgão mais interessante que uma garota poderia ter.

No momento, tudo o que ele queria fazer era dormir, então, quando os vampiros invadiram o castelo, ele caminhou placidamente na direção de seu porão e do caixão confortável. Claro que ele estava com fome, já que tudo o que conseguiu em Refúgio foi um pé na bunda, mas ele teve senso de

autopreservação suficiente para deixar os outros continuarem com a caça para que ele pudesse aparecer mais tarde para o banquete.

Seu caixão estava no centro do porão escuro, sua tampa caída descuidadamente no chão ao lado dele. Ele sempre fora bagunçado com as roupas de cama, mesmo como humano.

Vargo subiu, torceu-se e revirou algumas vezes para ficar confortável no travesseiro, depois puxou a tampa para baixo e trancou-a.

Quando o olho do narrador onisciente saiu do zoom e se afastou do caixão em seu suporte, duas coisas aconteceram. Uma aconteceu relativamente devagar e essa foi a percepção de Vargo de que ele não se recordava de o caixão ter um travesseiro antes.

A outra era Greebo, decidindo que estava furioso como o inferno e não iria mais aguentar aquilo. Ele havia sido sacudido na coisa com rodas e depois posto para sentar por Tia Ogg e estava zangado com isso porque sabia, de uma maneira vagamente animal, que arranhar a Tia poderia ser a coisa mais estúpida que ele poderia fazer no mundo inteiro, já que ninguém mais estava preparado para alimentá-lo. Isso não ajudou com seu temperamento.

Então ele encontrou um cachorro, que tentou lambê-lo. Ele o arranhou e mordeu algumas vezes, mas isso não teve nenhum efeito além de incentivá-lo a tentar ser mais amigável ainda.

Ele finalmente encontrou um lugar confortável para descansar e se enrolou em uma bola e agora alguém o estava usando como almofada...

Não houve muito barulho. O caixão balançou algumas vezes e depois girou.

Greebo embainhou suas garras e voltou a dormir.

— ...queimar, com uma luz clara e brilhante... Splach, chup, ploch.

— ...e eu na minha... Om seja louvado. ploch, splach.

Aveia já havia passado a maioria dos hinos que conhecia, até mesmo os antigos que a rigor não se deveria mais cantar, mas que eram fáceis de relembrar porque a letra era muito boa. Ele os cantava alto e desafiadoramente, para conter a noite e as dúvidas. Eles ajudaram a tirar sua mente do peso de Vovó-Cera-do-Tempo. Era incrível o quanto deste peso ela aparentemente ganhara na última milha, especialmente quando ele caiu e ela caiu em cima dele.

Ele perdeu uma de suas próprias botas em um atoleiro. Seu chapéu estava flutuando em uma poça em algum lugar. Espinhos haviam rasgado seu casaco em farrapos...

Ele escorregou e caiu mais uma vez enquanto a lama se movia sob seus pés. Vovó rolou e caiu em um monte de junco. Se o Irmão Melchio pudesse vê-lo agora...

O falcão-maravilha passou voando e pousou no galho de uma árvore morta, a alguns metros de distância. Aveia odiava a coisa. Tinha uma aparência demoníaca. Ele voava, embora certamente não pudesse ver através do capuz. Pior, sempre que pensava nisso, como agora, a cabeça encapuzada virava-se para fixá-lo com um olhar invisível. Tirou o outro sapato inútil, de couro brilhante todo manchado e rachado e jogou-o desajeitadamente.

— Vá embora, sua criatura perversa!

O pássaro não se mexeu. O sapato passou voando por ela.

Então, enquanto tentava se levantar, sentiu cheiro de couro queimado.

Dois fios de fumaça subiam de cada lado do capuz.

Aveia levou a mão ao pescoço buscando a proteção da tartaruga, mas ela não estava lá. Custara-lhe cinco óbolos na Cidadela e agora era tarde demais para pensar que talvez não devesse tê-la pendurado em uma corrente

que valia um décimo de óbolo. Provavelmente estava mergulhado em alguma poça ou enterrado em algum pântano lamacento e úmido...

Agora o couro queimava e o brilho amarelo dos buracos era tão forte que ele mal conseguia ver o contorno do pássaro. Transformou a paisagem úmida em linhas e sombras, colocou uma borda dourada em cada tufo de grama e árvore derrubada... e piscou tão rapidamente que deixou os olhos de Aveia cheios de explosões roxas.

Quando recuperou o fôlego e o equilíbrio, o pássaro estava descendo a charneca.

Ele pegou o corpo inconsciente de Vovó-Cera-do-Tempo e correu atrás dele.

A trilha descia a colina, pelo menos. Lama e samambaias escorregaram sob seus pés. Córregos escorriam de cada buraco e barranco. Na metade do tempo, parecia-lhe que não estava andando, apenas controlando um deslizamento, quicando nas pedras e patinando em poças de lama e folhas.

E então apareceu o castelo, visto através de uma abertura nas árvores, iluminado por um relâmpago. Aveia cambaleou por entre uma moita de arbustos espinhosos, conseguiu manter-se de pé em uma encosta de pedras soltas e caiu na estrada com Vovó-Cera-do-Tempo em cima dele.

Ela se mexeu.

— ... férias da razão... mate todos eles... não posso continuar com isso... — ela murmurou.

O vento soprou um punhado de gotas de chuva em seu rosto e ela abriu os olhos. Por um momento, pareceram a Aveia ter pupilas vermelhas, e então o olhar azul gelado se concentrou nele.

— Estamos aqui, então?

— Sim.

— O que aconteceu com o seu chapéu santo?

— Ele se perdeu —, disse Aveia abruptamente. Vovó olhou mais de perto.

— Seu amuleto mágico também se foi —, disse ela. — Aquela com a tartaruga e o homenzinho nela.

— Não é um amuleto mágico —, Senhora Cera-do-Tempo! Por favor! Um amuleto mágico é um símbolo de superstição primitiva animista, enquanto a Tartaruga de Om é... é... é... bem, não é, entendeu?

— Oh, certo. Obrigado por explicar —, disse Vovó. — Poderia me ajudar?

Aveia estava tendo alguma dificuldade com seu mau humor. Ele carregou a coisa velha... a velha senhora, por quilômetros, estava congelado até os ossos e agora que eles estavam aqui ela agia como se de alguma forma tivesse feito um favor a ele.

— Qual é a palavra mágica? — Ele rosnou.

— Oh, eu não acho que um homem santo como você deveria ter algo a ver com palavras mágicas —, disse Vovó. — Mas as palavras sagradas são: faça o que eu digo ou acabo com sua raça. Geralmente funciona.

Ele a ajudou a se levantar, fervendo com uma raiva mal digerida e a apoiou enquanto ela cambaleava.

Houve um grito vindo do castelo, subitamente interrompido.

— Não foi grito de mulher —, disse Vovó. — Acho que as meninas já começaram. Vamos lhes dar uma ajuda, certo?

Seu braço tremeu quando ela o levantou. O falcão-maravilha desceu e pousou em seu pulso.

— Agora me ajude a chegar aos portões.

— Por nada, fico feliz em ser útil, — murmurou Aveia. Ele olhou para o pássaro, cujo capuz girou para encará-lo.

— Essa é a... outra fênix, não é —, ele disse.

— Sim, disse a Vovó, olhando para o portal do castelo. — *Um* fênix.

Você não pode ter apenas um de qualquer coisa.

— Mas parece um pequeno falcão.

— Nasceu entre falcões, então parece um falcão. Se fosse chocado em um galinheiro, seria uma galinha. Faz sentido. E um falcão permanecerá, até que precise ser uma fênix. Eles são pássaros tímidos. Você poderia dizer que uma fênix é o que ela pode se tornar…

— Muita casca de ovo…

— Sim —, senhor Aveia. E em que ocasião a fênix às vezes põe dois ovos? Quando é preciso. Hodgesaargh estava certo. Uma fênix tem a natureza dos pássaros. Pássaro primeiro, depois mito.

As portas estavam soltas, os reforços de ferro retorcidos e as vigas fumegando, mas algum esforço fora feito para fechá-las. Sobre o que restava do arco, um morcego esculpido em pedra contava aos visitantes tudo o que eles precisavam saber sobre aquele lugar.

No pulso de Vovó, o capuz do falcão estalava e soltava fumaça. Enquanto ela observava, pequenas chamas irromperam do couro novamente.

— Sabem o que fizeram —, disse Vovó.

— Foram chocadas sabendo. Fênixes compartilham suas mentes. E elas não toleram o mal.

A cabeça virou-se para olhar para Aveia com seu olhar incandescente e, instintivamente, ele recuou e tentou cobrir os olhos.

— Use a aldrava —, disse a Vovó, indicando com a cabeça a grande argola de ferro pendurada frouxamente em uma porta estilhaçada.

— Como é? Quer que eu bata na porta? De um castelo de vampiros?

— Não quer que nos esgueiremos, quer? De qualquer forma, vocês Omnianos são bons em bater nas portas.

— Bem, sim —, disse Aveia, — mas normalmente apenas para uma

oração compartilhada e para interessar as pessoas em nossos panfletos... ele deixou a aldrava cair algumas vezes, o estrondo ecoando pelo vale — ... não para ter minha garganta arrancada!

— Pense nisso como uma rua particularmente difícil —, disse Vovó. — Tente de novo... talvez eles estejam se escondendo atrás do sofá, hein?

— Rá!

— Você é um bom homem, Sr. Aveia? — Disse a Vovó, em tom de conversa, enquanto os ecos morriam. — Mesmo sem seu livro sagrado, amuleto sagrado e chapéu sagrado?

— Hum...eu tento ser... — Ele arriscou.

— Bem... é aqui que você descobre —, disse Vovó. — Finalmente chegamos ao fogo, senhor Aveia. É aqui que nós dois descobriremos.

Tia Ogg subiu correndo algumas escadas, com alguns vampiros atrás dela. Eles não estavam no seu melhor porque não conseguiam lidar com o fato de não serem capazes de voar, mas havia algo mais errado com eles também.

— Chá! — Um deles gritou. — Preciso... de chá!

Tia Ogg abriu a porta das ameias. Eles a seguiram e tropeçaram na perna de Igor quando ele saiu das sombras.

Ele levantou duas pernas de mesa afiadas em ponta.

— Como é que querem suas eschtacas, meninosch? — Gritou excitado, enquanto os golpeava. — Eu teria alimentado voschês igual às minhas aranhasch!

Tia Ogg encostou-se na parede para recuperar o fôlego.

— Vovó está em algum lugar aqui —, ela ofegou. — Não me pergunte como. Mas aqueles dois estavam ansiosos por uma xícara de chá e acho que só Esmê pode bagunçar a cabeça de alguém desse jeito...

Os sons da aldrava ecoaram no pátio abaixo. Ao mesmo tempo, a porta do outro lado das ameias se abriu. Meia dúzia de vampiros avançou.

— Eles estão sendo muito burros, não é? — Disse Tia ogg. — Dê-me mais algumas estacas.

— Estamos sem eschtacas, Tschia.

— Ok, então, me passe uma garrafa de água benta... rápido...

— Não sobrou nenhuma, Tschia.

— Não temos nada?

— Temosch uma laranja, Tschia.

— Para que?

— Acabaram os limões.

— O que adianta uma laranja se eu acertar um vampiro na boca com ela? — Tia Ogg perguntou, observando as criaturas que se aproximavam.

Igor coçou a cabeça. — Bem, acho que elesch não vão pegar um reschfriado tão faschilmente...

A batida reverberou pelo castelo novamente. Vários vampiros estavam se aproximando sorrateiramente pelo pátio.

Tia Ogg vislumbrou um lampejo de luz ao redor da porta. Deixou o instinto lhe guiar. Quando os vampiros começaram a correr, ela agarrou Igor e o jogou no chão.

O arco explodiu, cada pedra e tábua se afastando em uma bolha em expansão de chamas abrasadoras. Levantou os vampiros do chão, gritando, enquanto o fogo os carregava.

Quando a claridade diminuiu, Tia Ogg olhou cautelosamente para o pátio.

Um pássaro, do tamanho de uma casa, com asas de fogo mais largas que o castelo, empinou-se na entrada quebrada.

Fortemente Aveia se ergueu sobre as mãos e os joelhos. Chamas quentes rugiam ao seu redor, trovejando como gás queimando ferozmente. Sua pele já deveria estar quase preta, mas, contra toda razão, o fogo não parecia mais mortal do que um vento quente do deserto. O ar cheirava a cânfora e especiarias.

Ele olhou para cima. As chamas envolviam Vovó-Cera-do-Tempo, mas pareciam estranhamente transparentes, não inteiramente reais. Aqui e ali pequenas faíscas douradas e verdes brilhavam em seu vestido e o tempo todo o fogo chicoteava e rasgava ao seu redor.

Ela olhou para ele. — Você está nas asas da fênix agora —, senhor Aveia, ela gritou, acima do barulho, — e você não será queimado!

O pássaro batendo as asas em seu pulso era incandescente.

— Como é possível...

— Você é o estudioso! Mas os pássaros machos sempre gostam de grandes exibições, não gostam?

— Machos? Este é uma fênix macho?

— Sim! — Ele saltou. O que voou... o que voou, até onde Aveia podia ver, era uma grande forma de pássaro de chama pálida, com a pequena forma do pássaro real dentro como a cabeça de um cometa. Ele acrescentou para si mesmo: se esse é realmente o pássaro real…

Ele mergulhou na torre. Um grito, cortado rapidamente, indicou que um vampiro não tinha sido rápido o suficiente.

— Ele não se queima? — Aveia disse, fracamente.

— Acho que não —, disse a Vovó, passando por cima dos destroços. — Não faria muito sentido.

— Então deve ser um fogo mágico…

— Dizem que se vai queimar ou não, depende de você —, disse a Vovó. — Eu costumava vê-los quando criança. Minha avó me falava deles. Algumas noites frias você os vê dançando no céu sobre o Eixo, queimando verde e dourado…

— Oh, você quer dizer a *aurora coriolis* —, disse Aveia, tentando fazer sua voz soar prática. — Mas, na verdade, isso é causado por partículas mágicas atingindo o...

— Não sei pelo que isso é causado —, disse a Vovó bruscamente, — mas o que é eu sei; é a dança da fênix. Ela estendeu a mão. — Devo segurar seu braço.

— No caso de eu cair? — Disse Aveia, ainda observando o pássaro em chamas.

— Isso mesmo.

Assim que sentiu o peso de seu braço a fênix acima deles jogou a cabeça para trás e gritou para o céu.

— E pensar que pensei que era uma criatura alegórica —, disse o padre.

— Mesmo? Mas até as alegorias têm que viver —, disse Vovó-Cera-do-Tempo.

Vampiros não são criaturas naturalmente cooperativas. Não está em sua natureza. Todos os outros vampiros são rivais para a próxima refeição. Na verdade, a situação ideal para um vampiro é um mundo em que todos os outros vampiros foram mortos e ninguém mais acredita seriamente em

vampiros. Eles são, por natureza, tão cooperativos quanto os tubarões.

Vampiros são exatamente iguais; a única diferença real é que eles não sabem soletrar corretamente.

O restante do clã correu pela fortaleza e se dirigiu para uma porta que por algum motivo havia sido deixada entreaberta.

O balde contendo um coquetel de água abençoado por um Cavaleiro de Offler, um Sumo Sacerdote de Io e um homem tão genericamente santo que não cortava o cabelo nem se lavava havia setenta anos, pousou nos dois primeiros a passar.

Eles não incluíam o conde e sua família, que se mudaram juntos para uma torre lateral. De nada adianta ter subordinados se você não permitir que eles sejam os primeiros a passar por portas suspeitas.

— Como você pode ter sido tão... — começou Lacrimosa e para seu choque levou um tapa no rosto de seu pai.

— Tudo o que precisamos fazer é manter a calma —, disse o conde. — Não há necessidade de pânico.

— Você me bateu!

— E foi muito gratificante também —, disse o conde. — O pensamento cuidadoso é o que nos salvará. É será por ele que vamos sobreviver.

— Não está funcionando! — Disse Lacrimosa. — Sou uma vampira! Eu deveria desejar sangue! E só consigo pensar em uma xícara de chá com três torrões de açúcar, seja lá o que isso for! Aquela velha está fazendo alguma coisa com a gente, não está vendo?

— Não é possível —, disse o conde. — Oh, ela é esperta para um ser humano, mas não acho que ela possa entrar na sua cabeça ou na minha...

— Você está até falando como ela! — Gritou Lacrimosa.

— Seja firme, minha querida —, disse o conde. — Lembre-se, aquilo que não nos mata só pode nos tornar mais fortes.

— E o que nos mata nos deixa mortos! — Rosnou Lacrimosa. — Você viu o que aconteceu com os outros! Você queimou os dedos!

— Um momentâneo lapso de concentração —, disse o conde. — Aquela velha bruxa não é uma ameaça. Ela é uma vampira. Subserviente a nós. Ela verá o mundo de forma diferente...

— Está louco? Algo matou Criptóvão.

— Ele se deixou assustar.

O resto da família olhou para o conde. Vlad e Lacrimosa trocaram um olhar.

— Estou extremamente confiante —, disse o conde. Seu sorriso parecia uma máscara mortuária, ceroso e perturbadoramente tranquilo. — Minha mente é como uma rocha. Meus nervos estão firmes. Um vampiro com suas faculdades sob controle, ou vampira, é claro, nunca pode ser derrotado. Não ensinei isso a vocês? Que é isto?

Sua mão voou do bolso, segurando um quadrado de papelão branco.

— Oh, pai, realmente não é hora para... — Lacrimosa congelou e então colocou o braço à frente do rosto. — Guarde isto! Guarde isto! É o Chlong Agateano do Destino!

— Exatamente, meramente três linhas retas e duas curvas agradavelmente arranjadas que...

— ...que eu nunca saberia se você não tivesse me contado, seu velho tolo! — Gritou a garota, recuando.

O conde voltou-se para o filho.

— E você... ele começou. — Vlad saltou para trás, colocando a mão sobre os olhos.

— Isso dói! — Ele gritou.

— Valham me os céus, vocês dois não têm praticado... começou o Conde e virou o cartão para poder olhar para ele.

Ele apertou os olhos e virou o rosto.

— O que você fez conosco?! — Lacrimosa gritou. — Você nos ensinou como ver centenas das malditas coisas sagradas! Elas estão por toda parte! Cada religião tem uma diferente! Você nos ensinou isso, seu bastardo estúpido! Linhas e cruzes e círculos... oh meu... — ela avistou a parede de pedra atrás de seu irmão atônito e estremeceu. — Para onde quer que eu olhe, vejo algo sagrado! Você nos ensinou a ver padrões! Ela rosnou para o pai, os dentes expostos.

— Logo vai amanhecer —, disse a condessa, nervosa. — Vai doer?

— Não vai! Claro que não! — Gritou o conde Magpyr, enquanto os outros olhavam para a luz pálida que entrava por uma janela alta. — É uma reação psicocromática aprendida! Uma superstição! Está tudo na sua cabeça!

— O que mais está em nossas mentes, pai? — Disse Vlad friamente.

O conde estava circulando, tentando ficar de olho em Lacrimosa. A garota estava flexionando os dedos e rosnando.

— Eu disse...

— Não há nada em nossas mentes que não tenhamos colocado lá! — O conde rugiu. — Eu vi a mente daquela velha bruxa! É fraca. Ela se confia a pequenos truques! Ela não poderia encontrar uma maneira de entrar! Eu me pergunto se não haverá pessoas aqui com seus próprios planos?

Ele mostrou os dentes para Lacrimosa.

A condessa abanou-se desesperadamente. — Bem, acho que estamos todos ficando um pouco superexcitados —, disse ela. — Acho que todos nós deveríamos nos acalmar e tomar uma boa xícara de... um bom... chá... uma xícara de...

— Nós somos vampiros! — Gritou Lacrimosa.

— Então vamos agir como um! — Gritou o conde.

Agnes abriu os olhos, golpeou acima de si o homem com o martelo e a estaca perdeu todo o interesse pelos vampiros e também pela consciência.

— Mffnn... — Agnes tirou da boca o que era, desta vez, um figo. — Vocês podem colocar em suas cabeças estúpidas que eu não sou uma vampira? E isso não é um limão. É um figo. E eu vigiaria aquele cara com a estaca. Ele está muito entusiasmado com isso, acho que há algo de psicológico nisso...

— Eu não teria deixado ele usá-la —, disse Piotr, perto de seu ouvido. — Mas você estava agindo de modo muito estranho e então simplesmente desmaiou. Então pensamos que seria melhor ver o que acordaria.

Ele se levantou. Os cidadãos de Refúgio observavam entre as árvores, seus rostos magros sob a luz bruxuleante das tochas.

— Está tudo bem, ela ainda não é uma —, disse ele. Houve algum relaxamento geral.

Você realmente mudou, disse Perdita.

— Você não foi afetada? — Disse Agnes. Ela sentiu como se estivesse na ponta de uma corda com alguém puxando a outra ponta.

Não. Eu sou a parte de você que vigia, lembra?

— O que? — Disse Piotr.

— Eu realmente espero que isso passe —, disse Agnes. — Eu continuo tropeçando nos meus próprios pés! Estou andando errado! Todo o meu corpo parece errado!

— Hum... podemos ir para o castelo? —Piotr perguntou.

— Ela já está lá —, disse Agnes. — Não sei como, mas...

Ela parou e olhou para os rostos preocupados e por um momento se

pegou pensando da mesma forma que Vovó-Cera-do-Tempo pensava.

— Sim —, ela disse, — mais lentamente. — Acho... quero dizer, acho que devemos ir para lá imediatamente. As pessoas têm que matar seus próprios vampiros.

Tia Ogg desceu correndo os degraus de novo.

— Eu te disse! — Ela disse. — Aquela é Esmê Cera-do-Tempo lá embaixo. Eu te disse! Eu sabia que ela estava apenas ganhando tempo! Rá, eu gostaria de ver o sugador de sangue que poderia enganar ela!

— Eu não gostaria —, disse Igor, fervorosamente.

Tia Ogg passou por cima de um vampiro que não havia notado, nas sombras, a uma astuta combinação de arame farpado, um peso bem pesado e uma estaca, e abrira uma porta para o pátio.

— Oiiiiiê, Esmê!

— Tudo bem? — Perguntou.

Vovó Cera-do-Tempo empurrou Aveia e deu um passo à frente.

— O bebê está bem? — Ela disse.

— Magrat e Es... a jovem Esmê estão trancadas na cripta. É uma porta muito forte —, disse a Tia.

— E Retalhosch as está guardando —, disse Igor. — Ele é um maravilhoso cão de guarda.

Vovó ergueu as sobrancelhas e olhou Igor de cima a baixo. — Não acho que conheça a este… cavalheiro —, ela disse.

— Oh, este é Igor —, disse Tia Ogg. — Um homem multifacetado.

— É o que parece —, disse Vovó.

A Tia olhou para Fortemente Aveia. — Para que você o trouxe? — Ela

disse.

— Não consegui me livrar dele —, disse Vovó.

— Eu sempre tento me esconder atrás do sofá —, disse Tia Ogg. Aveia desviou o olhar.

Houve um grito em algum lugar nas ameias. A fênix avistara outro vampiro.

— Tudo acabado, exceto varrer a poeira, então —, disse Tia Ogg. — Eles não pareciam muito espertos...

— O conde ainda está aqui —, disse Vovó, firmemente.

— Ah, eu voto em colocarmos fogo no lugar e irmos para casa —, disse a Tia. — Não é como se ele fosse voltar para Lancre com pressa...

— Tem uma multidão vindo —, disse Igor.

— Não consigo ouvir nada —, disse Tia Ogg. —

— Eu tenho muitosch bons ouvidos —, disse Igor.

— Ah, bem, é claro que alguns de nós não os podem escolher —, disse a Tia.

Houve um barulho de passos na ponte e as pessoas de repente se aglomeraram sobre os escombros.

— Não é Agnes? — Disse Tia Ogg. Normalmente, não haveria dúvidas sobre a figura avançando pelo pátio, mas havia algo sobre a caminhada, a maneira como cada pé batia no chão como se as botas não falassem com a terra. E os braços também balançavam de um jeito...

— Eu não aguento mais isso! — Agnes gritou, marchando até Vovó. — Não consigo pensar direito. É você, não é?

Vovó estendeu a mão e tocou as feridas em seu pescoço. — Ah, entendo, disse ela. — Um deles mordeu você, certo?

— Sim! E de alguma forma você falou comigo!

— Não eu. Isso era algo em seu sangue falando —, eu acho, disse Vovó.

— Quem são todas essas pessoas? Por que aquele homem está tentando colocar fogo na parede? Ele não sabe que pedra não queima?

— Oh, esse é Claude —, ele é um pouco obstinado. Apenas me informe se ele pegar uma estaca, sim? Olha, eles são de Refúgio, é uma cidade não muito longe... os Magpyrs os tratavam como... bem... animais de estimação. Animais de fazenda! Assim como eles estavam tentando fazer em casa!

— Não vamos embora até resolvermos o problema do conde —, disse Vovó. — Caso contrário, ele voltará sorrateiramente...

— Hum, desculpe-me —, disse Aveia, que parecia estar pensando em alguma coisa. — Desculpe-me, mas alguém mencionou que a Rainha estava trancada na cripta?

— Seguro como uma casa —, disse Tia Ogg. — Porta enorme e grossa e você pode trancá-la por dentro.

— Quão seguras são as casas quando se trata de vampiros? — Disse Aveia. A cabeça de Vovó virou bruscamente. — O que você quer dizer? — Aveia deu um passo para trás.

— Ah, eu sei o que ele quer dizer —, disse Tia Ogg. — Está tudo bem, não somos idiotas, ela não vai se abrir até saber que somos nós...

— Eu quis dizer, como a porta pode impedir os vampiros?

— Parar eles? É uma porta.

— Então... eles não podem se transformar em algum tipo de névoa, então? — disse Aveia, fritando na radiação conjunta de seus olhares. — Só que eu pensei que os vampiros talvez pudessem, vocês sabem. Achava que era uma coisa que todo mundo sabia, todo mundo que conhecesse aos vampiros...

Vovó voltou-se para Igor. — Você sabe alguma coisa sobre isso?

A boca de Igor abriu e fechou algumas vezes.

— O velho conde nunca feschz nada pareschido —, disse ele.

— Sim —, disse Tia Ogg, — mas ele jogava limpo.

Houve um uivo crescente das profundezas do castelo, interrompido de repente.

— Isso foi Retalhosch! — Disse Igor, começando a correr.

— Retalhosch? — Falou Agnes, franzindo a testa. Tia Ogg agarrou seu braço e a arrastou atrás de Igor.

Vovó balançou um pouco. Seus olhos estavam desfocados.

Aveia olhou para ela, tomou uma decisão, cambaleou bastante teatralmente e desabou na poeira.

Vovó piscou, balançou a cabeça e olhou para ele. — Rá! Foi demais para você, não é? — Ela disse com voz rouca.

Dedos trêmulos se estenderam para Aveia. Ele os pegou, tomando cuidado para não puxar e se levantou.

— Se você pudesse me ajudar —, disse ele, — sentindo agradecido, o peso grato dela em seu ombro.

— Muto bem —, disse Vovó. — Agora vamos encontrar as cozinhas.

— Huh? O que queremos com as cozinhas?

— Depois de uma noite como esta, todos nós gostaríamos de uma xícara de chá —, disse Vovó.

Magrat encostou-se à porta quando um segundo baque sacudiu os ferrolhos. Ao lado dela, Retalho começou a rosnar. Talvez tivesse algo a ver com suas extensas cirurgias, mas Retalho rosnou em meia dúzia de tons

diferentes ao mesmo tempo.

Então houve silêncio, que era ainda mais aterrorizante do que as batidas. Um ruído fraco a fez olhar para baixo. Uma fumaça verde saía pelo buraco da fechadura.

Era grossa e tinha uma qualidade oleosa…

Ela disparou pela sala e pegou uma jarra que continha limões tão alegremente fornecidos pelo misterioso velho Conde que Igor tinha em alta conta. Ela arrancou a tampa e segurou-a sob o buraco da fechadura. Quando a fumaça o encheu, ela jogou alguns dentes de alho e fechou a tampa.

A jarra balançou freneticamente no chão.

Então Magrat olhou para a tampa do poço. Ao levantá-la, ouviu água corrente muito abaixo. Bem, isso era esperado, não era? Devia haver muitos rios subterrâneos nas montanhas.

Ela segurou a jarra sobre o centro do buraco e a soltou. Então ela bateu a tampa de volta para baixo.

A jovem Esmê gorgolejou no canto. Magrat correu até ela e sacudiu um chocalho.

— Olhe para o coelhinho bonito —, disse ela, e disparou de volta novamente.

Houve um sussurro do outro lado da porta. Então a voz de Tia Ogg disse: — Está tudo bem, querida, nós os pegamos. Você pode abrir a porta agora, merda.

Magrat revirou os olhos.

— É você mesmo, Tia?

— Isso mesmo, querida.

— Graças sejam dadas. Então me conte a piada sobre a velha, o padre e o rinoceronte e eu a deixarei entrar.

Houve uma pausa e mais alguns sussurros.

— Acho que não temos tempo para isso, querida —, disse a voz.

— Rá rá, boa tentativa —, disse Magrat. — Eu joguei um de vocês no rio! Quem era?

Depois de algum silêncio, a voz do conde disse: — Esperávamos que a condessa poderia convencê-la a ouvir a razão.

— Não, em uma jarra, ela não pode —, disse Magrat. — E eu tenho mais potes se você quiser tentar de novo!

— Esperávamos que você fosse sensata quanto a isso —, disse o conde. — No entanto…

A porta se abriu, arrancando os gonzos da parede.

Magrat agarrou o bebê e deu um passo para trás, sua outra mão levantada.

— Você chega perto de mim e eu vou te esfaquear com isso! — Ela gritou.

— É um ursinho de pelúcia —, disse o conde. — Receio que não funcionaria, mesmo que você o afiasse.

A porta era tão dura que a madeira parecia uma pedra estriada. Alguém uma vez pensou muito sobre a quantidade máxima de força que uma multidão realmente determinada seria capaz de aplicar e, em seguida, caprichou na margem de erro.

E estava aberta.

— Mas nós a ouvimos passar os ferrolhos! — Choramingou a Tia.

Uma massa amorfa de várias cores estava esparramada na frente da porta. Igor se ajoelhou e pegou uma pata flácida.

— Eles mataram Retalhosch! Os baschtardos!

— Eles pegaram Magrat e o bebê! — Cortou Tia Ogg.

— Ele era meu único amigo!

O braço de Tia Ogg disparou e, apesar de seu tamanho, Igor foi levantado pelo colarinho.

— Você vai ter um inimigo muito sério muito em breve, meu rapaz, a menos que você nos ajude agora mesmo! Oh, pelo amor de Deus... — com a mão livre ela procurou nas saias e de lá tirou um grande lenço amassado. — Dê uma boa assoada, certo?

Houve um barulho como uma sirene de névoa sendo tocada.

— Agora, para onde eles os levariam? O lugar está repleto de camponeses justiceiros! — Disse Tia Ogg, quando ele terminou.

— Ele estava schempre pronto com sua cauda abanando e seu foschinho frio ... — Igor soluçou.

— Onde, Igor?

Igor apontou com o dedo, ou pelo menos um que ele possuía atualmente, para a porta distante.

— Isso vai dar nasch catacumbas —, ele disse. — E eles podem schair pelo portão de ferro no vale. Você nunca vai pegá-los!

— Mas ainda está trancado —, disse Agnes.

— Então eles ainda estão no caschtelo, o que é eschtúpido...

Ele foi interrompido por vários acordes enormes de órgão, que fizeram o chão tremer.

— Algum dos grandes músicos tradicionais de Refúgio? — Perguntou Tia Ogg, jogando Igor no chão.

— Como vou saber? — Replicou Agnes, enquanto outro par de acordes descendentes fizeram cair poeira do teto. — Eles queriam martelar uma estaca em mim e ferver minha cabeça! Não era a hora de pedir que me assobiassem uma melodia!

O órgão tubulou sua convocação mais uma vez.

— Por que eles ficaram? — Perguntou-se Tia Ogg. — Ele poderiam estar longe a esta altura....Oh…

— Vovó não fugiria —, disse Agnes.

— Não, Vovó-Cera-do-Tempo gosta de um confronto —, disse Tia Ogg, sorrindo astutamente. — E eles estão pensando como ela. De alguma forma, ela está fazendo-os pensar como ela…

— Ela também pensa como ela —, disse Agnes.

— Vamos torcer para que ela tenha mais prática, então —, disse Tia Ogg. — Venha comigo!

Lacrimosa puxou um registro de órgão marcado como "Rosto medonho na janela" e foi recompensada com um acorde, um estrondo de trovão e um grito levemente mecânico.

— Graças a Deus não puxamos ao seu lado da família, pai, é tudo o que posso dizer —, disse ela. — Embora eu suponha que poderia ser divertido se pudéssemos arranjar algum tipo de ligação mecânica para a câmara de tortura. Isso certamente não foi um grito muito realista.

— Isso é ridículo —, disse Vlad. — Temos a criança. Nós temos a mulher. Por que simplesmente não vamos embora? Existem muitos outros castelos.

— Isso seria fugir —, disse o conde.

— E sobreviver —, disse Vlad, esfregando a cabeça.

— Nós não fugimos —, disse o conde. — E... Não, afastem-se, por favor...

Isso foi para a multidão, que pairava incerta logo atrás das portas. As turbas tornam-se inseguras muito rapidamente, em vista da ausência de um cérebro central e neste caso a hesitação foi causada pela visão de Magrat e da bebê.

Vlad tinha um hematoma na testa. Um pato de madeira sobre rodas pode causar muitos danos se manejado com força suficiente.

— Muito bem —, disse o Conde, embalando a bebê Esmê em um braço. Magrat se contorceu para escapar do aperto de sua outra mão, mas ela prendia seu pulso como aço.

— Viu? Obediência absoluta. É como no xadrez. Se você pegar a Dama, você praticamente ganhou. Não importa se alguns peões estão perdidos.

— Essa é uma maneira muito desagradável de falar sobre mamãe —, disse Vlad.

— Sou muito apegado à sua mãe —, disse o conde. — E ela encontrará uma maneira de retornar, na plenitude do tempo. Uma viagem será boa para sua saúde. Algum pescador encontrará a jarra e logo ela estará de volta conosco, gorda e saudável... Ah, a inestimável Senhora Ogg...

— Não me enrole! — Cortou a tia, abrindo caminho através da multidão perplexa. — Estou cansada de você me enrolar enroladoristicamente como se fosse o senhor enrolador. Agora é só libertar os dois ou...

— Ah, com que rapidez chegamos ao "ou" —, suspirou o conde. — Tudo o que direi é: vocês todos deixarão o castelo e então veremos. Talvez até deixemos a Rainha ir. Mas a princesinha... Ela não é charmosa? Ela pode permanecer como nossa convidada. Ela vai iluminar o lugar...

— Ela irá voltar para Lancre conosco, seu bastardo! — Gritou Magrat. Ela se contorceu nas mãos do conde e tentou esbofeteá-lo, mas Agnes viu seu rosto empalidecer quando a mão dele apertou seu pulso.

— Essa é uma linguagem muito feia para uma rainha —, disse o conde. — E ainda sou muito forte, mesmo para um vampiro. Mas você está certa. Voltaremos todos a Lancre. Uma grande família feliz, morando no castelo. Devo dizer que este lugar está perdendo seus atrativos. Oh, não se culpe,

Senhora Ogg, Tenho certeza de que outros farão isso por você...

Ele parou. Um som que estava no limite da audição estava ficando mais alto. Tinha um som rítmico, quase minúsculo.

A multidão se separou. Vovó-Cera-do-Tempo avançou, mexendo em alguma coisa, lentamente.

— Não há leite neste lugar —, ela disse, — Não é para se admirar, realmente. Fatiei um pouco de limão, mas não é a mesma coisa, eu sempre pensei.

Ela colocou a colher no pires com um tilintar que ecoou pelo salão e deu um sorriso ao Conde.

— Cheguei tarde? — Disse.

Os ferrolhos bateram de volta, um por um.

— ... foi longe demais —, Igor murmurou. — O velho meschtre não...

A porta rangeu nas dobradiças cuidadosamente enferrujadas. O ar frio e seco soprou da escuridão.

Igor mexeu em alguns fósforos e acendeu uma tocha.

— … eschtá tudo bem em se querer uma noitsche longa de deschcanso, mas isso é uma vergonha…

Ele correu pelos corredores escuros, meio alvenaria áspera, meio rocha pura nua, e chegou a outra câmara que estava completamente vazia, exceto por um grande sarcófago de pedra no centro, ao lado do qual estava esculpido MAGPYR.

Ele enfiou a tocha em um suporte, tirou o casaco e, depois de muitos empurrões, abriu a tampa de pedra.

— Deschculpe sobre isso, meschtre, ele grunhiu quando aquilo caiu no chão.

Dentro do caixão, a poeira cinza brilhava à luz das tochas.

— ... schubindo aqui, desarrumando tudo... — Igor pegou seu casaco e tirou um grosso maço de tecido do bolso. Ele o desenrolou na borda da pedra. Agora a luz refletia uma série de bisturis, tesouras e agulhas.

— …ameaschando a bebezinha agora… voschê nunca feschz isso… só mulheresch aventureirasch com maisch de dezessete anosch e que ficaschem bem em uma camisola, voschê schempre…

Ele escolheu um bisturi e, com algum cuidado, cortou o dedo mindinho da mão esquerda.

Uma gota de sangue apareceu, inchou e caiu na poeira, onde fumegou.

— Isscho é por Retalhosch —, disse Igor com satisfação sombria.

Quando chegou à porta, uma névoa branca já se derramava sobre a borda do caixão.

— Eu sou uma velha senhora —, disse Vovó-Cera-do-Tempo, olhando em volta severamente. — Eu gostaria de me sentar, muito obrigado.

Um banco foi empurrado para a frente. Vovó sentou-se e olhou para o conde.

— Você estava dizendo? — Ela disse.

— Ah, Esmerelda —, disse o conde. — Finalmente você veio se juntar a nós. O chamado do sangue é forte demais para ser desobedecido, certo?

— Espero que sim —, disse Vovó.

— Vamos todos sair daqui, senhorita Cera-do-Tempo.

— Você não vai embora daqui —, disse Vovó. Ela mexeu o chá novamente.

Os olhos de todos os três vampiros giraram para seguir a colher.

— Você não tem escolha a não ser me obedecer. Você sabe disso —, disse

o conde.

— Ah, sempre há uma escolha —, disse Vovó.

Vlad e Lacrimosa se inclinaram ambos de cada lado de seu pai. Houve alguns sussurros apressados. O conde ergueu os olhos.

— Não, você não poderia ter resistido —, ele disse. — Nem mesmo você!

— Não vou dizer que não me custou —, disse Vovó. Ela mexeu o chá novamente.

Houve mais sussurros.

— Temos a rainha e o bebê —, disse o conde. — Eu acredito que você os tenha em alta consideração.

Vovó levou a xícara até a metade dos lábios. — Mate-os —, disse ela. — Não vai beneficiar você.

— Esmê! — Gemeram Tia Ogg e Magrat juntas.

Vovó colocou a xícara de volta no pires. Agnes pensou ter visto Vlad suspirar. Ela podia sentir a atração por si mesma...

Eu sei o que ela fez sussurrou Perdita*.* Eu também, pensou Agnes.

— Ele está blefando —, disse Vovó.

— Hum? Você gostaria de ter uma rainha vampira um dia, que tal? — Disse Lacrimosa.

— Teve uma, uma vez, em Lancre —, disse Vovó, em tom de conversa. — A pobre mulher foi mordida por um de vocês. Se virava com bife muito malpassado, essas coisas. Nunca enfiou um dente em ninguém, pelo sei. Griminir, a Empaladora, era seu nome.

— A empaladora?

— Oh, eu acabei de dizer que ela não era uma sugadora de sangue. Mas eu não disse que ela era uma boa pessoa —, disse Vovó. — Ela não se importava em derramar sangue, mas ela estabelecia um limite ao não bebê-lo. Você também não precisa.

— Você não sabe nada sobre vampiros verdadeiros!

— Eu sei mais do que você pensa e eu sei sobre Gytha Ogg —, disse Vovó. Tia Ogg piscou.

Vovó-Cera-do-Tempo ergueu a xícara de chá novamente e depois a abaixou. — Ela gosta de beber. Ela dirá que deve ser o melhor conhaque... — Tia Ogg assentiu afirmativamente — ...e isso é certamente o que ela deseja, mas na verdade ela vai se contentar com cerveja como todo mundo. Tia Ogg deu de ombros enquanto a Vovó prosseguia: — Mas você não se contentaria com pudins pretos, porque o que você realmente bebe é o poder sobre as pessoas. Eu te conheço como eu me conheço. E uma das coisas que sei é que você não vai machucar um fio de cabelo daquela criança. Pelo menos —, e aqui a Vovó distraidamente mexeu o chá de novo, — se ela já tivesse algum, você não faria. Você não poderia, entenda.

Ela pegou a xícara e raspou-a com cuidado na borda do pires. Agnes viu os lábios de Lacrimosa se abrirem, famintos.

— Então, a razão porque estou aqui, entendam, é para verificar se terão justiça ou clemência —, concluiu Vovó. — É só uma questão de escolha.

— Você realmente acha que não feriríamos o *alimento*? — Falou Lacrimosa, avançando. — Observe!

Ela baixou a mão com força na direção do bebê e então recuou como se tivesse levado uma picada.

— Não pode fazê-lo —, disse Vovó.

— Quase quebrei meu braço!

— Que pena —, disse Vovó calmamente.

— Você colocou algo... algo mágico na criança, não é? — Disse o conde.

— Não consigo imaginar quem pensaria que eu faria uma coisa dessas —, disse Vovó, — enquanto atrás dela Tia Ogg olhava para suas botas. — Então aqui está minha oferta, vejam. Devolvam Magrat e o bebê e cortaremos

suas cabeças.

— E isso é o que você chama de justiça, não é? — Disse o conde.

— Não, isso é o que eu chamo de clemência —, disse Vovó. Ela colocou a xícara de volta no pires.

— Pelo amor de Deus, mulher, você vai tomar esse maldito chá ou não? — Rugiu o conde.

Vovó tomou um gole e fez uma careta.

— Onde é que estou com a cabeça? Estive tão ocupada conversando que esfriou —, disse ela e derramou delicadamente o conteúdo da xícara no piso.

Lacrimosa gemeu.

— Provavelmente vai passar logo —, continuou a Vovó, com a mesma voz tranquila. — Mas até que isso aconteça, vejam bem, vocês não farão mal a uma criança, não farão mal a Magrat, vocês odiarão a ideia de beber sangue e não fugirão porque nunca fogem de um desafio...

— O que vai passar? — Disse Vlad.

— Oh, elas são fortes, suas paredes de pensamento —, disse Vovó sonhadoramente. — Não conseguiria passar por elas.

O conde sorriu.

Vovó sorriu, também. — Assim, não o fiz —, acrescentou ela.

A névoa rolou pela cripta, fluindo pelo chão, paredes e teto. Derramou-se pelos degraus e ao longo de um túnel, as ondas como que fervendo umas sobre as outras como se estivessem em guerra.

Para um rato incauto, rastejando pelas lajes, era tarde demais. A névoa fluiu sobre ela. Houve um guincho, cortado, e quando a névoa se dissipou,

alguns pequenos ossos brancos foram tudo o que restou.

Alguns ossos igualmente pequenos, mas totalmente montados e vestindo um manto com capuz preto e carregando uma pequena foice, apareceram do nada e caminharam até eles. Garras esqueléticas batiam na pedra.

— Cuuuiiiií? — Guinchou o fantasma do rato, pateticamente.

CUUUIIIIÍ, disse a Morte dos ratos. Isso era realmente tudo o que ele precisava saber.

— Você queria saber aonde eu iria com o meu eu —, disse a Vovó. — Eu não fui a lugar nenhum. Bastou colocá-lo em algo vivo e você o pegou. Você me convidou a entrar. Estou em cada músculo do seu corpo e estou na sua cabeça, oh sim. Eu estava em seu sangue, Conde. No sangue. Eu não fui vampirizada. Vocês foram Cera-do-Temporizados. Todos vocês. E vocês sempre ouviram seu sangue, não é?

O conde a encarou boquiaberto.

A colher caiu de seu pires e caiu no chão, levantando uma onda em uma fina névoa branca. Estava rolando das paredes, deixando um círculo cada vez menor de ladrilhos pretos e brancos no meio do qual estavam os vampiros.

Igor abriu caminho no meio da multidão até ficar ao lado de Tia Ogg.

— Eschtá tudo bem —, ele disse, — eu não poderia deixarisscho continuar, era vergonhoso...

A névoa se elevou em uma torre fervente, houve um momento de descontinuidade, uma sensação de tempo cortado, e então uma figura apareceu atrás de Vlad e Lacrimosa. Ele era um pouco mais alto do que a maioria dos homens e usava um traje de gala que poderia ter estado na moda

antigamente. Seu cabelo era estriado com mechas grisalhas e penteado para trás sobre as orelhas de uma maneira que dava a impressão de que sua cabeça havia sido projetada para eficiência aerodinâmica.

Mãos lindamente manicuradas agarraram os ombros dos vampiros mais jovens. Lacrimosa se virou para arranhá-lo e se encolheu quando ele rosnou como um tigre.

Então o rosto voltou para algo mais próximo do humano e o recém-chegado sorriu. Ele parecia genuinamente satisfeito em ver todos.

— Bom dia —, disse.

— Outro maldito vampiro? — Falou Tia Ogg.

— Não qualquer velho vampiro —, disse Igor, pulando de um pé para o outro.

— É o velho meschtre! O velho Olhos Vermelhosch está de volta!

Vovó se levantou, ignorando a figura alta segurando firmemente os dois vampiros repentinamente dóceis. Ela avançou para o conde.

— Eu sei tudo sobre o que você pode e não pode fazer —, disse ela, — porque você me deixou entrar. E isso significa que você não pode fazer o que eu não posso fazer. E você pensa como eu; a diferença é que eu fiz isso por mais tempo e sou melhor do que você nisso.

— Você é alimento —, rosnou o conde. — alimento esperto!

— E você me convidou para entrar —, disse Vovó. — E eu não sou do tipo que vai aonde não é bem-vinda, tenho certeza.

Nos braços do conde, o bebê começou a chorar. Ele se levantou.

— Como tem certeza de que não vou machucar esta criança? — Ele disse.

— Eu não poderia. Então você não pode.

O rosto do conde se contorceu enquanto ele lutava com seus sentimentos e também com Magrat, que o chutava nas canelas.

— Poderia ter funcionado... — ele disse e pela primeira vez a certeza foi drenada de sua voz.

— Você quer dizer que poderia ter funcionado para você! — Gritou Agnes.

— Somos vampiros. Não podemos evitar ser o que somos.

— Só animais não podem evitar ser o que são —, disse Vovó. — Você vai me dar a criança agora?

— Se eu… — o Conde começou e então se endireitou. — Não! Eu não tenho que barganhar! Eu posso lutar com você, assim como você lutou comigo! E se eu sair daqui agora, acho que ninguém ousará me impedir. Olhe para você... todos vocês... e olhem para mim. E agora olhem para... ele. Ele acenou com a cabeça para a figura segurando Vlad e Lacrimosa imóveis como estátuas. — É isso que você querem?

— Desculpe... quem é esse que deveríamos estar olhando? — Perguntou Vovó. — Ah... o "velho mestre" de Igor? O velho conde Magpyr, acredito.

O velho conde assentiu graciosamente. — Seu servidor, madame —, disse.

— Duvido —, disse a Vovó.

— Oh, ninguém nunca se importou com ele —, disse Piotr, dentre os cidadãos do Refúgio. — Ele só aparecia a cada poucos anos e de qualquer maneira, se você se lembrasse do alho, não era um problema. Ele não esperava que gostássemos dele.

O velho conde sorriu para ele.

— Você parece familiar. Um membro da família Ravi, não é?...

— Piotr —, senhor. Filho de Hans.

— Ah sim. Estrutura óssea muito semelhante. Mande lembranças minhas para sua avó.

— Ela faleceu há dez anos, senhor.

— Realmente? Sinto muito. O tempo passa tão rápido quando você está morto. O velho mestre suspirou. — Uma figura muito bonita em uma camisola, pelo que me lembro.

— Oh, ele era bem correto —, disse alguém na multidão. — Tínhamos uma rusga de vez em quando, mas superamos.

— Essa é uma voz familiar —, disse o vampiro. Você é um Veyzen?

— Sim senhor.

— Aparentado com Arno Veyzen?

— ... Bisavô, senhor.

— Bom homem. Me matou mortinho setenta e cinco anos atrás. Estaca direto no coração a vinte passos. Pode ficar orgulhoso.

O homem na multidão sorriu com orgulho ancestral.

— Ainda temos a estaca pendurada sobre a lareira, Vossa Graça —, disse ele.

— Muito Bem. Bom homem. Gosto de ver os velhos costumes mantidos...

— Vocês não podem preferir aquilo! Ele é um monstro! — Gritou o conde Magpyr.

— Ele nunca marcou hora! — Gritou Agnes, ainda mais alto. — Aposto que ele nunca pensou nisso como apenas um arranjo!

O conde Magpyr estava se aproximando da porta com seus reféns. — Não —, disse ele, — não é assim que vai acontecer. Se alguém realmente acredita que não vou machucar meus encantadores reféns, talvez vocês queiram tentar me impedir? Alguém realmente acredita naquela velha?

Tia Ogg abriu a boca, chamou a atenção de Vovó e fechou-a novamente. A multidão se abriu atrás do conde enquanto ele arrastava Magrat em direção à porta.

E deu de cara com figura de Fortemente-Aveia.

— Você já pensou em deixar Om entrar em sua vida? — Disse o padre. Sua voz tremeu. Seu rosto brilhava de suor.

— Ah... você de novo? — Disse o conde. — Se eu pude resistir a ela, garotinho, você não será um problema!

Aveia segurava seu machado diante dele como se fosse feito de algum metal raro e delicado.

— Vá embora, demônio imundo... — Ele começou.

— Oh, valha-me —, disse o Conde, empurrando o machado para o lado. — Você não aprende nunca, estúpido? Homenzinho estúpido com uma fé estúpida um tanto idiota em um deus estúpido?

— Mas... me permite ver as coisas como elas são —, Aveia conseguiu dizer.

— Mesmo? E você acha que pode ficar no meu caminho? Um machado nem é um símbolo sagrado!

— Oh. — Aveia parecia cabisbaixo. Agnes viu seus ombros caírem quando ele abaixou a lâmina.

Então ele olhou para cima, sorriu luminosamente e disse: — Vamos fazer com que seja.

Agnes viu a lâmina deixar um rastro de ouro no ar enquanto girava. Houve um som suave, quase sedoso.

O machado caiu nas lajes. No silêncio repentino, soou como um sino. Então Aveia estendeu a mão e arrancou a criança das mãos inertes do vampiro. Ele a estendeu para Magrat, que a pegou em silêncio chocado.

O primeiro som depois disso foi o farfalhar do vestido de Vovó quando ela se levantou e caminhou até o machado. Ela o cutucou com o pé.

— Se eu tenho um defeito —, ela disse, tentando sugerir que isso era apenas uma possibilidade teórica, — é não saber quando virar e correr. E tendo a blefar com uma mão fraca.

Sua voz ecoou no corredor. Ninguém mais havia sequer expirado ainda.

Ela acenou com a cabeça para o Conde, que levantou lentamente as mãos para a ferida vermelha que corria ao redor de seu pescoço.

— Era um machado afiado —, disse ela. — Quem disse que não há misericórdia no mundo? Apenas não acene com a cabeça, isso é tudo. E alguém vai te levar para um belo caixão frio e eu ouso dizer que cinquenta anos vão passar voando e talvez você acorde com juízo suficiente para ser estúpido.

Um murmúrio partiu da multidão quando eles voltaram à vida. Vovó balançou a cabeça.

— Eles querem você mais morto do que isso, pelo que vejo —, disse ela, enquanto o conde olhava à sua frente com olhos congelados e desesperados e o sangue brotava e escorria entre seus dedos. — E há maneiras. Oh sim. Poderíamos queimá-lo até virar cinzas e jogá-lo no mar...

Isso foi recebido com um suspiro geral de aprovação.

— ...ou jogá-las para o alto no meio de um vendaval... — Isso recebeu alguns aplausos.

— ... ou apenas pagar a algum marinheiro para deixá-lo cair no abismo à borda do mundo. — Isso até ganhou alguns assobios. — Claro, você voltaria vivo novamente, eu suponho, um dia. Mas apenas flutuar no espaço por milhões de anos, oh, isso parece muito chato para mim. — Ela ergueu a mão para silenciar a multidão.

— Não. Cinquenta anos para pensar sobre as coisas —, isso é o mais certo. As pessoas precisam de vampiros —, ela disse. — Eles os ajudam a lembrar para que servem as estacas e o alho.

Ela estalou os dedos para a multidão. — Vamos, dois de vocês o levem para as catacumbas. Mostrem algum respeito pelos mortos...

— Isto não é suficiente! — Disse Piotr, dando um passo à frente. — Não

depois do que ele ...

— Então, quando ele voltar, você mesmo lidará com ele! — Cortou Vovó em voz alta. — Ensinem a seus filhos! Não confie no canibal só porque ele está usando garfo e faca! E lembre-se de que os vampiros não vão aonde não são convidados!

Eles recuaram. Vovó relaxou um pouco.

— Desta vez, depende de mim. Minha escolha. — Ela se aproximou da careta horrível do Conde. — Você tentou tirar minha mente de mim —, disse ela, em voz baixa. — E isso é tudo para mim. Reflita sobre isso. Tente aprender. Ela ficou para trás. — Leve-o embora.

Ela se virou para a figura alta. — Então... você é o velho mestre, não é? — Ela disse.

— Alison Cera-do-Tempo? — Perguntou o velho mestre. — Tenho boa memória para pescoços.

Vovó congelou por um segundo.

— Como é? Não! Hum... como você conhece o nome?

— Ora, ela passou por aqui, o que, cinquenta anos atrás. Nos conhecemos brevemente e então ela cortou minha cabeça e enfiou uma estaca em meu coração. — O conde suspirou feliz. — Uma mulher de espírito. Você é uma parente, eu presumo? Perco a noção das gerações, receio.

— Neta —, disse Vovó debilmente.

— Há uma fênix fora do castelo, Igor me disse...

— Vai embora —, eu espero.

O conde anuiu. — Eu sempre gostei bastante delas —, disse ele, melancolicamente. — Havia tantas delas quando eu era jovem. Eles faziam as noites... bonitas. Muito bonitas. Tudo era muito mais simples naquela época... — Sua voz sumiu e então voltou mais alta. — Mas agora,

aparentemente, estamos nos tempos modernos.

— É o que dizem —, murmurou a Vovó.

— Bem, madame, nunca dei muita atenção a eles. Cinquenta anos depois, eles nunca parecem tão modernos assim. — Ele sacudiu os vampiros mais jovens como se fossem bonecos. — Peço desculpas pelo comportamento do meu sobrinho. Completamente fora de controle para um vampiro. Vocês de Refúgio gostariam de matar esses dois? É o mínimo que posso fazer.

— Eles não são seus parentes? — Falou Tia Ogg, enquanto a multidão avançava.

— Oh sim. Mas nunca fomos uma espécie de brincar de família feliz.

Vlad olhou implorando para Agnes e estendeu a mão para ela.

— Você não deixaria eles me matarem, deixaria? Você deixaria eles fazerem isso comigo? Poderíamos ter... poderíamos... você não faria isso, não é?

A multidão hesitou. Isso soou como um apelo importante. Cem pares de olhos fitaram Agnes.

Ela pegou a mão dele. *Acho que podemos trabalhar nele*, disse Perdita. Mas Agnes pensou em Refúgio e nas filas e nas crianças brincando enquanto esperavam e de como o mal pode assumir a forma de um animal de presas afiadas à noite ou a forma de uma lista banal durante o dia...

— Vlad —, ela disse gentilmente, olhando profundamente em seus olhos, — Eu até seguraria seus casacos.

— Um bom sentimento, mas isso não vai acontecer —, disse Vovó, atrás dela. — Você os leva embora, Conde. Ensine-os sobre os velhos costumes. Ensine estupidez a eles.

O Conde assentiu e sorriu abertamente.

— Certamente. Vou ensiná-los que, para viver, você tem que se levantar

de novo...

— Rá! Vocês não vivem, conde. A fênix vive. Vocês simplesmente não sabem que estão mortos. Agora, fora daqui!

Houve outro momento cortado no tempo e então um bando de pegas surgiu de onde os três vampiros estavam, gritando e tagarelando e desaparecendo na escuridão do telhado.

— Há centenas delas! — Disse Agnes para Tia Ogg.

— Bem, os vampiros podem se transformar em coisas —, disse a Tia. — Todo mundo sabe disso; quem sabe alguma coisa sobre vampiros.

— E o que significam trezentas pegas?

— Significa que é hora de cobrir todos os móveis —, disse. — E que é hora de eu tomar uma bebida bem forte.

A multidão começou a se dispersar, ciente de que o show havia acabado.

— Por que ela simplesmente não nos deixou eliminá-los? — Sussurrou Piotr aos ouvidos Agnes. — A morte é boa demais para eles!

— Sim —, disse Agnes. — Suponho que seja por isso que ela não os deixou matá-los.

Aveia não se movera. Ele ainda estava olhando para frente, mas suas mãos tremiam. Agnes conduziu-o gentilmente até um banco e o ajudou a sentar-se.

— Eu o matei, não foi? — Ele sussurrou.

— Mais ou menos —, disse Agnes. — É um pouco mais difícil com vampiros.

— Não havia mais nada a fazer! Tudo havia acabado…o ar estava dourado e só havia aquele momento para se fazer alguma coisa...

— Acho que ninguém está reclamando —, disse Agnes. *Você tem que admitir que ele é muito atraente,* sussurrou Perdita. *Se ao menos ele fizesse*

algo sobre aquele furúnculo...

Magrat sentou-se do outro lado de Aveia, segurando a bebê. Ela respirou fundo algumas vezes.

— Aquilo foi muito corajoso de sua parte —, disse ela.

— Não, não foi —, disse Aveia com a voz rouca. — Eu pensei que a Senhora Cera-do-Tempo ia fazer alguma coisa...

— Ela fez —, disse Magrat, tremendo. — Oh, ela fez.

Vovó-Cera-do-Tempo sentou-se na outra ponta do banco e beliscou a ponta do nariz.

— Eu só quero ir para casa agora —, disse ela. — Eu só quero ir para casa e dormir por uma semana. — Ela bocejou. — Estou morrendo de vontade por uma xícara de chá.

— Eu pensei que você tinha feito uma! — Disse Agnes. — Você nos fez babar por aquilo!

— Onde eu iria conseguir chá aqui? Era apenas um pouco de lama na água. Mas eu sei que a Tia mantém um saco em algum lugar com ela. — Ela bocejou novamente. — Faça o chá, Magrat.

Agnes abriu a boca, mas Magrat acenou para que ela se calasse e depois entregou-lhe o bebê.

— Certamente, Vovó —, disse ela, empurrando Agnes gentilmente de volta para seu assento. — Vou descobrir onde Igor guarda a chaleira, posso?

Fortemente Aveia saiu para as ameias. O sol estava alto e uma brisa soprava sobre as florestas de Uberwald. Algumas pegas tagarelavam nas árvores próximas ao castelo.

Vovó estava apoiada com os cotovelos na parede, olhando para a névoa

rarefeita.

— Parece que vai ser um bom dia —, disse Aveia, feliz. E ele se sentia feliz, para sua surpresa. Havia nitidez no ar e a sensação de um futuro repleto de possibilidades. Ele se lembrou do momento em que brandiu o machado, quando os dois o brandiram juntos. Talvez houvesse uma maneira...

— Há uma tempestade vinda do Eixo para mais tarde —, disse Vovó.

— Bem... pelo menos isso será bom para as colheitas, então —, disse Aveia.

Algo cintilou acima. Na nova luz do dia, as asas da fênix eram difíceis de ver, meros reflexos amarelos no ar, com a forma minúscula do pequeno falcão no centro enquanto circulava alto sobre o castelo.

— Por que alguém iria querer matar algo assim? —Aveia perguntou.

— Oh, algumas pessoas matam qualquer coisa por diversão.

— É um pássaro verdadeiro ou é algo que existe dentro de um...

— É uma coisa que é —, disse Vovó bruscamente. — Não vá derramar alegorias por toda a sua camisa.

— Bem, eu me sinto... abençoado por ter visto isso.

— Mesmo? Eu geralmente sinto o mesmo sobre o nascer do sol —, disse Vovó. — Você também sentirá, na minha idade. — Ela suspirou e então parecia estar falando principalmente para si mesma. — Ela nunca foi para o mal, então, digam o que disserem. E você tem que estar na ponta dos pés com este vampiro velho. Ela nunca foi para o mal. Você o ouviu dizer isso, certo? Ele disse isso. Ele não precisava.

— Hum… sim.

— Ela deveria ser mais velha do que eu também. Maldita bruxa boa, era essa Alison. Afiada como uma faca. Tinha seus jeitos engraçados, é claro, mas quem não tem?

— Ninguém que eu conheça —, certamente.

— Certo. Você está certo. — Vovó endireitou-se. — Bom, disse ela.

— Hum…

— Sim?

Aveia estava olhando para a ponte levadiça e a estrada para o castelo.

— Há um homem de camisola coberto de lama e brandindo uma espada lá embaixo —, disse ele, — seguido por um monte de gente de Lancre e alguns... homenzinhos azuis...

Ele olhou para baixo novamente. — Pelo menos parece lama —, acrescentou.

— Esse deve ser o rei —, disse a Vovó. — Big Aggie deu a ele um pouco de sua cerveja, pelo que parece. Ele veio salvar o dia.

— Hum... o dia já não foi salvo?

— Oh, ele é o rei. Parece que vai ser um lindo dia, então deixe-o salvá-lo. Você tem que dar aos reis algo para fazer. De qualquer forma, depois de uma bebida de Big Aggie ele não saberá nem que dia é hoje. É melhor irmos para lá.

— Acho que devo agradecer —, disse Aveia, quando chegaram à escada em espiral.

— Por ajudá-lo a atravessar as montanhas, você quer dizer?

— O mundo está... diferente. — O olhar de Aveia percorreu a névoa, as florestas e as montanhas roxas. — Para onde quer que eu olhe, vejo algo sagrado.

Pela primeira vez desde que a conhecera, ele viu Vovó-Cera-do-Tempo sorrir adequadamente. Normalmente, ela levantava os cantos da boca pouco antes de algo desagradável acontecer com alguém que merecia, mas desta vez ela parecia estar satisfeita com o que ouviu.

— É um começo, então —, ela disse.

A carruagem dos Magpyrs foi endireitada e arrastada até o castelo. Agora voltava, com Jason Ogg nas rédeas. Ele estava concentrado em evitar os solavancos. Eles faziam seus hematomas doerem. Além disso, a família real estava a bordo e ele se sentia extremamente leal no momento.

Jason Ogg era muito grande e muito forte e, portanto, não era um homem violento, porque não precisava ser. Às vezes, ele era chamado ao pub para resolver as lutas mais sérias, o que geralmente fazia pegando os dois competidores e mantendo-os separados até que parassem de lutar. Se isso não funcionasse, batia neles algumas vezes, da maneira mais amigável possível.

A agressividade normalmente não o impressionava, mas como na batalha de ontem no Castelo de Lancre ele teve que levantar fisicamente Verence do chão para impedi-lo de massacrar inimigos, amigos, móveis, paredes e seus próprios pés, ele certamente estava vendo seu rei sob uma nova luz. Acabou sendo uma batalha extremamente curta. Os mercenários estavam muito ansiosos para se render, especialmente após o ataque de Shawn. A verdadeira luta foi manter Verence longe deles o tempo suficiente para permitir que eles dissessem isso.

Jason estava impressionado.

O rei Verence, dentro da carruagem, deitou a cabeça no colo da esposa e gemeu enquanto ela enxugava sua testa com um pano…

A uma distância respeitável, a carruagem era seguida por uma carroça contendo as bruxas, embora o que continha principalmente fosse o ronco.

Vovó-Cera-do-Tempo tinha um ronco primitivo. Que nunca havia sido domesticado. Ninguém nunca teve que dormir ao lado dela para conter seus excessos mais selvagens por meio de um chute, uma cutucada na parte inferior das costas ou um travesseiro usado como uma clava. Ela passou anos em um quarto solitário para aperfeiçoar o knark, o graaach e o gnoc, gnoc,

gnoc não impedidos pelas cutucadas, golpes e tentativas ocasionais de assassinato que geralmente moderam o impulso do ronco ao longo do tempo.

Ela se esparramou na palha no fundo da carroça, de boca aberta e roncou.

— Não é verdade que você quase espera encontrar as hastes da carruagem sendo serradas ao meio? — Disse a Tia, que conduzia o cavalo. — Mesmo assim, dá para perceber que o ronco está fazendo bem a ela.

— Mas estou um pouco preocupada com o senhor Aveia—, disse Agnes. — Ele fica apenas sentado lá e sorrindo.

Aveia estava sentado com as pernas sobre a traseira da carroça, olhando alegremente para o céu.

— Ele bateu a cabeça? — Perguntou a Tia.

— Acho que não.

— Deixe-o estar, então. Pelo menos ele não está incendiando nada... oh, aqui está um velho amigo...

Igor, com a língua saindo do canto da boca na ferocidade de sua concentração, dava os retoques finais em um novo letreiro. Lia-se: POR QUE NÃO VYSYTA NOSSA LOJJA DI PRESENTIS? Ele se levantou e acenou com a cabeça enquanto a carroça se aproximava.

— O velho meschtre teve uma nova ideia enquanto eschtava morto —, disse ele, sentindo que alguma explicação era necessária. — Nessa tarde tenho que começar a conschtruir um parque de diverschões, seja lá o que forisscho.

— São basicamente balanços —, disse a Tia.

Igor se animou. — Ah, eu tenho muita corda e sempre fui bom em nósch corrediçosch de forca —, disse ele.

— Não, isso não é... — Agnes começou, mas a Tia Ogg interrompeu

rapidamente.

— Acho que tudo depende de quem vai se divertir —, disse ela. — Bem, vejo você por aí, Igor. Não faça nada que eu não faria, se você encontrar algo que eu não faria.

— Lamentamos muito pelo Retalho —, disse Agnes. — Talvez possamos encontrar um cachorrinho para você ou...

— Obrigado do mesmo jeitscho, mas não. Só exischte um Retalhosch. — Ele acenou para elas até que estivessem na próxima curva.

Quando Agnes se virou novamente, ela viu as três pegas. Eles estavam empoleiradas em um galho ao longo da estrada.

— "Três para um funeral..." — ela começou.

Uma pedra passou chispando. Houve um guincho escandaloso e uma chuva de penas.

— Dois para alegria —, disse Tia Ogg, com uma voz satisfeita.

— Tia, isso foi trapaça.

— Bruxas sempre trapaceiam —, disse a Tia Ogg. Ela olhou para a figura adormecida atrás delas. — Todo mundo sabe disso... todo mundo que conhece as bruxas.

Eles foram para casa, em Lancre.

Estava chovendo de novo. A água havia penetrado na tenda de Aveia e também no harmônio, que agora emitia um ocasional arroto de sapo esmagado quando era tocado. Os livros de orações também exalavam um cheiro desagradável de gato.

Ele desistiu deles e se dedicou à tarefa de desmontar sua cama de armar, que havia esfolado duas juntas e esmagado um dedo quando ele a montara antes; sem contar que parecia ter sido projetada para um homem com forma

de banana.

Aveia estava ciente de que estava tentando evitar pensar. No geral, ele ficava feliz com isso. Havia algo agradável em simplesmente realizar tarefas simples e ouvir sua própria respiração. Talvez houvesse uma maneira...

Do lado de fora, ouvia-se o som fraco de algo de madeira batendo em algo oco e sussurrando no ar da noite.

Ele espiou pela aba da tenda.

As pessoas estavam entrando furtivamente no campo. Os primeiros carregavam pranchas. Vários estavam empurrando barris. Ele ficou de boca aberta enquanto os bancos muito toscos eram construídos e começavam a encher.

Vários homens tinham bandagens no nariz, ele notou.

Então ouviu o barulho das rodas e viu a carruagem real passar pelo portão. Isso o acordou e ele correu de volta para a barraca, tirando roupas úmidas da bolsa em uma busca frenética por uma camisa limpa. Seu chapéu nunca foi encontrado e seu casaco estava coberto de lama, o couro de seus sapatos estava rachado e as fivelas instantaneamente manchadas nos pântanos ácidos, mas certamente uma camisa limpa...

Alguém tentou bater na lona úmida e então, após um intervalo de meio segundo, entrou na tenda.

— Você está decente? — Perguntou Tia Ogg, olhando-o de cima a baixo. — Estamos todos aqui esperando, você sabe. Ovelhas perdidas esperando para serem tosquiadas, pode-se dizer —, ela acrescentou, seus modos sugerindo muito claramente que ela estava fazendo algo que ela pessoalmente desaprovava, mas fazendo do mesmo jeito.

Aveia olhou em volta.

— Senhora Ogg, eu sei que você não gosta muito de mim...

— Não vejo por que eu gostaria de você —, disse Tia. — Depois de você

grudar na Esmê e ela tendo que ajudá-lo em todo o caminho através das montanhas, tipo assim.

A resposta estava gritando na garganta de Aveia antes que ele percebesse o leve olhar de compreensão nos olhos de Tia Ogg e ele conseguiu transformá-lo em uma tosse.

— Hum…Sim —, disse. — Sim. Tolice minha, não foi? Hmm... quantos estão aí fora, Senhora Ogg?

— Oh, cem, talvez cento e cinquenta.

Alavancas, pensou Aveia e teve uma visão fugaz dos quadros na sala da Tia. Ela controlava as alavancas que movimentavam muitas pessoas. Mas alguém puxou sua alavanca primeiro, aposto.

E o que eles esperam de mim?

— Diz cânticos de fraternidade no cartaz —, disse a Tia simplesmente. — Embora cerveja fraterna fosse muito melhor.

Então ele saiu e viu os rostos atentos de grande parte da população de Lancre alinhados à luz do final da tarde. O rei e a rainha estavam na primeira fila. Verence acenou com a cabeça regiamente para Aveia para sinalizar que o que quer que fosse que ele pretendia deveria começar agora.

Ficou claro pela linguagem corporal de Tia Ogg que quaisquer orações especificamente omnianas não seriam toleradas e Aveia se contentou com uma oração genérica de agradecimento a qualquer deus que pudesse estar ouvindo e até mesmo aos que não estavam.

Então ele puxou o harmônio e tentou alguns acordes até que Tia Ogg o empurrou para o lado, arregaçou as mangas e extraiu notas do fole úmido que Aveia nem sabia que estavam lá.

O canto não era muito entusiasmado, porém, até que Aveia jogou de lado o cancioneiro nojento e ensinou-lhes algumas das canções que ele lembrava de sua avó, cheias de fogo e trovão e morte e justiça e melodias que

você poderia realmente assobiar, com títulos como "Om pisará os ímpios" e "Eleve-me aos Céus" e "Acenda a boa luz". Elas caíram bem. O pessoal de Lancre não se preocupava muito com religião, mas sabia como aquilo deveria soar.

Enquanto conduzia o canto, com a ajuda de um bastão comprido e as palavras dos hinos rabiscadas na lateral de sua tenda, ele examinava sua... bem, decidiu chamá-la de sua congregação. Foi a primeira de verdade que ele teve. Havia muitas mulheres e muitos homens muito bem-arrumados, mas um rosto obviamente não estava ali. Esta ausência dominava a cena.

Mas, quando ele ergueu os olhos no meio da música, notou uma águia lá no alto, um mero pontinho girando no céu que escurecia, possivelmente caçando cordeiros perdidos.

E aí acabou e as pessoas saíram, caladas, com cara de quem fez um trabalho que não foi desagradável mas que acabou. O prato de coleta produziu dois centavos, algumas cenouras, uma cebola grande, um pão pequeno, uma libra de carneiro, uma jarra de leite e um pé de porco em conserva.

— Não somos realmente uma economia monetária —, disse o rei Verence, dando um passo à frente. Ele tinha um curativo na testa.

— Oh, vai dar um bom jantar —, senhor, disse Aveia, na voz loucamente alegre que as pessoas usam quando se dirigem à realeza.

— Certamente você vai jantar conosco? — Disse Magrat.

— Eu... hum... estava planejando partir ao amanhecer, senhora. Então eu realmente deveria passar a noite fazendo as malas e colocando fogo na cama de acampamento.

— Indo embora? Pensei que fosse ficar por aqui. Eu fiz ... sondagens na comunidade —, disse o rei, e acho que posso dizer que a opinião popular está comigo nisso.

Aveia olhou para o rosto de Magrat, que dizia claramente: Vovó não se opõe.

— Bem, eu, hum... eu espero passar de novo, senhor —, ele disse. — Mas... para falar a verdade, eu estava pensando em ir para Uberwald.

— É um lugar infernal —, Sr. Aveia.

— Eu pensei sobre isso o dia todo, senhor, e estou decidido a isso.

— Oh. — Verence parecia perplexo, mas os reis aprendem como recuperar rapidamente a compostura. — Tenho certeza de que você sabe o que é melhor para você. Ele balançou ligeiramente quando o cotovelo de Magrat roçou suas costelas. — Ah... sim... ouvimos dizer que você perdeu seu, hum, amuleto sagrado e então esta tarde nós, ou seja, a Rainha e a Senhorita Nitt... pegamos Shawn Ogg para fazer isso na casa da moeda...

Aveia desembrulhou o pergaminho de veludo preto. Dentro, em uma corrente dourada, havia um pequeno machado dourado de duas pontas.

Ele olhou para ele.

— Shawn não é muito bom com tartarugas —, disse Magrat, para preencher a lacuna.

— E o terei por tesouro —, disse Aveia, por fim.

— Claro, sabemos e sentimos que não seja muito sagrado —, disse o rei.

Aveia gesticulou com a mão para encerrar o assunto. — Quem sabe, senhor? O sagrado está onde você o encontra —, disse ele.

Atrás do rei, Jason e Darren Ogg estavam respeitosamente em posição de sentido. Ambos ainda tinham emplastros no nariz. Eles se afastaram apressadamente para dar lugar ao Rei, que não pareceu notar.

A Tia Ogg tocou um acorde no harmônio quando o casal real partiu com sua comitiva.

— Se você passar na forja do nosso Jason logo que estiver saindo, vou providenciar para que ele conserte o fole desta engenhoca —, ela disse

timidamente e Aveia percebeu que, no contexto de Tia Ogg, isso era o mais próximo possível de receber três vivas e o agradecimento da população.

— Fiquei tão impressionado que todos apareceram por vontade própria —, disse ele. — Espontaneamente, por assim dizer.

— Não abuse da sorte, filhinho —, disse a Tia, levantando-se.

— Foi um prazer tê-la conhecido, Senhora Ogg.

Tia Ogg se afastou alguns passos, mas Oggs nunca deixam nada por dizer.

— Não posso dizer que aprovo você —, disse ela, rígida. — Mas se você bater na porta de um Ogg por aqui, você... receberá uma refeição quente. Você está muito magro. Já vi mais carne no lápis de um açougueiro.

— Obrigado.

— Não necessariamente pudim também, observe você.

— É claro que não.

— Bem, então... — Tia Ogg deu de ombros. — Boa sorte em Uberwald, então.

— Om irá comigo, tenho certeza —, disse Aveia. Ele estava interessado em saber como poderia irritar Tia Ogg falando calmamente com ela e se perguntou se a Vovó Cera-do-Tempo já havia tentado.

— Espero que vá —, disse a Tia. — Pessoalmente, não quero que ele fique por aqui.

Quando ela saiu, Aveia acendeu uma fogueira na cama horrível e enfiou os hinários em volta dela para secar.

— Alô…

O problema de uma bruxa na escuridão é que tudo o que você vê é o rosto dela, balançando em sua direção, cercado de preto. Então um pequeno contraste se reafirmou e uma área de sombra se destacou do resto e se tornou Agnes.

— Oh, Boa noite —, disse Aveia. — Obrigado por ter vindo. Nunca ouvi ninguém cantando em harmonia consigo mesma antes.

Agnes tossiu nervosamente.

— Você vai mesmo entrar em Uberwald?

— Não há razão para ficar aqui, é isso?

O braço esquerdo de Agnes estremeceu algumas vezes. Ela a firmou com a mão direita.

— Acho que não —, ela disse, em voz baixa. — Não! Cale a boca! Não é a hora!

— Com o seu perdão, o que disse?

— Eu estava, hum, falando sozinha —, disse Agnes, miseravelmente. — Olha, todo mundo sabe que você ajudou Vovó. Apenas fingem que não.

— Sim. Eu sei.

— Não se importa?

Aveia deu de ombros. Agnes tossiu.

— Eu pensei que talvez você fosse ficar aqui por um tempo.

— Não faria sentido, não sou necessário aqui.

— Eu não acho que vampiros e assim por diante gostariam muito de cantar hinos —, disse Agnes calmamente.

— Talvez eles possam aprender alguma coisa mais —, disse Aveia.

— Verei o que pode ser feito.

Agnes ficou hesitante por alguns momentos.

— Eu tenho que te dar isso —, ela disse, de repente entregando uma pequena bolsa. Aveia enfiou a mão dentro e tirou um pequeno frasco.

Dentro, uma pena de fênix queimava, iluminando o campo com uma luz clara e fria.

— É de... — Agnes começou.

— Eu sei de quem é —, disse Aveia. — Madame Cera-do-Tempo está

bem? Eu não a vi por aqui.

— É... ela está descansando hoje.

— Bem, agradeça a ela por mim, certo?

— Ela disse que é para levar a lugares escuros. — Aveia riu.

— Hum…sim. É... talvez eu vá vê-lo partir pela manhã... — disse Agnes, incerta.

— Isso seria simpático da sua parte.

— Então... até... você sabe...

— Sim.

Agnes parecia estar lutando com alguma resistência interior. Então ela disse: — E, é... há algo que eu queria... quero dizer, talvez você pudesse...

— Mesmo?

A mão direita de Agnes mergulhou com urgência em seu bolso e ela tirou um pequeno pacote embrulhado em papel untado.

— É um cataplasma —, ela deixou escapar, — é uma receita muito boa e o livro diz que sempre funciona e se você aquecer e deixar agir, fará maravilhas para o seu furúnculo.

Aveia o recebeu com gentileza. — É possível que seja a coisa mais legal que alguém já me deu —, disse ele.

— Hum…bom. É de... é... de nós duas. Adeus.

Aveia observou-a sair do círculo de luz e então algo chamou sua atenção para cima novamente.

A águia circulando havia subido acima da sombra das montanhas e na luz do sol poente. Por um momento, brilhou em ouro e depois caiu na escuridão novamente.

Daqui de cima, a águia podia ver quilômetros além das montanhas.

Sobre Uberwald, a ameaça de tempestade já era realidade. Relâmpagos riscavam o céu.

Parte dela estalou em torno da torre mais alta do Castelo Não-Chegue-Perto-Dele e no chapéu de chuva que Igor usava para impedir que sua cabeça enferrujasse. Ela levantou pequenas bolas de luz brilhante na grande ponta telescópica de ferro do para-raios enquanto, tomando o cuidado de se manter em seu tapete de borracha portátil, pacientemente manobrava a manivela que o mandava para cima.

Ao pé do aparelho, que já zumbia por conta da alta tensão, havia uma trouxa enrolada em um cobertor.

O para-raios se prendeu na posição. Igor suspirou e esperou.

SENTA, GAROTO! SENTA, EU FALEI! PARA...VAMOS LÁ! NESTE MINUTO! VAI, ATENÇÃO, OLHA AQUI…PEGOU? PEGOU? VAMOS LÁ…

Morte assistiu Retalho avançar.

Ele não estava acostumado com isso. Não que as pessoas às vezes não ficassem felizes em vê-lo, porque os penúltimos momentos da vida eram muitas vezes lotados e complexos e uma figura legal vestida de preto era uma espécie de alívio. Mas ele nunca havia encontrado tanto entusiasmo ou, se fosse o caso, essa quantidade de muco voador. Era desconcertante. Isso o fez sentir que não estava fazendo seu trabalho corretamente.

AÍ ESTÁ UM CÃO SATISFATÓRIO. AGORA... MORTO. VAMOS, POR FAVOR. NÃO ME OUVIU DIZER "VAMOS"? NESTE MINUTO!

Retalho pulou à frente. Isso era divertido demais para terminar.

Houve um toque suave de dentro de seu manto. A morte esfregou a

mão no pano em um esforço para secá-lo e trouxe uma ampulheta, sua areia toda empoçada no bulbo inferior. O vidro, porém, estava deformado, torcido, coberto de saliências e, enquanto Morte observava, se encheu de luz azul crepitante.

Normalmente, Morte era contra esse tipo de coisa mas, ele raciocinou, enquanto estalava os dedos, no momento parecia que era a única maneira de recuperar sua foice.

O raio foi lançado.

Havia um cheiro de lã chamuscada.

Igor esperou um pouco e então se arrastou até a trouxa de tecido enrolado, arrastando borracha derretida atrás de si. Ajoelhando-se, ele cuidadosamente desembrulhou o cobertor.

Retalho bocejou. Uma grande língua lambeu a mão de Igor.

Enquanto ele sorria aliviado, veio do fundo do castelo o som do poderoso órgão tocando *Toccata para jovens mulheres em camisolas de dormir*.

A águia mergulhou na depressão em cone do rio Lancre.

A longa luz brilhava no lago e na grande ondulação em forma de V, composta de muitas pequenas ondulações em forma de V que se estendiam pela água em direção a uma ilha insuspeita.

As vozes ecoavam pelas montanhas.

— ‘té mais, lontra!

— Vam vê, segui meu rastru!

— Pequenos homens livres!

— Nac Mac Feegle!

A águia passou por cima, caindo rápida e íngreme agora. Ela flutuou silenciosamente sobre a floresta sombria, curvou-se sobre as árvores e pousou repentinamente em um galho ao lado de uma cabana em uma clareira.

Vovó-Cera-do-Tempo despertou.

Seu corpo não se mexeu, mas seu olhar disparou para lá e para cá, nitidamente e na penumbra seu nariz parecia mais adunco do que o normal. Então ela se recostou e seus ombros perderam a aparência curvada e empoleirada.

Depois de um tempo ela se levantou, se espreguiçou e foi até a porta. A noite parecia mais quente. Ela podia sentir o verde no chão, se desenrolando. O ano havia passado do limite, afastando-se da escuridão… claro, a escuridão voltaria, mas isso era da natureza do mundo. Muitas coisas estavam começando.

Quando finalmente fechou a porta, acendeu o fogo, tirou a caixa de velas da cômoda e acendeu cada uma delas e as espalhou pelo quarto, em pires.

Sobre a mesa, a poça de água que se acumulara nos últimos dois dias ondulava e subia suavemente no meio. Então uma gota subiu e caiu na mancha úmida do teto.

Vovó deu corda no relógio e ligou o pêndulo. Ela saiu da sala por um momento e voltou com um quadrado de papelão preso a um laço de barbante antigo. Ela se sentou na cadeira de balanço e estendeu a mão para a lareira para pegar um pedaço de madeira meio queimada.

O relógio tiquetaqueava enquanto ela escrevia. Outra gota deixou a mesa e mergulhou em direção ao teto.

Então Vovó-Cera-do-Tempo pendurou a placa em volta do pescoço e

deitou-se com um sorriso. A cadeira balançou por um tempo, um contraponto ao pingar da mesa e ao tique-taque do relógio e depois diminuiu.

Se podia ler: Eu ainda NUM TÔ MORTA.

A luz diminuiu de "pode" para "não pode".

Depois de alguns minutos, uma coruja acordou em uma árvore próxima e navegou sobre as florestas.